

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

NATHÁLIA FELIX DE OLIVEIRA

**O DESENVOLVIMENTO DE VERBOS VOLITIVOS NA
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM
CONSTRUCIONAL**

JUIZ DE FORA

2016

NATHÁLIA FELIX DE OLIVEIRA

**O DESENVOLVIMENTO DE VERBOS VOLITIVOS NA
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM
CONSTRUCIONAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.
Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2016

NATHÁLIA FELIX DE OLIVEIRA

**O DESENVOLVIMENTO DE VERBOS VOLITIVOS NA LÍNGUA PORTUGUESA:
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Submetida, em 06 de abril de 2016, à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira – Membro externo
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário – Membro externo
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Tiago Timponi Torrent – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Não dá para evitar as reminiscências ao se concluir uma tese de doutorado. As lembranças se intensificam ao nos depararmos com o momento dos “agradecimentos”. Durante a trajetória acadêmica – que, como se pode inferir, não se limita aos quatro anos que geralmente levamos para obter o título de “doutor” –, são muitas as pessoas que cooperam, cada uma a seu modo, para que alcancemos tal objetivo. Se agora posso apresentar este trabalho – que, todavia, não se caracteriza por ser um estudo acabado/fechado, uma vez que acredito na ideia de conhecimento dinâmico – é porque não trabalhei sozinha.

Assim sendo, agradeço aos meus pais, Sandra e João, e ao meu padrasto, José Roberto, por todo apoio, incondicional, concedido. Saber que existem pessoas que acreditam e torcem por mim é muito incentivador. Além deles, devo ainda agradecer à minha irmã, Carol, por todo amor oferecido nos momentos mais diversos.

Continuando no domínio familiar, agradeço aos meus tios e às minhas tias, aos meus primos e às minhas primas e à minha avó, Dona Zefa, pelo exemplo de perseverança e força.

Também agradeço ao Giovani, meu marido, por todos os momentos compartilhados.

Além da família, os amigos são fundamentais. Dessa maneira, aproveito para agradecer, em especial, a minha amiga e excelente pesquisadora Lauriê Ferreira Martins, com quem dividi esses últimos anos, compartilhando alegrias, incertezas e, algumas vezes, desespero.

Por dividir esses sentimentos contraditórios que o “fazer ciência” implica, também deixo registrado meu reconhecimento às companheiras Ana Paula Gonçalves e Marcela Zambolim de Moura. Obrigada por tudo!

Ofereço um agradecimento às bolsistas do grupo de pesquisa “Abordagem construcional da gramaticalização: emergência de novos padrões construcionais no português brasileiro”, sem as quais não conseguiria realizar o levantamento dos dados analisados neste trabalho. Nesse sentido, expresso meu carinho e minha

admiração por Fernanda Soares Nogueira, Malvina Maria de Oliveira e Michele Cristina Ramos Gomes. Obrigada, meninas!

Agradecer a todos que, academicamente, contribuíram para a realização deste trabalho de forma alguma é uma tarefa fácil. Posso iniciar pelos professores de Linguística da UFJF, que acompanho desde a graduação. A eles agradeço pela excelente formação dada, motivando-me e colaborando para o meu amadurecimento acadêmico.

Devo, ainda, mencionar a coordenação do PPG-Linguística da UFJF. Agradeço, dessa maneira, ao Professor Doutor Luís Fernando Matos Rocha, coordenador do programa, e à secretária Rosângela Monteiro pelo comprometimento e apoio durante o curso.

Também agradeço a CAPES pela bolsa concedida durante o período em que cursei o doutorado.

Agradeço também aos professores Ivo da Costa do Rosário, Mariângela Rios de Oliveira, Tiago Timponi Torrent e Fernanda Cunha Sousa, que, com prontidão, aceitaram compor a banca examinadora, de modo a contribuir com este trabalho.

Por fim, agradeço à minha orientadora, a Professora Doutora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, que, sempre, se empenhou ao máximo, compartilhando conhecimento e tempo, para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho investiga o desenvolvimento do uso volitivo dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” na língua portuguesa. Assumindo como perspectiva teórica a abordagem construcional da mudança linguística (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011a; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TROUSDALE, 2014), partimos do pressuposto de que a instanciação da acepção volitiva desses verbos consiste na emergência de construções gramaticalmente identificáveis que indexam a vontade do falante. Assim sendo, procuramos estabelecer, alinhando-nos, mais especificamente, aos postulados da construcionalização, uma rede construcional, com diferentes níveis de esquematicidade, que estaria na base desse processo (TRAUGOTT & TROUSDALE 2013; TROUSDALE, 2014). Diante de nosso objetivo, foi selecionado um banco de dados pancrônico, considerando a distribuição dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” desde o século XIII até o português contemporâneo. Os dados sincrônicos recobrem tanto a modalidade oral quanto a modalidade escrita da língua. A oralidade foi composta por entrevistas selecionadas em três *corpora* distintos, a saber: o *corpus* do Projeto “Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do Projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do Projeto NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. Já os dados sincrônicos escritos foram formados por textos disponíveis na *Internet* retirados de *blogs* e de revistas de grande circulação nacional (“Revista Veja”, “Revista Isto é”, “Revista Época”, “Revista Caras”, “Revista Cláudia” e “Revista Ana Maria”). Por sua vez, os dados diacrônicos foram coletados do *corpus* do Projeto “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” e do *corpus* do Projeto “Tycho Brahe”. Mediante o equacionamento do cálculo da frequência de uso e da análise qualitativa das ocorrências identificadas, os resultados demonstram que, como volitivos, os verbos – que antes apresentavam em suas acepções iniciais a ideia de movimento – passam a indexar as vontades do sujeito. Destacamos que entendemos a volição a partir de um *continuum* de escalaridade, que compreende as noções de intenção e desejo. Ela refere-se a um evento a ser desempenhado em um tempo futuro e é codificada por meio de diferentes graus de incerteza epistêmica que o falante possui acerca da atualização desse evento. Nesse sentido, defendemos que o esquema envolvendo verbos volitivos do português estaria diretamente relacionado à manifestação da categoria *irrealis* expressa pela presença de um sujeito [+ animado] – mesmo que metaforizado –, acompanhado pelo verbo e seu complemento. Os subesquemas desse padrão macroconstrucional se diferenciariam entre si, formalmente, a depender da proximidade cognitiva estabelecida entre o sujeito volitivo e o evento alvo de sua vontade, ou seja, a partir do entendimento do evento, pelo falante, como [+/- *irrealis*]. Tendo em vista esse(s) (sub)esquema(s), é possível relacionarmos a emergência de construções individuais

(microconstruções) volitivas com “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” e estabelecer uma rede construcional referente ao desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa.

Palavras-chave: Abordagem construcional. Construcionalização. Níveis de esquematicidade. Verbos volitivos. *Irrealis*.

ABSTRACT

This work investigates the development of the volitional use of the verbs “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” and “tentar” in the Portuguese language. Assuming as the theoretical perspective the constructional approach of the linguistic change (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011c; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TROUSDALE, 2014), we part from the principle that the instantiation of the volitional meaning of these verbs consists in the emergence of grammatically identifiable constructions, which index the speaker’s will. Therefore, we seek to establish, aligning ourselves more specifically to constructionalization postulates, a constructional network with different levels of schematicity, which would be the basis of this process (TRAUGOTT & TROUSDALE 2013; TROUSDALE, 2014). In the face of our goal, we selected a panchronic *database*, considering the distribution of the verbs “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” and “tentar” from the XIII century until the contemporary Portuguese. The diachronic *data* were collected from the *corpus* of “CIPM – *Corpus Informatizado do Português Medieval*” and the *corpus* of “Tycho Brahe” project. In its turn, the synchronic *data* cover both the oral and written modalities of the language. The orality was composed of interviews selected from three different *corpora*: the *corpus* of the “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, the *corpus* of “PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” and the *corpus* of “NURC/RJ - Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. In its turn, the synchronic *data* were also formed by written texts available on Internet, taken from blogs and magazines of wide national circulation (“Veja”, “Isto É”, “Época”, “Caras”, “Cláudia” e “Ana Maria”). In front of the equation between the consideration of the frequency of use and the qualitative analysis of identified occurrences, the results demonstrate that the verbs – which presented the idea of movement in their early meanings – start to index the subject’s will. We emphasize that we understand volition as a scalar *continuum*, which comprises the ideas of intention and desire. It refers to an event to be played at a future time, and it is coded by different degrees of epistemic uncertainty that the speaker has about the achievement of this event. In this sense, we argue that the scheme involving volitional verbs in Portuguese would be directly related to the manifestation of *irrealis* category expressed by the presence of a [+ animated] subject – even if it is metaphorized –, accompanied by the verb and its complement. The subschemes of this macroconstructional pattern would differ from each other, formally, depending on the cognitive proximity established between the volitional subject and the target event of his/her will; in other words, from the understanding of the event, by the speaker, as [+ *irrealis*]. Bearing in mind these (sub)schemas, we can relate the emergence of individual volitional constructions (micro-constructions) with “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” and “tentar” and establish a constructional network on the development of volitional verbs in the Portuguese language.

Keywords: Constructional approach. Constructionalization. Schematic levels. Volitional verbs. *Irrealis*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Representação de uma construção conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 08)	30
Quadro 2 - Classificação semântica dos verbos transitivos baseada em Cezário (2001, p. 17-20)	60
Quadro 3 - Proposta de complementação verbal (CLEMENTS, 1982, p. 48)	64
Quadro 4 - Seleção do sujeito em causativos morfológicos (BRENNENSTUHL & WACHOWICZ 1976, p.396)	67
Quadro 5 - <i>Cline</i> de mudança para o desenvolvimento das modalidades volitiva, deôntica e epistêmica (CASIMIRO, 2007, p. 102)	79
Quadro 6 - Proposta de caminho de gramaticalização para “querer” (SOUSA, 2011, p. 90)	86
Quadro 7 - Hipótese de um segundo caminho de gramaticalização para “querer” (SOUSA, 2011, p. 91)	86
Quadro 8 - Proposta de caminho sintático para “querer” (SOUSA, 2011, p. 99)	87
Quadro 9 - Organização dos níveis de formalidade dos <i>corpora</i> escritos sincrônicos	107
Quadro 10 - <i>Continuum</i> proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o <i>corpus</i> sincrônico escrito	107
Quadro 11 - Sentidos de “querer” retirados do Dicionário Houaiss (2001, p. 2355)	130
Quadro 12 - Sentidos de “esperar” retirados do Dicionário Houaiss (2001, p.1228)	134

Quadro 13 - Sentidos de “procurar” retirados do Dicionário Houaiss (2001, p. 2304)	135
Quadro 14 - Sentidos de “buscar” retirados do Dicionário Houaiss (2001, p. 534)	136
Quadro 15 - Sentidos de “tentar” retirados do Dicionário Houaiss (2001, p. 2695)	137
Quadro 16 - Esquema referente ao desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa	143
Quadro 17 - Proposta de <i>continuum</i> referente à manifestação da volição	154
Quadro 18 - Subesquemas referentes ao desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa	160
Quadro 19 - Microconstruções do subesquema 1	169
Quadro 20 - Microconstruções do subesquema 2	181
Quadro 21 - Microconstruções do subesquema 3	193
Quadro 22 - Proposta acerca do desenvolvimento de microconstruções com o verbo “querer”	214
Quadro 23 - Proposta acerca do desenvolvimento de microconstruções com o verbo “esperar”	215
Quadro 24 - Proposta acerca do desenvolvimento de microconstruções com o verbo “procurar”	216
Quadro 25 - Proposta acerca do desenvolvimento de microconstruções com o verbo “buscar”	216

Quadro 26 - Proposta acerca do desenvolvimento de microconstruções com o verbo “tentar”	216
Quadro 27 - Proposta acerca do desenvolvimento das mesoconstruções com verbos volitivos	217
Quadro 28 – Características da noção de volição.....	220

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de número de palavras analisadas nos <i>corpora</i> sincrônicos	102
Tabela 2 - Total de número de palavras analisadas nos <i>corpora</i> sincrônicos	104
Tabela 3 - Distribuição dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos <i>corpora</i> sincrônicos analisados	115
Tabela 4 - Distribuição dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos <i>corpora</i> diacrônicos analisados	117
Tabela 5 - Distribuição das ocorrências volitivas dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos <i>corpora</i> sincrônicos analisados	122
Tabela 6 - Distribuição das ocorrências volitivas dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos <i>corpora</i> diacrônicos analisados	126
Tabela 7 - Distribuição sincrônica dos subesquemas identificados.....	163
Tabela 8 - Distribuição diacrônica dos subesquemas identificados	164
Tabela 9 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 1 na sincronia.....	170
Tabela 10 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 1 na diacronia	171
Tabela 11 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 2 na sincronia.....	182
Tabela 12 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 2 na diacronia	183
Tabela 13 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 3 na sincronia	194

Tabela 14 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 3 na diacronia.....	195
Tabela 15 - Frequência das pseudoclivadas em relação às ocorrências volitivas sincrônicas	204
Tabela 16 - Frequência das pseudoclivadas em relação às ocorrências volitivas diacrônicas	205
Tabela 17 - Frequência das ocorrências de deslocamento em relação aos dados volitivos sincrônicos	210
Tabela 18 - Frequência das ocorrências de deslocamento em relação aos dados volitivos diacrônicos	211

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I - A MUDANÇA LINGUÍSTICA SOB A PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL	25
1.1. Abordagem construcional da mudança linguística	27
1.2. Esquematicidade e rede.....	37
1.3. Conclusões.....	49
CAPÍTULO II - VOLIÇÃO, MODALIDADE E VERBOS VOLITIVOS	52
2.1. Volição: considerações gerais	53
2.2. Estudos linguísticos sobre volição	58
2.2.1. Modalidade volitiva	68
2.2.2. <i>Irrealis</i> e volição	80
2.2.3. Gramaticalização de verbos volitivos: uma revisão teórica	84
2.3. Conclusões	95
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	97
3.1. A constituição dos <i>corpora</i>	97
3.1.1. Os <i>corpora</i> sincrônicos.....	105
3.1.1.1. Os <i>corpora</i> sincrônicos orais.....	105
3.1.1.2. Os <i>corpora</i> sincrônicos escritos	106
3.1.2. Os <i>corpora</i> diacrônicos.....	109
3.2. Metodologia qualitativa e o papel da frequência na análise de processos de mudança linguística	110

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS	114
4.1. Esquema	142
4.2. Os subesquemas e as microconstruções	158
4.2.1. Subesquema 1 com verbos volitivos	165
4.2.1.1. Microconstruções do subesquema 1 com verbos volitivos	168
4.2.2. Subesquema 2 com verbos volitivos	178
4.2.2.1. Microconstruções do subesquema 2 com verbos volitivos	180
4.2.3. Subesquema 3 com verbos volitivos	190
4.2.3.1. Microconstruções do subesquema 3 com verbos volitivos	192
4.3. Outros padrões construcionais com verbos volitivos	200
4.3.1. (Pseudo)clivagem e focalização	200
4.3.2. Deslocamento e avaliação	208
4.4. Conclusões	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	223
ANEXOS	235

INTRODUÇÃO

Sob o ponto de vista funcionalista, o uso da língua reflete, nas diversas situações comunicativas, a constante adaptação que realizamos para tornar as estruturas linguísticas cada vez mais expressivas. Isso ocorre, conforme Wilson e Martelotta (2013 [2008], p. 77), devido ao fato de as formas muito frequentes na língua acabarem perdendo seu grau de novidade e porque “o homem muda e, com ele, muda também o ambiente social que o cerca”. Ainda segundo os autores, esse dinamismo linguístico não se dá de modo aleatório, mas é regulado por determinados mecanismos básicos e é, pelo menos parcialmente, motivado. Assim, buscar entender essa dinamicidade e, mais especificamente, as mudanças pelas quais, recorrentemente, as línguas são submetidas torna-se um objetivo dos estudos linguísticos.

Baseando-nos na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, entendemos – comungando com Rosário (2015, p. 36) – que a “gramática de uma língua natural não é totalmente estática ou acabada” e que, dessa maneira, as “construções gramaticais emergem para suprir nossas necessidades discursivas e passam a suprir lacunas nos paradigmas gramaticais e no universo dos conceitos mais abstratos” (ROSÁRIO, 2015, p. 36). Diante disso, Rosário (2015) destaca a necessidade de termos bem claros três conceitos que permeiam esse posicionamento. São eles: gramática, uso e discurso. Apoiando-se em Oliveira e Votre (2009), o autor observa que, enquanto o discurso refere-se às estratégias e aos modos que os falantes utilizam na organização e elaboração de sua produção linguística, a gramática diz respeito ao conjunto de regularidades da língua. Esses dois conceitos se relacionam à medida que tanto discurso quanto gramática são dependentes de fatores pragmáticos e comunicativos, ou seja, fatores que fazem referência à prática de uso.

Diante dessas considerações de cunho mais geral, depreende-se que esta tese se pauta na curiosidade de se compreender, mesmo que parcialmente – e no intento de se discutir, através de objetos e objetivos específicos –, um pouco dessa dinamicidade que as línguas naturais – neste caso, a língua portuguesa – apresentam. Adotando a abordagem construcional da mudança linguística

(TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TROUSDALE, 2014) – a qual será discutida no Capítulo I desta pesquisa –, este trabalho tem por objetivo analisar, a partir dos níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – construtos, microconstruções, subesquemas e esquemas –, as construções volitivas envolvendo os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” na língua portuguesa. Dessa forma, assume, sob o viés da construcionalização, que a língua é constituída por pares de forma-sentido, ou seja, construções, as quais são organizadas em uma rede hierárquica e com diferentes graus de abstratização.

A motivação para este estudo parte de um trabalho anterior, Oliveira (2012), em que foi investigada a gramaticalização do verbo “esperar” na língua portuguesa. Nessa pesquisa, buscou-se defender que (i) os novos usos gramaticalizados do verbo revelariam um caminho de crescente (inter)subjetivização (FINEGAN, 1995; TRAUGOTT, 1995; TRAUGOTT & DASHER, 2005; DAVIDSE *et al.*, 2010); e que (ii) esse processo estaria vinculado à emergência de possíveis padrões construcionais (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2009). Com base na análise pancrônica empreendida, concluiu-se que “esperar”, no português, partiu da acepção inicial e [- subjetiva] de “aguardar do tempo” e desenvolveu os usos [+ (inter)subjetivos] de “volição” e “ter expectativa/contraexpectativa”. Nesse processo, o verbo “esperar” deixaria de atualizar a noção aspectual de duratividade, característica de sua acepção inicial, e passaria a indexar os outros usos identificados. Atuando como volitivo, ele apareceria em enunciados modais, de modo a projetar, no futuro, as intenções e os desejos do falante. Por sua vez, ao manifestar as expectativas (ou não) do falante, “esperar” passaria a indicar as crenças do usuário da língua no campo da hipótese¹.

Mediante a consulta bibliográfica realizada para a descrição dos usos de “esperar”, em especial o volitivo, foi averiguado que, frequentemente, os falantes se apropriam de determinadas formas para marcar sua subjetividade e indexar suas intenções e seus desejos (MIRA MATEUS *et al.*, 1989; CEZÁRIO, 2001; CASIMIRO, 2007; SANTOS, 2009). Desse modo, questionamos se haveria outros verbos que também teriam se desenvolvido como volitivos na língua. Ao realizarmos esse

¹ Salientamos que a análise realizada em Oliveira (2012) ainda verificou a atuação de “esperar” na configuração de outras construções convencionalizadas na língua portuguesa, a saber: “(quando) (a gente) menos espera”, “não perde por esperar”, “mal (posso) esperar”, “é/era de (se) esperar”, “esperar para (para/prá) ver” e “espera aí/perai”, sendo esta última a mais frequente no *corpus* analisado.

questionamento, constatamos, por meio das leituras realizadas, que o próprio verbo “querer”, fortemente marcado pelo seu uso volitivo no português, tem em seu antecessor latino, *quaero*, a ideia de “procurar, buscar”, mostrando que, por meio de um processo de metaforização, os falantes passaram a conceptualizá-lo e a utilizá-lo para manifestar volição (SOUSA, 2011). Entretanto, no português – como revelam os dados analisados nesta pesquisa –, a ideia de volição está completamente presente em “querer”, de modo que o sentido de “procurar/buscar” não seja mais acessado pelo falante.

A consulta também revelou que verbos como “almejar”, “pretender” e “desejar” indexam as vontades do falante. Em um momento inicial, tivemos o intuito de operar com esses verbos, porém, ao observarmos a distribuição e o comportamento desses vocábulos nos *corpora* analisados, optamos por descartá-los e, assim, delimitarmos nossos objetos e objetivos para esta pesquisa. Uma breve análise de “almejar”, “pretender” e “desejar” demonstrou que, assim como “querer”, o uso desses verbos está fortemente relacionado à manifestação da volição. Verificamos, ainda, que “almejar” e “pretender” possuíam uma baixa produtividade sincrônica e, principalmente, diacrônica. Por sua vez, “desejar” apresentou uma produtividade maior nos dados, mas inferior a “querer”. Uma vez que já encontramos em “querer” um volitivo prototípico² e mais produtivo, concentramos nossa busca em verbos que apresentassem uma multifuncionalidade sincrônica maior e uma instanciação mais recente da acepção volitiva, a fim de averiguarmos se eles teriam um comportamento semelhante a “querer”.

Assim sendo, diante do fato de *quaero* – que tem em “querer” a sua continuação fonológica – significar “procurar” e “buscar” – como apontado anteriormente –, resolvemos observar se essa mudança também se processaria com

² Sabemos que em Linguística, o conceito de prototipia é associado, tradicionalmente, a itens que são considerados como pertencentes a uma dada categoria, visto que apresentam características suficientes em comum. Assim sendo, segundo Lakoff (1987), os modelos de protótipos correspondem a complexas estruturas de organização do conhecimento. Neste trabalho, no entanto, não nos baseamos pontualmente nessa teoria, que tanto contribuiu para o desenvolvimento do pensamento cognitivo, para o emprego de expressões referentes à ideia de prototipia. O termo, aqui, é relacionado à noção de exemplariedade, demonstrando que “querer”, diante de sua anterioridade e produtividade, é o verbo volitivo mais exemplar da língua e serve, inclusive, como modelo para o desenvolvimento dos demais verbos volitivos.

estes verbos. Logo, além de “querer” e “esperar”, delimitamos “procurar” e “buscar” como nossos objetos de análise.

Consultando a obra de Mira Mateus *et al.* (1989), ainda foi possível verificar que os autores consideram o verbo “tentar” como passível de indexar volição. A partir disso e devido à escassez de trabalhos que apontam o uso volitivo de “tentar”, também estabelecemos esse verbo como um dos nossos objetos de investigação. Desse modo, a codificação da volição em verbos será analisada, nesta pesquisa, em “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Abaixo, apresentamos exemplos desse uso para os verbos em questão:

(1) Eu **queria** que Joilson pudesse estar na lista da ÉPOCA desta semana dos 40 brasileiros com menos de 40 anos que representam o futuro do país. “Educação hoje é uma coisa rara. Mas é tudo na vida. Tento passar para o meu filho. Fazer o bem faz bem. Acho que eu servi de exemplo para muitos políticos, muita gente.” (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(2) Fotos tipo emo no espelho só para mostrar o novo filhote eletrônico no seu blog, tá? :)

xo xo Camila Orleans

P.S.: Aposto que esse post virará motivo de zoação futura. Só **espero** que seja porque tiro fotos muito mal D: (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(3) **E:** Por que?

F: Porque a gente conversa muito, ele me dá conselhos, aí eu **procuro** segui o conselho dele e a gente vai se dando bem (est).

E: E a sua mãe, assim, ela é muito rígida com você? Ele controla muito os seus horários?

F: Não, num esquenta a cabeça muito com isso não. (PEUL/RJ – Entrevista T06-Ale)

(4) Eles **buscam** entender o peso e os efeitos que as emoções têm na habilidade de cada um para lidar com o cotidiano pessoal e profissional. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(5) “Eu adoro dançar. Na verdade, acho que o que gostaria de ter sido mesmo é bailarino. Amo a linguagem da dança e acho que o limite entre a dança e o teatro é muito tênue. Quando faço teatro, **tento** usar o meu corpo com o máximo de expressividade”, disse Wagner à repórter Sarah Oliveira. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

As ocorrências acima evidenciam que os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” codificam uma vontade do falante. Como se verifica,

em (1), o falante tinha o desejo (“queria”) de que determinada pessoa (“Joilson”) pudesse estar entre os quarenta brasileiros que, segundo a revista organizadora da lista, representa o futuro do país. Na ocorrência (2), o sujeito expressa a sua vontade (“espero”) de que os comentários de zoação sejam, apenas, devido às fotos mal batidas. Por sua vez, em (3), o sujeito marca a sua intenção (“procuro”) de seguir os conselhos do pai. Em (4), o falante destaca a intenção (“buscam”) de dadas pessoas em entender a interferência que as emoções podem causar no cotidiano. Por fim, em (5), o entrevistado pontua que, ao fazer teatro, intenciona (“tenta”) usar o corpo com o máximo de expressividade.

Assim sendo, este trabalho opera com as seguintes hipóteses:

- i) a acepção volitiva dos verbos em análise poderia ser pensada a partir da emergência de construções gramaticalmente identificáveis que expressam a vontade do falante; e
- ii) essas construções se organizariam em uma rede construcional, com diferentes níveis de esquematicidade.

Após o estabelecimento dos objetos de análise e das hipóteses desta tese, realizamos uma pesquisa sobre diferentes trabalhos que investigam a emergência de usos volitivos para os verbos em estudo. Nesse sentido, no Capítulo II, destacaremos as lacunas e as contribuições das pesquisas realizadas por Sousa (2011) – que analisa a gramaticalização de construções com o verbo “querer” –, Santos (2009) e Oliveira (2012) – que, sob perspectivas distintas, estudam a gramaticalização do verbo “esperar” –, bem como Barroso (2007, 2008) – que observa a gramaticalização de “buscar”³. Embora apresentem diferenças teórico-metodológicas entre si, os trabalhos citados focalizam o desenvolvimento de novos usos, incluindo o volitivo, somente como um processo local que diz respeito à interpretação realizada pelos participantes na construção do novo significado durante a interação. Esta pesquisa, por sua vez, procura observar se as construções volitivas do português possuem um esquema abstrato específico que permite a emergência de outros verbos volitivos.

³ Frisamos que não foram identificados estudos pontuais sobre o desenvolvimento de “procurar” e “tentar” como volitivos.

Refletindo sobre isso, uma questão que se coloca quando verificamos que nem todos os verbos poderiam atuar como volitivos no português é: por que determinados verbos (e não outros) são “acionados” pelo usuário da língua para desempenhar esse uso? Nossa hipótese, a partir da observação dos usos anteriores de “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” – conforme destacaremos no Capítulo IV –, é que esses verbos codificariam, inicialmente, uma ideia de deslocamento/movimento espacial/temporal e, ao longo do tempo, passariam a se referir a um evento mental, indexando, dessa maneira, o uso volitivo.

Como demonstraremos nesta pesquisa, os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” possuem como acepções anteriores à volitiva as idéias, respectivamente, de “aguardar no tempo”, “localizar algo/alguém”, “apanhar algo/alguém” e “expressar tentativa”. Depreendemos que, com exceção de “esperar”, os verbos pressupõem, em um primeiro momento, um movimentar-se no espaço por parte do sujeito-agente para obter algo. Por sua vez, em “esperar”, o movimento se dá no âmbito temporal, já que o sujeito “desloca-se no tempo” durante o ato de aguardar. Esses usos dos verbos, como defendemos neste trabalho, estão relacionados à atualização da noção de aspecto. Contudo, ao desenvolverem o uso volitivo – através de um processo gradual e metafórico –, deixam de atualizar essa categoria e passam a atuar como modais. Conforme discutiremos no Capítulo IV, embora “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” indexem a vontade do falante, tais verbos ainda mantêm resquícios semânticos de seus usos anteriores, sugerindo que o desenvolvimento da acepção volitiva constitui um caso de expansão pragmática dessas unidades lexicais.

Outro ponto que deve ser ressaltado, como possível contribuição deste estudo, é a necessidade de se observar mais atentamente a noção de volição, uma vez que essa se caracteriza por sua complexidade. Já no campo filosófico, como será salientado no Capítulo II, a compreensão da vontade humana gera controvérsia entre os estudiosos, sendo, basicamente, concebida entre o agir e o pensar. Na Linguística, ela é focalizada nas pesquisas sobre modalidade, oscilando como um subtipo ou um tipo específico de modalidade e sendo associada a outros valores semânticos, como intenção e desejo, que serão delimitados neste trabalho. Por referir-se a um evento projetado no futuro, a

volição configura-se como um evento não-atual/não-real e, portanto, está relacionada à categoria *irrealis*.

Sobre tal categoria, podemos afirmar que, além de envolver futuridade, ela também diz respeito à incerteza epistêmica do falante acerca do que diz. Assim, as construções volitivas com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar” e “tentar” referem-se ao julgamento do usuário da língua acerca da possibilidade de atualização de um evento volitivo em um tempo futuro. Esse julgamento, como defendemos nesta pesquisa, implica graus de controle distintos, bem como estruturas [+/- icônicas]. Acerca da noção de tempo, evidenciamos que ela não está associada, diretamente, ao momento em que se dá o evento ou, muito menos, à fala, mas sim à perspectiva de tempo que o falante transmite ao interlocutor para a contemplação do evento (CORÔA, 2005). O tempo, nesse caso, não deve ser confundido como “tempo gramatical” e deve ser pensado a partir da conceptualização do evento volitivo.

Logo, mediante esse quadro, acreditamos que as construções envolvendo verbos volitivos do português podem revelar graus distintos de incerteza epistêmica, a depender do grau de proximidade cognitiva que o sujeito volitivo estabelece em relação a um dado evento. Nesse sentido, defendemos que as construções com “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” atualizam a categoria *irrealis*, mas de diferentes maneiras. Tal fato sugere – como bem pontuam Wilson e Martelotta (2013 [2008]) – que há muito mais motivação ou iconicidade nas línguas do que se poderia, inicialmente, imaginar. Ademais, esse ponto é de extrema relevância para este trabalho, pois, uma vez que trabalhamos com níveis de esquematicidade, essa perspectiva ajudará a determinar, sob o ponto de vista do sentido, os diferentes padrões construcionais estabelecidos.

No que tange à indexação da volição, ressaltamos, como já apontado, que a compreendemos como uma noção escalar, e que, diante de sua complexidade, ela costuma ser associada a outros valores semânticos. Dessa forma, ratificando nossa proposta acerca de diferentes graus de *irrealis* na codificação das construções volitivas, assumimos – como será atestado no Capítulo IV – que a volição pode ser compreendida a partir de dois extremos, a saber: como uma intenção, quando o evento volitivo é percebido como [- *irrealis*] – demonstrando uma menor incerteza do falante quanto à atualização do evento –;

e como um desejo, quando o evento volitivo é percebido como [+ *irrealis*] – evidenciando uma maior incerteza do falante acerca da realização do evento volitivo.

Além desses apontamentos, também observamos o aspecto formal das construções. A partir do exposto acima, é possível averiguarmos a existência de diferentes complementos que vão atuar na indexação dos diferentes sentidos verificados. A presença de um sujeito [+ animado] em todas as construções envolvendo verbos volitivos configuraria, como defendemos, uma característica macro da rede construcional volitiva. Todavia, a identificação de nomes/pronomes/advérbios, orações encaixadas infinitas e orações encaixadas finitas após o verbo sinalizaria subesquemas distintos relacionados aos graus de escalaridade mencionados. No Capítulo IV desta pesquisa, procuramos estabelecer esses padrões, observando, ainda, a instanciação de construções individuais com os verbos em estudo.

Realizadas as considerações acima, podemos estabelecer os objetivos específicos deste trabalho, que são:

- i) propor a compreensão da volição como uma noção escalar entre intenção e desejo, diretamente relacionada à categoria *irrealis*;
- ii) apontar a emergência de construções volitivas a partir da análise de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”;
- iii) determinar os diferentes níveis de esquematicidade; e
- iv) oferecer uma proposta de rede construcional para os verbos volitivos.

A fim de cumprir esses objetivos, a análise empreendida neste estudo se baseia, primordialmente, na metodologia qualitativa, porém também utiliza o levantamento da frequência de uso (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006; MARTELOTTA, 2009) como um recurso para se atestarem os estágios de implementação da mudança. Ainda devemos destacar que este trabalho se filia à perspectiva pancrônica, analisando, portanto, ocorrências sincrônicas e diacrônicas dos verbos em estudo.

Sincronicamente, operamos tanto com a modalidade oral quanto com a modalidade escrita da língua. Os dados orais são compostos a partir de três *corpora*

orais bastante abrangentes, a saber: a) o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”; b) o *corpus* do PEUL/RJ – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua; e c) o *corpus* do NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. Os dados escritos, por sua vez, são formados por textos disponíveis na *Internet*, distribuídos em três níveis de formalidade, a saber: a) nível de formalidade 1: textos retirados de *blogs*; b) nível de formalidade 2: textos que compõem as revistas “Caras”, “Cláudia” e “Ana Maria”; e c) nível de formalidade 3: textos que constituem as revistas “Veja”, “Isto é” e “Época”⁴. Com a preocupação de manter a uniformidade no tratamento dos dados, foram analisadas 300.000 palavras em cada *corpus*.

Na diacronia, os textos selecionados estão compreendidos entre os séculos XIII e XIX, tendo sido coletados dos seguintes *corpora*: CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval e *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe. A fim de evitar o enviesamento dos resultados em relação à análise diacrônica, também mantivemos a uniformidade nos dados, analisando 100.000 palavras por século.

Desse modo, o presente trabalho se organiza de maneira a tratar: no Capítulo I, do aporte teórico utilizado para fundamentar esta pesquisa, ou seja, da abordagem construcional da mudança linguística; no Capítulo II, das discussões acerca das noções de volição, modalidade e *irrealis*, bem como dos trabalhos que já apontam o desenvolvimento do uso volitivo pelos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”; no Capítulo III, das especificidades metodológicas que subjazem à análise dos dados; e, no Capítulo IV, da análise pontual dos dados, observando os diferentes níveis de esquematicidade das construções envolvendo verbos volitivos do português e propondo uma rede construcional a partir dos resultados obtidos.

⁴ A organização dos dados sincrônicos escritos a partir de diferentes níveis de formalidade será explicitada no Capítulo III deste trabalho.

CAPÍTULO I

A MUDANÇA LINGUÍSTICA SOB A PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Este capítulo tem por objetivo fundamentar teoricamente a presente pesquisa, a qual, conforme apontado na Introdução deste trabalho, investiga o desenvolvimento dos verbos volitivos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Diante desse objetivo, acreditamos ser possível estabelecer diferentes níveis a partir dos *tokens* identificados (isto é, das unidades empiricamente atestadas), de modo a observar as semelhanças e as diferenças entre as unidades investigadas em termos de esquematicidade⁵. Assim sendo, neste estudo, adotamos a proposta da construcionalização (TRAUGOTT, 2011a; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TROUSDALE, 2014)⁶, bem como contribuições da gramaticalização de construções – como os níveis de esquematicidade estabelecidos por Traugott (2008a, 2008b), a saber: construtos, microconstruções, mesoconstruções e macroconstrução⁷ – na análise dos dados volitivos encontrados⁸.

Dessa forma, comungando com Traugott (2008a, 2008b, 2011a), Traugott e Trousdale (2013) e Trousdale (2014), entendemos que a mudança linguística está intimamente relacionada à noção de construção e à língua em uso. Logo, a emergência de novos pares de forma-sentido (construção) é localizada na interação e negociada entre os falantes no curso dessa interação. Assumindo, portanto, uma perspectiva construcional acerca da mudança, deixamos de compreendê-la como uma alteração estritamente formal/categorial – como o faz a abordagem

⁵ A noção de esquematicidade será mais bem discutida na seção 1.1.

⁶ A proposta da construcionalização será abordada no decorrer deste capítulo.

⁷ Os quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) serão abordados na seção 1.2.

⁸ Neste trabalho, assumimos que os casos de mudança aqui analisados constituem um exemplo de construcionalização, conforme os termos de Traugott (2011a), Traugott e Trousdale (2013) e Trousdale (2014). Todavia, ao elencarmos contribuições da gramaticalização de construções no tratamento do desenvolvimento de verbos volitivos do português, assumimos que as expressões “macroconstrução” e “mesoconstrução” – adotadas por essa abordagem – configuram, respectivamente, sinônimos das noções de esquema e subesquema, conceituadas em Traugott e Trousdale (2013).

clássica/tradicional da gramaticalização⁹ –, e passamos a considerá-la a partir de processos de uso da língua pelos quais ocorrem mudanças sistemáticas tanto na morfossintaxe quanto no significado (TRAUGOTT, 2008a).

Nesse sentido, este capítulo possui como um de seus objetivos apontar as principais contribuições da abordagem construcional no que se refere ao estudo sobre mudança linguística. Assim, trataremos pontualmente da abordagem construcional da mudança na seção 1.1. desta pesquisa, demonstrando seu desenvolvimento a partir dos estudos iniciais em gramaticalização até a instanciação da abordagem da gramaticalização de construções e, mais recentemente, da construcionalização. Sobre esta, frisamos que Traugott e Trousdale (2013) e Trousdale (2014) têm assumido o termo construcionalização para se referirem à criação de novos pares de forma-sentido, utilizando a premissa de que a totalidade do conhecimento humano da língua é capturada por meio de uma rede de construções.

Logo, este capítulo ocupa-se, primordialmente, da caracterização dos níveis de esquematicidade de uma rede construcional – incluindo seus mecanismos de implementação, a saber: neanálise, analogização e repetição –, que fundamentam a análise deste trabalho, como já mencionado. Desse modo, na seção 1.2., discutiremos sobre os níveis construto, microconstrução, subesquema e esquema, salientando sua atuação na emergência de construções envolvendo verbos volitivos do português.

Por fim, na seção 1.3., apresentaremos algumas conclusões acerca da abordagem assumida, focalizando sua relação com o objeto de pesquisa deste trabalho.

⁹ Neste trabalho, denominamos de “clássica” ou “tradicional” a perspectiva da gramaticalização que a considera estritamente como a passagem de itens lexicais ou com funções menos gramaticais a itens mais gramaticais. Nesse sentido, nos posicionamos em acordo com Traugott (2011a), que, também adotando a nomenclatura “tradicional”, destaca que essa abordagem preocupa-se, principalmente, com as mudanças que ocorrem na forma das expressões linguísticas.

1.1. Abordagem construcional da mudança linguística

Conforme salientado na introdução deste capítulo, nesta seção, caracterizamos a abordagem construcional da mudança linguística, destacando a perspectiva da construcionalização, uma vez que entendemos o desenvolvimento de verbos volitivos no português a partir de uma crescente abstratização de construções individuais organizadas em uma rede. A fim de cumprir o estabelecido para esta seção, iniciamos uma discussão a partir da visão clássica/tradicional da gramaticalização (MEILLET, 1912; LEHMANN, 1995 [1982]; HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]), demonstrando como, inicialmente, a mudança linguística é pensada como uma passagem estritamente categorial, que atenua a relevância de fatores pragmáticos e discursivos, mas que já observa a noção de integridade entre as unidades. Com isso, passamos a caracterizar o conceito de construção que fundamenta a abordagem construcional da mudança linguística. Assim, ao adotar a ideia de construção no tratamento da mudança, demonstramos as principais contribuições da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009) e evidenciamos, principalmente, a abordagem da construcionalização (TRAUGOTT, 2011a, TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TROUSDALE, 2014), projetando a discussão sobre os níveis de esquematicidade para a seção 1.2., na qual serão mais bem explicitados.

A gramaticalização, de um modo geral, diz respeito a um processo de mudança linguística em que novas formas são criadas para funções pré-existentes e/ou novas funções são atribuídas a formas que já existam no sistema linguístico (GONÇALVES *et al.*, 2007). Apesar de sua origem datar no século X, na China, a gramaticalização somente ganhou destaque nos estudos linguísticos no século XX, principalmente a partir da década de 1980.

Foi Antonie Meillet, em 1912, quem introduziu o termo, definindo-o como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912, p.131). Nessa definição, está a base para o desenvolvimento de futuros trabalhos, os quais se fundamentam em uma perspectiva que, a princípio, concebe a gramaticalização como um processo de mudança linguística em que itens lexicais – nomes, verbos, adjetivos, advérbios e preposições – passam a itens gramaticais – flexão, auxiliares, determinantes, negação e

complementizadores –, cabendo aos estudiosos identificar e analisar esse processo.

Com o avanço dos estudos sobre a gramaticalização, alguns autores, como Heine *et. al* (1991) e Hopper e Traugott (1993), passaram a defender que não precisaria haver, necessariamente, um material lexical para a ocorrência do processo. Logo, a mudança poderia partir de um material gramatical para outro com uma função ainda mais gramatical, o que revelaria um grau de saliência entre as categorias, à medida que, mesmo dentro de categorias gramaticais, há elementos que possuem um comportamento menos autônomo e, portanto, mais gramatical que outros. Sob essa perspectiva, a gramaticalização passa a ser definida como o processo pelo qual elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, ao longo do tempo, para elementos de conteúdo gramatical e, se gramaticais, passam a mais gramaticais.

Podemos notar que, nessa perspectiva, o enfoque dado à gramaticalização ainda é como mudança categorial, apesar de se reconhecerem as necessidades comunicativas como um fator que motivaria a mudança linguística. A seguir, destacamos estudos que revelam questões de ordem cognitiva, pragmática e/ou discursiva subjacentes a esse processo.

Preocupando-se preponderantemente com o papel da metáfora na gramaticalização, Heine *et al.* (1991) destacam que esta seria motivada pragmaticamente, adotando uma função gramatical. Os autores pontuam que esse mecanismo permite que predicções já existentes operem em novos contextos por meio da expansão de seus significados. Com isso, eles sugerem uma trajetória para o desenvolvimento das estruturas gramaticais, defendendo que tal desenvolvimento ocorreria por meio de categorias cognitivas básicas rumo a uma abstração crescente.

Sobre o papel do elemento discursivo na mudança linguística, podemos citar os trabalhos de Givón (1979), Castilho (2010), Traugott (1982, 1995, 2010a) e Traugott e Dasher (2005). Givón (1979), por exemplo, defende que a gramaticalização parte do discurso para a morfossintaxe. Já Castilho (2010), em sua abordagem multissistêmica da gramaticalização, pondera o fato de qualquer elemento possuir propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais – embora haja um grau de saliência entre elas –, sendo, portanto, desnecessária a

distinção, adotada tradicionalmente pelos estudos em gramaticalização, entre item lexical e item gramatical. Por sua vez, Traugott (1982, 1995) destaca que, ao longo do tempo, as novas construções da língua passam a codificar cada vez mais a expressividade do falante, ou seja, a sua subjetividade. Posteriormente, Traugott e Dasher (2005) e Traugott (2010a) adotam a terminologia (inter)subjetivização para se referirem aos significados desenvolvidos, no decorrer do tempo, para indexar as crenças e atitudes do falante (significados subjetivos), os quais, uma vez subjetivados, podem ser projetados para a expressão da preocupação do falante com o seu interlocutor (significados intersubjetivos).

A perspectiva da gramaticalização como (inter)subjetivização parte do princípio de que nenhum nível da gramática é autônomo ou central, preocupando-se em não separar os aspectos estruturais dos aspectos semântico-pragmáticos. Essa concepção está intimamente ligada à noção de construção, uma vez que nesta os níveis semântico, morfossintático, fonológico e pragmático operam juntos (TRAUGOTT, 2008a). Assim sendo, estudos recentes sobre gramaticalização têm observado, mais pontualmente, os ambientes linguísticos que proporcionam determinados usos, ou seja, têm procurado alinhar padrões construcionais a padrões de uso.

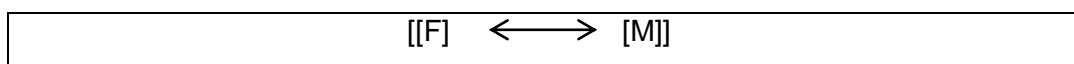
Apesar do foco pautado primordialmente na mudança categorial – como destacado –, os estudos em gramaticalização, desde Meillet (1912), já vêm observando a noção de integridade presente nas expressões gramaticalizadas. Este autor, por exemplo, mesmo considerando os itens lexicais como fonte da mudança, inclui em sua análise considerações acerca da ordem e do contexto sintagmático das palavras. Nessa mesma direção, também podemos citar o estudo de Lehmann (1995 [1982]), o qual afirma que a gramaticalização envolve um conjunto de processos semânticos, sintáticos e fonológicos que interagem na gramaticalização de morfemas e de construções inteiras. Em um trabalho posterior, Lehmann (1992) assume que a gramaticalização de um elemento apreende toda a construção formada pelas relações sintagmáticas que esse elemento estabelece. Outros autores como Hopper e Traugott (2008 [1993]) e Bybee *et al.* (1994) também frisam que cabe à gramaticalização estudar as construções que passariam a atuar em certos contextos, a fim de desempenharem funções gramaticais. Estes últimos, por sua vez, partem do

princípio de que a fonte do sentido gramatical é a construção inteira, e não as suas partes composicionais. Logo, como podemos notar – e como já destacado por Traugott (2008a, 2008b) –, a noção de construção vem permeando os estudos em gramaticalização, entretanto, de uma maneira mais assistemática.

O termo construção, tal como o concebemos neste trabalho, advém da Gramática das Construções¹⁰ (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT & CRUSE, 2004; TROUSDALE, 2008), a qual foi, principalmente, desenvolvida no âmbito da Linguística Cognitiva. Para Goldberg (1995, p. 1), as construções são “correspondências de forma-significado” e são consideradas as unidades básicas e centrais da língua. Comungando com a autora estão Trousdale (2008) e Traugott e Trousdale (2013), que defendem que as construções são unidades simbólicas e convencionais. Assim sendo, as construções são signos, ou seja, associações de forma e sentido (idiossincráticas e frequentes), compartilhadas entre um grupo de usuários (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Logo, sendo a construção uma unidade convencionalizada, Traugott (2008b) a entende como um *chunk*¹¹ automatizado, rotinizado, armazenado e ativado pelo usuário da língua.

A partir das considerações realizadas sobre as diversas maneiras pelas quais o termo construção vem sendo concebido, a depender da abordagem construcional que o adota¹², Traugott e Trousdale (2013, p. 08) entendem que a construção pode ser representada da seguinte forma:

Quadro 1 - Representação de uma construção conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 08)



¹⁰ Ressaltamos que este trabalho não se fundamenta teoricamente na Gramática das Construções, mas sim toma como base a proposta de Traugott e Trousdale (2013) e Trousdale (2014) e elenca algumas contribuições de outros trabalhos, como os desenvolvidos por Traugott (2008a, 2008b).

¹¹ De acordo com Bybee (2010), o termo *chunk* é utilizado para se referir a uma unidade linguística pré-fabricada. Ou seja, uma expressão composta por duas ou mais palavras que, devido à alta frequência de uso, estabelece uma relação sequencial, de modo a se comportar de maneira independente, como se fosse uma unidade.

¹² Traugott e Trousdale (2013) observam a utilização do termo construção nas seguintes abordagens: Gramática das Construções de Berkeley (FILLMORE, 1968, 1988), Gramática das Construções baseada no signo (BOAS & SAG, 2012), Gramática das Construções Cognitiva (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006), Gramática das Construções Radial (CROFT, 2001) e Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987).

No quadro 1, temos que F representa “forma” (no inglês, *form*) e M refere-se a “sentido” (no inglês, *meaning*). A seta dupla especifica a ligação entre essas duas faces da construção, e os colchetes externos evidenciam que o par forma-sentido é uma unidade convencionalizada. Enquanto forma, uma construção apresenta propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. Já no que diz respeito ao seu sentido, uma construção possui propriedades discursivas, semânticas e pragmáticas. Nesse caso, a parte discursiva da construção refere-se ao que Croft (2001) chama de “função discursiva”, como informação de estrutura ou função conectiva. Traugott e Trousdale (2013) observam, então, que tal função não remete ao contexto discursivo em si (ou extralinguístico), mas sim ao papel que uma construção pode expressar no discurso.

Essa discussão acerca do papel discursivo de uma construção nos remete à compreensão da noção de contexto em se tratando de construções. Traugott e Trousdale (2013) chamam a atenção para a necessidade de se pensar o termo para além do campo entre a pragmática e o discurso, no qual é usualmente compreendido. Os autores observam que as construções apresentam contextos formais – distribuições sintagmáticas específicas – e contextos de rede – nós relacionados que permitem o pensamento analógico. Eles ainda apontam o conhecimento de mundo e os cenários sociais – por exemplo, relação entre os interlocutores, gênero etc. – como fatores contextuais. Logo, Traugott e Trousdale (2013) entendem que o contexto é amplamente construído no ambiente linguístico, incluindo sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (oral ou escrita) e, algumas vezes, fatores discursivos e sociolinguísticos.

Além disso, os autores pontuam que as construções apresentam dimensões – como tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conteúdo – que as identificam. Nesse sentido, ressaltam, assim como o faz Croft (2001), que o sistema linguístico, dentro da perspectiva construcional, é organizado como um estruturado inventário de unidades simbólicas e complexas, o qual compõe o conhecimento do falante sobre a língua. Esse inventário é representado por uma rede taxonômica de construções, de modo que cada construção constitua um nó separado da rede. Esta, por sua vez, é organizada hierarquicamente, ou seja, algumas construções são tidas como mais básicas ou gerais que outras, e as

construções de nível inferior herdam os atributos das construções de nível superior, podendo ultrapassar esses atributos.

Logo, no que concerne, especificamente, à mudança linguística, temos que, quando uma construção é instanciada, ela se submete a processos de fixação semântica de padrões regulares, de modo que seja pensada cada vez mais esquematicamente (GISBORNE & PATTEN, 2011). Diante do fato de as construções se organizarem em redes taxonômicas – como destacado antes –, as novas construções emergem a partir da instância frequente de um determinado esquema¹³ construcional existente e, posteriormente, se expandem seguindo uma direção própria (CROFT & CRUSE, 2004). Dessa forma, a mudança pode ocorrer a partir do momento em que falante e ouvinte, indutivamente, generalizam as instâncias para formar esquemas representativos do sistema linguístico.

Mediante as considerações acima acerca da noção de construção, a gramaticalização de construções assume as seguintes características: (i) forma e significados são pareados como iguais; (ii) gramática concebida como holística; (iii) gramática baseada no uso; e (iv) construções individuais são independentes, porém relacionadas em um sistema hierárquico com vários níveis de esquematicidade. Com base nessa perspectiva, a gramaticalização é definida como:

[...] a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (partes de) uma construção com uma função gramatical ou designam uma nova função gramatical para uma construção gramatical já existente. (TRAUGOTT, 2009, p. 91)

Partindo da concepção de gramática como um sistema dinâmico e modelado por aspectos estruturais e comunicativos, a gramaticalização de construções permite que consideremos a emergência de diferentes padrões

¹³ O termo esquema tem sido utilizado para designar objetos distintos, na literatura. Sincronicamente, esquema é considerado como uma abstratização compatível com seus membros; uma imagem conceptual (LANGACKER, 1987). Já no campo da diacronia (e, sob esta perspectiva, estamos lidando com mudança linguística), o termo refere-se ao caminho/percurso da mudança, ou seja, ao *cline* (TRAUGOTT, 2008b, 2009).

construcionais a partir de seu estabelecimento como padrões de uso incorporados, via repetição/ritualização, à gramática da língua (TRAUGOTT, 2009).

O trabalho com padrões construcionais na gramaticalização implica o alinhamento entre a estrutura da construção e o seu uso. Esse alinhamento pode envolver, como destacam Cunha Lacerda (2011) e Oliveira (2012) e já apontado nesta pesquisa, a noção de (inter)subjetivização. Esta diz respeito ao processo que envolve uma reanálise dos significados pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor. Dessa forma, caracteriza-se como um processo de semanticização que exige que os novos significados (inter)subjetivos – ou seja, os significados pautados nas crenças e atitudes do falante acerca da proposição (subjetivos) ou que exprimem a preocupação do falante com o endereçado (intersubjetivos) – sejam convencionalmente codificados, resultando em um novo par forma-sentido (DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010).

Sob esse ponto de vista, o discurso não é visto como desassociado da gramática. Os falantes, com a intenção de se comunicarem da melhor maneira possível, estabelecem mudanças na língua. Estas se tornam mais vantajosas para a comunicação e podem não corresponder, inteiramente, aos seus significados originais (WALTEREIT, 2011).

Por sua vez, Traugott (2011a) e Traugott e Trousdale (2013), buscando uma melhor compreensão sobre o fenômeno da mudança linguística, propõem uma diferenciação entre o que seriam mudanças construcionais e construcionalização. Segundo Traugott (2011a), a mudança construcional afetaria apenas os subcomponentes da construção, ou seja, os elementos de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática e discursiva. Já a construcionalização seria responsável pela criação de novas (combinações de) construções, desenvolvendo-se a partir de uma série de construções que se estabelecem a partir do par forma-sentido. Segundo a autora, esta não corresponderia ao processo de mudança, mas sim ao resultado da própria, e acompanharia mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Com o objetivo de aprofundar a relação entre mudança linguística e Gramática das Construções, Traugott e Trousdale (2013) apontam que a construcionalização forma novos tipos de nó na rede construcional, os quais apresentam uma nova sintaxe ou morfologia

e novo sentido codificado, e é caracterizada por dois tipos principais, a saber: gramatical e lexical. Os autores prosseguem observando que o desenvolvimento desses novos tipos de nós ocorre de maneira gradual, sendo precedidos e seguidos por uma sucessão de passos incrementais e convencionalizados, que acarretam a mudança construcional.

Com o intuito de estabelecer uma relação entre mudanças construcionais e construcionalização e, com isso, iniciar uma nova proposta teórica, Traugott e Trousdale (2013) defendem que as mudanças construcionais que precedem e viabilizam a construcionalização envolvem, tipicamente, expansão pragmática, semanticização do componente pragmático, divergência entre forma e sentido e algumas pequenas mudanças distribucionais. Essas mudanças construcionais são denominadas, pelos autores, de pré-construcionalizações. Dando sequência a esse raciocínio, Traugott e Trousdale (2013) destacam que a construcionalização poderia fomentar novas mudanças construcionais – chamadas de pós-construcionalizações –, possibilitando expansão de funcionalidade e redução morfológica ou fonológica.

Apesar de esta pesquisa não tratar, pontualmente, das mudanças construcionais envolvidas na instanciação dos verbos volitivos analisados, julgamos que determinadas considerações feitas por Traugott e Trousdale (2013) podem contribuir para a compreensão de algumas complexidades do fenômeno da mudança linguística a partir da perspectiva proposta por Traugott (2008a, 2008b) acerca dos níveis de esquematicidade.

Assim sendo, como contribuição da abordagem da construcionalização, é importante destacarmos que forma e significado são considerados, igualmente, no estudo da mudança, a qual se realiza tanto a partir de uma perspectiva específica, quanto a partir de uma perspectiva esquemática. Além disso, as inovações linguísticas só podem ser reconhecidas como mudanças quando convencionalizadas e usadas por outros falantes. Essas são frutos de um processo gradual, que resulta em variação no sistema linguístico.

No que tange aos graus de composicionalidade, esquematicidade e produtividade de uma construção – mencionados anteriormente –, Traugott e Trousdale (2013) e Trousdale (2014) fazem algumas considerações. Sobre o fator composicional, os autores o associam, como destacaremos na seção 1.2., ao nível

de transparência da ligação entre forma e sentido. Para eles, a composicionalidade é, geralmente, pensada em termos semânticos – observando-se o significado das partes de uma expressão para a compreensão do todo – e em termos sintáticos – verificando-se as propriedades combinatórias do componente sintático, de modo a relacionar, recursivamente, expressões mais complexas na base de expressões menores. Nesse sentido, a composicionalidade difere-se, portanto, da analisabilidade, uma vez que esta compreende a medida pela qual os falantes reconhecem (e lidam distintamente com) os componentes das partes do todo (LANGACKER, 1987). Já a esquematicidade é o fator de categorização que, segundo Traugott e Trousdale (2013), envolve abstração. Dessa forma, um esquema corresponde a abstrações de conjuntos de construções que são percebidas inconscientemente pelos usuários da língua como sendo relacionadas entre si em uma rede construcional, conforme evidenciaremos na seção 1.2.. Por fim, a produtividade de uma construção é verificada por meio da extensibilidade e da restrição de um esquema. De acordo com os autores, a maioria das pesquisas referentes à produtividade envolve o levantamento da frequência de uso de uma determinada construção. Como ressaltaremos na seção 1.2., quando novas construções são formadas, há uma expansão decorrente do aumento gradual da frequência ao longo do tempo.

Nesse sentido, outro ponto colocado por Traugott e Trousdale (2013) e Trousdale (2014), fundamental para compreendermos o desenvolvimento de verbos volitivos no português, é a concepção da mudança como direcional em vez de unidirecional. A direcionalidade, conforme os autores, é uma característica essencial da mudança, mas que difere de acordo com a perspectiva na qual é concebida. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a mudança é entendida tanto como redução (aumento de dependência morfossintática) quanto como expansão (aumento de frequência e de contextos de uso). No primeiro caso, a mudança é frequentemente hipotetizada como unidirecional, uma vez que este passa a ser um fator-chave para compreender passagens do tipo [léxico] > [gramática], sendo, portanto, irreversível. Por sua vez, na mudança como expansão, a direcionalidade é, usualmente, entendida como uma hipótese que remete à expansão de usos e de contextos sintáticos, semânticos e pragmáticos e que está diretamente relacionada

ao aumento de produtividade e esquematicidade. Nessa visão, as mudanças são discutidas a partir das relações sintáticas, discursivas e morfológicas.

Para Traugott e Trousdale (2013), ao se adotar uma perspectiva de mudança baseada no uso, assume-se que tanto redução quanto expansão se entrecruzam durante o processo, o que, para nós, explicaria o desenvolvimento dos verbos volitivos em análise. Acreditamos que esses verbos, ao se construcionalizarem, registram um aumento de dependência morfossintática, de modo que o padrão construcional instanciado possibilite a manifestação da volição. Através do aumento de sua frequência, o uso volitivo é rotinizado, fazendo com que se expanda pragmaticamente, abarcando outros contextos morfossintáticos, semânticos e discursivos e, com isso, aumentando sua produtividade e esquematicidade. Como averiguaremos no Capítulo IV deste trabalho, os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, atuando junto a diferentes estruturas linguísticas, expressam a vontade do falante, em diferentes graus de intenção/desejo, revelando níveis cada vez mais esquemáticos que englobam esses diferentes padrões de uso. Assim, conforme Trousdale (2014), no que se refere à direcionalidade, o desenvolvimento de uma nova construção pode envolver a criação de esquemas mais gerais, os quais se tornam cada vez mais produtivos e menos composicionais. Tal fato corrobora a proposta de Traugott (2008a, 2008b) e Traugott e Trousdale (2013) acerca da existência de diferentes níveis de esquematicidade para as construções linguísticas.

A partir das considerações realizadas, podemos depreender que as mudanças apresentam-se como resultado de novas formulações sintático-semânticas ou, em outras palavras, de reanálises. A partir do momento em que envolve uma ligação argumental (estrutural), a (inter)subjetivização não é somente considerada uma propriedade lexical, mas também uma propriedade construcional. Logo, diante do fato de a gramaticalização frequentemente envolver o desenvolvimento de sentidos (inter)subjetivos, a construção instanciada passa, então, a expressar o posicionamento dos falantes.

Além disso, o desenvolvimento dessas novas construções também se dá a partir de generalizações que permitem a instanciação de um nível mais abstrato e esquemático, como será observado na seção 1.2. As interpretações realizadas pelos participantes na interação também se relacionam, via analogia, a esquemas

abstratos, e ambos podem ser organizados em uma rede construcional. É nesse sentido que julgamos que os níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) e repensados em Traugott e Trousdale (2013) – construtos, microconstruções, mesoconstruções/subesquemas e macroconstrução/esquema – podem auxiliar na sistematização do tratamento da mudança linguística¹⁴.

1.2. Esquematicidade e rede

Nesta seção, abordamos, os níveis de esquematicidade estabelecidos no tratamento da mudança linguística a partir da perspectiva da construcionalização. Mediante o levantamento teórico realizado na seção 1.1., utilizamos, ao longo desta seção, contribuições da abordagem construcional que visam a fundamentar e a ratificar a proposta teórica adotada nesta pesquisa. Assim sendo, iniciamos discorrendo sobre a atuação dos mecanismos responsáveis pela implementação da mudança, a saber: analogização, neoanálise e repetição.

Adotando um modelo de mudança baseado no uso, Traugott (2008a, 2008b) defende que as mudanças linguísticas seriam interconectadas e que, conseqüentemente, as construções estariam associadas em uma rede. As redes desempenham um papel significativo nos modelos de gramática desenvolvidos por Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Langacker (2008), Hudson (2007) e Lamb (1998). Langacker (2008), por exemplo, descreve a arquitetura de seu modelo de gramática cognitiva como uma rede construcional, visto que descreve a linguagem como um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais. Segundo ele, essa estrutura – ou seja, a organização das unidades em redes – está intimamente relacionada ao uso da linguagem, moldando-a, bem como sendo moldado por ela. Tal argumento está em conformidade com a posição de Bybbe (2010) de que a padronização da língua é parte de nossa capacidade para categorizar, estabelecer relações e operar em níveis cognitivos locais e globais. Dessa forma, para Traugott e Trousdale (2013), assim como para Croft e Cruse (2004), a língua é adquirida através da exposição

¹⁴ Nesta pesquisa, tomamos os termos macroconstrução/esquema e mesoconstrução/subesquema como equivalentes. Todavia, temos ciência de que essa é uma relação assumida por nós, e que, em uma outra interpretação, eles não teriam, necessariamente, o mesmo significado.

do falante a eventos de uso, de modo que generalizações e pontos comuns são estabelecidos por meio de exemplos específicos de linguagem em uso, via analogia.

Recentemente, Noël (2007), Gisborne e Patten (2011), Fischer (2011), Traugott (2011a, 2011b), Traugott e Trousdale (2013) e Trousdale (2014) têm defendido um papel de maior destaque para a analogia na gramaticalização, compreendendo-a como um mecanismo de mudança linguística. Esse mecanismo é entendido por Fischer (2011) como um princípio cognitivo básico que permite o aprendizado através de situações concretas, baseadas na experiência linguística e situacional. Segundo a autora, a analogia seria a força primária para a gramaticalização, bem como para a aprendizagem em geral. Logo, a mudança linguística seria analogicamente dirigida.

Todavia, a analogia nem sempre foi concebida dessa forma. A partir dos postulados de Meillet (1912), ela passou a ser considerada um processo, distinto da gramaticalização – a qual é entendida, neste momento, como um processo de reanálise, visto que introduz novas categorias e transforma o sistema em sua totalidade –, dando origem a novas formas gramaticais. A analogia, dentro dessa concepção, trata do surgimento de novas formas por meio de mudanças superficiais nas formas que lhes deram origem, de modo que aquelas se assemelhem formalmente a estas.

Posteriormente, Hopper e Traugott (2008 [1993]) apontam que tanto a analogia quanto a reanálise¹⁵ desempenham um papel na gramaticalização. Para eles, reanálise e analogia são mecanismos gerais – que se diferenciam entre si – pelos quais a gramaticalização se estabelece. No entanto, Hopper e Traugott (2008 [1993]) destacam que a reanálise apresentaria uma função dominante no processo de mudança linguística. Nesse sentido, afirmam o seguinte:

¹⁵ Vale ressaltar que os autores, assim como Meillet (1912), não consideram a frequência de uso como sendo um mecanismo de mudança.

Na reanálise, as propriedades das formas gramaticais – sintáticas e morfológicas – e semânticas são modificadas. Essas modificações compreendem mudanças na interpretação, como em *syntactic bracketing* [suporte sintático] e significado, mas não na primeira mudança na forma. Reanálise é o mecanismo mais importante da gramaticalização, assim como de qualquer mudança, porque é um pré-requisito para a implementação da mudança via analogia. Analogia, estritamente falando, modifica manifestações superficiais e por si só não afeta a mudança da regra, embora afete a propagação da regra, dentro do próprio sistema linguístico ou dentro da comunidade. (HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993], p. 39)

A partir do fragmento acima, temos que o papel atribuído à analogia é tido como secundário e, de fato, não prevê que, através desse mecanismo, ocorra uma mudança na gramática da língua.

Enquanto a analogia refere-se à atração de formas que já existam no sistema linguístico, a reanálise refere-se à substituição de estruturas velhas por novas e, de acordo com Hopper e Traugott (2008 [1993]), possui a gramaticalização como resultado. Assim, os autores pontuam que a “analogia envolve, essencialmente, organização paradigmática, mudança nas colocações superficiais e nos padrões de uso” (HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993], p. 68). Já a “reanálise envolve, essencialmente, reorganização linear, sintagmática e frequentemente local e mudança na regra” (HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993], p. 68).

Por outro lado, a analogia como mecanismo de mudança – a qual está diretamente relacionada ao posicionamento aqui defendido acerca da abordagem da construcionalização –, diz respeito ao desenvolvimento de outras construções que lembram, semântica ou formalmente, as construções que lhes deram origem. Nesse sentido, Fischer (2011) pontua que é justamente ao observarmos o comportamento de uma rede construcional que podemos averiguar o papel da analogia. O aprendizado analógico baseia-se na experiência linguística e situacional, de maneira que os padrões abstratos sejam deduzidos de *tokens* concretos (ou seja, construtos). Tantos os padrões abstratos quanto os concretos, à medida que se tornam mais frequentes, passam a ser automatizados e, por consequência, a integrar o conhecimento gramatical e lexical. Assim sendo, para Fischer (2011), os falantes, no decorrer do tempo, vão, cognitivamente, comparando e substituindo um padrão construcional por outro. Logo, de acordo

com a autora, o processamento analógico estaria na base de toda a evolução humana.

Contudo, segundo Traugott (2011a) e Traugott e Trousdale (2013), devemos realizar uma diferenciação entre pensamento analógico e mudança analógica. Essa distinção é válida, como pontua Traugott (2011a), devido ao fato de nós, assim como outros mamíferos, sermos seres analógicos, ou seja, processarmos o mundo analogicamente. Logo, a analogia poderia ser pensada como uma motivação para a mudança linguística. Porém, nem tudo o que é pensado via analogia acarretaria mudança. Desse modo, não podemos afirmar que um pensamento analógico resultará em uma inovação dentro da comunidade linguística, nem mesmo que esse será gramaticalizado na língua. Nesse sentido, a analogia enquanto mecanismo – isto é, a analogização (TRAUGOTT, 2011a; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) – diz respeito ao modo pelo qual a mudança é implementada.

A analogização é, portanto, um mecanismo de mudança que leva a novas combinações de forma e de sentido. E, se por um lado é importante diferenciarmos pensamento analógico e analogização, da mesma maneira é relevante distinguirmos “processo de análise” e “mecanismo de neoanálise”, o qual também estaria envolvido no desenvolvimento de novas construções. Segundo Traugott e Trousdale (2013), enquanto o primeiro permite ou motiva análises diferentes daquelas que já ocorreram, o último resulta em novas construções, caracterizando-se, dessa maneira, como um mecanismo – assim como a analogização – de implementação da mudança. No que se refere ao desenvolvimento de construções volitivas com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, a analogização atua como um mecanismo de atração de características formais e de sentido que viabiliza diferentes combinações, as quais dão origem aos pares de forma-sentido identificados neste trabalho. Assim sendo, conforme será demonstrado no Capítulo IV, é válido dizer que a compreensão do evento volitivo como não-atual/não-real é um aspecto que, via analogização, marca a codificação da volição. Por sua vez, a nova interpretação dada aos verbos, que estão relacionados a padrões gramaticais específicos, resulta em uma estrutura única. Ou seja, as construções vinculadas a cada verbo determinam, via neoanálise, um tipo individual de construção.

Sobre esses dois mecanismos, Traugott e Trousdale (2013) ainda observam que, por envolver a reconfiguração de características ou dimensões

internas de uma construção, a analogização implica necessariamente micromudanças, isto é, neoanálises. Nesse sentido, os autores entendem que não existiria a ideia de sucessão temporal, uma vez que analogização pressupõe neoanálise. Todavia, o contrário não ocorreria. Traugott e Trousdale (2013) julgam que pode haver neoanálise sem analogização, já que entendem aquela como um mecanismo primário, devido ao fato de abranger mais casos de mudança. Sobre essa questão, Trousdale (2014) observa que, de fato, cada mudança construcional constitui uma neoanálise, de modo que cada novo tipo de nó da rede apresente propriedades morfossintáticas, bem como um novo significado codificado.

Assim sendo, Gisborne e Patten (2011) consideram que, se utilizando de processos cognitivos gerais, os falantes e os interlocutores são capazes de instituir, a partir de construções individuais, esquemas representativos do sistema linguístico, os quais, ao longo do tempo, podem se tornar cada vez mais abstratos. Isso porque, de acordo com Noël (2007), a mudança se processaria, como já destacado nesta pesquisa, via analogia. Para o autor, assim como Himmelmann (2004), a analogia é responsável pela expansão de uma classe primária (*host-class*) para outros contextos, ou seja, é através da analogia que os usos se expandem pragmaticamente, a depender de condições propícias para que isso ocorra. Logo, a partir da generalização que realizam sobre um determinado contexto linguístico, o falante e o interlocutor conseguem instanciar uma nova construção naquele mesmo contexto. Como pontuaremos no Capítulo IV, julgamos que o verbo “querer”, que, dentre os verbos estudados, é o volitivo mais antigo da língua portuguesa – e, assim, apresenta níveis de produtividade e esquematicidade maiores –, serviria como uma espécie de “fonte”, que, através do mecanismo da analogização, fomentaria o desenvolvimento de outras construções volitivas envolvendo outros verbos.

Ainda devemos considerar o papel da repetição – ou frequência de uso – na implementação da mudança linguística. Diferentemente da analogização e da neoanálise, a repetição é derivada, principalmente, da produção do falante em vez da interpretação do interlocutor (TRAUGOTT, 2011c). Bybee (2003, 2010, 2011) pontua que as línguas mudam através do tempo de maneira regular e sistemática. Com a intenção de compreender as forças que estariam por trás da

mudança, a autora destaca o papel da frequência de uso. Para ela, as estruturas da língua (ou melhor, as construções) surgem da repetição baseada na aplicação de processos cognitivos de domínio geral (ou seja, processos comuns nas diferentes línguas). Nesse sentido, o uso repetitivo desses processos apresenta “um impacto na representação cognitiva da língua e, por conseguinte, na língua tal como é manifestada abertamente” (BYBEE, 2010, p. 1).

Portanto, Bybee (2011, p. 69) defende que, em uma abordagem da mudança que considera a gramática como produto do uso (*usage-based approach to grammar*),

[...] o uso dos mesmos sons, das mesmas palavras e dos mesmos padrões durante os milhares de eventos usuais possui um impacto no armazenamento cognitivo, e o processamento da experiência linguística é o que fornece à língua sua estrutura. Como resultado, a estrutura linguística emerge da língua em uso”. (BYBEE, 2011, p. 69)

Dessa forma, sob esse posicionamento, os efeitos da frequência seriam evidenciados, bem como a padronização das estruturas linguísticas dentro do contexto discursivo e as inferências pragmáticas realizadas na interação – aspectos que, segundo a autora, têm sido negligenciados por abordagens mais estruturalistas.

Bybee (2011) ainda pondera o fato de a fala, pelo menos em parte, ser uma atividade neuromotora. Assim sendo, a repetição levaria ao aumento da fluência, de modo que as sequências produzidas frequentemente juntas passassem a ser processadas e armazenadas juntamente. Essas sequências se tornariam, por sua vez, mais eficientes na língua. Logo, além de o aumento da frequência de uso possibilitar a interpretação dos itens como unidades construcionais – ou seja, *chunks* –, ela também acarreta, de acordo com a autora, mudanças fonológicas de redução e fusão nas construções gramaticalizadas. Nesse sentido, o aumento da frequência de uso reduz a estrutura interna de uma unidade ou, em outras palavras, a sua complexidade (BYBEE, 2011).

Assim, no que concerne à mudança linguística, o aumento da frequência de uso, para Bybee (2003), é um traço definidor do processo de gramaticalização, o que também remete à padronização da nova construção que se instaura na língua. Uma vez que o processo ocorre por meio de pequenas mudanças, as associações realizadas podem ser mais ou menos fortes a depender da

frequência de uso, de modo que a estrutura constituinte mude gradualmente (BYBEE, 2011).

Sobre a questão da gradualidade da mudança, Traugott (2010b) e Traugott e Trousdale (2013) observam que esta se realiza em sequências de pequenos passos locais, isto é, *small-steps*. Assim, assumem que a neoanálise (ou reanálise, como, tradicionalmente, o termo é concebido) envolve uma mudança decorrente desses passos, podendo (ou não) acarretar a criação de um novo nó na rede construcional. Esses *small-steps*, no entanto, geralmente não são explorados nos estudos em gramaticalização. Traugott (2010b) aponta que, embora se admita o caráter discreto da mudança linguística, os estudos, em sua maioria, focam somente nas categorias representadas nos *clines* de mudança. Essas categorias acabam negligenciando os estágios intermediários (ou *bridging contexts*) do processo, caracterizando-se, segundo Trousdale (2014), como artefatos que, aparentemente, pretendem representar a gradiência do sistema linguístico. Logo, Traugott (2010b), assim como Brinton e Traugott (2005), defende que as pesquisas em gramaticalização devem capturar os pequenos passos locais (*small-steps*) que estão localizados entre as categorias propostas pelos *clines* de mudança, ou seja, aquilo que está entre A e B. Para Traugott e Trousdale (2013), a gradualidade é, portanto, um fenômeno da mudança que se refere, especificamente, a pequenas mudanças discretas e a sua transmissão se dá em pequenos passos e através do sistema linguístico. Desse modo, adotando a perspectiva da construcionalização, Trousdale (2014) propõe que a natureza multidimensional da mudança não pode ser compreendida, somente, a partir dos *clines* tradicionais da gramaticalização. Conforme o autor, o *cline* reflete a natureza do desenvolvimento das formas gramaticais.

Todavia, apesar da gradualidade da mudança, Traugott (2010b) e Traugott e Trousdale (2013) também destacam a gradiência do sistema linguístico. Os autores observam que esse termo pode se referir tanto aos limites entre as categorias linguísticas (verbo, adjetivo, advérbio etc.), bem como à organização dos membros dentro de uma mesma categoria. Segundo Traugott (2010b, p. 22), esse último aspecto implica dizer que “alguns membros de uma categoria são ‘melhores’ que outros”, ou seja, existem membros que melhor representam uma determinada categoria, sendo mais prototípicos. As duas concepções de gradiência juntas

podem caracterizar, de acordo com Aarts (2007), o entrelaçamento das categorias do sistema linguístico. Nesse sentido, a gradiência está relacionada aos graus de gramaticalidade e aos efeitos de frequência e, essencialmente, corresponde à ideia de que as categorias não são homogêneas nem discretas (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Traugott (2010b) e Traugott e Trousdale (2013) propõem, portanto, que tanto a gradiência quanto a gradualidade estão envolvidas na mudança. Os autores acreditam que a gradualidade evidencia o processo diacrônico de desenvolvimento das construções e, sendo assim, pode se revelar como uma dimensão diacrônica da gradiência. Logo, a gradiência é atestada sincronicamente e surge como resultado das sucessivas mudanças em *small-steps*. Além disso, enquanto a gradualidade (mudança no decorrer do tempo) pode ser discreta, a gradiência (variação da gramática sincrônica) não o pode.

Em nossos dados – como apontaremos na introdução do Capítulo IV desta pesquisa –, é possível verificarmos, nas ocorrências dos verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, que a manifestação da volição está associada a acepções anteriores desses verbos, o que pode evidenciar a progressividade dessa evolução. No caso específico de “tentar”, a volição está tão fortemente ligada à ideia de “tentativa” que podemos pensar que o processo ainda está em curso. No entanto, devemos destacar que tal associação pode também demonstrar que os diferentes verbos constituem usos volitivos distintos e específicos e, por isso, se relacionam, dada a trajetória de desenvolvimento individual de cada um, a noções, diacronicamente, relacionadas a eles. Neste caso, a expansão pragmática de cada elemento parece não implicar um desbotamento semântico.

Ainda no que se refere à emergência de novas construções a partir do uso, Traugott (2008b, 2011b) defende que tal mudança se processaria, em muitos casos, em contextos dialógicos. Isso porque, no decorrer da interação linguística, os participantes negociariam suas perspectivas, as quais não se encontram alinhadas, ou seja, apresentam-se em contextos contraditórios. Para a autora, a base para a interpretação dos usos emergentes estaria na negociação realizada pelo falante e nas diferentes perspectivas que ele evoca.

Esse fato acarreta o que Traugott (2011b) e Traugott e Trousdale (2013) denominam de *mismatch*. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), sob o ponto de vista construcional, a composicionalidade de uma construção pode ser observada em termos de *match* (convergência) e *mismatch* (divergência) entre forma e sentido. Para os autores, a convergência se dá quando se identifica uma expressão semanticamente composicional, isto é, o falante produz, sintaticamente, uma sequência convencional e o ouvinte compreende o sentido de cada item individualmente, sendo capaz de decodificar o significado do todo. Entretanto, se a expressão não for composicional, haverá um *mismatch* entre o significado individual dos elementos e o sentido do todo. Essa noção diz respeito ao fato de a intenção do falante e a interpretação do interlocutor não estarem sempre alinhadas, como observado no parágrafo anterior. Tal fato surge, como propõe Traugott (2011b), devido ao fato de falante e interlocutor não serem imagens refletidas um do outro, possuindo diferentes *status* cognitivos.

Assim, observando que a mudança linguística é motivada comunicativamente e que a inferência sugerida “engloba as complexidades da comunicação que o falante utiliza para evocar implicaturas sugerindo que o ouvinte faça as inferências necessárias para que se dê a comunicação” (MARTELOTTA, 2010, p. 62) – e, dessa maneira, resolver o conflito ocasionado pelo *mismatch* (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) –, acreditamos que seja por meio de tal processo de inferenciação que os usos volitivos dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” foram neoanalisados na língua. Diante das necessidades comunicativas, os falantes foram inovando, sendo possível a compreensão do sentido emergente devido à projeção de traços semântico-pragmáticos que possibilitaram sua interpretação.

Traugott (2008a), ao explicar esse processo de mudança, observa que, na gramaticalização: (i) toda a construção muda o sentido; (ii) uma nova construção passa por mudanças na estrutura gramatical e no comportamento, de acordo com sua nova função; e (iii) a expansão de construções para novos usos corresponde a uma mudança na distribuição daquela construção (TRAUGOTT, 2008a, p. 225). Dessa forma, a mudança se processa na língua em uso, durante a enunciação (GISBORNE & PATTEN, 2011). As novas ocorrências (ou *tokens*) emergem através da interpretação do par forma-sentido, de modo que o falante realize

generalizações dessas inovações – a partir de sua repetição – para criar um novo nível de abstratização. Logo, a mudança passa a ser concebida como um processo de esquematização pelo qual as construções se tornam cada vez mais abstratas.

Comungando com esta proposta está Noël (2007), que, embora admita que o conceito de esquematização esteja frequentemente relacionado ao de gramaticalização, realiza uma diferença entre ambos. A esquematização, segundo o autor, seria o desenvolvimento pelo qual certos padrões estruturais adquirem sentidos próprios, adicionando significado aos elementos lexicais que neles ocorrem. Esse tipo de formação de construção (ou construcionalização, segundo o autor) levaria a construções total ou parcialmente esquemáticas. Por sua vez, a gramaticalização, de acordo com Noël (2007), corresponderia ao desenvolvimento de padrões que, ao adquirirem sentido, passaram por uma mudança semântica, resultando em uma mudança gramatical. Ambos os processos resultariam em novas construções (novos pares forma-sentido), mas apenas os produtos do segundo processo apresentariam, garantidamente, significado gramatical verdadeiro.

Para Traugott e Trousdale (2013), uma visão construcional da gramática pode ser adaptada para dar conta da inovação e da mudança, desde que essa adaptação se dê a partir da adoção de uma abordagem baseada no uso, a qual – como anteriormente mencionado – é fundamentada na premissa de que a língua como um todo é uma rede (CROFT, 2001). Tendo em vista essa concepção do processamento da mudança linguística, Traugott (2008a, 2008b) defende que o trabalho em gramaticalização pode ser realizado a partir da identificação de:

- I. esquemas ou macro-estruturas;
- II. tipos de mudança generalizados;
- III. tipos de mudança específicos;
- IV. ocorrências empiricamente atestadas.

Essa identificação, a qual se relaciona à proposta da *Radical Construction Grammar* (CROFT, 2001; CROFT & CRUSE, 2004), pode ser observada através da definição de níveis, os quais sistematizam o processo de gramaticalização de cada construção individualmente. Estes focam no reconhecimento das similaridades e das

diferenças de cada construção e se organizam de forma que o primeiro esteja relacionado à frequência *token*, e os demais à frequência *type*:

- I. macroconstruções, que são pares de forma-sentido definidos pela estrutura e função;
- II. mesoconstruções, que são conjuntos de construções específicas que apresentam um comportamento similar;
- III. microconstruções, que são tipos individuais de construção;
- IV. construtos, que são as ocorrências atestadas empiricamente e que se caracterizam por serem o *locus* da mudança.

Com base nos níveis acima, temos que: (i) a partir do momento em que uma inovação (construto) é convencionalizada pela comunidade linguística, uma microconstrução emerge na língua; e (ii) os diferentes tipos de construção estabelecem uma relação hierárquica entre si. Dessa forma, uma construção mais esquemática se realiza através de uma construção menos esquemática; e esta, por sua vez, cabe, parcialmente, em um nível esquemático maior.

Assim, os construtos envolveriam uma neanálise do material linguístico, através de inferências sugeridas e implicaturas conversacionais, as quais se estabelecem diante da negociação de sentido entre os participantes de uma interação (TRAUGOTT E DASHER, 2005; TRAUGOTT, 2010a). A frequência empregada na mudança construto > microconstrução é a frequência *token*. De acordo com Bybee (2003), essa frequência diz respeito à quantidade de ocorrências de uma determinada construção, ou seja, ao seu número de realizações. Esse fato é importante, segundo a autora, pois o aumento desse número leva à implementação de determinadas características, as quais são associadas à gramaticalização, a saber: (i) habituação e exaustão do ato de fala ou da força; (ii) automatização como redução (*chunk*); e (iii) uso com função esquemática.

Por sua vez, as mesoconstruções – ou subesquemas, como entendemos, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) – seriam grupos de microconstruções associadas sob uma função mais abrangente (TRAUGOTT, 2008a, 2008b). Nesse nível, perceberíamos similaridades entre padrões construcionais distintos. Já no nível das macroconstruções – ou dos esquemas, como entendemos, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, identificaríamos a existência de macroesquemas

altamente abstratos. Diante da característica desse último nível, Traugott (2008a, 2008b) acredita que a atração semântica que possibilitaria, via analogia, a gramaticalização de uma expressão a partir da instanciação de uma outra construção ocorreria no nível das mesoconstruções. Nesses três níveis, microconstruções, mesoconstruções e macroconstruções, verificamos a atuação da frequência *type*. Ela, segundo Bybee (2003), refere-se ao número de expressões possíveis para uma determinada categoria. Logo, o que está em foco não é o número de representações de uma construção individual, mas sim a quantidade de realizações de uma construção abstrata. Assim, nosso aparato cognitivo é capaz de estabelecer similaridades entre as diferentes construções, de modo a organizá-las em esquemas, os quais podem ser replicados – isto é, passam a servir de base para o desenvolvimento de outras microconstruções, via frequência *type* –, tornando-se cada vez mais esquemáticos.

Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) pontuam que o aumento da frequência *token* resultaria do aumento da frequência *type*. Os autores ainda ponderam que a produtividade desta, por sua vez, estaria relacionada ao aumento de esquematicidade. Assim, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), quando novas construções são formadas, há uma expansão decorrente do aumento gradual de sua frequência de uso no decorrer do tempo, de modo que os falantes passem a usar cada vez mais instâncias de uma nova construção. Além disso, a expansão da classe primária da construção (*host-class expansion*) é também uma marca do aumento de sua produtividade. Isso é considerado, segundo os autores, como um aumento da frequência *type* de uma construção.

Portanto, nesse modelo, os construtos seriam produzidos pelos falantes e processados pelos ouvintes, tornando-se o *locus* da mudança. Traugott e Trousdale (2013) ratificam essa proposta, destacando que as inovações são típicas do conhecimento individual e que essas passam a ser convencionalizadas a partir do seu compartilhamento entre os usuários da língua. Tal convencionalização resulta em mudança linguística. Os autores prosseguem defendendo que essa abordagem, denominada de *bottom-up*, evidencia o fato de que falantes e ouvintes abstratizam somente o necessário para capturar generalizações relevantes para esse processo. Assim, as neoanálises responsáveis pela emergência de novas construções são,

conforme já apontado, mudanças abruptas em *small-steps* implementadas via analogização.

Observando a proposta dessa perspectiva acerca do desenvolvimento de redes construcionais, este trabalho – como já salientado – visa a estabelecer um possível esquema que integra os verbos volitivos da língua portuguesa, identificando os diferentes níveis de análise descritos. A fim de definir um possível esquema que estaria por trás do desenvolvimento de verbos volitivos no português, esta seção desenvolveu a proposta do possível estabelecimento de redes construcionais. Nesse sentido, não pôde deixar de mencionar os mecanismos da analogização, da neanálise e da repetição, visto que eles estão associados ao processo.

Como acreditamos – e demonstraremos no Capítulo IV deste trabalho –, o desenvolvimento de verbos volitivos no português envolveria, por exemplo, a atualização da categoria *irrealis*, que constituiria, portanto, uma característica [+esquemática] dessa rede. Observar o grau de conceptualização dessa categoria faria com que pudéssemos estabelecer subesquemas, que englobariam os tipos individuais de cada construção, isto é, microconstruções. Estas, como anteriormente mencionado, são determinadas pelo aumento da frequência, de modo a se convencionalizarem como tipos individuais de construções. Em nossa pesquisa, defendemos que as microconstruções, atestadas a partir da análise pontual dos construtos identificados, caracterizam-se pela especificação do verbo junto a um dado complemento – o qual está relacionado a um dos subesquemas da rede construcional volitiva –, bem como pela presença de um sujeito [+animado]. Esse padrão formal se alinha, em termos de sentido, à escalaridade de cada microconstrução, uma em relação a outra, para codificar a vontade do sujeito volitivo.

1.3. Conclusões

Esta pesquisa assume a premissa de que os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” passaram por um processo de mudança linguística, de modo a desenvolverem usos volitivos. Com isso, nosso intuito é averiguar quais

seriam os padrões comuns que unem esses diferentes verbos, tendo em vista seu uso volitivo e não esquecendo as especificidades de cada padrão em particular.

Considerando o objetivo delineado para o desenvolvimento deste trabalho, este capítulo se propôs a fundamentar teoricamente este estudo, observando as principais contribuições da abordagem construcional da mudança linguística. A partir da exposição realizada, que contemplou considerações acerca da gramaticalização de construções e da construcionalização, defendemos que a perspectiva adotada integra questões de ordem estrutural, semântica e discursiva, as quais se tornam fundamentais para a compreensão do fenômeno da mudança. Além disso, entendemos que o desenvolvimento das construções aqui estudadas constitui um caso de construcionalização, já que podemos averiguar, através da análise dos dados (ver Capítulo IV), o surgimento de novos pares de forma-sentido, os quais podem ser organizados em uma rede construcional.

Como evidenciado neste capítulo, o trabalho com a identificação de padrões construcionais permite que alinhemos padrões de uso a padrões gramaticais. Logo, o desenvolvimento de verbos volitivos no português pressupõe o estabelecimento de padrões gramaticais, os quais estão diretamente relacionados ao uso volitivo.

Além de se pautar na premissa do pareamento forma-sentido e em questões pragmáticas e cognitivas que propulsionam e implementam a mudança, uma das principais contribuições da construcionalização, destacada neste capítulo, é pensar a mudança como um processo integrado, de modo que o desenvolvimento de construções individuais possa ser visto a partir do estabelecimento de uma rede construcional. Diante do objetivo traçado para esta pesquisa, acreditamos que essa abordagem vem a auxiliar, substancialmente, a descrição dos verbos volitivos do português, permitindo a sistematização de seu processo de mudança. Assim, partindo do estabelecimento de uma rede construcional, podemos averiguar cada nível de desenvolvimento de construções volitivas com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”.

Para tanto, a proposta dos níveis de esquematicidade fornece ferramentas que nos auxiliam a compreender como ocorreu o processo de mudança. Como visto, os mecanismos da neoanálise, da analogização e da frequência atuam de modo que se instanciem padrões construcionais individuais e que se estabeleça uma rede construcional a partir desses padrões. Durante a interação, as novas construções

volitivas, tendo como base construções pré-existentes, emergem através de uma nova interpretação do par forma-sentido. Através da frequência de uso, tais construções se rotinizam – o que faz com que esse mecanismo seja uma evidência empírica de que as inovações estão se ritualizando e sendo codificadas no sistema linguístico –, de forma que o falante realize generalizações dessas inovações, a partir de sua repetição, bem como de outras construções com verbos volitivos, para criar um novo nível de abstratização, mais esquemático. Assim sendo, tendo em vista os diferentes níveis de esquematicidade propostos (construto, microconstrução, subesquema e esquema), tal processo pressupõe um percurso que implica aumento de esquematicidade e produtividade de uma construção, bem como decréscimo em sua composicionalidade.

CAPÍTULO II

VOLUÇÃO, MODALIDADE E VERBOS VOLITIVOS

Mediante a afirmação de que os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” podem expressar a volição do falante, cabe-nos discorrer sobre esse conceito, uma vez que – como discutiremos neste capítulo – a noção de volição aparece associada a outros valores semânticos. Tendo em vista a abrangência conceitual da vontade humana, infere-se que, em termos linguísticos, essa característica também é manifestada. Conforme pontuado no Capítulo I, é possível verificarmos diferentes padrões de uso relacionados a determinados padrões gramaticais, o que nos leva a pensar que as construções identificadas revelam formas diversas a partir das quais o falante conceptualiza aquilo que almeja. Logo, no presente capítulo, objetivamos estabelecer – de acordo com o escopo desta pesquisa – uma melhor compreensão acerca da ideia de volição ao abordarmos tanto trabalhos no campo filosófico como pesquisas de natureza linguística que tratam, pontualmente, da noção de volição e do desenvolvimento de usos volitivos para os verbos em estudo. Assim sendo, este capítulo discute as noções de volição e modalidade, relacionando-as ao desenvolvimento dos verbos volitivos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”.

Para tanto, tratamos, na seção 2.1., da noção de volição em outras áreas de estudo, como a Filosofia.

Em seguida, na seção 2.2., abordamos o tratamento que os estudos de natureza linguística têm conferido a questões intimamente relacionadas à noção de volição e ao desenvolvimento de verbos volitivos. A fim de cumprir os objetivos propostos na seção 2.2., procedemos da seguinte maneira: a) na subseção 2.2.1., caracterizamos a noção de modalidade volitiva, demonstrando que os eventos volitivos são projetados no plano da futuridade pelo falante; b) na subseção 2.2.2., defendemos que a volição estaria intimamente relacionada à categoria *irrealis*; e c) na subseção 2.2.3, revisamos os principais pressupostos assumidos por estudos que tratam pontualmente da gramaticalização dos verbos “querer”, “esperar” e

“buscar”, uma vez que para os verbos “procurar” e “tentar” não foram encontrados trabalhos que abordem seu desenvolvimento.

Por fim, na seção 2.3., apresentamos algumas conclusões acerca das questões discutidas ao longo do capítulo.

2.1. Volição: considerações gerais

A volição, em Filosofia, corresponde à noção de vontade, não tendo sido, inicialmente, um tema muito abordado pelos pensadores gregos. Isso porque conceitos como individualidade e, conseqüentemente, subjetividade e unidade – essenciais para a compreensão da vontade como fator subjetivo – só passaram a ser construídos, no raciocínio ocidental, a partir da Idade Moderna (REALE, 2001). Todavia, como pontua Reale (2001), os gregos teorizavam acerca do caminho para se alcançarem o Bem e a Felicidade. Para eles, Bem e Felicidade constituiriam os objetivos a serem alcançados, e a vontade (ou volição) um dos meios pelos quais a meta seria atingida.

Abbagnano (2000) observa que, na filosofia tradicional, é possível identificarmos dois usos distintos para o termo vontade, a saber: (i) como princípio racional da ação; e (ii) como princípio da ação geral. A respeito do primeiro uso, o autor salienta o seguinte:

O primeiro significado é o da filosofia clássica: para ela a V. é apetite racional ou compatível com a razão, distinto do apetite sensível, que é o *desejo* (v.). A distinção entre essas duas coisas está em Platão, para quem retores e tiranos não fazem o que *querem*, embora façam o que lhes agrada ou parece, visto que fazer o que se quer significa fazer o que se mostra bom ou útil, e isso é agir racionalmente (*Górg.*, 466 ss.). Aristóteles definiu a V. como “apetição que se move de acordo com o que é racional” (*De an.*, III, 10, 433 a 23); o termo *voluntário* é usado por Aristóteles para definir a escolha (v.), que seria “a apetição voluntária das coisas que dependem de nós” (*Et. nic.*, III, 3, 1113 a 10). Os estóicos concordaram com esse conceito de V., por eles definida como “apetição racional” (DIÓG. L., VII, 116). Cícero referia-se a essas doutrinas afirmando que “a V. é um desejo compatível com a razão, enquanto que o desejo oposto à razão, ou demasiado violento para ela, é a libidinagem ou a cupidez desenfreada que se encontra em todos os insensatos” (*TUSC.*, IV, 6, 12). (ABBAGNANO, 2000, p. 1008)

A partir da noção de vontade como princípio racional da ação, verifica-se que aquela é tida como uma espécie de fonte que visa a um determinado objetivo, o qual é alcançado através de uma ação. Essa visão teleológica do agir humano, como visto no fragmento anterior, é recorrente, por exemplo, em Aristóteles. Foi este pensador quem iniciou o desenvolvimento de uma teoria da ação focada no ser humano como fonte e princípio do agir. Segundo Armendane (2010), o filósofo grego defendia que, em toda ação voluntária praticada pelo ser humano, existe alguma finalidade desejada, ou seja, o Bem (ou a Felicidade).

Nesse sentido, Höffe (2008) observa que, para Aristóteles, a ação está diretamente relacionada ao desejo, ao querer e à vontade humana. Assim sendo, o desejo humano apoia-se em ansiar a felicidade. O reconhecimento consciente desse fim se dá por meio da escolha e pertence, segundo Höffe (2008), essencialmente à vontade dos agentes racionais. Logo, para Aristóteles, um ato voluntário apresenta como fonte o próprio agente conhecedor das circunstâncias particulares em que está agindo.

Já no que se refere ao segundo significado, recorrente na filosofia tradicional, atribuído à noção de vontade – isto é, vontade como princípio da ação geral –, Abbagnano (2000) realiza o seguinte comentário:

Por outro lado, a V., às vezes, foi identificada com o princípio da ação em geral, ou seja, com a apetição. O primeiro a expor esse conceito generalizado da V. foi S. Agostinho, segundo quem “a vontade está em todos os atos dos homens; aliás, todos os atos nada mais são que vontades” (*De civ. Dei*, XIV, 6). S. Anselmo repetia essa noção (*Libero arbitrio*, 14, 19), que na idade moderna foi aceita por Descartes. Este, assim como S. Agostinho, chamou de V. todas as ações da alma em oposição às paixões [...]. (ABBAGNANO, 2000, p. 1009)

Como se pode depreender, a noção de ação permeia ambas as significações do termo. Se, por um lado, a filosofia clássica entende a vontade como um princípio que norteia ações voluntárias objetivas – visão fortemente ligada ao pensamento aristotélico –, por outro, ela também concebe a vontade – como se averigua no fragmento transcrito acima – como uma fonte na qual se baseiam todas as ações humanas. Nesse ponto, destaca-se que esta noção não concebe vontade como uma faculdade ligada, de forma indissolúvel, à ação física. Defendendo esse

posicionamento está Santo Agostinho, que acredita que, mesmo não dando sequência a seu querer, o homem que decide realizar algo já praticou, com isso, uma ação.

Bignotto (1992) salienta que, para Santo Agostinho, as considerações realizadas por Aristóteles acerca da natureza dos atos voluntários não eram suficientes para explicar o funcionamento da vontade. Dessa forma, o pensador medieval defende que a vontade é livre, uma vez que tal princípio opera na ausência total da necessidade. Isso significa que ela corresponderia a uma faculdade interior que não precisaria, necessariamente, ser expressa para possuir essência. Para exemplificar essa asserção de Santo Agostinho sobre a vontade humana, Bignotto (1992, p. 333) pontua que “podemos obrigar alguém a fazer alguma coisa, mas nunca a querê-la”.

No século XX, o filósofo Wittgenstein, por sua vez, destaca-se nos estudos sobre volição (ou vontade). Segundo Glock (1998), Wittgenstein apresenta dois momentos distintos no que se refere ao desenvolvimento dessa concepção, os quais podem ser traduzidos através das obras *Tractatus Logicus-philosophicus* e *Investigações Filosóficas*. Nesta última, Wittgenstein (1994, p. 213) afirma que “o querer [a vontade] é tão-somente uma experiência”, ou seja, é a própria ação humana. Nesse sentido, Glock (1998) acredita que o autor rompe com a ideia contemplativa de vontade presente no *Tractatus*, no qual a caracteriza como um fenômeno, isto é, um evento ordinário que simplesmente nos ocorre e que se relaciona, de forma efêmera, as nossas ações.

Conforme Faustino (2007), é possível observar, sob um determinado viés, um alinhamento entre o pensamento do primeiro Wittgenstein e o de Schopenhauer. Para a autora, o conceito wittgensteiniano de vontade psicológica (ou a vontade como fenômeno) pode ser concebido na linha do que Schopenhauer destacou acerca da vontade humana ligada ao indivíduo, o qual participa do mundo e das formas do fenômeno. Isso porque, para Wittgenstein, a vontade psicológica se manifesta no corpo e nos movimentos corporais. Dessa forma,

[...] o ponto pacífico do acordo entre ambos os filósofos seria o de não conceber a vontade psicológica apenas como um estado mental do agente, separável de suas manifestações corporais (isto é: fenomenais, para Schopenhauer; factuais, para Wittgenstein). Como Schopenhauer deixa claro no livro *Il d'O mundo como vontade e representação*, todo ato da vontade do sujeito é necessariamente ao mesmo tempo um movimento de seu corpo, de modo que a ação do corpo nada mais é que o ato da vontade objetivado. (FAUSTINO, 2007, p. 267)

Assim como Aristóteles, Wittgenstein (1994) julga ser o homem o princípio e a fonte de sua ação. Contudo, diferentemente do primeiro, este defende que a vontade não é um princípio intencional, não correspondendo, conseqüentemente, a uma representação pré-existente na mente humana. O próprio agente humano a produz e a controla ao realizar uma ação.

Logo, como pontua Siqueira (2009), o querer, para Wittgenstein (1994), não é um projeto mental anterior a uma ação corporal. Assim sendo, o filósofo propõe que, em vez de se examinar o significado da vontade figurada na mente, deve-se observar o uso das palavras dentro do contexto linguístico. O uso da linguagem caracteriza-se por ser fruto de um aprendizado. Desse modo, por exemplo, para que os nomes e as sentenças em português possam ser usados de uma maneira inteligível, é necessário que o idioma tenha sido aprendido antes de tudo.

Diferenças à parte em relação aos dois momentos do pensamento de Wittgenstein, podemos destacar que, além de considerar a vontade como algo que impulsiona as ações humanas em muitos momentos, o autor também passa a considerá-la a partir de sua manifestação no uso da linguagem.

Por sua vez, McCann (1974), discorrendo acerca do caráter volitivo, pontua que a volição, devido ao fato de ser um processo mental/um pensamento, seria sim intencional – o que justificaria sua frequente associação à noção de intenção –, apresentando, nesse sentido, um objeto intencional ou um conteúdo proposicional. Para o autor, essa característica faria com que a volição possuía conseqüências causais, e não resultados. Contudo, ela também atuaria além-pensamento. Dessa forma, seu cunho acional seria configurado, visto que – mesmo não apresentando resultados, como destacado – compartilharia características intuitivas das ações, como o fato de os agentes serem responsáveis por elas e as controlarem. Em outras palavras, podemos depreender que a volição pode representar a intenção do falante em realizar algo, tendo em vista o controle que possui para que aquilo se torne

exequível. McCann (1974) salienta, portanto, que a volição seria um ato executivo em relação a um desejo e a uma intenção.

Como se verifica nas considerações realizadas até o momento, a volição, enquanto conceito, gera controvérsia entre os diferentes pensadores que buscam compreendê-la. Entendendo-a como uma noção ampla que englobaria desejos e intenções e que estaria relacionada à possível execução de uma ação, podemos supor que esse conceito envolve, na verdade, a manifestação de um evento volitivo diretamente relacionado ao grau de incerteza epistêmica que o falante possui para torná-lo exequível. Nesse sentido, o falante concebe a sua vontade de maneira escalar de modo que, quanto menor a incerteza que possui sobre o evento, maior será a possibilidade em realizá-lo.

Dessa forma, podemos destacar, a partir do que foi dito, que a volição está diretamente relacionada à manifestação de uma vontade que pode levar a atitudes acionais. Neste trabalho, alinhamo-nos com a proposta de Zhu (2004), que considera a volição tanto como um processo iniciador da ação, quanto como controle executivo essencial da ação na implementação da intencionalidade. Com isso, Gomes (2007) acredita que, para Zhu (2004), a ação de um sujeito volitivo poderia ser descrita como um movimento precedido pelo pensamento, realizando combinações apropriadas de crenças e desejos, intenções ou razões.

Defendendo, portanto, que a volição diz respeito, ao mesmo tempo, a um processo mental e a um processo acional, acreditamos que tal noção possa ser concebida através de uma escalaridade que engloba essa dupla característica. A partir da concepção de que determinadas vontades seriam mais exequíveis e, portanto, mais próximas do campo acional do que outras, o sujeito volitivo conceberia a volição de diferentes maneiras. Tal possibilidade refletiria – e justificaria – diferentes ideias associadas à volição (como intenção e desejo) e diferentes construções linguísticas utilizadas para expressá-la, como defendemos nesta pesquisa.

2.2. Estudos linguísticos sobre volição

Observamos, na subseção anterior, que a volição (ou vontade) é tema recorrente nos estudos de diferentes autores, principalmente, no campo filosófico. A partir da referência de alguns trabalhos, pudemos averiguar que a volição é, usualmente, relacionada ao agir. Nesse sentido, assumimos que a ideia de ação – não somente a ação voluntária, como propôs Aristóteles – subjaz a tal princípio, podendo revelar o processo intencional que controla o ato executivo (ZHU, 2004). Wittgenstein (1994), como visto, inicia um tratamento, de cunho mais filosófico, acerca da possível relação entre linguagem e vontade. Adotando uma perspectiva pragmática, ele demonstra que a vontade é explicitada por meio do uso da linguagem. Dessa forma, nesta seção, destacamos como as pesquisas linguísticas abordam a noção de volição.

Na Linguística, de modo geral, o estudo sobre volição ainda é pouco explorado e recai, predominantemente, na categoria modalidade – como verificaremos na subseção 2.2.1. – e, mais especificamente, nos verbos que expressam essa noção.

Entende-se por modalidade a “indicação da atitude do falante em relação ao que diz; a explicitação de sua atitude face à situação que exprime numa proposição; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz” (TRAVAGLIA, 1991, p. 66). Recorrentemente, defende-se que essa categoria divide-se em diferentes (sub)tipos, dentre os quais, o volitivo. Esse tipo específico de modalidade¹⁶, como julgamos se tratar, relaciona-se, segundo Rescher (1968), à codificação do desejo.

Nesse sentido, o presente trabalho compreende que os verbos em análise – “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” – podem posicionar o ponto de vista do falante no discurso, indexando seus desejos/suas intenções. Dessa forma, os verbos se caracterizam pelo seu uso modal, manifestando a volição do falante.

Sobre o conceito de verbo, comungamos com a proposta de Travaglia (2002, p. 97), que o define como

¹⁶ Frisamos que abordaremos mais detalhadamente, na subseção 2.2.1., a classificação dos diferentes tipos e subtipos de modalidade, incluindo a discussão acerca se, de fato, a volição estaria relacionada a um tipo de modalidade mais basilar ou constituiria um tipo distinto dessa categoria.

A classe de palavras que exprime situações inseridas no tempo, e que tem uma grande número de flexões marcadas de número-pessoa e tempo-modo e que do ponto de vista sintático seria o atribuidor de papéis argumentais ou como se diz tradicionalmente o termo necessário do predicado. O verbo tem associado a ele a expressão de várias categorias: o número e a pessoa (que seriam categorias nominais repetidas no verbo) e o tempo, modo, aspecto e voz (que seriam as categorias propriamente verbais). (TRAVAGLIA, 2002, p. 97)

No que tange aos verbos volitivos, temos que tal classe apresenta um sentido basilar predominantemente relacionado à vontade do referente-sujeito, como temos defendido nesta pesquisa. Essa classificação semântica do verbo, contudo, já pode ser observada, por exemplo, no trabalho de Cezário (2001), o qual se fundamenta em Givón (1990, 1995). A autora, ao analisar os estágios de gramaticalização nos períodos compostos por construções com os verbos “achar”, “ver”, “saber”, “mandar”, “querer” e “deixar” com cláusulas completivas, defende que “achar”, “ver” e “saber” são verbos que apresentam basicamente sentido cognitivo, enquanto “mandar”, “querer” e “deixar” apresentam sentidos relacionados à volição. Dessa forma, admite, apoiando-se em Givón (1995), três classificações para os verbos transitivos, como se verifica no quadro abaixo:

Quadro 2 - Classificação semântica dos verbos transitivos baseada em Cezário (2001, p. 17-20)

Classificação semântica dos verbos transitivos	Características e Exemplos
<p>Cognitivos ou Proposicionais (relacionados à modalidade epistêmica)</p>	<p>Expressam percepção, cognição, atitude mental ou articulação verbal.</p> <p>Exemplos: <i>pensar, achar, dizer, afirmar</i> etc.</p> <p>Seus complementos expressam uma proposição que pode ser estado ou ação.</p>
<p>Volitivos (relacionados à modalidade da vontade)</p>	<p>Expressam atitude subjetiva de vontade/desejo.</p> <p>Exemplos: <i>querer, desejar, deixar, pedir</i> e <i>exigir</i>.</p> <p>Seu sujeito pode expressar manipulação, quando o complemento expressa um evento desempenhado ou a ser desempenhado pelo manipulado.</p>
<p>Modais ou Aspectuais (relacionados à modalidade de obrigação ou necessidade)</p>	<p>Expressam inexecução, terminação, persistência, sucesso, esforço, intenção, obrigação, habilidade, dentre outras noções de modalidade (de obrigação ou de necessidade) ou noções de aspecto.</p> <p>Exemplos: <i>começar, terminar, poder, dever</i> etc.</p> <p>Exige-se que haja identidade de sujeito e apagamento do sujeito da segunda parte da estrutura. Outra característica é o fato de as duas partes da estrutura referirem-se a um só tempo.</p>

O primeiro aspecto que salientamos a partir do quadro acima é a relação estabelecida entre as classificações semânticas abordadas e os diferentes tipos de modalidade. Tal fato reforça a necessidade de, nesta pesquisa, analisarmos, sob o viés da categoria modalidade, os verbos volitivos aqui estudados. Além disso, é possível vermos que, pelo menos sob a perspectiva adotada por Cezário (2001) – e defendida neste trabalho –, a volição pode ser considerada um tipo (e não um subtipo) de modalidade. No que se refere às classificações mencionadas no Quadro

2, bem como suas diferentes características, interessa-nos, para o desenvolvimento deste capítulo, a dos volitivos.

Comparando os grupos de verbos citados anteriormente – cognitivos e volitivos –, Cezário (2001) defende que os primeiros apresentam graus de integração mais baixos em relação aos volitivos, uma vez que os conteúdos da subordinada de verbos cognitivos estão mais distantes conceptualmente do que é expresso nas suas cláusulas principais. Para medir, através de uma escala, o grau de integração de cada dado, a autora valeu-se de nove fatores (modo, tempo, sujeito ausente/presente, sujeito animado/inanimado, implicação, controle, sujeito idêntico/diferente, sujeito individuado/não-individado e inserção de material fônico), revelando que os verbos volitivos (“mandar”, “querer” e “deixar”) distribuem-se por diferentes graus (+ ou – integrado), mas se concentram nos graus que indicam maior integração entre as cláusulas. Isso, em parte, será comprovado nesta pesquisa. Como verificaremos no Capítulo IV, a maior integração entre cláusulas é bem mais frequente nos dados identificados, entretanto, para o verbo “esperar” – o qual não foi analisado por Cezário (2001) –, e, para os demais verbos, as orações possuem, preferencialmente, uma menor integração.

Ainda conforme Cezário (2001), as principais diferenças entre os verbos cognitivos e volitivos podem ser explicadas pelo *subprincípio da proximidade* – relacionado ao *princípio da iconicidade* –, segundo o qual os conceitos que estão mais integrados cognitivamente manifestam-se com maior integração morfossintática.

No que se refere, especificamente, a esse princípio e a seus subprincípios, defendemos, neste estudo, sua relevância na instanciação dos diferentes subesquemas envolvendo as construções volitivas com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Hengeveld *et al.* (2012), ao tratarem dos níveis de organização linguística, destacam que, no nível morfossintático, são observados os aspectos estruturais de uma unidade, relacionando-os – tendo em vista, ainda, o nível fonológico – à codificação das distinções interpessoal (nível referente à interação entre falante e ouvinte) e representacional (nível referente aos aspectos semânticos de uma unidade linguística). Logo, para os autores, muito daquilo que pode ser verificado no nível morfossintático é motivado funcionalmente; ou seja, os “princípios ordenadores são motivados por iconicidade, integridade de

domínio e preservação das relações de escopo” (HENGEVELD *et al.*, 2012, p. 58-59). Detendo-nos na iconicidade, temos que, conforme Neves (1997, p. 103), ela corresponde a “um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana”, havendo, portanto, uma relação natural entre o código linguístico e o seu *designatum*. Dessa maneira, julgamos que tal princípio seja relevante na compreensão dos subesquemas envolvendo verbos volitivos do português, uma vez que defendemos a relação entre o nível morfossintático e os níveis interpessoal e referencial, de modo a se estabelecer uma ligação/relação icônica entre a forma e a função dos padrões identificados.

Cezário (2001) também ressalta, como se visualiza no Quadro 2, que, quando o complemento de um verbo volitivo é um evento desempenhado ou a ser desempenhado por alguém, o sujeito desse verbo pode expressar manipulação. No exemplo abaixo, a autora demonstra tal possibilidade:

(06) O então candidato do PDT se **deixou** levar pela pressão corporativa dos 13 mil empregados da CEDAE. (CEZÁRIO, 2001, p. 172)

De acordo com sua análise, o referente “o candidato”, em (06), sofre manipulação por meio da pressão corporativa dos 13 mil empregados. A autora ainda destaca que essa manipulação associa-se ao fato de haver dois sujeitos no enunciado: um que manipula e outro que é manipulado. Além disso, a manipulação, de acordo com Cezário (2001), pode revelar, além de um desejo, um pedido ou uma ordem.

Ainda no que tange às características dos verbos volitivos, é relevante observarmos o trabalho de Clements (1992), o qual, ao analisar dados do espanhol, opera com verbos “volitivos”, “emotivo-factuais”, “de crença” e “de ordem”. O autor realiza considerações relevantes acerca da complementação desses verbos, o que pode vir a contribuir para o estabelecimento de um possível padrão construcional para os volitivos no português.

Clements (1992) apoia-se na diferença proposta por Castañeda (1975) entre pensamento proposicional e pensamento prático, a fim de investigar a relação de complementação em predicados infinitivos no espanhol. Este autor observa que, por conta da constante inter-relação entre ação humana, pensamento e linguagem –

como observado nesta pesquisa –, um estudo, o qual denomina de “linguagem de ação”, se faz necessário. Partindo dessa concepção, ele desenvolve uma distinção entre dois tipos de pensamento (*thinking*), a saber: o proposicional (PropT) e o prático (PracT). Essa diferenciação pode ser expandida e incluir uma nova distinção, análoga à primeira, entre conhecimento (*knowledge*) proposicional (PropK) e conhecimento (*knowledge*) prático (PracK).

Sobre o pensamento proposicional, Castañeda (1975) destaca que, quando lidamos com o mundo, postulamos histórias e inventamos teorias acerca de como as coisas são e de como elas se afetam. O conhecimento que obtemos através desse pensamento é o proposicional. Esse pensamento nos permite obter o conhecimento proposicional, ou seja, o conhecimento-base do qual somos dependentes para observar os fenômenos e expressá-los em enunciados, os quais, nesse sentido, se apresentam como proposições. Logo, esses enunciados (sentenças ou orações) contêm um predicado que pode ser avaliado em termos de falsidade e veracidade, a depender de uma dada situação espaço-temporal.

Já no que se refere ao pensamento prático, Castañeda (1975) diz que é o tipo de pensamento que consiste em pensar sobre o que se faz e sobre o que o outro faz, em intencionar ou decidir fazer algo e em aconselhar ou dizer a outros o que fazer. Essas atitudes são alguns dos usos práticos da razão e dizem respeito ao pensamento prático, o qual envolve, portanto, intenção ou inclinação para se realizar algo. Esse pensamento cede ao conhecimento prático e apresenta, como resultado, as práticas. Uma vez que elas têm a ver com intenções e inclinações, elas não possuem um valor de verdade (exemplos: sentença no tempo futuro, julgamentos deônticos e mandados).

Com isso, podemos notar que, para Castañeda (1975), existe uma diferença entre as proposições e as práticas. As primeiras são baseadas na observação contemplativa e possuem um valor de verdade, enquanto as últimas envolvem inclinação e intenção em fazer, não possuem valor de verdade e, a princípio, estariam, para nós, mais claramente relacionadas à noção de volição. Esse pensamento corrobora a ideia defendida, neste trabalho, de que as construções volitivas marcam a conceptualização do falante em relação à execução (prática) daquilo que almeja, o que, no momento da fala, ainda se encontra no campo do não-atualizado (do pensar).

Tendo como base a diferenciação entre pensamento/conhecimento proposicional e prático, Clements (1992) analisa os verbos do espanhol *creer* (que indica crença), *lamentar* (que se caracteriza como emotivo-factivo), *querer* (que se apresenta como volitivo), *obligar* (que expressa ordem) e observa que os predicados infinitivos desses verbos são, basicamente, estativos¹⁷ ou orações encaixadas. A partir dessas considerações, é possível reproduzirmos o quadro elaborado pelo autor acerca dessa complementação:

Quadro 3 – Proposta de complementação verbal (CLEMENTS, 1992, p. 48)

	<i>crença</i> (<i>creer</i>)	emotivo-factivo (<i>lamentar</i>)	Volitivo (<i>querer</i>)	Ordem (<i>obligar</i>)
Estativo	+	+	+	-
Oração encaixada	Prop.	Prop.	Pract.	Pract.

Como se pode depreender, o quadro acima demonstra que o verbo volitivo “querer” apresenta o traço [+ estativo] e, complementado por uma oração encaixada, tem como resultado uma prática, a qual está diretamente relacionada à inclinação/intenção do falante.

A respeito dos predicados volitivos, Clements (1992) pontua que eles, dessa maneira, exibem traços tanto de verbos proposicionais quanto de verbos práticos. Isso porque, assim como “obligar”, predicados volitivos levam a práticas. Nesse sentido, as orações encaixadas desses predicados não podem ser nem verdadeiras nem falsas – fato que, para Clements (1992), está diretamente relacionado à restrição da marcação de tempo. Esse ponto levantado pelo autor nos remete à ideia de que a volição – como defendemos – diz respeito a um evento que não foi atualizado, isto é, encontra-se no campo do não-real. Contudo, assim como “acreditar” e predicados factivo-emotivos, os volitivos são estativos. Essa característica pode ser observada no exemplo abaixo, dado pelo autor:

¹⁷ Os predicados estativos descrevem um estado, como em “Eu estou com medo”. Tais predicados podem ser realizados de diferentes maneiras, como por locuções adjetivas, por locuções verbais com um verbo estativo ou, como no exemplo dado, somente por um verbo estativo. Segundo Garcia (2010), a classificação de um verbo como estativo está diretamente relacionada à noção de aspecto. O autor observa que verbos estativos não apresentam um caráter progressivo. Assim, propõe se tratar de verbos denotativos de uma situação em que não ocorre qualquer modificação no sujeito e no objeto.

(07) *Julia quiere {sentirse bien/tener um resfriado/tener razón/cenar temprano/ir al parque/llegar a la hora} (hoy/ todos los días)* (CLEMENTS, 1992, p. 49)
“Julia quer {sentir-se bem/ter um resfriado/ter razão/jantar cedo/ir ao parque/chegar na hora} (hoje/todos os dias)”

Em (07), Clements (1992) argumenta que o predicado, em si, se caracteriza por ser estático. No entanto, o complemento infinitivo de “querer” – representado entre chaves, no exemplo – configura-se como uma prática, revelando, assim, a intenção/inclinação de Julia.

Pontuando a característica dos verbos volitivos apresentarem, basicamente, uma oração encaixada como complemento – conforme observado por Clements (1992) e conforme demonstraremos nesta pesquisa –, faz-se necessário compreender as noções de predicação e encaixamento adotadas neste trabalho. Primeiramente, verificamos a pesquisa de Koch (1984), na qual a autora investiga certas expressões modalizadoras de enunciados – indicadoras de intenção, sentimento e atitude do falante em relação ao seu discurso –, que, devido à estrutura oracional, são analisadas como orações matrizes em relação a outras que funcionam como complemento. Estas apresentam uma ligação de dependência em relação à oração matriz e são tidas, assim, como orações encaixadas.

Lehmann (1988) opera com a ligação entre cláusulas binárias, esclarecendo os conceitos de parataxe, hipotaxe e encaixamento. Segundo o autor, o encaixamento diferencia-se da hipotaxe por esta – que também é um processo de subordinação – não exigir um sintagma subordinador, nem no nível sintático nem no nível morfológico. Já a parataxe é um processo coordenado de orações. Dessa maneira, Lehmann (1988) entende que o encaixamento estabelece uma relação de completa dependência entre a oração matriz e a oração encaixada. E isso é o que julgamos ocorrer com as orações identificadas (infinita e finita), as quais se encontram integradas às orações principais, em que figuram os verbos volitivos em estudo.

No entanto, devemos frisar que essa integração apresenta-se de maneiras distintas – como verificaremos nas subseções 4.2.2. e 4.2.3.–, a depender do tipo de oração encaixada. Tal aspecto decorre do *subprincípio da proximidade*, relacionado, como observado anteriormente, ao *princípio da iconicidade*. De acordo com Wilson e Martelotta ([2008], 2013, p. 83),

[...] o fato de as entidades estarem próximas funcional, conceptual ou cognitivamente motiva os falantes a colocarem os termos designativos dessas entidades próximos no nível da frase (WILSON & MARTELOTTA, [2008] 2013, p. 83)

Logo, quanto maior a integração semântica ou pragmática, maior será a integração sintática entre orações. Dessa forma, temos que as orações encaixadas infinitas estão mais integradas à oração matriz do que as orações encaixadas finitas. Tal fato associa-se, como defendemos neste trabalho, a uma noção escalar de volição.

Além das características averiguadas por Clements (1992) acerca da complementação de predicados volitivos, destacamos o trabalho de Brennenstuhl e Wachowicz (1976), que investiga a possibilidade de se identificar um padrão na formação de verbos causativos morfológicos¹⁸ que denotam eventos volitivos, no húngaro, no finlandês e no turco.

Um aspecto relevante desse trabalho para esta pesquisa é que, de acordo com Brennenstuhl e Wachowicz (1976), eventos volitivos relacionados a causativos morfológicos associam-se, prototipicamente, a sujeitos [+ humano], que possuem como característica a noção [+ controle]. Os autores ressaltam que, nesse processo, o sujeito – isto é, o causador (controlador) – afeta o objeto através de uma ação. Além disso, eles observam que, por outro lado, eventos não-volitivos podem ocorrer com sujeitos [- humano], e eventos que, normalmente, não se apresentam como volitivos – mas, que a depender do uso, podem denotar um evento volitivo – tendem a ocorrer com sujeitos [+ humano], quando se averigua neles uma intencionalidade subjacente.

Logo, Brennenstuhl e Wachowicz (1976) utilizam uma classificação que categoriza os verbos a depender de sua habilidade para denotar: (i) eventos volitivos; (ii) eventos não-volitivos; e (iii) eventos tanto volitivos quanto não-volitivos. Essa classificação permite uma formulação dos princípios para o uso de sujeitos humanos e não-humanos nos causativos morfológicos formados por esses verbos. Assim, baseados em testes realizados por Brennenstuhl (1975) e Vendler (1967), os autores propõem o seguinte quadro:

¹⁸ Segundo Comrie (1999), a causativização diz respeito a uma macrosituação que engloba duas microsituações, a causa e seu efeito correspondente. Ela envolve um causador e o resultado da ação, que é descrita pelo evento verbal.

Quadro 4 - Seleção do sujeito em causativos morfológicos (BRENNENSTUHL & WACHOWICZ 1976, p.396)

Sujeito que denota o causador do evento		Eventos volitivos (ações)	Eventos necessariamente não-volitivos (não-ações1)	Eventos não-volitivos que não são necessariamente não-volitivos (não-ações2)
	humano	+	(+)	(+)
	não-humano (ex.: forças da natureza, condições ambientais)	-	+	+

Logo, como se pode observar no quadro acima, os eventos volitivos, para os autores, caracterizam-se, prototipicamente, pela presença de um sujeito [+ humano]. Essa informação é confirmada na análise dos dados levantados nesta pesquisa, indicando que as construções volitivas envolvendo os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” apresentam, em um nível [+ esquemático], tal característica.

Sobre a questão de se tratar de causativos morfológicos, é relevante retomarmos o trabalho de Cezário (2001). A autora considera os verbos “mandar” e “deixar” como volitivos, mas também pontua a possibilidade de eles serem compreendidos, na literatura corrente, como causativos. A esse respeito, já Brennenstuhl e Wachowicz (1976, p.399) ressaltam que os sujeitos humanos podem ser utilizados com verbos volitivos em causativos morfológicos. Os autores, dessa forma, defendem que sentenças com verbos volitivos, como em “O editor **fez** [made] Maya reescrever seu artigo” – em que o verbo em destaque é analisado como volitivo – podem ser facilmente traduzidas como sentenças com causativos morfológicos. Isso porque a significação é resultante da relação estabelecida entre o verbo e seu complemento.

Realizadas essas considerações iniciais, podemos destacar que:

- (i) este trabalho assume – diante de uma noção escalar de volição, [+/- icônica], que engloba desejos e intenções diretamente relacionados ao julgamento do falante sobre a possibilidade de executar o evento – a categoria da modalidade como base para a compreensão do uso volitivo dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”;
- (ii) assim sendo, esta pesquisa defende que os verbos em análise explicitam a vontade do falante, com sujeito [+ humano], face à situação expressa na proposição;
- (iii) além disso, este trabalho – uma vez que opera com a noção de padrão construcional, discutida no Capítulo I – acredita ser necessário caracterizar e identificar as microconstruções, os subesquemas/as mesoconstruções e o esquema/a macroconstrução referentes ao desenvolvimento de verbos volitivos no português.

Considerando as discussões empreendidas, destacaremos, nas subseções que se seguem: a) primeiramente, a categoria modalidade, mais especificamente a modalidade volitiva (ou bulomaica); e b) posteriormente, os principais trabalhos acerca da gramaticalização de verbos volitivos, verificando suas contribuições e lacunas.

2.2.1. Modalidade volitiva

De acordo com Cervoni (1989), os estudos linguísticos que abordam a noção de modalidade tendem, em geral, a enfatizar que tal categoria se trata de um campo particularmente difícil de apreender e, em alguns casos, adotam um ponto de vista provisório, experimental e heurístico no que se refere a sua conceituação. Nesse sentido, Palmer (1986) destaca que a concepção de modalidade é, de certa forma, ampla, abarcando uma série de definições. Comungando com esse posicionamento está Neves (2006), que, por sua vez, chama atenção para o fato de esse conceito envolver não somente o significado das expressões modalizadas, mas também a delimitação das noções inseridas no domínio conceptual implicado, o que, segundo a autora, dificultaria sua conceituação.

Neves (2006) ainda pondera que parte da complicação em se delimitar o campo linguístico da modalidade nasce da inter-relação que se estabelece entre esse conceito e conceitos lógicos, como “possibilidade” e “necessidade”. Essa inter-relação se faz possível, uma vez que os estudos acerca da modalidade remontam à Antiguidade Clássica, mais especificamente à Lógica Formal (NEVES, 2006; FERNANDES, 2011). Acerca disso, Fernandes (2011, p. 157) pontua que

Os lógicos formais ocuparam-se em elaborar um sistema que desse conta, de forma coerente e precisa, das proposições que expressavam raciocínio válido. Assim, fixando regras abstratas que determinavam relações de inconsistência, incompatibilidade, contradição e oposição, definiam a verdade ou a falsidade das proposições. (FERNANDES, 2011, p. 157)

É nesse ponto que Neves (2006) afirma haver uma diferença entre os objetivos da Lógica e da Linguística no que concerne ao estudo das modalidades. Para a autora, a preocupação daquela em analisar a estrutura formal das modalidades a partir de valores de verdade – como visto no fragmento transcrito acima – e independentemente do enunciador não está de acordo com as propostas dos estudos linguísticos, uma vez que as línguas naturais são alógicas. Por terem justamente como objeto as línguas naturais, os estudos linguísticos, ao investigarem se uma determinada proposição é obrigatória ou necessária, devem evidenciar para quem ela é obrigatória ou necessária, quem avalia o valor modal do enunciado e em razão de quais sistemas de normas (ALEXANDRESCU, 1976).

Todavia, embora se reconheça a necessidade de se oporem esses planos de investigação – alguns linguistas como Kiefer (1987)¹⁹, por exemplo, tentaram distinguir modalidade lógica de modalidade linguística –, os domínios que unem esses dois campos científicos, pelo menos no que tange ao estudo da modalidade, parecem inseparáveis (NEVES, 2006).

De acordo com Ducrot (1993), o conceito de modalidade refere-se aos conceitos de “possível”, de “real” e de “necessário”, os quais eram estabelecidos, na

¹⁹ Kiefer (1987) propõe uma diferenciação entre as descrições de cunho lógico e linguístico. O autor acredita que as descrições lógicas ocupam-se das proposições lógicas (em termos daquilo que é verdadeiro ou falso), enquanto que as descrições linguísticas evidenciam aspectos não-proposicionais da modalidade realizados através das expressões modais. Estas, segundo Kiefer (1987), codificam: (i) possibilidade e necessidade; (ii) atitudes proposicionais; e (iii) atitudes do falante.

Lógica antiga, por meio de uma relação de oposição. Adotando uma postura dicotômica – entendendo a modalidade, portanto, como uma categoria opcional do enunciado –, o autor parte da premissa de que, se existem expressões modais, logo há expressões não-modais. Assim, defende que a modalidade envolveria o objetivo e o subjetivo, havendo, portanto, uma parte da significação que corresponderia somente à descrição da realidade e que, conseqüentemente, se apresentaria sem marcação modal.

Por outro lado, Lang (1988) acredita que as proposições estão sempre associadas a um operador modal, o que revela que, para o autor, não existe modalidade neutra. Considerando, dessa forma, uma perspectiva mais interacional acerca da modalidade, se torna consistente pensar que não existam enunciados não-modalizados. Tal perspectiva vai ao encontro do posicionamento de Julia (1989), que parte do princípio de que a interação social se realiza por meio de declarações, interrogações e exortações, de modo que o ponto de vista do enunciador seja expresso. É nesse sentido que Givón (1984) enfatiza a necessidade de inserir, nesse exame, o elemento pragmático – junto a critérios formais e semânticos –, de modo a se investigar o evento comunicativo no qual se realiza a expressão linguística.

Há ainda outra questão fundamental que se apresenta ao investigador da modalidade – além dos problemas de definição e delimitação –, a saber: a distinção entre os termos modalidade e modalização²⁰.

Castilho (2002) julga que o termo modalidade, geralmente, é utilizado para se referir ao modo como o conteúdo proposicional é apresentado, seja em forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) ou jussiva (imperativa ou optativa). Já a modalização diz respeito ao modo como o falante manifesta seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando sua veracidade ou expressando seu julgamento. Todavia, apesar de reconhecer essa diferenciação, o autor a rejeita, defendendo o emprego desses termos como

²⁰ É válido de ressalva que Halliday (1994) ainda inclui o termo modulação, ao dividir a categoria modalidade em dois processos. Para ele, essa categoria envolveria os processos de modalização – aplicado às proposições, apresentando como polos opostos a afirmação e a negação – e de modulação – aplicado às propostas (enunciados que veiculam ofertas e ordens), apresentando como polos opostos a determinação e a proibição.

sinônimos. Segundo Castilho (2002, p. 201), em se tratando de modalidade/modalização, “há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular”, o que implica suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar certeza ou dúvida etc.

É nesse ponto que destacamos o conceito adotado nesta pesquisa para modalidade. Como observado por Castilho (2002), ao reconhecer que a avaliação do falante está presente em enunciados modalizados, a ideia de modalidade parece estar fortemente relacionada, como propõe Lyons (1977), à opinião ou à atitude do falante. Assim sendo, comungamos com Palmer (1986), uma vez que este autor defende que a modalidade refere-se às características subjetivas de uma elocução, as quais codificam gramaticalmente as atitudes e opiniões do falante. Logo, a subjetividade constitui um traço fundamental da modalidade.

Todavia, diferentemente de Castilho (2002), adotamos outro posicionamento no que tange à utilização dos termos modalidade e modalização. Baseando-nos nas considerações de Koch (1987), defendemos que os termos em questão referem-se a objetos claramente distintos e que, portanto, não constituem sinônimos. Koch (1987) pontua que, na linguagem, a modalização corresponde ao processo de elaboração de ideias e seleção de palavras que o falante utiliza para a construção de um texto. Esse processo tem como principal objetivo influenciar o interlocutor, na medida em que o falante afasta ou aproxima seu discurso daquilo que realmente gostaria de dizer. Como resultado do processo de modalização, tem-se a modalidade, isto é, uma categoria linguística mais ampla que, de acordo com Costa (2009), codifica o posicionamento do falante diante de uma proposição, como visto anteriormente. Dessa maneira, a modalização diz respeito à construção de enunciados em que se imprimam marcas referentes ao ponto de vista do falante.

A codificação das expressões modalizadas pode se dar através de recursos gramaticais, como o modo e o verbo modal. Palmer (1986) pondera que o modo é uma categoria expressa, estritamente, na morfologia verbal, sendo, portanto, uma categoria morfossintática de verbo, assim como tempo e aspecto. Em língua portuguesa, temos os seguintes modos verbais: indicativo, subjuntivo e imperativo. Já o verbo modal consiste em uma categoria gramatical pertencente a um conjunto maior de verbos auxiliares. Como pontua Koch (1987, p. 138), os modais são

elementos linguísticos que indexam as intenções, os sentimentos e as atitudes do falante, que

[...] caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso. (KOCK, 1987, p. 138)

O uso de verbos modais – assim como de modos verbais²¹ – está relacionado a diferentes tipos de modalidade. Entretanto, apesar de haver uma forte relação entre a modalidade e as noções de modo verbal (subjuntivo, por exemplo) e verbo modal (*will*, no inglês, por exemplo), a modalidade, como enfatiza Palmer (1986), não estabelece uma relação semântica com o verbo por si só. A modalidade relaciona-se com toda a sentença.

Em se tratando de línguas naturais, pode-se dizer, de uma maneira geral, que as modalidades encontram-se agrupadas nos subsistemas deôntico e epistêmico (SWEETSER, 1990). Tal afirmação decorre da clássica diferenciação proposta pela Lógica, que ainda defende um terceiro tipo de modalidade, a saber: a alética. Esta “refere-se ao eixo da existência e se preocupa com a determinação do valor de verdade dos enunciados, fundamental no equacionamento veridictório das proposições” (GONÇALVES, 2003, p. 70). Com base nessa definição, Palmer (1986) e Neves (2006) advogam que a modalidade alética teria pouco lugar na linguagem usual. Neves (2006) pondera que, tendo em vista o comprometimento com a verdade nos mundos possíveis, é difícil determinar o que, modalmente, é asseverado como sendo verdadeiro sem passar pelo julgamento do falante. Logo, a modalidade alética não estaria no escopo da Linguística.

De acordo com Neves (2006), a modalidade deôntica relaciona-se às noções de obrigação e permissão. A autora ainda considera que a modalidade deôntica é regulada por traços lexicais específicos, os quais se encontram ligados ao falante –

²¹ É válido de ressalva que Katny (1993), considerando a modalidade como uma categoria opcional, elege o modo indicativo como não-marcado, isto é, neutro em relação à categoria.

como [+ controle] – e implica que o interlocutor aceite o valor de verdade do enunciado para realizá-lo.

Já a modalidade epistêmica, segundo Palmer (1979, p. 41), possui como principal função marcar os julgamentos “sobre a possibilidade de que alguma coisa seja ou não o caso”. Comungando com este posicionamento está Neves (2006), que destaca que tal modalidade relaciona-se às noções de necessidade e possibilidade epistêmicas. Assim, para ela, temos que o falante se posiciona diante de um certo estado de coisas, observando as chances de ele ocorrer em algum mundo possível.

Porém, é necessário ainda mencionar outro tipo de modalidade, o qual se refere à capacitação e às condições de realização de alguma atividade (NEVES, 2006). Esta seria a modalidade disposicional (ou habilitativa/dinâmica), a qual é considerada por Von Wright (1951) e Palmer (1986, 1990) como um tipo de modalidade raiz. Isso porque os autores concluíram, a partir de seus estudos sobre os graus de modalidade, que as modalidades poderiam ser dispostas em dois grandes grupos: o *epistêmico* (relacionado ao conhecimento) e o *não-epistêmico* ou de raiz (relacionado às ações), subdividido em deontico e dinâmico. Nesse sentido, Klinge (1996) propõe a seguinte subdivisão: modalidade epistêmica, modalidade deontica e modalidade dinâmica. Neves (2006, p. 161-162) observa que, para o autor, a primeira refere-se à “força com que o falante acredita na veracidade de uma proposição”. Já a segunda corresponde à “maneira como um ato é socialmente ou legalmente circunscrito”. Por fim, a terceira relaciona-se à “maneira pela qual referentes de sintagmas nominais de função sujeito são dispostos em direção a um ato, em termos de habilidade e intenção”.

Com a proposta acima, podemos depreender a noção de intenção, a qual, como visto anteriormente, associa-se à de volição. Como destacado na introdução deste capítulo, a volição, na Linguística, vem sendo abordada como um tipo ou como um subtipo de modalidade. Sobre essa questão, Casimiro (2007, p. 21-22) pontua que,

Apesar de reconhecida no campo semântico modal, a volição não é algo muito bem delineado nos estudos linguísticos das modalidades. Seu caráter difuso e impreciso dificulta inclusive seu entendimento como valor modal propriamente dito ou como subtipo de algum outro valor modal. (CASIMIRO, 2007, p. 21-22)

Autores como Von Wright (1951), Palmer (1986, 1990), Klinge (1996) – ainda fortemente embasados pelos postulados lógicos – não consideram a volição como um tipo específico de modalidade, mas sim como um grau (ou subtipo) desta.

Palmer (1986), por exemplo, entende que categorias semânticas como diretivos, imperativos, comissivos, volitivos e avaliativos são deônticas. Ele reconhece que diretivos e imperativos são tipicamente deônticos e, embora insira a categoria volitiva no interior da modalidade deôntica, deixa claro que o *status* dessas três categorias está aberto a dúvidas. Entretanto, uma vez que, para Palmer (1986), enunciados comissivos, volitivos e avaliativos não são epistêmicos – já que não expressam o grau de comprometimento do falante com aquilo que ele diz –, seria mais conveniente denominá-los de deônticos. O mesmo autor afirma, dessa forma, que “volitivos são modais no sentido de que envolvem não-factuality e estão mais para os modais deônticos já que dizem respeito mais à possibilidade de ação do que à verdade das proposições” (PALMER, 1986, p. 115).

Como se verifica acima, o posicionamento de Palmer (1986) confunde-se, ao ser comparado com o de Neves (2006), no que se refere aos âmbitos das modalidades epistêmica e deôntica. Não cabe ao escopo desta pesquisa delimitar, precisamente, essas modalidades. Contudo, podemos destacar um problema em relação à proposta de Palmer (1986) acerca da volição, que figura, para o autor, como estando mais associada à modalidade deôntica do que à epistêmica. A partir da análise dos dados, averiguamos que a volição envolve diferentes graus de comprometimento do falante em relação à execução do evento volitivo. Essa ideia será reforçada no decorrer deste capítulo – mais precisamente na subseção 2.2.2. – e no Capítulo IV deste trabalho. As construções volitivas identificadas revelam um julgamento do falante sobre a possibilidade de atualização, no plano real, daquilo que almeja. Como mostraremos no Capítulo IV, isso implica graus distintos de comprometimento do falante sobre o evento, o que acarreta, por exemplo, escolhas lexicais distintas (como “querer” para um maior comprometimento em vez de “esperar”, que codificaria um menor comprometimento). Logo, a volição poderia se relacionar à modalidade epistêmica, contrariando o argumento utilizado por Palmer (1986).

No entanto, há autores, como Perkins (1983) e Rescher (1968), que realizam uma diferenciação mais detalhada entre as diferentes modalidades. Dentro desse

outro posicionamento, a volição é tratada separadamente, como um tipo específico de modalidade. Rescher (1968), além das modalidades alética, epistêmica e deôntica, acrescenta ainda o que ele denomina de modalidades “temporal”, “bulomaica”, “avaliativa” e “causal”. A modalidade bulomaica seria, portanto, a modalidade relacionada ao desejo, denominada posteriormente de volitiva.

Também defendendo que a modalidade volitiva constitui um tipo específico de modalidade, Travaglia (1991) observa que, por se originar da vontade/do desejo do falante – portanto, da sua subjetividade –, a volição inclui opção e intenção. Para Travaglia (1991), na modalidade volitiva, a determinação acerca da realização de uma ação tem como ponto de origem a vontade, o desejo do locutor. Como exemplo de enunciado volitivo, o autor apresenta a seguinte ocorrência:

(8) **Quero** muito ir a sua casa (TRAVAGLIA, 1991, p. 81).

Como se verifica acima, o verbo em destaque, “quero”, é essencial para a compreensão do que foi dito como uma forma de expressão da vontade do falante. No entanto, ao operarmos com a ideia de construção, entendemos que outros elementos que atuam no enunciado – e não apenas o verbo – colaboram para a veiculação do sentido proposto.

Segundo Casimiro (2007), a volição aparece, muitas vezes, associada a outros valores semânticos – como verificado na seção 2.1. –, como vontade, desejo, esperança e promessa, que designam algum tipo de intenção do falante em relação a um fato possível. O autor, em seu trabalho, relaciona as modalidades deôntica e volitiva, defendendo a existência de valores prototipicamente deônticos, valores prototipicamente volitivos e valores que se apresentam na forma volitiva e com sentido deôntico. Dessa forma, Casimiro (2007) comunga com o posicionamento de Perkins (1983) e Rescher (1968) e vai de encontro à classificação adotada por Palmer (1986).

Sobre a manifestação da modalidade volitiva no português, Casimiro (2007) pontua que esta pode ser expressa por meio de itens lexicais (verbos, nomes e adjetivos) ou gramaticais (morfemas de modo e de tempo). No que se refere às formas lexicais, o desejo do falante pode ser codificado – de maneira menos recorrente na língua em uso – através de nomes (como em “é meu desejo”, “é minha

vontade”) e de adjetivos (como em “é desejoso que”) (CASIMIRO, 2007, p. 25). Por sua vez, uma das formas de expressão de desejo mais recorrentes, como já destacado e exemplificado nesta pesquisa, são os verbos designadores de volição.

Quanto às formas gramaticais que podem expressar o desejo de um falante, podem-se identificar, de acordo com Casimiro (2007), morfemas de modo e de tempo. Lozano (1990), por exemplo, aponta relações em que subjuntivo e orações completivas com subjuntivo podem expressar volição. Além do subjuntivo, o emprego do tempo verbal futuro, também denominado por Lozano (1990) de “futuro volitivo”, é fortemente apontado. Palmer (1990) diz haver uma relação muito próxima entre modalidade e tempo futuro, reconhecendo no auxiliar *will*, do inglês, uma ligação entre futuro e volição.

Sobre essa questão, julgamos se tratar, mais especificamente, da noção de futuridade. Entendendo a volição como uma modalidade, observamos que as construções volitivas não indicam a duração de uma situação ou mesmo de uma de suas fases, mas o futuro que situa determinado evento após o momento da fala. Nesse sentido, elas marcam uma projeção futura da (não) realização de uma dada situação, tendo em vista a expressão da vontade/intenção do falante.

Em sua pesquisa, Casimiro (2007) realiza uma análise funcional de verbos deônticos e volitivos presentes em discursos proferidos pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, no período de 2003 a 2006. O autor destaca que, no *corpus* analisado, foram identificados os seguintes verbos volitivos: “querer”, “desejar”, “pretender”, “esperar” e “gostar”.

Casimiro (2007) defende que uma das grandes diferenças que possibilita tratarmos as modalidades deôntica e volitiva como duas modalidades distintas está no seguinte fato: os verbos deônticos trazem o alvo da qualificação modal expresso pelo sujeito gramatical, enquanto os verbos volitivos trazem a fonte da volição no papel de sujeito. Nesse sentido, é comum haver, em se tratando dos volitivos, uma alta incidência no uso da primeira pessoa do singular e do plural do presente do indicativo. Esse aspecto também se revelou produtivo nos dados analisados nesta pesquisa e pode ser verificado na ocorrência abaixo, retirada de Casimiro (2007, p. 83):

(9) Vamos dar o exemplo da Previdência. Ao reformá-la, **queremos** garantir que as pensões, os benefícios e as aposentadorias possam ser, efetivamente, pagos no futuro, pois, se o custeio do sistema não for devidamente equacionado, muito em breve não haverá dinheiro para pagá-los. (CASIMIRO, 2007, p. 83)

Como se pode perceber, ao utilizar a forma verbal “queremos”, o presidente Lula se coloca no discurso como um sujeito detentor (fonte) de uma determinada vontade. O uso do plural, de acordo com Casimiro (2007), faz parecer que é coletivo um desejo que pertence ao presidente, atenuando, desse modo, a força ilocucionária do enunciado.

O autor ainda salienta que, diferentemente do que acontece com a modalidade deôntica, a modalidade volitiva refere-se a um desejo, localizado no presente, sobre fatos realizáveis no futuro imediatamente posterior à enunciação ou no futuro distante. Tal fato explica, segundo Casimiro (2007), a grande recorrência do presente do indicativo nos dados identificados – como também defendemos no Capítulo IV deste estudo. Essa característica pode ser observada na seguinte ocorrência representada no trabalho do autor:

(10) **Quero** dizer ao companheiro Suplicy que essa lei aprovada, não como sonhou o companheiro Suplicy, no seu projeto embrionário, mas, aprovada de conformidade com a consciência dos deputados e dos senadores que votaram e, sobretudo, levando em conta a realidade econômica do nosso país, demonstra, mais uma vez, o grau de maturidade a que o nosso país chegou. (CASIMIRO, 2007, p. 82)

Além de o verbo volitivo apresentar um sujeito como fonte do desejo e aparecer majoritariamente no presente do indicativo, como anteriormente mencionado, Casimiro (2007) ainda pondera que tal verbo pode ser expresso tanto pelo verbo auxiliar, constituindo perífrase de infinitivo (exemplo (11)), como pelo verbo pleno, com complemento oracional ou nominal (exemplo (12)).

(11) Ajudei a criar esse partido e, vocês sabem, perdi três eleições presidenciais e ganhei a quarta, mantendo-me sempre fiel a esses ideais, tão fiel quanto sou hoje. **Quero dizer** a vocês, com toda a franqueza, eu me sinto traído. Traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento. (CASIMIRO, 2007, p. 87)

(12) Eu **espero** que a imprensa leia com muito carinho esse material. Estou aqui para prestar contas à sociedade do meu primeiro ano de governo. Numa democracia, este é um dever sagrado. (CASIMIRO, 2007, p. 92)

Todavia, Casimiro (2007) ressalta que a possibilidade de caracterizar os valores volitivos e deônticos como duas modalidades distintas não impede a identificação de possíveis sobreposições entre esses sentidos modais. Segundo o autor, ao se reconhecer a presença de uma fonte e de um alvo, os “verbos volitivos que expressam pedido aproximam-se dos modais deônticos, que também apresentam uma fonte e um alvo sobre quem incide a qualificação modal” (CASIMIRO, 2007, p. 103). Essa questão também foi apontada por Cezário (2001) ao tratar de sujeitos volitivos manipulativos, como visto na seção 2.2.

Assim, no que se refere ao fato de os verbos de volição também poderem atribuir uma interpretação deôntica, o autor comenta o seguinte:

[...] uma série de características sintáticas, semânticas e pragmáticas conduzem a esse tipo de interpretação: a presença de uma fonte do desejo e o reconhecimento de um alvo; a identidade entre o sujeito do verbo modal e o falante; a existência de um falante hierarquicamente superior a seu ouvinte; nas ocorrências de verbos plenos com complemento oracional, a presença do traço [+humano] no sujeito da oração encaixada e a referência direta, nesse sujeito, a um subordinado do falante; verbos de volição, na oração matriz, diferentes de *esperar*; estado-de-coisas [+controlado] designado pela oração encaixada. (CASIMIRO, 2007, p. 102)

O fragmento acima indica, a partir das características listadas, a possibilidade de a modalidade volitiva poder apresentar um caráter deôntico, que deve ser confirmado a partir da análise do contexto em que se situa a ocorrência. Conforme Casimiro (2007), quando o verbo volitivo é complementado por uma oração encaixada, interpretada, por nós, como finita, o sentido veiculado pode designar um ato manipulativo ou um pedido, envolvendo, no enunciado, traços de obrigatoriedade e permissão. Porém, como acreditamos, isso nem sempre ocorre – como mostraremos no Capítulo IV. Como mencionado, somente o contexto interacional poderá corroborar (ou não) essa possibilidade.

Casimiro (2007, p. 104) ainda propõe um *cline* de modalização, tendo em vista as modalidades volitiva, deôntica e epistêmica. Apesar de o autor não realizar uma análise que, de fato, possa apoiar o caminho defendido, ele observa que, segundo Sweetser (1990), a modalidade epistêmica (ME) é uma extensão da modalidade deôntica, e averigua, através de sua análise, que a modalidade volitiva (MV) difere da modalidade deôntica (MD), apresentando um caráter mais básico que

esta, uma vez que se caracteriza somente por uma fonte ou origem do desejo. Assim sendo, estabelece o seguinte percurso de mudança:

Quadro 5 - *Cline* de mudança para o desenvolvimento das modalidades volitiva, deôntica e epistêmica (CASIMIRO, 2007, p. 102)

MV > MD > ME

O trabalho de Casimiro (2007) apresenta significativas contribuições para o estudo da modalidade volitiva. Além de defendê-la como um tipo específico de modalidade – pontuando, para tanto, características peculiares a ela, como presença de um sujeito fonte do desejo e uso majoritário da primeira pessoa do indicativo –, ele ainda aponta a possibilidade de gramaticalização da volição em direção à modalidade deôntica, como nos casos em que a forma volitiva expressa eventos manipulativos.

Sobre a noção de futuridade presente na modalidade volitiva, acreditamos – assim como Casimiro (2007) – que as construções com verbos volitivos marcam uma projeção futura da (não) realização de uma dada situação após o momento da fala, tendo em vista a expressão do desejo/da intenção do falante. Nesse sentido, entendemos que o desejo ou a intenção do falante constituem eventos não-atuais, isto é, eventos que não foram realizados e que, portanto, ainda figuram no plano da hipótese, da possibilidade. Logo, por projetar uma ação futura, a volição estaria fortemente relacionada à noção de *irrealis*, isto é, à noção de eventos não-conceitualizados no “mundo real”. Julgando se tratar de uma característica essencial na compreensão da ideia de volição – e, conseqüentemente, das construções volitivas aqui estudadas –, defendemos que a categoria *irrealis* faz parte, em termos de sentido, do esquema/da macroconstrução relacionado(a) à rede construcional envolvendo os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Na subseção a seguir, trataremos dessa categoria.

2.2.2. *Irrealis* e volição

Na literatura, de modo geral, o *irrealis* vem sendo abordado como uma noção diretamente relacionada ao modo verbal ou à modalidade. Mauri e Sanso (no prelo), por exemplo, verificam marcações de *irrealis* e subjuntivo, em diferentes línguas, as quais se apresentam em mesmas circunstâncias. A partir dessa identificação, chegam a questionar a necessidade de duas terminologias (subjuntivo e *irrealis*) para expressar a mesma entidade gramatical. Segundo eles, a adoção de um termo em detrimento do outro pode estar diretamente relacionada à existência da padronização de uma tradição gramatical ou à dependência de aspectos que estão sendo focalizados na análise. Assim, o uso de *irrealis* pode ser favorável quando há uma forma se referindo a situações não-atualizadas, enquanto o subjuntivo a formas que ocorrem principalmente em cláusulas subordinadas.

Apesar de o *irrealis*, enquanto categoria funcional, apresentar-se fortemente relacionado ao modo subjuntivo, não se pode afirmar que essa categoria condicione o aparecimento de tal modo verbal. Segundo Sousa (2011), o *irrealis* estaria mais vinculado à noção de modalidade, e não à de modo, uma vez que pode ser representado por diferentes expressões linguísticas. Nesse sentido, a autora se afasta da posição assumida por Palmer (2001), que defende que a diferença entre indicativo e subjuntivo deve ser analisada por meio da oposição *realis* X *irrealis*, sendo o subjuntivo responsável por cobrir a subparte epistêmico-evidencial do domínio funcional da não-atualização. Para Sousa (2011) – assim como para nós –, a categoria *irrealis* se apresentaria em um eixo, no qual é possível averiguarmos outras marcas formais, como o indicativo.

Givón (1984, 1994), por sua vez, propõe que, dentre outras atitudes, a atitude pragmática de *irrealis* define a noção de modalidade e distribui-se em dois traços definidores: o de futuridade e o de incerteza epistêmica (com o entrecruzamento do julgamento deôntico). Esses dois traços interpretam o discurso em termos de projeção futura, o qual assinala um grau de incerteza em relação aos objetivos comunicativos do usuário da língua durante a interação. Ainda conforme o autor, no que se refere ao entrecruzamento das atitudes epistêmica e deôntica, temos que a modalidade *irrealis* sinaliza uma baixa certeza, compreendendo graus de verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência, bem como um caráter

avaliativo, expressando desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.

No que se refere à ideia de o *irrealis* envolver futuridade, faz-se necessária uma ressalva para a melhor compreensão deste trabalho. No decorrer desta pesquisa, temos defendido que as construções volitivas projetam no futuro os eventos almejados. Essa é uma afirmação recorrente, principalmente na descrição das ocorrências no Capítulo IV. Contudo, pelo menos, dois questionamentos podem surgir diante de tal afirmação. São eles: i) o que é tempo?; e ii) o que é futuro?. Adiantamos que não temos a intenção de detalhar a complexidade dessas duas noções. Adotando uma perspectiva mais sucinta, podemos dizer que tempo e futuro, quando relacionados à categoria *irrealis* e, por conseguinte, à noção de volição, não estão sendo abordados como flexão temporal.

Segundo Travaglia (2006), um dos sentidos atribuídos ao termo “tempo” diz respeito aos agrupamentos de flexões verbais, como “futuro do presente” e “futuro do subjuntivo”. Nesta pesquisa, o termo está sendo utilizado em um sentido mais abstrato, que remete à época da instanciação da volição (e, portanto, essa época não corresponde, necessariamente, ao momento de sua expressão linguística). Podemos, então, pontuar – comungando com Câmara Júnior (1957) – que o futuro, por sua vez, concretiza uma necessidade modal. Nas construções volitivas aqui estudadas, o falante não está certo sobre a realização do estado de coisas e, por isso, ele não projeta o evento em um tempo flexional. O “tempo futuro”, nessas construções, relaciona-se à incerteza que o sujeito possui diante do evento volitivo em si (e não diante do momento da enunciação), como se depreende em Givón (1984, 1994). Logo, é possível identificarmos diferentes tempos flexionais atuando nas construções que expressam volição.

Acerca da diferença entre *realis* e *irrealis*, Pimpão (2008) observa que os termos categorizam eventos atuais e não-atuais, respectivamente. Isso significa que os eventos são descritos como possíveis (ou não) de ocorrerem no mundo real. Assim, o usuário da língua demonstra o modo como ele percebe o evento. Em Sousa (2001), por exemplo, são analisadas as diferentes possibilidades de construções com o verbo volitivo “querer” (V1) seguidas de complementos formados por outros verbos (V2). Baseando-se em Bybee *et al.* (1994), Sousa (2011) assume que a modalidade está, portanto, relacionada às escolhas do usuário da língua entre

a asserção e as funções contrastantes, o que a leva a entender o volitivo como expressão do *irrealis*, mas também como expressão do comprometimento do usuário em relação àquilo que deseja. A autora observa que, a depender das diferentes realizações morfológicas, o valor pragmático de incerteza epistêmica do discurso interacional – vinculado à categoria *irrealis* – apresenta gradações de intensidade. Sendo assim, a ação futura expressa pelo V2 que se segue ao volitivo é perspectivizada – diante de determinadas realizações morfológicas (como o infinitivo) – como mais próxima do *realis* por ser tratada como fortemente possível. A seguir, transcrevemos um exemplo retirado do trabalho da autora:

(13) Diante de um problema como esse, o americano demite pessoas e reorganiza os planos sem pestanejar. Trata-se de um profissional totalmente focado em resultados. Nessa cultura, quem **quer** obter sucesso precisa ter pulso. (SOUSA, 2011, p. 132)

Para Sousa (2011), essa ocorrência demonstra que o falante possui uma maior certeza sobre aquilo que é dito. Logo, dentro da noção de *irrealis*, esse tipo de construção seria o que estaria mais próximo do *realis*. Portanto, a autora defende que o verbo volitivo “querer” atua em construções que marcam volição e, conseqüentemente, *irrealis*. Assim sendo, ela ratifica o que expusemos anteriormente, uma vez que propõe que os verbos volitivos expressam vontade/desejo ou intenção de realizar algo que projeta futuro e que é concebido a partir do grau de controle e de comprometimento por parte do falante. A perspectiva adotada por Sousa (2011) é essencial para a compreensão dos graus de escalaridade da categoria *irrealis* assumidos neste trabalho, uma vez que julgamos que, dentro de um *continuum*, os traços [+/- *irrealis*] estão associados ao sentido vinculado em cada subesquema identificado – conforme evidenciaremos no Capítulo IV.

Há autores, como Elliott (2009), que compreendem *irrealis* como uma noção que corresponderia a um dos componentes da categoria gramatical *status* da realidade, caracterizando-se por ser a contraparte do componente *realis*. Após observar a realização dessa categoria em diferentes línguas, Elliott (2009) averiguou que, no que tange à forma, o *irrealis* é marcado prototipicamente por afixos verbais, apesar de se verificarem outras formas. A autora chama atenção para o fato de não

haver, necessariamente, uma marcação formal explícita para cada membro da categoria. Assim sendo, em algumas línguas, uma das categorias pode não apresentar marcação. A maioria dos casos – mas nem todos – aponta que, nessas línguas, a categoria *realis* tende a não ser marcada, enquanto a *irrealis* sim. Já semanticamente, o *status* da realidade pode se referir ao fato de o evento ou estado estarem localizados no mundo real (*realis*) ou poderem ser entendidos como uma expressão gramaticalizada da localização de um evento ou estado no mundo não-real ou hipotetizado (*irrealis*), como anteriormente observado. Isso implica diferentes contextos semânticos específicos que atraem diferentes marcas de *irrealis/realis*, o que justifica, para Elliott (2009), considerar o *status* da realidade como uma categoria distinta, assim como aspecto e modalidade. Ela ainda pontua que essa categoria não é encontrada em todas as línguas, não sendo, portanto, universal.

Todavia, Mauri e Sanso (no prelo) salientam que essa categorização vem sido criticada, pois é difícil dizer que o *status* da realidade corresponde a uma categoria isolada, já que, de acordo com os autores, não explica o porquê de existir um código compartilhado nas várias subfunções em que o marcador de *irrealis* pode ser usado em uma dada língua. Neste trabalho, não adentraremos na discussão sobre se o *status* da realidade constituiria ou não uma categoria linguística específica. Para nós, é relevante observar as noções de *irrealis* e *realis*, destacando que a primeira estaria diretamente relacionada à expressão da volição através de construções em que figuram os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Porém, essa relação se manifestaria em um *continuum* escalar, podendo se aproximar da categoria *realis* em uma das extremidades.

Através do levantamento bibliográfico que realizamos, buscamos evidenciar as seguintes características do uso volitivo dos verbos em análise:

- i) A escalaridade baseia-se no julgamento do falante diante do grau de incerteza que transmite para a execução do evento volitivo.
- ii) Assim, a volição está relacionada à modalidade, uma vez que expressa uma atitude do falante – no caso um desejo/uma intenção – acerca de uma proposição.

- iii) Correspondendo a um tipo específico de modalidade, a expressão da volição projeta a realização de um desejo ou de uma intenção do falante no futuro.
- iv) Logo, por envolver uma noção de futuridade e ainda marcar um grau de incerteza do falante em relação ao que diz, a volição atualiza a categoria *irrealis*.
- v) Por fim, assim como a própria noção de volição é concebida e expressa de maneira escalar – [+/- icônica] – pelo usuário da língua, o *irrealis* também apresenta gradações de intensidade, a depender do modo como a ação futura é perspectivizada pelo falante.

Feitas as considerações complementares acerca das noções de volição, modalidade volitiva e *irrealis*, passaremos, na próxima subseção, à revisão teórica de trabalhos que abordam a gramaticalização dos verbos volitivos analisados nesta pesquisa.

2.2.3. Gramaticalização de verbos volitivos: uma revisão teórica

No levantamento que realizamos acerca dos diferentes trabalhos que tratam pontualmente da gramaticalização de verbos volitivos, mais especificamente os verbos em estudo nesta pesquisa, identificamos os trabalhos de Sousa (2011), Barroso (2007, 2008) e Santos (2009), os quais se referem, respectivamente, ao processo de mudança de “querer”, “buscar” e “esperar”. Sobre esse último verbo, ainda devemos considerar a pesquisa que realizamos em Oliveira (2012), em que averiguamos os diferentes usos de “esperar”, estabelecendo, através do mecanismo da frequência, os usos [+/- (inter)subjativos) e seus respectivos padrões construcionais.

Sousa (2011), como mencionado na subseção 2.2.2., verifica as diferentes possibilidades de construções com o verbo volitivo “querer” (V1) seguidas de complementos formados por outros verbos (V2). A autora apresenta, inicialmente, a hipótese de que V1, por possuir uma carga semântica volitiva, envolveria noções de projeção, futuridade e, conseqüentemente, *irrealis*. Além disso, Sousa (2001)

defende que as diferentes construções formadas pelo verbo em questão poderiam ser descritas a partir das relações sintático-semânticas estabelecidas com V2.

Para comprovar tais hipóteses, Sousa (2011, p. 87-88) observa, primeiramente, a evolução semântica do verbo “querer”. Tendo como base as leituras de Bueno (1968), Faria (1958, 1967), Ernout e Meillet (1951), Saraiva (1993) e Borba (1991), realiza, respectivamente, a seguinte sinopse da semântica do verbo em estudo e de seu antecessor morfológico latino, *quaero*:

Querer: verbo transitivo – procurar por algo ou alguém, ambicionar possuir alguma coisa, ter a intenção de, desejar, aspirar a, amar, gostar de. Do latim *quaerere* por *quaeri*, propriamente, procurar, buscar, por extensão: quem procura alguma coisa ou busca alguma coisa é porque a ambiciona, a deseja para si, ou seja, quer.

Quaero, -is, -ere: verbo transitivo – meio para buscar, procurar, pesquisar ou investigar, encontrar, pedido, pretensão de adquirir, vencer, obter. Em uma derivação de sentido, pode significar: a fim de buscar o dinheiro, relacionado a empresas e a ganhar, a lucro, daí então algo benéfico, rentável; procurar ou fazer lucro. Acrescenta-se: investigar, fazer um inquérito, procurar saber, reclamar, na língua jurídica: demandar, perseguir. (SOUSA, 2011, p. 87-88)

Debruçando-se sobre os usos do verbo no latim, a autora, com base em Saraiva (1993), destaca que *quaero* (que origina “querer”, em português) não está entre os verbos volitivos mais utilizados na língua²² – mesmo sendo identificada, como visto no fragmento acima, a possível acepção referente à expressão do desejo –, apresentando a mesma raiz do substantivo *quaestio* (*quaesetio*), *-onis*, cujo sentido é de busca/pergunta. Este uso de *quaero* pode ser averiguado nos exemplos fornecidos por Sousa (2011, p. 89), os quais transcrevemos abaixo:

(14) PAN. *Igitur **quaeramus** (perguntamos), nobis quid facto usus sit.*

(15) *siquis me **quaeret** (se alguém me procura), indevocatotealiqui; aut iam egomet hic erro.* (SOUSA, 2011, p. 89)

²² Segundo Sousa (2011), o verbo volitivo utilizado preferencialmente, no latim, era *uolo*.

Segundo Sousa (2011), as traduções realizadas para *quaero*, nos exemplos anteriores, reforçam a ideia de que esse verbo não era classificado como volitivo no latim. Ela ainda ressalta que construções com V2 não foram encontradas com *quaero*.

Tendo em vista o significado do verbo latino e os diferentes usos em português observados nas obras estudadas e encontrados nos *corpora* analisados, Sousa (2011) propõe, então, que *quaero*, cujo sentido original era de “buscar”/“procurar”, se gramaticalizou, desenvolvendo, em português, diferentes sentidos. Assim, o que, a princípio, indicava projeção e futuridade no espaço e no tempo (“buscar”, “procurar”) teria passado a projetar a realização de um desejo (introdutor de desejo), a introduzir um futuro próximo e a marcar a projeção e a futuridade no texto, indicando algo que será mais bem explicitado (introdutor de avaliação/conclusão) ou reformulado (marcador discursivo) em seguida ao que acaba de ser dito. Nesse sentido, Sousa (2011, p. 90) propõe o seguinte quadro para a gramaticalização de “querer”:

Quadro 6 - Proposta de caminho de gramaticalização para “querer” (SOUSA, 2011, p. 90)

buscar, procurar > introdutor de desejo > introdutor de futuro próximo > introdutor de avaliação/conclusão > marcador discursivo
--

Contudo, a autora ainda salienta que tal caminho não abarca o uso de “querer” como introdutor de alternativa, o qual não se aproxima de nenhum dos usos levantados, a não ser do uso com o sentido de “buscar”, “procurar”. Desse modo, propõe um segundo caminho de gramaticalização:

Quadro 7 - Hipótese de um segundo caminho de gramaticalização para “querer” (SOUSA, 2011, p. 91)

buscar, procurar > introdução de alternativa
--

Sousa (2011) dedica-se a uma análise detalhada dos diferentes valores semânticos apresentados por “querer”, os quais foram englobados nos usos

mencionados no quadro 7²³. Frisamos que nosso objetivo principal não é realizar uma descrição pontual, como faz a autora, sobre os diferentes usos de “querer”. Assumindo, a partir das ocorrências identificadas em nossos dados, que esse verbo apresenta sempre uma noção volitiva no português, buscamos verificar o seu comportamento – bem como de outros verbos que se desenvolveram como volitivos – em termos de níveis de esquematicidade e de rede construcional, pontos não considerados no trabalho de Sousa (2011).

Com base nesses usos e tendo em vista a perspectiva de gramaticalização adotada – a qual intitulamos de tradicional no Capítulo I deste trabalho –, Sousa (2011, p. 99) propõe um caminho sintático percorrido pelo verbo, o qual é representado no quadro abaixo:

Quadro 8 - Proposta de caminho sintático para “querer” (SOUSA, 2011, p. 99)

verbo pleno > verbo auxiliar > marcador discursivo > uso que tende à nominalização
--

A pesquisa realizada pela autora apresenta dois resultados que consideramos relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Assim como ocorre com as ocorrências levantadas neste trabalho – como evidenciaremos no Capítulo IV –, os dados da autora demonstram que o volitivo “querer” apresenta, independentemente do tempo e do modo verbal em que se encontra, a volição, a futuridade e o *irrealis* como características²⁴. Além disso, Sousa (2011) conclui que as diferentes construções com o volitivo podem ser descritas a partir dos diferentes estágios de encaixamento por ela encontrados.

Nesse sentido, a autora defende que as características de volição, futuridade e *irrealis*, mesmo presentes em todas as construções analisadas, se mostram mais enfraquecidas em usos que considera estarem em processo mais avançado de gramaticalização, com maior grau de integração e encaixamento. Para tanto, ela se apoia na proposta de Givón (1984) acerca dos graus de vinculação entre a oração

²³ O escopo desta subseção não é apresentar um resumo do trabalho realizado por Sousa (2011). Intencionamos, na verdade, arrolar as principais contribuições da autora para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como as possíveis lacunas existentes que justificam a realização deste trabalho. Para um maior detalhamento dos valores semânticos identificados por Sousa (2011), conferir a obra original.

²⁴ Destacamos que, na subseção 2.2.2., explicamos e demonstramos, através de exemplos, como Sousa (2011) concebe a interseção entre as noções de futuridade, *irrealis* e volição.

predicadora e sua encaixada, segundo a qual há um isomorfismo entre a semântica e a sintaxe da complementação verbal. Um exemplo seriam as construções com V2 infinitivo, que, conforme a análise de Sousa (2011), estariam em um estágio mais avançado de gramaticalização do que as que apresentam complemento finito. Apesar de não nos basearmos na abordagem de gramaticalização que a autora utiliza para realizar tal afirmação, julgamos que nossos dados podem revelar diferentes graus de gramaticalização, a depender da complementação dos verbos volitivos em análise. Como já destacamos, as construções volitivas que focalizamos nesta pesquisa não se restringem à complementação referente ao encaixamento de orações, como faz Sousa (2011). Nossos dados abarcam complementos de outra natureza, como nomes/pronomes/advérbios, orações clivadas e orações deslocadas. Dessa forma, almejamos verificar em que medida esses diferentes complementos – bem como outras características morfossintáticas – relacionam-se, em uma perspectiva construcional, aos fatores semânticos observados sobre as noções de volição, modalidade e *irrealis*.

Diante de sua centralidade quando tratamos de volição, ainda devemos apontar as observações realizadas por Sousa (2011) acerca do sujeito das construções volitivas. Considerando sua distribuição nos diferentes usos de “querer” identificados, a autora aponta, como características argumentais do sujeito, os traços [+/- experienciador; +/- animado] e as noções de controle e manipulação. A partir de sua análise, ela aponta que, funcionando como verbo pleno, “querer” realiza-se com sujeito [+ experienciador] e [+ animado]. Porém, ao atuar como auxiliar modal, o verbo também admite sujeito [- experienciador] e [- animado]. Além disso, Sousa (2011) verifica que, prototipicamente, o sujeito volitivo possui o controle sobre a realização da ação desejada. Essa característica, segundo a autora, refere-se aos complementos de V2 infinitivo. Já como manipulativo, o sujeito liga-se à encaixada finita.

O fato de “querer”, em latim, significar “buscar”/“procurar”, como demonstra Sousa (2011), evidencia, para nós, a possibilidade de gramaticalização dos verbos “buscar” e “procurar” como volitivos na língua portuguesa. Sobre o primeiro verbo, tal fato já foi salientado por Barroso (2007, 2008).

Barroso (2008) procura demonstrar a possibilidade de interface entre gramaticalização e gêneros do discurso, aventando a hipótese de que há uma

variação semântica, a qual se realiza, em um contínuo unidirecional, entre o tipo de ação (atividade física/mental) e a estrutura composicional dos gêneros (predominantemente narrativo-concreto/dissertativo-abstrato). Com isso, seriam atribuídas ao falante estratégias sintáticas e pragmáticas distintas em relação aos usos do verbo “buscar”. A fim de comprovar tal hipótese, Barroso (2008) opera com dados que reúnem amostras do início do século XXI, contemplando três gêneros do discurso, a saber: contos literários, matérias jornalísticas e artigos científicos.

Adotando o tradicional *cline* de mudança proposto por Hopper e Traugott (1993), Barroso (2008) defende, então, que os verbos, de modo geral, seguem o seguinte deslizamento funcional: [verbo pleno] > [verbo auxiliar] > [clítico] > [afixo] > [zero]. Tendo como base esse aporte teórico, o autor identifica, em seus dados, quatro padrões funcionais para o verbo “buscar”, a saber:

1) **Buscar 1:** {Verbo Pleno + Complemento Nominal (concreto)}

(20) A família **busca** água do olho d’água para o consumo doméstico desde quando foi encontrado um gato morto na cisterna. (BARROSO, 2008, p. 60)

2) **Buscar 2:** {Verbo Pleno + Complemento Nominal (abstrato)}

(21) Ministro e PF não **buscaram** ajuda do BC, diz PSDB. (BARROSO, 2008, p. 60)

3) **Buscar 3:** {Verbo Pleno + Complemento Nominal (abstrato) = Verbo Auxiliar + Verbo Nominalizado}

(22) Os estudos **buscam** o enquadramento dos conceitos de estratégia de forma genérica para todos os tipos de organizações existentes, mas, frequentemente, esses trabalhos negligenciam micros e pequenas empresas. Substituição possível: “**buscam** enquadrar os”. (BARROSO, 2008, p. 60)

4) **Buscar 4:** {Verbo Auxiliar + Verbo Pleno}

(23) Movido, então, pela solidariedade crítica, **busca** promover, de modo responsável, a beneficência, a justiça e a igualdade, tendo como consequência a construção da cidadania. (BARROSO, 2008, p. 61)

Nesse sentido, no que se refere ao verbo “buscar”, o autor propõe que:

O verbo buscar, quando deixa de funcionar como núcleo da predicação e perde a noção semântica concreta de expressar ações físicas, passa a ser considerado gramaticalizado e começa a aparecer acompanhando um verbo pleno em construção perifrástica, com sentido mais abstrato que não chega a constituir uma situação, mas contribui semanticamente para o entendimento da situação. (BARROSO, 2007, p. 14)

Sobre “buscar 4”, o autor verifica a tendência de valor, uso e função do verbo “buscar” e o identifica como “carregador” da categoria gramatical de modo em relação à situação indicada por outro verbo, apresentando noção semântica abstrata e voltada para a ação mental. Portanto, para Barroso (2007), esse verbo assume o *status* de marcador de modalidade, tendo a volição como principal característica modalizadora e sendo recorrente nos artigos científicos.

O autor ainda considera o *cline* proposto por Heine *et al.* (1991) – pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade – e o *continuum* formulado por Givón (1979) – discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero. Dessa maneira, verifica que a categoria *processo* é mais recorrente nos artigos científicos – em que o verbo “buscar”, como volitivo, se manifesta com maior frequência –, bem como o estágio *sintaxe*.

Como se pode notar, o estudo de Barroso (2007, 2008) não contempla uma análise diacrônica dos dados referentes ao verbo “buscar”. Assim como também ocorre com a pesquisa de Sousa (2011), o autor não utiliza a abordagem construcional da mudança linguística, o que implica objetivos e, conseqüentemente, resultados distintos dos que pretendemos neste trabalho. No que se refere à identificação do uso volitivo de “buscar”, Barroso (2007, 2008) demonstra que este atua como verbo auxiliar, o que evidencia a complementação com oração encaixada infinita relacionada à expressão da volição. Nesse ponto, nossos dados comungam com os do autor, uma vez que nossa análise aponta o fato de tal complemento indexar, prototipicamente, uma intenção do falante²⁵.

Já no que se refere à pesquisa que realizamos sobre os estudos referentes ao verbo “esperar” na língua portuguesa, identificamos o trabalho de Santos (2009) e o trabalho de Oliveira (2012), os quais tratam pontualmente da gramaticalização do verbo em questão.

²⁵ Analisaremos, pontualmente, as ocorrências com o verbo “buscar” no Capítulo IV desta pesquisa.

Santos (2009) aborda o processamento da mudança linguística sofrida por “esperar”, tendo como base um *corpus* que recobre o falar culto de São Paulo. Em sua análise, a autora identifica diferentes usos sincrônicos para o verbo “esperar” (“aguardar no tempo desejando que algo ocorra”, “aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá”, “expressão de uma volição”, “ter expectativa de obter”, “ter esperança” e “marcador conversacional de interrupção com resquícios da categoria verbal”), os quais, segundo ela, se desenvolveram de acordo com os seguintes padrões funcionais: verbo pleno > verbo quase-auxiliar > marcador conversacional. Como é possível depreender, a autora utiliza o *cline* de gramaticalização [lexical] > [gramatical] > [+ gramatical], assim como o faz Sousa (2011) e Barroso (2007, 2008).

No que tange ao uso do verbo “esperar” como volitivo, Santos (2009) destaca que ele manifesta a expressão de uma volição, de um desejo e admite sujeito e complemento oracional. Como exemplo, retiramos a ocorrência abaixo do trabalho da autora:

(16) **Espero** que seja melhor do que o antigo, porque se ensinava muito errado antigamente (SANTOS, 2009, p. 55)

Em seu estudo, Santos (2009) também não se preocupa em observar a noção de integridade presente nos possíveis padrões construcionais decorrentes da gramaticalização do verbo “esperar”. Ela, como verificamos, tem por objetivo averiguar o caminho de mudança percorrido por “esperar” no português culto paulista, realizando, paralelamente, a descrição dos diferentes usos atribuídos ao verbo. Especificamente acerca do uso volitivo de “esperar”, a autora também salienta o complemento oracional, demonstrando a preferência por esse tipo de complementação em se tratando de verbos volitivos.

Até o presente o momento, analisamos as pesquisas de Sousa (2011), Barroso (2007, 2008) e Santos (2009), pontuando questões que divergem do nosso posicionamento teórico e que, conseqüentemente, implicam o levantamento de considerações na análise e em seus resultados. Preocupando-se em observar os padrões gramaticais vinculados ao verbo, os autores realizam uma classificação a partir das categorias “lexical”, “quase-auxiliar” e “marcador conversacional”, tendo em vista o *cline* de mudança linguística por eles adotado. Além disso, ainda se

ocupam em relacionar tais categorias a determinados padrões de uso, o que demonstra uma preocupação funcionalista ao alinharem forma e uso.

O trabalho realizado em Oliveira (2012), por outro lado, filia-se mais à perspectiva adotada nesta pesquisa. Apesar de tratar da instanciação – através do processo da (inter)subjativização – de diferentes microconstruções relacionadas aos diferentes usos identificados para o verbo “esperar”, o trabalho – partindo, em parte, das premissas teóricas e metodológicas defendidas nesta pesquisa – configura-se como base para as considerações aqui realizadas.

Nesse estudo, foi feita uma pesquisa pancrônica, coletando ocorrências do verbo “esperar” em diferentes *corpora*²⁶. Através de uma análise qualitativa e do levantamento da frequência de uso, foram identificados três diferentes usos para o verbo, a saber: i) “esperar 1”, referente à expressão da noção de aguardar no tempo; ii) “esperar 2”, relacionado à manifestação da volição do falante; e iii) “esperar 3”, que diz respeito à codificação de (contra)expectativas. Abaixo, disponibilizamos exemplos desses três usos retirados do trabalho de Oliveira (2012, p.14):

(17) Pegou fogo no butijão pegou fogo na mangueira lá do butijão e eu cheguei esse dia bem mais tarde e tava os quatro sentadinhos lá no passeio na rua me **esperano** e a casa toda fedeno fumaça (“Projeto Mineirês”, entrevista 13, Belo Horizonte)

(18) **Espero** que eles mudem pra melhor ainda. Eu não sei com que tipo de pessoas eles vão se casar, e com que tipo de pessoas eles vão ter filhos. (“PEUL”, entrevista R11 Eve)

(19) Não falam sobre o que é ser mulher hoje. Estão mais preocupadas em expor seus valores e deixar claro o que **esperam** da filha do que em saber como ela se sente. (Revista “Cláudia”)

Além desses usos, o estudo também verificou outras construções em que figura o verbo “esperar”, sendo a construção “espera aí/peraí” a mais recorrente. Defendemos que essas unidades constituem sequências maiores que se estabilizam na língua, através de seu constante emprego dentro da comunidade linguística, de maneira a configurar um padrão recorrente e produtivo.

No que tange ao desenvolvimento dos três usos identificados em Oliveira (2012), foi proposto, adotando o *cline* da (inter)subjativização, que, no português,

²⁶ Frisamos que utilizamos, nesta pesquisa, os mesmos *corpora* pancrônicos usados em Oliveira (2012), os quais serão descritos no Capítulo III.

“esperar 1” se gramaticalizou para usos mais (inter)subjetivos, deixando de atualizar a noção aspectual de duratividade e passando, no caso de “esperar 2” – o qual corresponde ao uso volitivo do verbo e, portanto, interessa-nos para o desenvolvimento desta pesquisa –, a projetar os desejos e as intenções dos falantes, visando à realização de algo no futuro. Essa característica pode ser observada na ocorrência abaixo:

(20) E (entrevistador): assim, é: pro seu futuro, assim, que que você espera, sei lá, seja lá pra o ano 2000 mesmo agora pra esse ano, é: e todos os outros que virão assim, diga uma coisa boa que você acha que, sabe? tá faltando na sua vida que você tem fé que vai mudá e tal, cê é uma pessoa assim, otimista? Cê tem muitos planos?

F (falante): Tê mais é responsabilidade, eu **espero** que eu seja mais responsável, tenha mais responsabilidade e aí eu...Vai vê se as coisa muda mais pra mim (est). (OLIVEIRA, 2012, p. 74)

De acordo com a análise presente em Oliveira (2012), a partir do julgamento que realiza, o falante, em (20), projeta seus desejos para o ano 2000, expressando, assim, o que quer mudar, no que se refere as suas características pessoais. O verbo “esperar”, neste caso, é usado para expressar a volição do falante, marcando, dessa forma, sua vontade, sua intenção ou seu desejo em relação a um fato possível. Logo, temos que o verbo “esperar” desenvolveu um uso volitivo – o qual a autora denomina de “esperar 2” –, que seria [+ subjetivo]. Isso porque “esperar 2” estaria, segundo Oliveira (2012), diretamente relacionado ao julgamento do falante, o qual avalia uma determinada situação diante de sua vontade (ou não) de que algo aconteça, expressando, desse modo, sua subjetividade. Nesse ponto, comungamos com o trabalho realizado em Oliveira (2012), uma vez que julgamos que o verbo “esperar”, assim como os demais verbos analisados nesta pesquisa, desenvolveram usos cada vez mais (inter)subjetivos no decorrer do tempo.

A fim de estabelecer um padrão construcional prototípico para esse uso, a análise observa os complementos que, junto a “esperar”, caracterizam essa microconstrução, averiguando, como demonstrado em (22), a preferência pela presença de uma oração encaixada finita. Essa preferência em relação ao verbo “esperar” também é confirmada no presente estudo. Como modal, “esperar” passa, então, a projetar uma noção de futuridade, codificando o desejo do falante que é expresso, na ocorrência, pela oração encaixada finita “que eu seja mais

responsável, tenha mais responsabilidade”. Ainda foi possível verificar o maior número de ocorrências do verbo na primeira pessoa do presente do indicativo utilizado com valor de futuridade (“espero”, no exemplo(20)), marcando, mais explicitamente, o comprometimento do falante com o que diz. Tais características demonstram uma possível regularização de um par forma-sentido.

É também válida de ressalva a possibilidade de deslocamento do verbo, de maneira a se desvincular sintaticamente de seu complemento (uma oração encaixada finita), o que aumenta a subjetividade do enunciado. Nesse sentido, conforme Oliveira (2012), o caráter avaliativo presente em “esperar 2” é evidenciado ainda mais.

Ao realizarmos a leitura dos diferentes trabalhos apresentados nesta subseção, percebemos que a grande contribuição desta pesquisa, para entendermos o desenvolvimento de verbos volitivos no português, está na concepção da mudança linguística como analogicamente dirigida. Os trabalhos de Sousa (2011), Barroso (2007, 2008), Santos (2009) e, até mesmo, Oliveira (2012) pautam sua análise na verificação de novas formas e funções que surgem a partir das necessidades comunicativas dos usuários da língua e da interpretação que realizam desses usos emergentes para garantir a comunicação. Obviamente, concordamos com esse posicionamento, uma vez que – como defendido no Capítulo I – também compreendemos a mudança a partir do mecanismo da neoanálise. No entanto, no presente estudo, buscamos demonstrar como diferentes construções com verbos volitivos podem estar relacionadas em uma rede construcional, revelando os diferentes níveis de esquematicidade dessas construções. A compreensão da construcionalização de cada verbo como volitivo é relevante para percebermos o desenvolvimento individual de cada microconstrução volitiva. Porém, nesta pesquisa, objetivamos ainda compreender os subesquemas/as mesoconstruções e o esquema/a macroconstrução que estariam na base desse desenvolvimento.

2.3. Conclusões

Neste capítulo, apresentamos, em um primeiro momento, estudos filosóficos referentes à volição. Em seguida, abordamos o tratamento dessa noção no âmbito linguístico para, enfim, pontuarmos estudos que observam a gramaticalização dos verbos volitivos analisados neste trabalho.

A compreensão da noção de volição possibilitou pensarmos as construções volitivas levantadas a partir de uma concepção escalar, uma vez que nossos dados demonstram que o usuário da língua não codifica os eventos volitivos da mesma maneira. Ao tratarmos da complexidade da volição, até mesmo para a Filosofia, verificamos que essa noção compreende diferentes valores semânticos, os quais se manifestam numa espécie de *continuum* entre os campos acional e mental. Logo, o sujeito volitivo avalia, a partir desse *continuum*, aquilo que julga ser mais exequível diante do controle que possui. Nesse sentido, a volição é indexada diferentemente pelo usuário da língua, que aponta, portanto, linguisticamente esse julgamento.

Dessa forma, é possível afirmarmos que o falante modaliza seu discurso a partir dessa necessidade. Entendemos, assim, que a volição codifica os desejos e as intenções do falante, projetando-os para o futuro. Logo, a volição estaria relacionada à categoria *irrealis*, que diz respeito a eventos não-atualizados. Acreditamos que tal categoria também pode ser observada em termos de graus de intensidade, demonstrando que, quanto menor a incerteza do falante em relação à possível atualização do evento volitivo, menor será a marcação de *irrealis*. Dessa maneira, essa proposta de escalaridade da noção de *irrealis* vai ao encontro da proposta defendida em relação à volição.

Logo, defendemos que, tendo em vista o julgamento que o usuário da língua faz em relação à atualização de determinado evento, as construções volitivas analisadas caracterizam-se a partir de dois extremos:

- i) Ao manifestar uma intenção sobre a qual possui um maior controle para executá-la, o falante a perspectiviza como [- *irrealis*].
- ii) Ao manifestar um desejo sobre o qual não possui/possui um menor controle para executá-lo, o falante o perspectiviza como [+ *irrealis*];

Essa característica da concepção de volição que adotamos neste trabalho acarreta, como evidenciaremos no Capítulo IV, padrões de uso distintos. Os diferentes estudos levantados neste capítulo mostram que analisar as construções envolvendo os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” implica observar quesitos como animacidade, complementação oracional e grau de integração.

No que se refere à gramaticalização de verbos volitivos, os trabalhos apresentados analisam o desenvolvimento de cada verbo, verificando a instanciação de diferentes usos. Como observamos na subseção 2.2.3., os encaminhamentos adotados pelos autores não contemplaram a observância do desenvolvimento de verbos volitivos no português a partir de uma perspectiva macro, de modo a demonstrar a relação que se estabelece entre as diferentes construções envolvendo verbos volitivos. Logo, os estudos de Sousa (2011), Barroso (2007, 2008), Santos (2009) e Oliveira (2012) tratam da gramaticalização dos verbos “querer”, “buscar” e “esperar”, sem se dedicarem à investigação pontual da instanciação de usos volitivos na língua. Assumindo esse objetivo, esta pesquisa se baseia na abordagem construcional da mudança – como discutido no Capítulo I – e, com isso, visa a contribuir para a compreensão do desenvolvimento desses verbos.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo dedica-se aos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Nesse sentido, preocupa-se em: (i) descrever os *corpora* – sincrônicos (oral e escrito) e diacrônicos (escritos) – que constituem nosso banco de dados para a análise dos verbos volitivos em estudo –; e ii) evidenciar o método de pesquisa adotado – o qual, apesar de ser, primordialmente, qualitativo, também verifica a frequência de uso dos possíveis padrões construcionais encontrados.

3.1. A constituição dos *corpora*²⁷

Segundo Heine *et al.*(1991), até a década de 1970, os primeiros estudos sobre gramaticalização eram integrados à linguística diacrônica (ou linguística histórica) e ocupavam-se, basicamente, das transformações diacrônicas sofridas por um determinado elemento – ou seja, explicavam como as formas gramaticais surgiam e se desenvolviam na língua. Todavia, conforme Gonçalves *et al.* (2007), o desenvolvimento de trabalhos em gramaticalização fez com que tal fenômeno começasse a ser concebido, por exemplo, sob a ótica sincrônica, a fim de compreender a gramática da língua a partir da concepção de padrões de usos linguísticos. Nesse sentido, o olhar sincrônico sobre a gramaticalização passa a destacar a relevância de se identificarem os graus de gramaticalidade de uma forma desenvolvidos em decorrência de deslizamentos funcionais sofridos por meio de um enfoque discursivo-pragmático.

Tendo em vista as perspectivas diacrônica e sincrônica, Neves (1997), Traugott (2010b) e Traugott e Trousdale (2013) observam que a primeira estaria vinculada a um caráter gradual da mudança, enquanto a segunda ao caráter instantâneo do processo. Ao enfatizar a gradualidade da mudança linguística, a

²⁷ Destacamos que os *corpora* utilizados, neste estudo, bem como os procedimentos de composição da amostra analisada já foram, por nós, usados em Oliveira (2012). Entretanto, os objetivos e objetos de pesquisa são diferentes.

perspectiva diacrônica evidencia o fato de que novas formas e/ou funções não emergem e se desenvolvem de maneira abrupta, mas sim lenta e discretamente. Como exemplo desse caráter, Neves (1997) destaca a coexistência de formas e/ou funções novas e velhas, ainda que por um curto período de tempo. Já sob o ponto de vista sincrônico, o processo de mudança linguística é compreendido como instantâneo, caracterizando-se, portanto, por ser um ato mental através do qual uma relação de similaridade é explorada, de modo que formas e/ou funções podem ser empregadas, em determinado momento, tanto em seu estatuto original quanto em seu estatuto gramaticalizado.

De acordo com Furtado da Cunha *et al.* (1999), há uma forte tendência em se alinharem as perspectivas diacrônica e sincrônica – o que caracterizaria a abordagem pancrônica – em estudos funcionalistas, principalmente em se tratando de gramaticalização. Assim, além de se investigarem as construções gramaticais enquanto um fenômeno discursivo-pragmático – observando os diferentes estágios linguísticos –, realiza-se um exame sobre a origem e a trajetória dessas construções –, verificando a incorporação da mudança na gramática.

Comungando com esse alinhamento estão Heine *et al.* (1991), Neves (1997) e Martelotta e Alonso (2012). Os primeiros acreditam que uma separação rígida entre diacronia e sincronia não se justificaria, visto que uma não pode ser entendida de maneira independente da outra. Isso porque, como pontua Neves (1997, p. 118), o posicionamento pancrônico “acentua a interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica”. Por sua vez, Martelotta e Alonso (2012, p. 103) apoiam-se em uma abordagem construcional da gramaticalização, defendendo “a possibilidade de se trabalhar com a tradição diacrônica dos estudos de gramaticalização em harmonia com a tradição sincrônica das gramáticas de construção”. Os autores demonstram como uma construção pode ser formada ao longo da história, de modo que suas partes se juntem, tornando-se, através dos séculos, uma estrutura mais complexa de ordem formal e cognitiva, mas que ainda carrega características que remetem à sua origem. Martelotta e Alonso (2012, p. 103) concluem sua argumentação enfatizando que, ao se operar com gramaticalização e Gramática das Construções, a distinção entre diacronia e sincronia precisa ser repensada, uma vez que a gramaticalização é vista como “o

processo que está na base da formação de padrões construcionais, dos mais simples aos mais complexos”, tendo “a rede construcional como arquitetura gramatical disponível para o falante construir seu discurso”.

Desse modo, segundo Heine *et al.* (1991), Neves (1997) e Martelotta e Alonso (2012), a pancronia – junção entre diacronia e sincronia – corresponderia à perspectiva ideal, visto que possibilitaria o alinhamento entre o sistema linguístico e as questões discursivo-pragmáticas, tomaria como base o estudo da história para a compreensão da gramática sincrônica e enfatizaria o caráter interativo das forças inovativas e idiomatizantes.

Portanto, nesta pesquisa, adotamos a perspectiva pancrônica para a análise da mudança sofrida para o desenvolvimento dos verbos volitivos em análise. Nesse sentido, procuramos identificar e descrever os diferentes padrões correspondentes aos construtos, às microconstruções, aos subesquemas/às mesoconstruções e ao esquema/à macroconstrução referentes a “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”.

Para tanto, constituímos uma amostra pancrônica composta por textos sincrônicos, os quais recobrem a modalidade oral – constituída por entrevistas –, e a modalidade escrita da língua – formada por textos retirados de *blogs* e revistas, disponíveis na *Internet* –, e diacrônicos, que foram reunidos a partir de textos escritos pertencentes tanto ao português europeu (doravante também PE) quanto ao português do Brasil (doravante também PB)²⁸.

Buscando uma representatividade da língua de modo a não comprometer os resultados obtidos em nossa análise, selecionamos os *corpora* analisados neste trabalho a partir das diretrizes defendidas por Vitral (2006). Segundo o autor, cada *corpus* que constitui a amostra deve (i) possuir um recorte de mesmo número de palavras (ou número aproximado), (ii) apresentar uma diversidade de gêneros textuais e (iii) se distanciar o máximo possível no tempo.

A partir das diretrizes apontadas acima, temos que um dos critérios utilizados para a seleção/constituição dos *corpora* foi a manutenção da uniformidade no número de palavras. De acordo com Vitral (2006), para que se evitem possíveis enviesamentos, ou seja, assimetrias no levantamento da frequência de uso, é necessário que cada *corpus* apresente o mesmo tamanho, mesmo que

²⁸ Os diferentes *corpora* serão descritos detalhadamente nas subseções a seguir.

aproximadamente. Assim, cada *corpus* sincrônico utilizado, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, é composto por 300 mil palavras, e cada século que recobre a diacronia é composto por 100 mil palavras.

Outro ponto que destacamos na constituição dos *corpora* diz respeito à seleção do gênero/tipo textual. Vitral (2006, p. 151) acredita que a diversidade de gêneros nos textos que compõem cada *corpus* favorece o “surgimento de ambientes semânticos diferentes que propiciam a ampliação dos usos dos itens, com significados diferentes”. Ainda conforme o autor, esse critério mostra a ocorrência do processo de mudança. Obviamente, temos consciência de uma eventual influência de um gênero de texto na apreciação dos resultados, principalmente, quantitativos. Todavia, o levantamento da frequência de uso, nesta pesquisa, servirá como apoio – logo, não será central na descrição dos resultados identificados – para a análise qualitativa das ocorrências. Frisamos que, embora um exame acerca do tipo/gênero textual (ou até mesmo modalidade discursiva) contribua para uma possível análise comparativa entre as construções encontradas, este não corresponde ao objetivo desta tese. Desse modo, nossa amostra – tendo em vista o segundo critério estabelecido em Vitral (2006) – é composta por entrevistas, cartas, diários, reportagens, notícias, poesia, documentos notariais, textos ficcionais etc.

Sobre o conceito de gêneros textuais, Marcuschi (2009 [2008], p.155) observa que eles correspondem a textos materializados, os quais apresentam

[...] padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2009 [2008], p. 155).

Por outro lado, o autor aponta que os tipos textuais (ou sequências) são definidos “pela natureza linguística de sua composição²⁹” (MARCUSCHI, 2009 [2008], p. 154-155). As sequências tipológicas são, dessa forma, compreendidas como esquemas de interação dentro de um gênero e se realizam mediante pressões discursivas. Assim, Marcuschi (2009 [2008]) defende que, no geral, se utiliza um conjunto de categorias limitado e sem tendência a aumentar – narração, argumentação, exposição, descrição, injunção – para designar os tipos textuais. Tal

²⁹ Por natureza linguística de sua composição, entendem-se os aspectos lexicais, os aspectos sintáticos, os tempos verbais, as relações lógicas e o estilo.

fato não procede em se tratando de gêneros textuais, visto que esses, por serem entidades empíricas nas situações comunicativas, são inúmeros tanto em diversidade quanto em forma.

Como pode ser depreendido, determinados aspectos linguísticos estariam relacionados, mais prototipicamente, a determinadas sequências tipológicas. Apesar de reconhecermos a contribuição de tal perspectiva para os estudos linguísticos, não nos adentraremos – como anteriormente mencionado –, nesta pesquisa, nas especificidades das diferentes sequências tipológicas para fins de análise. Apoiando-nos em Vitral (2006), procuramos reunir diferentes gêneros textuais que proporcionassem ambientes discursivos diversos. Com isso, buscamos obter uma maior representatividade da língua, uma vez que julgamos ser esta uma questão fundamental em estudos sobre mudança.

Em relação ao fato de estarmos utilizando na sincronia tanto dados orais quanto dados escritos, frisamos que não é nosso intuito contrapor as duas modalidades, nos limitando a oferecer pistas de possíveis discrepâncias entre elas no levantamento dos dados. Mais uma vez, tivemos por objetivo obter um considerável número de ocorrências para que pudéssemos, com maior propriedade, analisar o desenvolvimento de verbos volitivos em português.

Por fim, é importante que haja a maior distância temporal possível entre os textos de cada *corpus*, já que, para Vitral (2006, p.152), “os processos de gramaticalização se efetivam em grandes lapsos de tempo”. Logo, tendo como base esta última diretriz, selecionamos textos que datam do século XIII ao século XIX, para a constituição do *corpus* diacrônico, e textos que datam do século XX e do século XXI para a constituição do *corpus* sincrônico³⁰.

A amostra sincrônica, como já mencionado, recobre as modalidades oral e escrita da língua, almejando uma maior representatividade linguística. Assim, os dados orais são compostos por entrevistas retiradas de três *corpora* distintos, a saber: o “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Por sua vez, os dados escritos foram compostos por textos de revistas e *blogs* disponíveis na *Internet*, distribuídos em três níveis de formalidade distintos, os quais serão explicitados na subseção 3.1.1.2.

³⁰ Descreveremos, detalhadamente, cada um dos *corpora* selecionados nas subseções a seguir.

Visando à manutenção da uniformidade dos dados, cada modalidade apresenta 900 mil palavras, as quais se distribuem pelos diferentes bancos de dados selecionados. Tal divisão pode ser visualizada na tabela abaixo:

Tabela 1 – Total de número de palavras analisadas nos *corpora* sincrônicos utilizados

	Corpus	Total de número de palavras analisadas
Modalidade Oral	“Projeto Mineirês”	300.000
	“PEUL/RJ”	300.000
	“NURC/RJ”	300.000
Modalidade Escrita	Nível de formalidade 1	300.000
	Nível de formalidade 2	300.000
	Nível de formalidade 3	300.000
Total		1.800.000 palavras

Como se pode verificar, cada modalidade (oral e escrita) é composta por três bancos de dados de 300 mil palavras cada um. O número foi estabelecido com base nas entrevistas disponibilizadas no *site* do “Projeto Mineirês”, que totalizam, aproximadamente, essa quantidade de palavras. Assim sendo, selecionamos os demais *corpora* a partir desse total de palavras, respeitando, com isso, o critério adotado na constituição da amostra. Dessa maneira, cada modalidade é representada por um *corpus* de 900 mil palavras, o que totaliza 1 milhão e 800 mil palavras para os dados sincrônicos. Acreditamos que, com esse total, obtivemos um *corpus* sincrônico com bastante representatividade.

Em relação aos dados diacrônicos, estamos operando somente com textos escritos, mais especificamente com textos ficcionais e documentos notariais. Tal fato decorre da indisponibilidade de dados reais de fala. Sobre a utilização de dados escritos para aferir mudança linguística, baseamo-nos em Traugott e Trousdale (2013), que observam, principalmente no que se refere ao trabalho com dados diacrônicos, que, antes de a população possuir a habilidade de ler e escrever – ou seja, dominar e estabelecer normas específicas que caracterizam essa modalidade,

distanciando-a de uma representação fiel da fala –, os textos eram escritos com a finalidade de serem lidos em voz alta, apresentando, nesse sentido, um modelo baseado em seu público-alvo. Além disso, os autores pontuam que nem toda mudança ocorre na fala e que existem dados escritos que representam ou estão perto de representar dados de fala. Esses dois últimos pontos destacados por Traugott e Trousdale (2013) justificam não somente a constituição de nossa amostra diacrônica, mas também, e principalmente, a seleção de nossos dados sincrônicos.

Ao encontro do posicionamento de Traugott e Trousdale (2013) está Schneider (2004), que defende que a escrita não está desassociada da evolução linguística e, conseqüentemente, no que se refere a textos que recobrem séculos passados – em que não havia uma rígida normatização da escrita –, podemos identificar as marcas do falar de determinada comunidade em determinado tempo.

Assim sendo, Schneider (2004) propõe, para que se possa aferir o vernáculo, os seguintes critérios metodológicos, os quais procuramos empreender nesta pesquisa, tendo em vista a limitação dos *corpora* diacrônicos disponíveis e os objetivos de nossa análise³¹:

- a) o *corpus* deve ser o mais próximo possível da fala, revelando, inclusive, registros de usos diferentes;
- b) o *corpus* deve ser amplo o suficiente para possibilitar o levantamento da frequência de uso;
- c) o *corpus* deve ser representativo da comunidade linguística de modo geral, de forma que se tenha acesso aos mais diferentes discursos.

Segundo Schneider (2004), o ideal é que os textos utilizados possam apresentar o maior número possível de marcas de oralidade, sendo possível aferir o vernáculo. Em textos mais antigos, em que a escrita não era tão formalizada, essas marcas são mais presentes. No entanto, com o desenvolvimento dessa tecnologia e diante do acesso de textos diacrônicos disponíveis, esse critério não pôde ser cumprido fielmente, para todos os séculos, nesta pesquisa. Contudo, não podemos

³¹ Salientamos que temos consciência de que o posicionamento adotado, neste trabalho, corresponde a uma das perspectivas referentes à análise de dados diacrônicos, não correspondendo, portanto, a um pensamento homogêneo dentro dessa área.

deixar de assumir que textos, embora escritos, representam, mesmo que parcialmente, um momento histórico da língua.

Com base nesses critérios, o *corpus* diacrônico analisado neste trabalho é composto por textos escritos – cartas, documentos notariais e textos ficcionais – tanto do PE³² quanto do PB, selecionados dos seguintes projetos: “CIPM - *Corpus* Informatizado do Português Medieval” e “*Corpus* Histórico do Português TychoBrahe”.

Sendo assim, nos comprometendo com a uniformidade da amostra, analisamos o período entre os séculos XIII e XIX, como se verifica na tabela abaixo:

Tabela 2 - Total de número de palavras analisadas nos *corpora* diacrônicos utilizados

Século	Total de palavras analisadas
Século XIII	100.000
Século XIV	100.000
Século XV	100.000
Século XVI	100.000
Século XVII	100.000
Século XVIII	100.000
Século XIX	100.000
Total	700.000 palavras

É possível visualizar, por meio do Tabela 2, que, para cada século, foram analisadas cem mil palavras. Esse total decorre da quantidade de número de palavras disponíveis para o século XIII. Tomando esse século como base, os demais respeitaram o número estabelecido. Logo, a amostra diacrônica é composta por setecentas mil palavras.

A partir dos critérios metodológicos discutidos nesta subseção, constituímos nossa amostra pancrônica para a análise dos dados. No entanto, embora tenhamos

³² Ressaltamos que, devido à insuficiência de textos diacrônicos que recubram o PB, foram utilizados, na constituição da amostra diacrônica, textos do PE.

buscado uma representatividade da língua portuguesa – conforme ratificado através da exposição dos critérios metodológicos empreendidos –, temos consciência de que os *corpora* selecionados nos oferecem, apenas, um recorte parcial da língua, não correspondendo, assim, à totalidade da língua portuguesa. A seguir, passaremos à descrição pontual dos *corpora* analisados.

3.1.1. *Corpora* sincrônicos

Nas subseções a seguir, descreveremos, de forma pontual, os *corpora* sincrônicos orais e os *corpora* sincrônicos escritos nos quais nos baseamos para o levantamento dos dados analisados neste trabalho.

3.1.1.1. *Corpora* sincrônicos orais

Para a oralidade, como já mencionado na subseção anterior, selecionamos três *corpora* bastante abrangentes – O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”³³, o projeto “PEUL” (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua)³⁴ e o projeto “NURC/RJ” (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro)³⁵. Cada *corpus* é constituído por entrevistas e é composto, como destacado no Quadro 9, por 300 mil palavras, totalizando novecentas mil palavras.

O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” é coordenado pela Professora Jânia Martins Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais, e visa a descrever o dialeto belo-horizontino contemporâneo, contrapondo-o aos dialetos de Arceburgo, Mariana, Ouro Preto, Piranga e São João da Ponte. Para tanto, utiliza entrevistas – disponíveis no *site* do projeto e utilizadas em sua totalidade para a realização desta pesquisa (ANEXO 1) – que datam do início do século XXI.

O Projeto “PEUL”, por sua vez, é composto por pesquisadores que se dedicam ao estudo da variação e da mudança linguística na variedade falada e escrita no Rio de Janeiro. A maior parte dos professores-pesquisadores que desse grupo

³³ Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em mar. de 2013.

³⁴ Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/amostras%201.html>. Acesso em mar. de 2013.

³⁵ Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em abr. de 2013.

fazem parte atua na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo a sede do programa localizada nesta instituição. Há mais de vinte anos, o projeto se dedica a analisar a língua em uso e sua inter-relação com seus aspectos sociais, estruturais e funcionais. Seu banco de dados é composto tanto por textos orais – os quais apresentam entrevistas e gravações de fala espontânea, denominadas de “amostra interacional” – quanto por textos escritos. Neste trabalho, foram utilizadas as entrevistas que compõem a “Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000) e o “Censo” (2000) (ANEXO 2).

Já o projeto “NURC/RJ”, coordenado pela Professora Dinah Maria Isensee Callou, disponibiliza entrevistas com informantes cultos cariocas, de nível superior, que apresentam, preferencialmente, pais também cariocas. Tais entrevistas foram realizadas na década de 1970, a fim de caracterizar a modalidade culta da língua falada no Rio de Janeiro. Posteriormente, ao final da década de 1980 e início da década de 1990, houve a necessidade de se confrontarem as gravações feitas nos anos 1970 para que se pudessem analisar processos de mudança linguística. Com esse intuito, foram realizadas entrevistas de recontato, bem como entrevistas com novos informantes. Para a nossa pesquisa, foram selecionados dados de ambas as décadas (ANEXO 3).

Frisamos que, neste trabalho, não temos o intuito de realizar um estudo diatópico, isto é, observar a utilização das diferentes construções volitivas identificadas a partir de regiões territoriais distintas. Os *corpora* orais, nesta pesquisa, foram organizados a partir dos bancos de dados disponíveis.

3.1.1.2. Corpora sincrônicos escritos

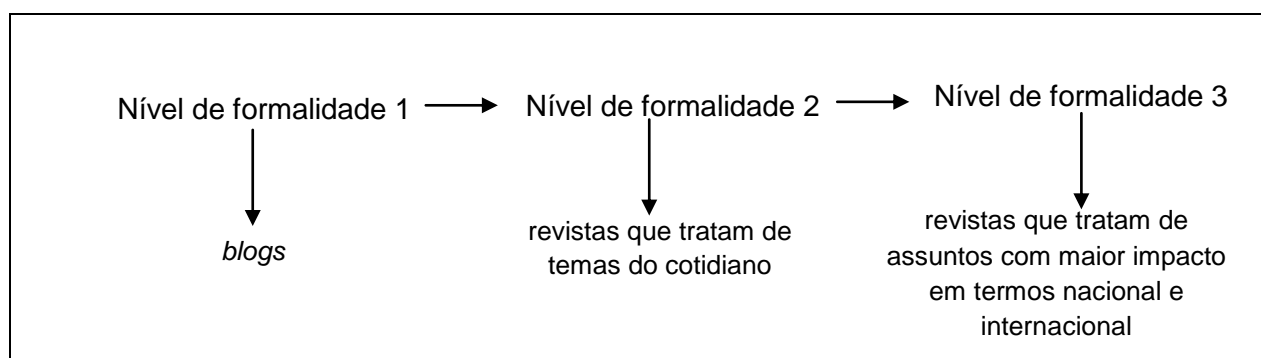
Como anteriormente mencionado, os *corpora* sincrônicos escritos foram distribuídos em três níveis de formalidade por nós estabelecidos. Essa distribuição já é, por nós, defendida em Oliveira (2012). Para a constituição desses *corpora*, foram utilizados textos de *blogs* e revistas, os quais circulam na *Internet* e datam do início do século XXI. No quadro abaixo, descrevemos os níveis a partir dos textos que os constituem:

Quadro 9 - Organização dos níveis de formalidade dos *corpora* escritos sincrônicos

Nível de formalidade	Descrição
Nível de formalidade 1	Textos publicados em <i>blogs</i> pessoais que tratam sobre assuntos cotidianos
Nível de formalidade 2	Textos publicados em revistas que observam questões diárias e mais triviais
Nível de formalidade 3	Textos publicados em revistas que tratam de assuntos com maior impacto em termos nacional e internacional

Tendo em vista essa distribuição, propomos, a seguir, um *continuum* de formalidade:

Quadro 10 - *Continuum* proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o *corpus* sincrônico escrito



A noção de formalidade para a elaboração do *continuum*, o qual foi utilizado na constituição dos *corpora* sincrônicos escritos, advém da perspectiva da variação diafásica³⁶. Esta observa que, a depender da situação comunicativa, os falantes mudam seus registros linguísticos. Assim, a variação decorre das diferentes situações comunicativas que o sujeito vivencia e que, portanto, exigem comportamentos linguísticos distintos. Nesse caso, questões como o assunto tratado, o tipo de interlocutor, a relação entre os interlocutores, o estado emocional dos falantes etc. são levados em consideração.

³⁶ A variação diafásica (do grego: *dia* + *phasis* = "através de" + "discurso") diz respeito à variação linguística observada na fala de um mesmo indivíduo ocasionada pelas condições extraverbais que cercam o ato de fala (COSERIU, 1980).

Outro ponto válido de ressalva refere-se ao suporte³⁷ vinculado aos textos que compõem cada nível de formalidade e relacionado à maneira pela qual cada assunto é abordado. Dessa forma, textos reunidos em *blogs* (nível de formalidade 1) permitem – à exceção de *blogs* destinados a colunistas – uma maior flexibilidade em sua abordagem, uma vez que tal ambiente virtual possibilita uma linguagem menos monitorada e menos padronizada de acordo com critérios formais da escrita. No entanto, a publicação em revistas de circulação nacional e vinculadas a editoras, como é o caso dos outros dois níveis de formalidade analisados, exige uma maior preocupação formal, inclusive, uma preocupação em se evitarem colocações que possam comprometer a credibilidade da revista. Porém, o grau de formalidade entre os dois níveis – nível de formalidade 2 e nível de formalidade 3 – varia devido aos temas/assuntos abordados, como já destacado.

Nesse sentido, mantendo o mesmo critério de equidade no número de palavras, selecionamos trezentas mil palavras para cada nível de formalidade, como se verifica na Tabela 1, totalizando novecentas mil palavras para a modalidade escrita sincrônica. Salientamos que a distribuição dos textos em três níveis de formalidade serve, neste trabalho, como um recurso organizacional dos dados, uma vez que não objetivamos realizar um estudo comparativo entre as modalidades.

Conforme destacado anteriormente, o primeiro nível de formalidade corresponde aos textos selecionados de *blogs*. Podemos observar que, apesar de nesses ambientes circularem diferentes gêneros textuais, a escrita de tais textos caracteriza-se, no geral, por um grau maior de informalidade. Obviamente, sabemos que colunistas de renome, jornalistas, instituições etc. utilizam tais ambientes para divulgar ideias, artigos, notícias, reportagens e, até mesmo, produtos. No entanto, nosso *corpus* é composto, preferencialmente, por *blogs* que correspondem à ideia prototípica do gênero de ser um diário pessoal. Logo, selecionamos textos narrativos que tratam das experiências dos falantes, que observam seu dia-a-dia, que narram suas viagens, passeios, que falam sobre processos empreendidos (como dietas, intercâmbios culturais etc.); também reunimos textos em que o falante imprime seu posicionamento, argumentando a favor ou contra algo por ele mencionado.

Para compor o *corpus*, referente ao segundo nível de formalidade, optamos por textos de revistas que se comprometem com assuntos mais cotidianos, tendo,

³⁷ Segundo Marcuschi (2009 [2008], p 174), o suporte de um gênero é “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”.

basicamente, o público feminino como alvo. Assim, selecionamos as seguintes revistas: “Ana Maria”³⁸, “Caras”³⁹ e “Cláudia”⁴⁰, das quais retiramos notícias, reportagens e entrevistas a respeito de moda, decoração, culinária, relação entre pais e filhos, fofoca etc.

Por fim, o *corpus* que caracteriza o terceiro, e último, nível de formalidade é composto por textos das revistas “Veja”⁴¹, “Isto é”⁴² e “Época”⁴³. Acreditamos que as revistas selecionadas, dentro do *continuum* de formalidade proposto, são mais formais, no sentido de que se dedicam a tratar de temas de interesse nacional e internacional. Desse modo, apresentam notícias, reportagens e entrevistas sobre política, economia, educação, saúde, cultura, tecnologia e lazer. Na maioria das vezes, recorrem a opiniões de especialistas para discorrerem sobre determinado assunto, havendo um comprometimento maior com o nível formal da linguagem.

Novamente, destacamos que a distribuição dos dados em três níveis de formalidade não compromete, nesta pesquisa, a análise e, conseqüentemente, os resultados obtidos. Sabemos da relevância que os tipos/gêneros textuais – bem como seus respectivos níveis de formalidade – podem exercer na apreciação dos dados, mas julgamos que esse tipo de análise está diretamente relacionado aos objetivos e ao ponto de vista do pesquisador. Neste trabalho, não operamos, como já mencionado, com o estudo comparativo entre as diferentes formalidades.

3.1.2. *Corpora* diacrônicos

Para reunir o *corpus* diacrônico, o qual totaliza 700 mil palavras distribuídas em sete séculos, ou seja, 100 mil palavras por século, foram selecionados textos – mais especificamente textos ficcionais e documentos notariais – do “CIPM” (*Corpus* Informatizado do Português Medieval)⁴⁴ e do projeto “TychoBrahe”⁴⁵ (ANEXO 4).

³⁸ Disponível em <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/anamaria/>. Acesso em ago. de 2013.

³⁹ Disponível em <http://caras.uol.com.br> Acesso em ago. de 2013.

⁴⁰ Disponível em <http://claudia.abril.com.br/>. Acesso em ago. de 2013.

⁴¹ Disponível em <http://veja.abril.com.br/>. Acesso em ago. de 2013.

⁴² Disponível em <http://www.istoe.com.br>. Acesso em ago. de 2013.

⁴³ Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/>. Acesso em ago. de 2013.

⁴⁴ Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso jan. 2013.

⁴⁵ Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/>. Acesso jan. 2013.

O “CIPM” corresponde a um projeto de constituição de *um corpus* do Português Medieval, estabelecido a partir da necessidade de se investigar, linguisticamente, o período mais antigo da língua portuguesa. Sendo assim, oferece um banco de dados que vai do século XII⁴⁶ ao século XVI. A partir desse projeto, está sendo desenvolvido o Dicionário do Português Medieval.

Para recobrir o período entre os séculos XVII e XIX, foram utilizados, aleatoriamente, textos do “*Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*”. Tal *corpus* disponibiliza, eletronicamente, 64 textos em português, escritos por autores nascidos entre 1380 e 1845 e apresenta um sistema de anotação linguística composto pelas seguintes etapas: anotação morfológica e anotação sintática.

Como anteriormente destacado, selecionamos os *corpora* supracitados com a intenção de obter uma ampla representatividade da língua e de evitar possíveis enviesamentos em nossa análise. Entretanto, ressaltamos o caráter parcial da amostra, que, ainda, se caracteriza por ser um recorte parcial da língua. Seguindo os critérios estabelecidos por Vitral (2006) e Schneider (2004), selecionamos uma amostra pancrônica que julgamos atender aos objetivos desta pesquisa, que visa a verificar o desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa a partir da abordagem construcional. Nesse sentido, além da manutenção da uniformidade no número de palavras para cada *corpus* comparável, foram utilizados textos de diferentes gêneros textuais (tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita), desde o século XIII até o século atual.

Além da descrição dos critérios de constituição da amostra e dos *corpora* analisados, este capítulo trata da metodologia empreendida em nossa análise. Nesse sentido, na seção subsequente, passaremos à discussão acerca dos métodos de análise utilizados neste trabalho.

3.2. Metodologia qualitativa e o papel da frequência na análise de processos de mudança linguística

Como temos salientado ao longo deste trabalho, nosso objetivo principal é descrever pontualmente as diferentes construções volitivas com os verbos em

⁴⁶ Neste trabalho, não utilizamos os dados referentes ao século XII por serem pouco abrangentes, uma vez que o *corpus* referente a este século totaliza apenas 1.115 palavras.

estudo. Para tanto, realizamos uma análise qualitativa dos dados, uma vez que, conforme Mason (2006), procuramos oferecer uma explicação mais precisa da realidade volitiva dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”.

A partir dessa descrição, também intencionamos demonstrar os padrões e a conseqüente regularidade presentes no desenvolvimento das construções em análise. Para isso, operamos com o levantamento da frequência de uso, que, como visto no Capítulo I, mais do que um recurso metodológico, caracteriza-se por ser um mecanismo de implementação da mudança. Logo, além de realizarmos uma análise qualitativa das ocorrências, utilizamos o cálculo da frequência de uso – ferramenta quantitativa.

Segundo Schiffrin (1987), é comum o equacionamento de análises qualitativa e quantitativa – mesmo que em graus diferentes –, uma vez que é necessária uma descrição prévia das categorias nas quais os dados serão enquadrados e a elaboração de generalizações analíticas a partir da quantificação das ocorrências. De acordo com a autora, dentro da perspectiva qualitativa, se acredita que um número elevado de ocorrências de determinados padrões permite uma análise correta da estrutura, enquanto, na perspectiva quantitativa, é importante um índice elevado de ocorrências para que a análise tenha significância estatística. Nesse sentido, podemos afirmar que este trabalho se utiliza do método misto, com a predominância da metodologia qualitativa (JOHNSON *et al.*, 2007).

Logo, sob o ponto de vista qualitativo, o pesquisador deve se preocupar em: a) oferecer uma descrição detalhada do que está sendo observado; b) compreender o contexto; e c) considerar que os conceitos – em nosso caso, os usos e os possíveis padrões construcionais – surgem a partir dos dados, e não de conceitos pré-estabelecidos (BRYMAN, 1998).

Para averiguarmos a emergência de novos padrões construcionais (os quais podem ser mais esquemáticos), é necessário verificarmos sua frequência. De acordo com Bybee (2006), a linguagem constitui um sistema complexo, no qual fenômenos ocorridos no uso real com altos graus de repetição dão a base para o desenvolvimento de uma gramática.

Assim, como acreditamos, o levantamento da frequência de uso é fundamental para se atestarem os estágios do processo de construcionalização dos verbos volitivos. Desse modo, conforme mostraremos, a partir do aumento da

frequência de uso, temos o indício não somente do resultado da mudança, mas também o reconhecimento do processo a partir da regularização/recorrência dos novos padrões de uso.

Vitral (2006) defende que esse é um dos critérios para a identificação dos processos de gramaticalização, assim como os critérios sintáticos, morfofonéticos e semânticos⁴⁷. Bybee (2003), por sua vez, afirma – como visto na seção 1.2. desta pesquisa – que o aumento da frequência de uso é um traço definidor do processo de mudança, remetendo também à padronização da nova construção que se instaura na língua. Dessa forma, a autora propõe o seguinte:

Defenderei uma nova definição de gramaticalização, a qual reconhece o papel crucial da repetição na gramaticalização e a caracteriza como o processo pelo qual uma sequência de palavras ou morfemas frequentemente usada se torna autônoma como uma unidade única de processamento. (BYBEE, 2003, p. 603)

Também defendendo o papel da repetição na mudança, Martelotta (2009) destaca que, somente ao assumir a alta frequência de uso, uma construção, que se originou no discurso, fará parte da gramática. Assim, temos que, através desse mecanismo, as ocorrências atestadas empiricamente na língua, ou seja, os construtos estão se regularizando ou se padronizando como construções gramaticalmente identificáveis, isto é, como microconstruções. Desse modo, nesta pesquisa, julgamos que o levantamento da frequência de uso nos permite observar a implementação da mudança. Nesse sentido, podemos considerá-la a partir dos quatro níveis, descritos no Capítulo I – mais precisamente, na seção 1.2. –, envolvidos em tal processo: construtos, microconstruções, subesquemas/mesoconstruções e esquema/macroconstrução (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2008a, 2008b).

Além de o aumento da frequência de uso possibilitar a interpretação dos itens como unidades construcionais, ela também acarreta, de acordo com Bybee (2003, 2010, 2011), Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013), mudanças fonológicas de redução e fusão nas construções gramaticalizadas. Sobre essa questão, Traugott e Trousdale (2013) observam que, quando a associação entre

⁴⁷ Acreditamos ainda serem importantes critérios de ordem pragmática e critérios discursivo-funcionais.

forma e sentido ocorre na nova construção – decorrente da resolução do *mismatch* inicial, ou seja, do não alinhamento entre forma e sentido –, a frequência de uso passa a ter um efeito sobre a forma, tornando-a mais integrada. Esse *chunk*, segundo os autores, perde composicionalidade a depender de sua repetição, rotinização. Outra consequência da alta frequência, destacada por Bybee (2003, 2010, 2011), Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013), é a expansão funcional, ou seja, o desenvolvimento de novas associações pragmáticas da construção instanciada.

Essas consequências evidenciam que, como discutido no Capítulo I desta pesquisa, a mudança está sendo implementada na língua. Comungando com Traugott (2011c) e Bybee (2011), julgamos que o levantamento de frequência fornece evidências empíricas de que as inovações que emergem no fluxo da interação, de fato, estão se padronizando/regularizando na língua como construções formalmente identificáveis. Nesse sentido, a frequência de uso passa a ser um mecanismo da mudança linguística, e seu levantamento, tanto na sincronia quanto na diacronia, contribui, de forma substancial, para atestar regularidades e demonstrar que as inovações que emergem na interação se estabelecem, na língua, como construções individuais, as quais, por sua vez, se pautam em esquemas abstratos de natureza cognitiva.

A partir do equacionamento da metodologia qualitativa e do levantamento da frequência de uso, procederemos, no próximo capítulo, à análise dos dados, retirados dos *corpora* descritos anteriormente.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

No decorrer desta tese, temos assumido a premissa de que os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” expressam a volição do falante na língua portuguesa. No que se refere à manifestação da volição, este estudo defende, conforme salientado no Capítulo II, que essa noção se apresenta de maneira escalar, indexando – tendo em vista o *Princípio Universal da Iconicidade* – as intenções e os desejos do falante. Dessa maneira, entendemos a volição a partir de graus de incerteza epistêmica expressos pelo usuário da língua acerca da realização daquilo que almeja, projetando o evento volitivo no campo da futuridade. Tal característica está diretamente relacionada, como acreditamos, à categoria *irrealis*. Com isso, também compreendemos que tais verbos estão vinculados a padrões construcionais específicos, os quais podem ser observados a partir de características cada vez mais esquemáticas. Logo, neste capítulo, investigamos, de maneira geral, o desenvolvimento do uso volitivo de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” através da análise dos dados levantados nos *corpora* pancrônicos descritos no Capítulo III desta pesquisa.

Partindo desses pressupostos, este capítulo tem por objetivos:

- i) contribuir para a compreensão da volição – em se tratando de verbos volitivos –, entendendo-a como uma noção escalar entre intenção e desejo;
- ii) identificar a emergência de construções volitivas para cada verbo;
- iii) estabelecer os diferentes níveis de esquematicidade, relacionando, dessa forma, as construções com verbos volitivos; e
- iv) oferecer uma proposta de rede construcional para os verbos volitivos.

Buscando cumprir os objetivos propostos, realizamos, inicialmente, o levantamento das ocorrências dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos *corpora* pancrônicos selecionados, tanto no que se refere ao uso volitivo desses verbos, quanto aos demais usos identificados. Com base nesse levantamento, encontramos a seguinte frequência para cada verbo na sincronia:

Tabela 3 - Distribuição dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos *corpora* sincrônicos analisados

		Querer		Esperar		Procurar		Buscar		Tentar		Total
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Modalidade oral	Projeto Mineirês	482	59,7 %	85	10,5 %	95	11,8%	53	6,6%	92	11,4%	807
	PEUL/RJ	786	68,7 %	93	8,1%	82	7,2%	50	4,4%	133	11,6 %	1144
	NURC/RJ	481	64,9 %	53	7,1%	147	19,8%	08	1,1%	52	7%	741
Modalidade escrita	Nível de formalidade 1	772	58,3 %	207	15,6 %	90	6,8%	45	3,4%	210	15,9 %	1324
	Nível de formalidade 2	536	52,4 %	120	11,7 %	142	13,9%	80	7,8%	145	14,2 %	1023
	Nível de formalidade 3	362	47,1 %	95	12,4 %	68	8,9%	64	8,3%	179	23,3 %	768
Total		3419	58,9 %	653	11,2 %	624	10,7%	300	5,2%	811	14%	5807

A tabela acima demonstra que foram encontradas 5.807 ocorrências dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” na sincronia. Desses verbos, “querer” é o mais frequente, em todos os *corpora* analisados, correspondendo a um total de 3.419 ocorrências sincrônicas, isto é, 58,9% das ocorrências identificadas. A tabela ainda revela que, tendo em vista o total mencionado de 5.807 ocorrências, o segundo verbo com maior distribuição nos dados é “tentar”, tendo sido encontradas 811 ocorrências para esse verbo, totalizando, dessa forma, 14% dos dados. Já “esperar” e “procurar” totalizam, respectivamente, 653 (ou seja, 11,2%) e 624 ocorrências (ou seja, 10,7%). Por fim, o verbo “buscar” foi o menos frequente nos dados, apresentando 300 ocorrências na sincronia, o que se refere a 5,2% do total encontrado. Reforçamos que a tabela 3 evidencia a distribuição total de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”,

explicitando, dessa maneira, os diferentes usos atribuídos aos verbos, sejam eles volitivos ou não.

Ainda devemos levar em consideração alguns pontos ao analisarmos a frequência da Tabela 3. Conforme apontado na no Capítulo III, dedicado aos procedimentos metodológicos, este trabalho não visa a realizar uma análise comparativa entre as modalidades oral e escrita, tampouco um estudo diatópico ou diafásico das ocorrências encontradas. Como não há um controle sistemático, neste estudo, de possíveis variações e diferenças entre modalidades e tipos/gêneros textuais utilizados, não podemos mensurar a influência desses fatores em um maior ou menor número de ocorrência para determinado verbo e, conseqüentemente, para determinado uso. Os dados, à maneira como são apresentados na tabela, revelam, apenas, um sistema de organização na seleção e análise dos *corpora*. Além disso, a frequência, como visto nos pressupostos teóricos, mais do que um recurso metodológico, é um mecanismo de implementação da mudança linguística. Portanto, é dessa maneira que julgamos ser significativa a análise da frequência de uso.

No que tange à diacronia, os dados se distribuem, por verbo, da seguinte forma:

Tabela 4 - Distribuição dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos *corpora* diacrônicos analisados

	<i>Querer</i>		<i>Esperar</i>		<i>Procurar</i>		<i>Buscar</i>		<i>Tentar</i>		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Século XIII	624	98,4%	1	0,2%	0	0%	4	0,6%	5	0,8%	634
Século XIV	444	98,9%	4	0,9%	0	0%	1	0,2%	0	0%	449
Século XV	287	89,7%	13	4,1%	4	1,2%	12	3,8%	4	1,2%	320
Século XVI	185	70,1%	24	9,1%	19	7,2%	34	12,9%	2	0,7%	264
Século XVII	284	56,8%	118	23,6%	73	14,6%	20	4%	5	1%	500
Século XVIII	296	64,6%	54	11,8%	59	12,9%	42	9,2%	7	1,5%	458
Século XIX	236	66,7%	60	16,9%	39	11%	11	3,1%	8	2,3%	354
Total	2356	79,1%	274	9,2%	194	6,5%	124	4,2%	31	1%	2979

Na tabela acima, verifica-se que, no que diz respeito à diacronia, os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” totalizam 2.979 ocorrências. Desse total, 2.356 ocorrências correspondem ao verbo “querer” – isto é, 79,1% do total identificado –, confirmando que, assim como na sincronia, esse verbo é o mais produtivo nos dados analisados. O verbo “esperar”, por sua vez, aparece 274 vezes, totalizando 9,2% das ocorrências e sendo, portanto, o segundo verbo mais frequente na diacronia. Em seguida, temos os verbos “procurar”, “buscar” e “tentar”, que somam, respectivamente, 194 (6,5%), 124 (4,2%) e 31 (1%) ocorrências. Entretanto, assim como ocorre na sincronia, a frequência diacrônica de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” na Tabela 4 se sujeita às limitações dos *corpora* analisados e aos objetivos da presente pesquisa. Assim sendo, explicações acerca da diferença de número de ocorrências de um mesmo verbo em diferentes séculos –

uma vez que foi analisado o mesmo número de palavras para cada século – não serão focalizadas neste trabalho.

A partir do levantamento desses dados, tanto sincrônicos quanto diacrônicos, podemos tecer algumas discussões sobre os verbos em análise. Nas ocorrências identificadas, averiguamos que “querer” manifesta, majoritariamente, as intenções e os desejos do falante. Ou seja, podemos afirmar que o verbo em questão, na língua portuguesa, indexa, prototipicamente, a volição do sujeito. No entanto, é possível verificarmos alguns padrões que se estabilizam na língua através de seu constante emprego pelos falantes, de maneira a configurar sequências recorrentes e produtivas. São elas: “quer porque quer”, “querendo ou não”, “se Deus quiser”, “sem querer”, “(a)onde quer que X”, “quem quer que X” e “quer dizer”. Essas práticas discursivas, aprendidas via repetição na comunidade linguística a fim de cumprir um determinado objetivo comunicativo, não serão analisadas pontualmente, nesta pesquisa, já que entendemos que a compreensão de tais padrões seria relevante em um estudo focado no desenvolvimento individual do verbo “querer”, mas não em um voltado para a compreensão da rede volitiva envolvendo verbos da língua portuguesa.

Ainda é válido de ressalva que, na diacronia, encontramos ocorrências em que o verbo “querer”, conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, aparece desassociado do pronome “qual”, revelando que a palavra “qualquer” é formada a partir da combinação desses dois elementos.

Outro ponto de destaque referente aos dados diacrônicos é a ocorrência de “querer” com função optativa, equivalendo-se, portanto, a “ou”. Nesse uso, o vocábulo é utilizado em par, de modo que podemos pensar no seguinte padrão construcional: “quer X quer X”. Também salientamos que, sincronicamente, não identificamos esse uso do verbo nos *corpora* oral e escrito analisados, o que pode caracterizar um possível desuso da expressão⁴⁸.

Já os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” apresentam, sincronicamente, uma multifuncionalidade, uma vez que indexam diferentes usos na língua portuguesa, incluindo o volitivo. Essa multifuncionalidade também pode ser

⁴⁸ Um exemplo para o tipo de ocorrência “quer X quer X” é: “[...] esse Séneca, que provou bem consigo mesmo o que ensinou aos outros, **quer no viver, quer no morrer**, esse mesmo nos deixou dito: ser ignorância temermos aquilo que não podíamos evitar” (Século XVII. Dom Francisco Manuel de Melo).

observada na análise diacrônica das ocorrências de cada verbo, a qual vem a fundamentar a trajetória de desenvolvimento de “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Embora a presente pesquisa não tenha por objetivo investigar, especificamente, o desenvolvimento individual de cada verbo – já que entendemos que, apesar de todos, em um dado momento, terem desenvolvido uma interpretação volitiva, eles ainda possuem trajetórias de mudanças próprias –, podemos depreender que esses verbos passaram a codificar significados (como o volitivo) cada vez mais pautados na perspectiva do falante, isto é, significados (inter)subjetivos.

Assim, temos que, além de codificar a volição do falante, esses verbos apresentam os seguintes usos:

- a) *Esperar*. “expressão da ideia de aguardar no tempo” e “indexação das (contra)expectativas do falante”.

(21) Antes de eu ter filho, eu pensei em tudo, entendeu? Eu queria muito tê um filho, eu **esperei** dois anos de casada, mas, eu pensei em tudo, não foi assim:: “Ah! quero tê filho, aí, ai que merda!”. Não é isso não. Tem que sê, sabe [tem que ser pensado], é unzinho só, por enquanto. Se a minha vida melhorá, eu vô tê outro; se não melhorá também, sei lá, um só, eu sei que um é ruim, mas o que eu posso fazê. Se eu quero dá um conforto pra ela, mas, uma escola boa, curso de inglês, e o que eu puder dá pra ela de bom, eu vô podê tê dois, <pra num...> acho que não é por aí, não. (“PEUL/RJ”)

(22) Quem viveu nos anos 80 sabe como isso influenciou na nossa vida. A gente cresceu pensando que iríamos, algum dia, ter uma grande revelação sobre a vida, ter um romance platônico, cabular aula e jogar a ferrari do pai do nosso amigo rico dentro da piscina, não sem antes ter dançado Twist and Shout em praça pública, como todo mundo sabendo a coreografia de antemão. Isso que nem tinha flash mob na época e o telefone era orelhão de ficha, mesmo. Só que a gente cresceu e nada foi como **esperávamos**. Ninguém explicou que as pessoas se separavam e nem que, muitas vezes, você tem que ir para um juiz para brigar pela guarda do filho. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Como se verifica nas ocorrências acima, temos que, em (21), a entrevistada comenta que, apesar da grande vontade de ser mãe, aguardou dois anos, após o casamento, para poder engravidar. Já, em (22), o falante destaca a quebra das expectativas criadas pela geração que viveu nos anos 80. Assim, temos que o verbo “esperar” é utilizado, no primeiro exemplo, com a acepção de “aguardar no tempo” e,

no segundo, com a ideia de contraexpectativa. Essas duas ocorrências confirmam a multifuncionalidade do verbo, que pode, ainda, ser utilizado para expressar a volição do falante.

Ainda devemos frisar que – assim como ocorre com “querer” – foram encontradas sequências ritualizadas – “(quando) (a gente) menos espera”, “não perde por esperar”, “mal (posso) esperar”, “é/era de (se) esperar”, “esperar para (para/pra) ver” e “espera aí/peraí” – que evidenciam uma expansão pragmática dos sentidos do verbo “esperar”, que, por sua vez, passa a figurar em padrões construcionais específicos, criando novos usos. Desse modo, também verificamos que essas construções funcionam, essencialmente, na marcação de um determinado posicionamento do falante acerca do enunciado proferido. Salientamos, entretanto, que essas sequências não serão alvo de nossa análise, uma vez que julgamos que esses padrões, específicos para o verbo “esperar”, não interferem na compreensão do desenvolvimento de verbos volitivos no português. É válido de ressalva que esse tipo de padrão não foi identificado para “procurar”, “buscar” e “tentar”.

b) *Procurar*: “localização de algo/alguém no espaço”.

(23) Os preparativos corriam super bem até que tivemos um contratempo com o local da festa. A noiva foi avisada que o local entraria em reforma. Nunca vou me esquecer daquele dia! A pobrezinha ficou arrasada e me ligou chorando muito. Meu coração ficou apertado e ao mesmo tempo me deu muita raiva da forma como ela foi avisada. [Aproveito para desabafar que acho um absurdo profissionais tratarem a festa de casamento como outra qualquer. Festa de casamento é única e muito especial! Toda noiva deve e merece ser tratada com muita consideração e carinho.] Mexe comigo, mas não mexe com noiva minha que eu fico tiririca!!! Tentei acalmá-la e prometi que encontraríamos um outro lugar bem melhor! Começamos uma corrida frenética **procurando** um novo local e encontramos disponibilidade na hípica! Vivaaaaa!!! e assim retomamos os preparativos com força total! (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

A ocorrência (23) traz o verbo “procurar” com o sentido de localizar algo. Assim, o falante – um organizador de eventos – diz que, diante da necessidade de realizar a festa de casamento em outro local, ele e sua equipe iniciaram uma busca por um novo lugar, ou seja, precisaram localizar um outro espaço para a realização do evento.

c) *Buscar*: “deslocamento para pegar algo/alguém” e “localização de algo/alguém no espaço”.

(24) CLARO, como nada eh perfeito, eu estava passando mal, ai que sorte! hahaha Passei mal duas vezes no meu intercambio, ANO NOVO e PROM! Nao, nao dava pra escolher uma data melhor.. hahaha Como eu nao tava me sentindo bem, nao ia aguentar ir pro After Prom muito tempo, entao vim pra casa, me arrumei, o Ethan me **buscou** e fomos pra casa da minha amiga, eu fiquei la uns 50 minutos e nao deu mais, vim pra casa tentar descansar, e claro, nao consegui, fui dormir umas 3 da manha. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(25) segundos de Google e descobrimos que o Titan não tem NADA a ver com estudantes de Birmingham. **Buscando** no Google o PRIMEIRO link é o do site oficial do Robô. O terceiro é da Wikipedia, onde são dadas todas as informações sobre o traje. Sim, Titan é um traje, ele é tão robô quanto o dinossauro do post anterior. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Os exemplos acima demonstram que, além de *volição*, o verbo “*buscar*” pode codificar outros dois usos. Em (24), “*buscar*” é empregado para se referir ao ato de se locomover para pegar alguém. Nesse sentido, temos que o falante menciona que, a fim de se reunirem na casa de uma amiga, Ethan se dirigiu até onde ele se encontrava para pegá-lo e acompanhá-lo até o local desejado. Por sua vez, em (25), o sujeito focaliza sua procura por determinada informação. Logo, diferentemente do que ocorre na ocorrência (23) e semelhante ao uso descrito anteriormente de “*procurar*”, “*buscar*” é utilizado para indicar o ato de localizar algo.

d) *Tentar*: “manifestação da ideia de tentação”⁴⁹ e “indicação de uma tentativa”.

(26) El-Rei Dom Filipe, dando crédito a seus conselheiros, se conformou com a satisfação da Casa de Bragança; e segurando com baratos favores sua conformidade. É desapiedada a pena que se introduz a **tentar** o coração dos príncipes, impondo com outras transferências a malícia dos autores nas acções. (Século XVII. Alexandre de Gusmão)

(27) Corro pros vestiários, **tento** conexão dentro do estádio e nada. Por ali fico um tempo até poder entrar no vestiário do São José. Entrevisto o técnico Marcio Oliveira, parablenizo a zagueira Bagé e a centro avante Luana. Tiro foto da taça de vice e parto para a porta do vestiário santista. Minha “equipe” jaz destruída. Consigo falar com o então técnico das Sereias, Kleiton Lima, tiro foto de Aline

⁴⁹ O uso referente à “manifestação da ideia de tentação” só foi encontrado nos dados diacrônicos.

Pelegrino, Thaís, Cristiane e Maurine e termino meu trabalho. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Por fim, as ocorrências (26) e (27) destacam que o verbo “tentar” pode também expressar, respectivamente, ideias referentes à “tentação” ou “tentativa”. O exemplo (26) corresponde ao uso relacionado ao ato de seduzir (no caso, o coração dos príncipes). Já (27) diz respeito ao ato de esforçar-se para conseguir algo (no caso, conectar a *Internet* dentro do estádio).

Diante dos objetivos traçados para este trabalho, focalizamos, em nossa análise, as ocorrências volitivas identificadas. Logo, a Tabela 5 mostra a distribuição sincrônica referente ao uso volitivo de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”:

Tabela 5 - Distribuição das ocorrências volitivas de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos *corpora* sincrônicos analisados

		<i>Querer</i>		<i>Esperar</i>		<i>Procurar</i>		<i>Buscar</i>		<i>Tentar</i>		Total
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Modalidade oral	Projeto Mineirês	482	80,3 %	06	1%	28	4,7 %	10	1,7 %	74	12,3%	600
	PEUL/RJ	781	82,6 %	13	1,4 %	39	4,1 %	19	2%	94	9,9 %	946
	NURC/RJ	462	75,2 %	12	2%	98	16%	02	0,3 %	40	6,5 %	614
Modalidade escrita	Nível de formalidade 1	739	68,8 %	94	8,7 %	35	3,3 %	26	2,4 %	180	16,8 %	1074
	Nível de formalidade 2	515	64,7 %	37	4,6 %	64	8%	50	6,3 %	130	16,3 %	796
	Nível de formalidade 3	341	55,4 %	40	6,5 %	24	3,9 %	49	7,9 %	162	26,3 %	616
Total		3320	71,5 %	202	4,3 %	288	6,2 %	156	3,4 %	680	14,6 %	4646

A tabela 5 revela que foram encontradas 4.646 ocorrências volitivas dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos *corpora* sincrônicos utilizados. Como se verifica, “querer” é o verbo volitivo mais frequente, em todos os *corpora* analisados, correspondendo a um total de 3.320 ocorrências sincrônicas, o que totaliza 71,5% dos dados volitivos identificados. O segundo verbo com maior distribuição volitiva é “tentar”, sendo identificadas 680 ocorrências para esse verbo, isto é, 14,6% do total. Já “procurar” e “esperar” totalizam, respectivamente, 288 e 202 ocorrências, ou seja, 6,2% e 4,3%. Por fim, o verbo “buscar” aparece 156 vezes na sincronia, o que representa 3,4% dos dados volitivos analisados.

A análise da frequência de uso dos verbos volitivos, à maneira como apresentada na Tabela 5, não indica, por si só, uma evidência acerca dos estágios de desenvolvimento dos verbos em análise. É necessário, ainda, observarmos a distribuição diacrônica e a frequência dos diferentes padrões volitivos identificados. Além disso, a distribuição dos dados deve ser alinhada a um estudo qualitativo das ocorrências, o que, como acreditamos, fornecerá uma melhor compreensão sobre o fenômeno. Assim, julgamos, como temos pontuado nesta pesquisa, que a volição se manifesta distintamente na língua a depender do grau de incerteza epistêmica do sujeito, em um *continuum* de crescente indexação da categoria *irrealis*. Logo, haveria padrões, como destacaremos no decorrer deste capítulo, que codificariam um desejo do falante, concebendo-o como não-real e com menores chances de ser atualizado.

Todavia, podemos traçar alguns apontamentos com base na frequência averiguada na Tabela 5:

a) A frequência de ocorrências volitivas pode estar diretamente relacionada ao número de ocorrências identificadas, no geral, para cada verbo. Assim, quanto maior o número de ocorrências para um determinado verbo, maior seria o número de ocorrências volitivas que esse verbo possui. Esse fato, a nosso ver, indica uma limitação da análise da frequência.

b) Entretanto, a alta produtividade do verbo “querer” – que se faz em uma escala bem maior que a dos demais verbos, correspondendo a 71,5% do total encontrado – pode demonstrar que tal verbo, na rede volitiva, funcione

como uma espécie de catalisador, possibilitando, via processo de analogização (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), o desenvolvimento das construções volitivas com os outros verbos e, dessa forma, servindo de base para esse desenvolvimento.

c) A frequência volitiva de “tentar”, embora seja a segunda maior nos dados sincrônicos, pode também estar relacionada ao fato de esse verbo, em seu uso volitivo – como observaremos no decorrer deste capítulo –, estar fortemente associado à ideia de “tentativa”. Esse fator pode evidenciar uma transição no processo de desenvolvimento do uso volitivo do verbo, bem como uma especialização das construções volitivas com o verbo “tentar”.

Mediante a identificação de ocorrências volitivas para os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, fornecemos, abaixo, exemplos desse uso retirados dos *corpora* sincrônicos analisados:

(28) F: Então nós resolvemos fazê uma festa surpresa prá ele, já que ele num **quis** festa na escola e nós combinamos, como eu trabalho perto do McDonald’s da Tijuca [...] (“PEUL/RJ”)

(29) Um amigo meu foi embora. Para mto longe e estou cheia de saudades mas so duas pessoas sabem. Não quero q se saiba mesmo.. nós andavamos sempre as turras mas depois faziamos tréguas e eramos muito amigos nessas alturas. Mas **espero** q ele venha para cá passar o Verão para junto de nós! (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(30) Nossos familiares também marcaram presença, lógico! No caminho ao Parque São Jorge, só de imaginar meus pés ao lado dos pés do meu ídolo Rivellino, verdadeiramente me emocionava. Quando estacionei o carro **procurei** atender todo mundo. Era um carinho enorme. Parecia que naquele momento eu realmente estava na ativa. Jogando bola. Impressionante! (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(31) i:: acriditu qui pessoas assim como eu tem uma facilidadi um pôco melhor im im im ter assim essa predisposição a a a meditação, a **buscar** realmenti u u si conhecer interior, intão pessoas qui qui {tz} qui tem né desde a infância u ladu

emocional mais aflorado ela tem essa [pos] possibilidadi di ter mais assim certeza n num dus momentu das [vid] di vida i a a as pessoas qui estão qui convivem ao meu redor meu dia a dia (“Projeto Mineirês”)

- (32) 3. Evitar negociar... ou seja, não oferecer chocolate em troca de bom comportamento, pois regras são regras e precisam ser seguidas: não bater, não morder, escovar os dentes, não correr no estacionamento, não atravessar a rua sem segurar na mão etc.
4. **Tentar** canalizar a energia do filho, no meu caso, levo ele pra longas caminhadas. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Nas ocorrências anteriores, os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” expressam a volição do sujeito. Em (28), o falante comenta que o filho manifestou a vontade de não comemorar (isto é, “não quis”) o aniversário com uma festa na escola. Por sua vez, em (29), o desejo do falante (de que o amigo venha passar o verão em sua companhia) é expresso através do verbo “esperar”. Já em (30), a intenção do locutor foi de estacionar o carro em um lugar que pudesse atender às necessidades de todos, ou seja, ele procurou fazer isso. Na ocorrência (31), temos que o falante, ao defender que as pessoas têm uma predisposição para a meditação, afirma que o indivíduo sempre quer (busca) conhecer o seu interior. Por fim, em (32), o locutor pondera que sempre intenciona, ao educar o filho, canalizar a energia da criança. Logo, o verbo “tentar”, assim como os demais, também é utilizado para codificar uma vontade do falante.

Por sua vez, na diacronia, encontramos a seguinte distribuição dos verbos volitivos analisados:

Tabela 6 - Distribuição das ocorrências volitivas de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos *corpora* diacrônicos analisados

	Querer		Esperar		Procurar		Buscar		Tentar		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Século XIII	446	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	446
Século XIV	351	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	351
Século XV	217	93,5%	05	2,2%	01	0,4%	09	3,9%	0	0%	232
Século XVI	166	82,6%	01	0,5%	16	8%	18	8,9%	0	0%	201
Século XVII	272	70,1%	47	12,1%	61	15,7%	08	2,1%	0	0%	388
Século XVIII	290	82,2%	11	3,1%	34	9,6%	17	4,8%	01	0,3%	353
Século XIX	215	84%	12	4,7%	27	10,5%	0	0%	02	0,8%	256
Total	1957	87,9%	76	3,4%	139	6,2%	52	2,3%	03	0,2%	2227

Acima, verificamos que, no que diz respeito à diacronia, os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” totalizam, em relação à manifestação da volição, 2.227 ocorrências. Desse total, 1.957 ocorrências, isto é, 87,9% dos dados volitivos analisados, correspondem ao verbo “querer”. Diferentemente do que ocorre na sincronia – em que “tentar” é o segundo verbo mais frequente –, na diacronia, temos que “procurar” ocorre em 6,2% dos dados, caracterizando-se como o segundo verbo mais frequente nos dados diacrônicos. O verbo “esperar”, por sua vez, aparece 76 vezes, referindo-se, portanto, a 3,4% dos dados volitivos diacrônicos. Em seguida, aparece o verbo “buscar”, totalizando 52 ocorrências (2,3 %). Por fim, temos o verbo “tentar”, que soma, entre os séculos, somente 03 ocorrências (0,2%).

A análise da Tabela 6 sugere as seguintes conclusões:

a) A distribuição de “querer” volitivo, entre os séculos, revela a alta produtividade desse uso do verbo e indica, como acreditamos, sua anterioridade em relação aos demais.

b) A acepção volitiva de “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” pode ser entendida como posterior a “querer”, uma vez que a volição só passa a ser codificada por esses verbos a partir dos séculos XV (para os três primeiros) e XVIII (para “tentar”).

c) Em relação a “tentar”, a baixa produtividade se alinha ao fato de o verbo, tendo em vista o *corpus* diacrônico analisado, passar a expressar a vontade do falante somente a partir do século XVIII.

Frisamos que, nesta pesquisa, a diacronia tem por objetivo principal fundamentar aquilo que foi verificado sincronicamente. Dessa maneira, a comparação dos resultados obtidos sincrônica e diacronicamente mostra, como apontamos anteriormente, que “querer” é o volitivo mais difundido, anterior e, com isso, prototípico da língua – servindo, inclusive, de exemplar para, através do mecanismo da analogização, o desenvolvimento dos demais. Enquanto na sincronia “tentar” foi o segundo verbo mais frequente, na diacronia “procurar” é o que ocupa essa posição. Somado a isso, os verbos, diacronicamente, distribuem-se de modo a apontar uma posterioridade em relação a “esperar”. Essa falta de correspondência, em termos de produtividade, revela, diante do recorte parcial da língua adotado nesta pesquisa, a necessidade de uma análise qualitativa das ocorrências identificadas, que será realizada na seção 4.2.

A seguir, apresentamos ocorrências diacrônicas que ilustram o emprego de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” para expressar a vontade do falante:

(33) Onde diz Salamo~: Va~a~o he todo home~ e~ que no~ he a sciencia de Deus. E pore~ no~ te **quise** escrever liuro sinpliz daquellas cousas que tu dema~daste, mais trabalhei-me fazer este liuro das cousas co~teudas e~nas Escripturas Sanctas e dos dizeres e autoridades dos doutores catholicos e de outros sabedores e das façanhas e dos exenplos dos sanctos home~e~s. (Século XV. Orto do Esposo)

(34) E a blandeza do bo~o~ odor do corpo uirge~ muyto mais sera, mas o odor do corpo de Jhesu Christo sera muy mais sem medida. E pore~ todo home~, pois que **espera** seer co~fortado per tantos bo~o~s odores pera senpre, tam bem co~ [o] odor dos sanctos como co~ [o] odor de Jhesu Christo, deue de desprezar todollos odores deste mu~do e deue correr depos os odores de Jhesu Christo, asy como faze~ as animalias que segue~ hu~a besta que chama~ pantera, segundo se conte~ em este falame~to que se ssegue. (Século XV. Orto do Esposo)

(35) E quando as obrigações da comunidade ou obediência particular o levavam fora dela, sempre lia primeiro umas palavras que tinha escritas em um papel pregado na porta, da banda de dentro, que eram: Dirigantur, Domine, gressus mei ad custodiendas justificantes tuas, que querem dizer: encaminhem-se, Senhor, meus passos pera guarda de vossa santa lei. E em todo tempo que por fora gastava, **procurava** andar sempre no interior muito recolhido. (Século XVI. A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires)

(36) Esta falta total de talento, e habilidade para servir, e a propensão fortíssima que tive sempre desde que me entendo (e que creio Vossa Mercê observou por mim talvez poucos dias ou horas depois que me conheceu), a viver a meu modo, a ser senhor da minha vontade, ou chame-lhe como quiser, são as que me determinaram a não servir, me parece a mim se entende; porque na realidade será talvez a minha soberba, e poltronaria, ou se o não são, ao menos eu não me cançarei em **buscar**, ou dar razões para me persuadir, ou pretender que outros se persuadam que não há mínimo laivo de vício nesta minha senhoria da minha vontade. (Século XVIII. Cartas do Abade Antonio da Costa)

(37) Tínhamos por companheiros de mesa o Abade , o nosso amigo Frei Domingos e, umas vezes, Frei Severino, nosso capelão , outras o Reverendo Padre Manuel, que ainda vive, antigo prior de São Domingos de Bemfica, e, muitas, um mau pintor que herdamos de nossa Mãe e tias, o Senhor Bianchini, o qual, por várias ocasiões , **tentou** retratar-nos , mas sempre com grande infelicidade. (Século XIX. Camilo Castelo Branco)

As ocorrências acima demonstram os desejos/as intenções do falante em realizar algo. Dessa maneira, em (33), o verbo “querer” é utilizado para manifestar a vontade do sujeito em não escrever um livro simples. Já, em (34), a volição do falante é expressa pelo verbo “esperar”, o qual codifica a intenção dos homens de serem confortados por “bons odores” dos santos. Na ocorrência (35), “procurar” reflete a vontade de permanecer recolhido, enquanto que, em (36), “buscar” codifica a intenção do falante em viver sempre a sua maneira. Em seguida, o verbo “tentar”, no exemplo (37), refere-se à vontade do pintor em retratar uma família.

A partir das considerações realizadas sobre os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, entendemos que, enquanto os quatro últimos verbos passaram por um processo de mudança, desenvolvendo, ao longo do tempo, o sentido volitivo, “querer”, na língua portuguesa, expressa, desde o século XIII, a vontade do falante. Assim sendo, esse uso – como temos visto neste estudo – refere-se à expressão da vontade do falante, caracterizando-se, portanto, como [+ (inter)subjetivo] em relação às acepções anteriores dos verbos.

O verbo “esperar”, como mencionado e exemplificado anteriormente, é utilizado para codificar a ideia de “aguardar no tempo”. Esse uso, como acreditamos, é anterior ao volitivo, ocorrendo desde o século XIII, ao passo que o segundo começa a aparecer somente no século XV. O verbo em questão ainda codifica, como observado, as (contra)expectativas do falante, porém essa interpretação multifuncional de “esperar” não compromete a análise da passagem [aguardar no tempo] > [volição], que nos interessa neste trabalho.

O verbo “procurar” apresenta como uso anterior ao volitivo – que, assim como “esperar”, inicia-se no século XV, conforme demonstra a Tabela 6 – a ideia de “localização de algo/alguém no espaço”. Isso nos leva a crer que, por meio de um processo de subjetivização, ocorreu a mudança [localização de algo/alguém no espaço] > [volição]. Por sua vez, “buscar” – que também é usado no sentido de “localização de algo/alguém no espaço” – indexaria, além disso, um uso referente a um “deslocar-se para pegar algo/alguém”, revelando que, para esse verbo, a trajetória se daria [deslocar-se para pegar algo/alguém]/[localizar de algo/alguém no espaço]⁵⁰ > [manifestar volição].

Finalmente, o verbo “tentar” apresenta os usos relacionados à expressão de “tentação” e “tentativa”, só sendo interpretado como volitivo, nos dados analisados, a partir do século XVIII. Logo, no que tange a “tentar”, podemos depreender a passagem [tentação]/[tentativa]⁵¹ > [volição].

Como se verifica, os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” desenvolveram, via neoanálise, diferentes usos na língua portuguesa. Assim,

⁵⁰ Assim como ocorre com “esperar”, não é nossa intenção, nesta pesquisa, precisar o percurso de mudança individual de “buscar”, demonstrando a instanciação de todos os usos identificados para o item em análise. Desse modo, cabe-nos, a fim de cumprir os objetivos deste trabalho, mostrar a instanciação de seu uso volitivo.

⁵¹ Conforme mencionado para os verbos “esperar” e “buscar”, não será realizado um estudo pontual acerca da instanciação de todos os usos relacionados a “tentar”.

mediante a novas necessidades comunicativas, os falantes inovaram, atribuindo novas interpretações aos verbos e possibilitando a compreensão dos sentidos emergentes devido à projeção de traços semântico-pragmáticos que permitem sua interpretação.

Um ponto que destacamos no que diz respeito à instanciação do uso volitivo dos verbos em análise é a perda da noção de aspectualidade – presente em suas acepções iniciais –, uma vez que, como modais volitivos, a categoria modalidade restringiria a atualização de aspecto (TRAVAGLIA, 2006). Esse ponto será mais bem discutido na seção 4.1. deste capítulo.

Comprovando que os verbos em análise podem expressar volição, averiguamos os sentidos dicionarizados para esses vocábulos. Sob a perspectiva dos dicionaristas, podemos verificar diferentes acepções atribuídas a “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Dentre as obras consultadas, destacamos o Dicionário Houaiss (2001), que apresenta um considerável número de deslizamentos funcionais sofridos pelos verbos.

Dessa forma, temos que, de acordo com Houaiss (2001, p. 2355), o verbo “querer” significa:

Quadro 11 - Sentidos de “querer” retirados do *Dicionário Houaiss* (2001, p. 2355)

QUERER. v. (897 cf. JM) 1 t.d. ter o desejo ou a intenção (de); tencionar, projetar <não me importa que alguém queira dar-lhe a outra parte><ela queria viajar nas férias><Paula, sem q. (fazê-lo), causou-nos um enorme problema><filósofo de ação, ele quis transformar a realidade> 2 t.d., t.d. pred. e pron. desejar que (alguém) esteja ou desejar estar em determinada situação, posição, estado etc. <nem de graça quero esse homem aqui><em dois dias, quero-me bronzead> (quero-os agora aqui, junto a mim><só me quero junto aos meus livros> 3 t.d. desejar com especial interesse; aspirar, pretender <os prejudicados querem reembolso da quantia que lhes foi subtraída><se você quiser seriedade nesse projeto, vai ter de contratar os melhores especialistas> 3.1 t.d. aspirar ou desejar adquirir ou possuir <quem casa quer casa><vai às compras por q. roupas novas> 4 t.d. fazer tenção de; ensaiar, tentar, procurar <com um ano, já queria correr><ao q. equilibrar-se sobre a trave, caiu> 5 t.i. ter em mente (como objetivo) quanto a; pretender, desejar <mas que quer ele de nós?> 6 t.d. decidir-se por, gostar mais <temos carne, peixe e legumes; diga o quer> 7 t.d. ter apetite de (comida); desejar <queria um sorvete> 8 t.i., t.i. pred. e pron. ter simpatia, amizade ou afeto por <queria muito aos pais><queremos a essa criança como nosso filho><os dois querem-se demais> 8.1 t.d., t.i.p. ext. sentir-se apaixonado por e/ou sentir atração física por <Paulo a queria mais do que qualquer outra coisa><Maria quer muito ao Paulo, mas este não a ama> 9 t.d. prestar culto a ou ter veneração por; adorar <queremos Deus, que é nosso pai> 10 t.d. determinar de modo incisivo; exigir, ordenar <quero que os dois saiam imediatamente daqui><não quero que você como isso no jantar> 11 int. abs. manifestar a própria vontade com decisão <q. é

poder><não conseguiram por não saberem q.><quando ela quer, não há o que a demova> 12 t.d. dar consentimento para; consentir, permitir <não queria que os alunos lanchassem no pátio> 13 t.d. estar de acordo em, anuir a (um convite, uma sugestão, um oferecimento etc.) <quer passar lá por casa hoje?> 14 t.d. reclamar em função de direito legítimo ou suposto; exigir <quem trabalha na terra quer terra> 15 t.d. ter necessidade de; requerer, exigir <as novas seitas querem fiéis, que são a sua subsistência><uma boa refeição sempre quer um bom vinho><plantas querem sol e água> 16 t.d. dispor-se a, ter bondade de <se quiser falar conosco educadamente, poderemos conversar> - Ver GRAM d), a seguir 17 t.d. pred. desejar que (alguém) chegue a (certa posição) <não o queremos (como) nosso presidente> 18 t.d. afirmar por um ato de julgamento voluntário; julgar <seria a experiência pura do conhecimento irredutível a modelos explicativos, como queria Richard Avenarius?> 19 t.d. estar na iminência de ou ter possibilidade de; ameaçar <o vento quer derrubar tudo> 20 t.d.us., em frases negativas, como verbo auxiliar de aspecto no sentido de 'não conseguir', 'não ter êxito na realização de (alguma ação)' <minha lanterna não quer funcionar><o motor da lancha não quis pegar> 21 t.d.us. em frases interrogativas acerca de algo (elíptico na frase), fórmula que trai certo embaraço ou submissão ao destino <-Mas que é que você quer? Tinha mesmo de ser assim.>s.m. (sXIII) 22 ato ou efeito de querer; desejo <para o egoísta, acima de tudo está o seu q.> 23 firme intento; vontade <era pessoa de muitos querereres, difícil de contentar> q. crer estar convencido de, ter como provável ou aceitar como hipótese realizável, mas com certa reserva; admitir, acreditar <quero crer que chegarão bem>**q. dizer** 1 ter a intenção de dizer <o que ele quis dizer foi que não aprova a sua sugestão> 2 ter o significado de, dar a entender, equivaler a <ou muito me engano ou aquele sorriso quis dizer "caminho livre"> 3 em frases interrogativas cujo complemento é uma oração subordinada, funciona como pedido de explicação de algo dito ou subentendido <quer dizer então que não vamos sair hoje?> 4 sem sujeito ou complemento, explica melhor ou emenda (algo referido); isto é, ou seja <não queria que os mais velhos, quer dizer, a parentada, se apercebessem daquilo> **-antes q. P** gostar mais de; preferir **-como queira ou como quer dizer** expressão de consentimento ao que a outra pessoa ordenou ou demonstrou desejar <- Vamos trabalhar também no sábado? Como queira.> **-não q. nada com B** infm. 1 não ter interesse em< o filho não queria nada com o estudo> 2 não cultivar amizade ou amor por <disse não q. nada com aquele rapaz> **-não q. nem** (infinitivo) não aceitar (algo) de modo algum; recusar-se a <não quer nem saber de trabalho> **-não q. saber de B** infm. não ligar para, não se interessar por <ele não quer saber de casamento> **-por q.** de propósito, com intenção; voluntariamente <quebrou o vaso por q.> **-queira ou não queira** sem poder fugir; sem escapatória <vai estudar queira ou não queira>**-sem q.** sem intenção, de modo involuntário <derrubou sem q. o vaso da sala> -GRAM a) a respeito do conj. Deste verbo, ver – erer b) apresenta duplo part.: querido e quisto c) no Brasil, em linguagem informal, querer como 'desejar sentimentalmente' é freq. us. com o pronome lhe: eu ainda lhe quero d) seguido de infinitivo, empr. Como imperativo, ger. brando ou cortês: queiram passar à outra sala, por favor; queira aceitar os nossos parabéns pelo seu discurso; quer passar-me o sal?; quer se calar, seu imbecil? – ETIM lat. quaero, is, quaesīvi (īi), quaesītum e quaestum, quaerēre 'buscar, procurar, esforçar-se, procurar obter, procurar saber, pedir, requerer' ver quer-; f. hist. 897 quesieri, sXIII querer, sXVIII quero, sXVII querria, sXIII quyserō, sXIV queseres, sXIV quesisti, sXIV quizer, sXIV qujs, sXV quijera, sXV quijese, sXV quixesse, sXV quis –SIN/VAR ver sinonímia de exigir, pretender e talante – ANT odiar – HOM queira (1ª 3ª p.s.), queiras (2ª p.s.) / queira (s.f) e pl.

Como se verifica no Quadro 11, é grande o número de sentidos relacionados ao verbo “querer” como volitivo. O detalhamento das possibilidades de uso desse vocábulo demonstram que, frequentemente, os falantes indexam seus desejos, suas intenções a partir do verbo em questão, evidenciando seu alto grau de produtividade na língua. É interessante observarmos como esses usos estão relacionados entre si por meio da manifestação de um ato mental referente à volição do falante, que, muitas vezes, requer um agir, seja por parte do próprio falante, seja por parte do seu interlocutor. Logo, projetar a própria vontade – como em “ela queria viajar nas férias” – ou “ordenar”⁵², isto é, projetar uma vontade em relação a alguém – como em “quero que os dois saiam imediatamente daqui” – revelam deslizamentos funcionais que têm como premissa a vontade por parte do sujeito volitivo de que determinado evento ocorra.

Outro ponto que podemos destacar do Quadro 11 – e que também é apontado por Cezário (2001) – é a ocorrência de sujeitos não animados para “querer”, como demonstram, respectivamente, os exemplos das acepções 19 e 20: “o vento quer derrubar tudo” e “minha lanterna não quer funcionar”. Esses exemplos evidenciam que, sincronicamente, “querer” pode apresentar outros usos não relacionados à volição, uma vez que eles se referem a uma possibilidade (19) e à falta de êxito na realização de uma ação (20). Diante disso, frisamos que não temos como objetivo estudar todos os usos de “querer”, mas sim aqueles que expressam volição. Além disso, nos dados volitivos identificados nesta pesquisa, as ocorrências, em sua maioria, apresentam um sujeito [+ animado], mesmo que esse seja inferido. Logo, como se verificará neste capítulo, mais especificamente na seção 4.1., defendemos que uma das características do esquema envolvendo verbos volitivos é o sujeito [+ animado].

Ainda sobre os sentidos sincrônicos atribuídos ao verbo “querer”, apontamos o destaque dado, na acepção 21, à ocorrência do verbo sem complementação em frases interrogativas (podendo também, como encontrado em nossos dados, ocorrer em frases assertivas). Nesse caso, Houaiss (2001) chama atenção para o fato de a construção interrogativa com “querer” estar diretamente relacionada a uma submissão a algo futuro/incerto ou a um contexto embaraçoso. Nossos dados

⁵² Como já destacado no Capítulo II deste trabalho, o verbo “querer”, assim como outros verbos volitivos, pode ser utilizado para atenuar uma ordem, de maneira a revelar uma manipulação do falante em relação a seu interlocutor.

demonstram que, muitas vezes, o verbo “querer”, nesse sentido, é utilizado para questionar ou asseverar as expectativas de alguém em relação a diferentes aspectos da vida (amor, profissão, família etc.). Entendemos que o verbo, nesse caso, também atua como volitivo, uma vez que questiona uma projeção do falante em relação ao futuro.

Houaiss (2001) também destaca construções como “quer dizer” e “sem querer”, que são bastante recorrentes na língua e se configuram a partir da estabilização, via repetição, das unidades lexicais envolvidas em uma sequência que veicula um sentido específico. Apesar de termos encontrado, em nossos dados, esse tipo de sequência, ressaltamos, novamente, que não temos como objetivo, neste momento, analisá-las, pontualmente, nesta pesquisa. Dedicamo-nos a observar outras configurações construcionais que estariam na base do desenvolvimento de verbos volitivos no português.

Já no que se refere à etimologia do verbo “querer”, o dicionário traz, assim como colocado por Cezário (2001) e Sousa (2011), a raiz latina do verbo, *quaero*, e seu significado, que, como tem sido destacado ao longo desta pesquisa, relaciona-se à ideia de “buscar, procurar por algo”. Através do processo de metaforização⁵³, esse uso é neoanalisado como uma busca não só no plano físico, mas também no temporal e, por fim, no plano mental (SOUSA, 2011). Com isso, obtemos a interpretação de *quaero* como “esforçar-se / procurar obter”, trazida por Houaiss (2001). Em seguida, o verbo passa a possuir um sentido volitivo – e, portanto, [+ abstrato] e [+ (inter)subjetivo] –, significando “desejar / ter vontade (ou intenção) de”, como visto anteriormente.

Para o verbo “esperar”, foram encontrados os seguintes sentidos:

⁵³ Segundo Sweetser (1990), durante a maior parte do século XX, a metaforização foi considerada o principal mecanismo de mudança semântica. Ela consiste em um princípio analógico que envolve a conceptualização de um elemento de uma determinada estrutura em termos de um elemento de uma outra estrutura, sendo compreendida, portanto, como um mecanismo que opera entre domínios conceptuais distintos.

ESPERAR. v. (sXIII cf. FichIVPM) 1 t.d., t.i.int. ter esperança (em), contar com, confiar em <e. um milagre><e. em Deus><e. uma ajuda de alguém><coragem, é preciso e.> 2 t.d., t.i.int. não agir, não tomar decisões, não desistir de algo, não ir embora etc, até a efetuação de um evento que se tem por certo, ou muito provável, ou muito desejável <e. a (ou pela) volta do filho><e. abrir um empréstimo da Caixa para comprar um apartamento><e. na fila do cinema> 3 t.d., t.i.int. estar ou ficar à espera (de); aguardar <esperava as visitas à porta da entrada><espere por mim, volto logo><só lhe restava esperar> 4 t.d., t.i. contar com a realização de algo; desejar, torcer para <espero que tudo corra bem><e. pela sua recuperação> 5 t.d. estar reservado ou destinado a <um futuro promissor o espera> 6 t.d. considerar (algo) como provável, com base em indícios; supor, presumir, conjecturar, imaginar <nunca esperamos que tal fosse suceder> 7 t.d. int. ser gestante <ela espera o segundo filho><quando está esperando, ela passa muito mal os três primeiros meses> - ETIM lat. Spēro, as, āvi, ātum, āre ‘espera, ter esperança; contar com, ter confiança de que’, der. de spes, ei ‘esperança, expectativa’; ver *esper-*; f. hist. sXIII esperar, sXIV asperar, sXV sperado – ANT desesperar, desistir.

A partir da leitura do quadro acima, verificamos que as acepções atribuídas a “esperar” dizem respeito, basicamente, aos atos de “ter esperança/expectativa”, “aguardar” e “desejar”. Comungando com a descrição oferecida por Houaiss (2001), foram encontrados esses diferentes usos nos *corpora* sincrônicos analisados, no entanto – assim como observado com “querer” –, ainda foram identificados *chunks*, como “espera aí/peraí”, “mal posso esperar” e “como era de se esperar”. Em Oliveira (2012), observamos que essas sequências evidenciam uma expansão pragmática dos sentidos do verbo “esperar”, que, por sua vez, passa a figurar em padrões construcionais específicos, criando novos usos. Nesse sentido, também verificamos que essas construções funcionam, essencialmente, na marcação de um determinado posicionamento do falante acerca do enunciado proferido. Todavia, ressaltamos que, apesar da ocorrência desses usos em nossos dados, temos como objetivo, neste trabalho, investigar o desenvolvimento de verbos volitivos no português.

Logo, focando-nos na acepção referente à manifestação da volição – acepção 4 –, temos que “esperar” é interpretado como “contar com a realização de algo”, “desejar” e “torcer para”. Nesse sentido, o verbo se caracteriza pela manifestação de um desejo do falante, sendo, portanto, [+ (inter)subjetivo].

Já no que concerne à etimologia do verbo, verificamos que, no latim, *sperare* (antecessor de “esperar”) envolvia, basicamente, sentidos referentes a “ter esperança” e “ter expectativa”. É importante salientar que a análise das ocorrências volitivas envolvendo “esperar” demonstra – como evidenciaremos neste capítulo –

que o sentido etimológico do verbo é perceptível na indexação desse uso. Dessa maneira, diferenciando-se dos demais verbos volitivos e revelando um menor (ou nenhum) controle do falante na atualização do evento volitivo, “esperar”, ao manifestar a vontade do sujeito, atribui à volição uma ideia de “ter esperança/aguardar no tempo”.

Seguindo um percurso distinto ao do percorrido por “querer”, “esperar” se gramaticaliza na língua portuguesa, segundo a análise pancrônica realizada por Oliveira (2012), com a acepção de “aguardar no tempo” para, posteriormente, ser interpretado como volitivo. Esse fato demonstra que cada verbo, individualmente, possui uma história de desenvolvimento, a qual se inter cruza com as do demais à medida que são selecionados para indexar a volição do falante.

Por sua vez, o verbo “procurar” apresenta as seguintes acepções:

Quadro 13 - Sentidos de “procurar” retirados do *Dicionário Houaiss* (2001, p. 2304)

PROCURAR. v. (1365 cf. FichIVPM) 1 t.d. executar as ações necessárias para tentar encontrar (algo) <p. alguém na multidão><p. um documento na gaveta> 2 t.d. tentar conseguir, ir atrás de <p. socorro, ajuda> 3 t.d. esforçar-se para alcançar (algo) <p. o sucesso> 4 t.d. fazer pesquisa para descobrir (algo); investigar, pesquisar, buscar <p. a causa do desastre><p. o agente da doença> 5 t.d. ir em direção a ou ser atraído por <o ferro procura o ímã><o rio procura o mar> 6 t.d. desejar falar a; ir ao encontro de <p. o padre para pedir conselho> 7 t.d. identificar (os melhores, mais adequados etc.); escolher, selecionar <p. os melhores trabalhos><p. empregados de confiança> 8 t.d. bit. tentar atrair ou adquirir; granjear, buscar <o amigo procurou-(l)he um bom investimento> 9 t.d., t.i. ir até onde está alguém para vê-lo, em visita ou a negócio; perguntar, indagar <esteve aí uma pessoa procurando (pel) o senhor> 10 int. JUR exercer as funções de procurador - ETIM lat. *procūro*, as, āvi, ātum, āre ‘tratar com cuidado de negócios alheios, administrar, governar; olhar por, presidir a; ter o cargo de administrador; cultivar, amansar, trabalhar, manufaturar; fazer expiações; afastar, desviar uma coisa funesta’, ver *cur-* -SIN/VAR buscar, ver tb. Sinonímia de esquadrinhar – ANT evitar – HOM procura (3ª p.s.), procuras (2ª p.s.) / procura(s) (s.f.) e pl.

Ao observarmos o quadro acima, averiguamos que o verbo “procurar” é utilizado, preponderantemente, com a função de deslocamento espacial, de modo a indexar um movimento realizado pelo falante para obter/localizar algo. A partir da análise diacrônica realizada nesta pesquisa, podemos depreender o caráter recente de “procurar” volitivo na língua. Entendemos, como propõe Sousa (2011), que, assim como ocorreu com o antecessor latino de “querer”, “procurar” codifica, a princípio, um deslocamento no campo mental – como no exemplo “procurar o sucesso”, presente no terceiro uso oferecido por Houaiss (2001, p. 2304). Em nossos dados –

como verificaremos na seção 4.2. –, por sua vez, ainda observamos que o verbo já passa a expressar uma intenção do falante, revelando, assim, o processo de desenvolvimento do uso volitivo. Essa questão também pode ser atestada em “buscar”.

Sobre a etimologia de “procurar”, Houaiss (2001, p. 2304) aponta que, no latim, o verbo não era usado com o sentido de localizar, como podemos observar nos dados pancrônicos de língua portuguesa. *Procūrare* referia-se, segundo Houaiss (2001), a “administrar”, “trabalhar” e “afastar”. Todavia, como demonstraremos neste capítulo, é possível percebermos a ideia de “administrar” vinculada à codificação da volição através do verbo “procurar” – assim como a de “localizar no espaço”. Logo, entendemos, com base na análise das ocorrências identificadas, que há um “organizar-se” por parte do sujeito, para que, administrando mentalmente aquilo que é necessário para alcançar seu objetivo, sua vontade seja atualizada.

No que se refere ao verbo “buscar”, Houaiss (2001, p. 534) pontua o seguinte:

Quadro 14 - Sentidos de “buscar” retirados do *Dicionário Houaiss* (2001, p. 534)

BUSCAR. v. (1047 cf. JM) 1 t.d. esforçar-se por achar ou descobrir (alguém ou algo) <b. uma palavra no dicionário> 2 t.d. examinar minuciosamente, investigar, pesquisar, esquadrihar <b. a razão de ser duma coisa> 3 t.d. tratar de obter, procurar adquirir <b. a salvação com penitências><b. o apoio do irmão> 4 t.d. fazer que se lhe depare (b. uma oportunidade para falar> 5 t.d. fazer tentativa para; esforçar-se por; empenhar-se, pretender <percorre as lojas, buscando vender os artigos que faz><buscava convencê-lo de seus propósitos> 6 t.d.ir ao encontro de (alguém ou algo); encaminhar-se para, dirigir-se <os rios buscam o mar> 7 t.d. formar (imagem mental) de; imaginar, idear <b. uma maneira de se vingar> 8 t.d. bit. pôr as mãos em (alguém ou algo); apanhar, pegar <a polícia veio b. o ladrão e levou-o preso><solícito, o rapaz buscou-lhe uma cadeira> 9 pron. recorrer a si próprio <buscou-se e acabou por resolver sozinho o problema> 10 pron. andar em busca um do outro <buscavam-se na multidão> 11 t.d. P infrm. tirar do bolso alheio; furtar <sentiu a mão de alguém buscando-lhe a carteira> -ETIM orig. contrv.; ver busc-; f. hist. 1047 buscase , sXIII buscar, 1500 busquar –SIN/VAR ver sinonímia de esquadrihar –HOM busca (3ª p.s.), buscas (2ª p.s.) / busca (s.f.) e pl.

Assim como ocorre com “procurar”, o verbo “buscar” é essencialmente compreendido, a partir da descrição realizada no Quadro 14, através de usos referentes a um deslocamento espacial, ou seja, aos movimentos empreendidos para que se obtenha/localize algo. Tais usos são neoanalisados, através da metaforização, e começam a se referir a movimentos de “busca” (e “procura”) no campo das ideias, conforme pontuado por Barroso (2007, 2008). Assim, o

desenvolvimento de usos [+ (inter)subjetivos] de “buscar” passa a expressar as intenções do usuário da língua, como acreditamos.

De acordo Houaiss (2001), a origem de “buscar” é incerta. Inicialmente, o verbo, na língua portuguesa, foi utilizado como sinônimo de “esquadrinhar”, isto é, “examinar cuidadosamente”, o que pode justificar a sua interpretação como “procurar”. No que se refere especificamente ao uso volitivo de “buscar”, defendemos, embora não possamos recuperar – através desse uso – o sentido etimológico do verbo, que a expressão de volição encontra-se fortemente associada à ideia de movimentar-se para obter algo.

Já sobre o verbo “tentar”, Houaiss (2001, p. 2695) realiza as seguintes considerações:

Quadro 15 - Sentidos de “tentar” retirados do *Dicionário Houaiss* (2001, p. 2695)

TENTAR v. (sXIII cf. FichIVPM) 1 t.d. empregar meios para conseguir (algo); diligenciar, intentar <tentava a nomeação do amigo para um cargo no governo> 2 t.d. esforçar-se por; buscar, procurar <com um belo gesto tentou a reconciliação dos amigos> 3 t.d. pôe em execução; empreender, realizar <tentaram a organização de uma manifestação de protesto> 4 t.d. pôe em experiência; provar, testar <tentou duas vezes, mas a chave não abriu a porta> 5 t.d. exercer (uma prática); experimentar, exercitar <confessou que iria t. o jornalismo> 6 t.d. despertar vontade (em alguém) para fazer alguma coisa <a sugestão do passeio não chegara a tentá-la> 7 t.d. instigar, induzir ou seduzir para o mal; atentar <a cobiça desmesurada que o tentou também o arruinou> 8 pron. deixar-se seduzir; apeteecer muito alguma coisa; estar próxima a seder à tentação <era impossível deixar de t.-se frente a uma formosura> 9 pron. expor-se à boa ou má sorte; arriscar-se, aventurar-se <t.-se a empreendimentos arrojados> 10 t.d. procurar conhecer; sondar, tentear <seria perigoso t. o vau naquele trecho do rio> 11 t.d. JUR pôe em juízo; intentar, propor, instaurar <t. uma ação><t. uma demanda> 12 t.d.(1899) proceder à tenta ou corrida de (novilhos) - ETIM lat. tempto, depois, tento, as, āvi, ātum, āre ‘apalpar, tocar, fazer ensaio ou experiência de, tentar, sondar, atacar, inquietar’, panromânico, ant. e usual; tempto é a grafia mais ant. e mais bem em doc. Nos bons manuscritos; tento representa prov. A pronúncia pop.; a confusão ocorrida entre os dois v.; tempto e tento, torna quase sempre impossível determinar o que pertence propriamente a um ou a outro, como observam Ernout e Meillet; ver ‘tent-; f.hist. sXIII tentar, sXIV temtou, sXIV tēptar, sXV tentemos, sXV tenptarmos, sXV tentarom; sXIII é a data para a acp. ‘deixar-se seduzir’, e sXV, para a acp. ‘esforçar-se por’ –HOM tenta (3ªp.s.), tentas (2ªp.s.) / tenta (s.f.) e pl.; tento (1ªp.s.) / tento (s.m.).

Verificamos que as acepções de “tentar”, em sua maioria, estão relacionadas à ideia de “tentativa”, à exceção dos usos descritos em 6, 7 e 8, em que se evidencia a noção de “tentação”, “sedução”. Apesar de a obra acima não destacar, pontualmente, o uso volitivo do verbo, em nossos dados, atestamos que, a partir da noção de tentativa, o verbo “tentar” passa a codificar intenção, uma vez que quem tenta realizar algo é porque o deseja.

Nas considerações etimológicas, averiguamos que, no latim, o verbo se confundia, graficamente, com “temptar” e já expressava a noção de tentativa. Essa noção, como defendemos, está diretamente relacionada ao uso volitivo do verbo.

Como assumimos nesta pesquisa, a expressão da volição pode ser pensada a partir da identificação de características (formais e de sentido) que associam, nos níveis do esquema e do subesquema, os verbos em análise. Entretanto, ainda devemos considerar as idiossincrasias de cada um desses verbos, que – assim como ocorre na forma – apresentam sentidos distintos. Dessa maneira, temos que o desenvolvimento individual de “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” os diferencia entre si e, conseqüentemente, influencia na indexação do sentido volitivo. No decorrer da descrição dos usos dicionarizados dos verbos – principalmente, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” –, apontamos que suas acepções basilares estão diretamente relacionadas ao modo como cada verbo manifesta a volição. Assim sendo, este trabalho, comungando com Traugott e Dasher (2005), assume que, durante a instanciação de seu uso volitivo, “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” passaram por um processo de expansão pragmática, não havendo, porém, uma perda total de seu conteúdo semântico.

A questão que se coloca, então, é: qual seria o traço comum a “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” que justificaria o fato de esses verbos indexarem volição? Observando o comportamento dos verbos multifuncionais da língua portuguesa, entendemos que eles envolveriam a metaforização da ideia de movimento do campo espacial/temporal para o campo mental, levando, assim, à codificação da noção de volição. Ou seja, em suas acepções basilares, haveria uma ideia de “movimentar-se”, no espaço, por parte do falante para se obter algo (“procurar”, “buscar” e “tentar”) ou no tempo (“esperar”). É o que podemos verificar nos exemplos subsequentes:

(38) Aí é... Aí tro[u]xe um micro sisten lá, tro[u]xe urna fita lá. Era o casamento de NP, né? Aí todo mundo tava lá, eu tava voltano, né? Com a NP e com a minina na frente, e cá... é o pai de NP junto com o NP esperano lá em cima, né? Aí nós tava ino, aí foi chegô lá no altar eu mais a minina ficô sentado num... eu nu[m]a cadera e a minina na outra, né? Aí,... aí tava celebrano o casamento, né? Todo mundo olhano! Aí na hora de saí, e... eu chucei o braço da minina no meu braço... E[la] tava sainu. E[le]s tava filmano, né? (“Projeto Mineirês”)

(39) Segundo passo: Encarar a descida até o campo, dar a volta e encontrar minha “equipe” no meio das torcidas de Santos e São José. Equipe em formação, hora de **procurar** torcedores para compor o vídeo, e aí começa minha saga nas escadarias do estádio Paulo Machado de Carvalho. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(40) Malas extraviadas na chegada e instalações ruins (banheiro fora dos quartos e vaso sanitário sem tampa, dormitórios sem tevê e internet) motivaram alguns pais a **buscar** seus filhos no terceiro dia do intercâmbio. Tom reclamou muito, mas cumpriu o breve exílio futebolístico até domingo 31. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(41) Mas os cearenses, mesmo começando com o placar favorável, não se limitaram a defender e foram para o ataque. Tentaram até que aos 9 minutos Galhardo pareceu **tentar** o cruzamento e acabou fazendo 1 a 0 para o Flamengo. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Conforme se atesta nas ocorrências acima, os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” estão sendo empregados em seus usos não-volitivos e anteriores na língua portuguesa. “Esperar”, em (38), refere-se ao ato de “aguardar no tempo” por parte do sujeito agente. Logo, o pai de NP desloca-se no tempo, no aguardo das pessoas encarregadas de levar o aparelho de som. Já o verbo “procurar”, na ocorrência (39), refere-se ao ato de localizar. Assim, o sujeito deve mover-se no espaço a fim de localizar torcedores para compor o vídeo. No exemplo (40), “buscar” apresenta o sujeito agente “alguns pais”, que decidiram se deslocar para apanhar os filhos, revelando, assim, uma trajetória espacial por parte dos indivíduos envolvidos. Por sua vez, o verbo “tentar” é utilizado para manifestar o ato referente à tentativa, em (41). Desse modo, os jogadores deslocaram-se, no campo de futebol, até conseguirem fazer um gol e cruzar a bola.

Contudo, ao passarem à indexação da vontade do falante, os verbos – assim como “querer” – passam a selecionar determinados tipos de argumentos, os quais auxiliam, a nosso ver, na indexação do significado volitivo. Segundo Cançado (1995), o verbo estabelece uma relação de dependência com seus argumentos, através de uma relação de sentido, atribuindo ao seu sujeito e a seu complemento determinadas funções, isto é, papéis temáticos. Tendo isso em mente, podemos

verificar, nos dados analisados, que os verbos volitivos apresentam um comportamento bem peculiar e, de certo modo, distinto entre si.

Logo, entendemos que “querer” e “esperar” volitivos caracterizam-se por serem verbos de processo, uma vez que, conforme Borba (1996, p. 58), “expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito *paciente* ou *experimentador*”. Portanto, no caso específico dos verbos “querer” e “esperar”, acreditamos que esse sujeito seria [+ experienciador]⁵⁴, como os exemplos abaixo demonstram:

(42) Tem placa dele lá no hospital, uma placa dele. E o NP veio com a NP fundar esse instituto que são pessoas reconhecidas. Que eu **quisera** ter a capacidade, ter também, ser mais, ter mais jeito pra fazer, que du faria também o que eles fizeram, mas infelizmente, a minha capacidade época. (“Projeto Mineirês”)

(43) F: Vivê? Né? Isso dá pra dizê que é vivê? É muito chato, isso eu vivi muito de perto, então foi pra mim, pra mim, [foi]... foi muito ruim e:, mas foi sempre somando as experiências, né? Passei muita coisa sim, sem dúvida, vivi bastante e pretendo, né? Continúa vivendo bastante, aprendendo bastante, uma das minhas... minha filosofia de vida também, a hora que eu senti que eu tenho que pará de aprendê, cara, acabou, aí acabou, tenho que entregá essa carne e deu, e vou pra outra, sou eterno aprendiz, **espero** sê assim, essas minha vontade de aprendê, de conhecê, conhecê pessoas, conhecê coisas, queria, assim, acho que o homem vive muito pouco, né? (“PEUL/RJ”)

Segundo Cançado (1995), o papel temático de “experenciador” corresponde ao ser animado, que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico. Assim, em (42), o falante gostaria de ter tido capacidade suficiente para alcançar seu objetivo. Em (43), o entrevistado intenciona ser sempre um eterno aprendiz. A partir dessas ocorrências, podemos depreender que os sujeitos dos verbos volitivos caracterizam-se por serem [+ experienciadores], visto que projetam eventos que desejam experimentar. Por se tratar de eventos volitivos e, portanto, não-reais/não-atualizados, as vontades expressas pelos complementos dos verbos indicam, nesse sentido, acontecimentos que os falantes almejam.

Além disso, os complementos dos verbos relacionam-se a eventos que, de acordo com a classificação adotada por Cançado (1995), associam-se ao campo mental. “Ter capacidade para atingir determinados objetivos”, na ocorrência (42), e

⁵⁴ Embora Borba (1996) utilize o termo “experimentador” para se referir ao sujeito que “experencia algo”, neste trabalho, adotamos o termo “experenciador”, comungando com Cançado (1995).

“ser assim: ter vontade de aprender e conhecer”, na ocorrência (43), revelariam, portanto, uma experiência cognitiva do sujeito.

Essa característica também pode ser verificada nos demais verbos. Todavia, “procurar”, “buscar” e “tentar” ainda apresentariam, como julgamos, uma ideia de agentividade. Esse fato pode indicar uma transição no desenvolvimento desses verbos, bem como uma especialização do uso volitivo:

(43) O QUE VOCÊ ACHOU DESSE BLOG?

Sua opinião é muito importante para sempre **procurarmos** melhorar esse espaço aqui!!!!

Você gostaria de sugerir algum tema específico?

Escreva seus comentários!!!

Obrigada pela visita!!

Um grande beijo e

Volte sempre!!!!

Cíntia Scola (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(44) Entre as hipóteses que **buscam** explicar os motivos do stress está uma teoria levantada pelo jornal *The Economic Times*, da Índia - a de que a cultura de lugares subdesenvolvidos acaba propiciando o stress na mulher. Segundo a publicação, na Índia as mulheres estariam estressadas porque além de serem pressionadas a ter um emprego moderno, elas teriam ainda de se conformar com os padrões culturais tradicionalistas do país. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(45) A cidade no mais belo e puro estado de abandono. Mas não se acostume, que na quarta-feira as cinzas voltam a jorrar por aqui. **Tentarei** também fazer o meu melhor para dar um oi on-line para você, oh amigo que não caiu na folia litorânea, aqui no blog do Antropofocus na 91 durante os próximos dias. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Nos exemplos (43), (44) e (45), podemos perceber uma certa agentividade do sujeito, que concebe o evento volitivo – associado aos padrões microconstrucionais envolvendo “procurar”, “buscar” e “tentar” – como um ato executivo. Desse modo, em (43), o sujeito destaca que a opinião dos leitores é muito importante para que ele possa melhorar o *blog*. Por sua vez, em (44), as hipóteses desenvolvidas têm por intenção explicar os motivos do *stress*. Finalmente, em (45), a vontade projetada pelo sujeito diz respeito a conseguir fazer o melhor. Assim, por mais que os eventos refiram-se a uma experiência psicológica do sujeito, há uma maior marcação da agentividade por parte desse sujeito.

A partir dessas considerações iniciais, organizamos este capítulo a partir de nosso objetivo principal: identificar os diferentes níveis de esquematicidade que estariam envolvidos no desenvolvimento de construções volitivas com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Logo, trataremos, na seção 4.1., do esquema [+ abstrato] que estaria na base desse desenvolvimento na língua portuguesa. Já, na seção 4.2., analisaremos os subesquemas volitivos e as microconstruções com “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” associadas a cada subesquema identificado. Na seção 4.3., abordaremos outros padrões construcionais encontrados nos dados analisados, que, diante de seu caráter recente e inovador – alinhado à baixa frequência –, serão tratados separadamente nesta pesquisa. Por fim, na seção 4.4., realizaremos algumas conclusões acerca dos resultados obtidos durante a análise.

4.1. Esquema

Conforme discutido no Capítulo I deste trabalho, a abordagem da construcionalização assume que o desenvolvimento de construções individuais parte de esquemas genéricos e abstratos, podendo levar, via analogização, à instituição de extensas redes construcionais na língua. Assim sendo, as novas ocorrências (ou *tokens*) emergem de modo que o falante realize generalizações dessas inovações para criar novos níveis de abstratização. Logo, a mudança passa a ser concebida como um processo de esquematização pelo qual as construções se tornam cada vez mais abstratas. É nesse sentido que Traugott (2008a, 2008b) e Traugott e Trousdale (2013) propõem que a mudança seja pensada a partir de níveis de esquematicidade, como evidenciado na seção 1.2. No nível [+ abstrato], podemos identificar a existência de esquemas, que, como defendemos nesta pesquisa, se estabelecem cognitivamente, permitindo a emergência de novos padrões construcionais.

De acordo com essa proposta, o esquema referente ao desenvolvimento de verbos volitivos no português seria uma construção mais genérica da rede volitiva, que atuaria como uma representação exemplar para alinhamentos de novos pares de forma-sentido. Com o intuito de determinar esse nível de esquematicidade,

analisamos, pontualmente, as ocorrências identificadas nos *corpora* utilizados. Desse modo, tendo em vista, ainda, as observações acerca dos subesquemas e das microconstruções – que serão analisadas na seção 4.2. –, podemos depreender que os eventos volitivos referem-se, necessariamente, a indivíduos e são projetados no futuro, ou seja, são pensados como não-atuais/não-reais. Alinhado a isso, entendemos que os eventos volitivos caracterizam-se por apresentar um sujeito [+animado] e por marcar a categoria *irrealis*. Diante dessas considerações, defendemos que o esquema (ou macroconstrução, nos termos de TRAUGOTT, 2008a, 2008b) com os verbos volitivos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” possui a seguinte configuração:

Quadro 16 - Esquema referente ao desenvolvimento de construções volitivas envolvendo verbos na língua portuguesa

Esquema para o desenvolvimento de construções volitivas com verbos no português	
Forma	sujeito [+ animado] + verbo volitivo + complemento oracional/não-oracional
Sentido	expressão da categoria <i>irrealis</i> + projeção de futuro

No quadro acima, defendemos que o par forma-sentido do esquema referente ao desenvolvimento de construções volitivas com os verbos em análise no português apresenta um sujeito [+animado] atuando junto a um verbo e seu complemento, de modo a atualizar a categoria *irrealis* e a projetar um evento volitivo no futuro. É o que podemos verificar nas ocorrências sincrônicas abaixo:

(46) Eles não gostam de ler. Eles vêem televisão o dia inteiro. Eles não concebem que uma pessoa pode não **querer** uma casa em Tramandaí, uma piscina e um carro na garagem. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(47) Esse cara tem dólar, eles ficam assim, esse cara tem dólar traz ele para cá. Então começa vender, começa explorar dele sabe, às vezes eu acho até covardia, eles exploram mesmo, eles acham que o trabalho deles é muito, mais () realmente, eles trabalham seis meses e viajam seis meses porque o dinheiro deles dão e nós não podemos fazer isso né, e é um benefício pra cidade e agora que não temos

mais nosso secretário de turismo NP né, pode ser que agora o turismo tá caindo, tá caindo mesmo, **espero** que melhore né pra que salvemos nossa pátria. (“Projeto Mineirês”)

(48) Você **procura** que seja primeiro bem funcional, não é? Então como aqui em casa se gosta muito de livro, se compra muito livro, eu tenho que ter uma estante muito grande que já não é mais nem suficiente os livros já estão sobrando. E tem que ser ta... embora funcional mas tem que ser também agradável, né? E sendo que o meu escritório ainda é meu quarto de hóspede de modo que tem um sofá ali, o pessoal que eu recebo, que vem de fora, dorme aqui. (“NURC/RJ”)

(49) Quando nasce um bebê, surge também uma mãe, cheia de amor, cuidados e... culpa! "Se ele não mama direito é porque tenho pouco leite." "Se chora demais, a culpa é minha!" Na maioria das vezes, a mãe pensa assim. Mas isso é verdade? "Culpa é algo que só devemos sentir quando fazemos algo de propósito, para prejudicar outra pessoa. Não é o caso das mães, que sempre **buscam** acertar", orienta Olga Tessari, psicóloga e autora do livro *Dirija sua Vida sem Medo* (Ed. Letras Jurídicas). (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(50) Centro cultural, vira centro espírita, as casas eram polivalentes, então elas servem pra moradia, mas elas servem pra n coisas. Você vê que, os prédios modernos, que são chamados de funcionais, né, aquilo às vezes nem pra aquilo eles servem direito, e quando você **tenta** adaptar pra outra coisa, eles são tão pouco flexíveis, né, você vê esse prédio aqui que nós tamos, aqui né, é o prédio da Retoria, foi feita pra Faculdade de Arquitetura. Ganhou Prêmio! (“NURC/RJ”)

Nas ocorrências acima, verificamos que os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” apresentam sujeitos [+ animados] e complementos que se referem a eventos projetados no futuro. Assim, na ocorrência (46), o sujeito do verbo “querer” é “uma pessoa”. Esta possui o direito de não almejar que, em tempo futuro, venha a possuir uma casa em Tramandaí, uma piscina e um carro. No que tange a “esperar”, verificamos que o sujeito refere-se à primeira pessoa do discurso “eu”. Em (47), temos que o sujeito deseja que o turismo nacional melhore. Já em (48), o entrevistado dirige-se ao seu interlocutor e destaca que, no geral, as pessoas (representadas por um “você” genérico) intencionam ter uma casa bastante funcional, revelando, assim, uma vontade, do próprio falante. A ocorrência (49) tem como sujeito “as mães” que, de acordo com a opinião do locutor, sempre têm a intenção de acertar quando se trata da criação dos filhos. Mais uma vez,

percebemos que o sujeito é o agente do evento volitivo. É o que também ocorre em (50), uma vez que o sujeito indeterminado “você” é quem intenciona adaptar os prédios para servir a outras utilidades.

Como se verifica nesses exemplos, o sujeito [+ animado] do verbo volitivo – seja “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” ou “tentar” – corresponde à fonte do desejo/da intenção. Por sua vez, o complemento localizado, tradicionalmente, à direita do verbo refere-se ao alvo desse sujeito, ou seja, diz respeito àquilo que ele deseja. Logo, podemos afirmar que o esquema macroconstrucional envolvendo verbos em análise caracteriza-se por apresentar uma fonte e um alvo de desejo. Esse desejo, como temos defendido – e observamos na descrição das ocorrências anteriores –, é percebido pelo usuário da língua como não-atual/não-real, sendo, portanto, concebido como algo no plano do *irrealis*.

Focalizando a fonte do desejo, entendemos que o sujeito volitivo, como já apontado e exemplificado, manifesta-se como [+ animado]. Sobre essa questão, Cezário (2001) chama atenção para a possibilidade de ocorrer sujeito inanimado com verbos volitivos. Em nossos dados, porém, nas poucas ocorrências em que se verifica, aparentemente, a presença de um sujeito inanimado, podemos verificar um sujeito volitivo por trás da ação, como destacamos nos exemplos abaixo:

(51) Essa é uma tendência que está começando. As empresas **querem** ser mais transparentes, mas se sentem ameaçadas pelo GoodGuide porque preferem fazer isso no ritmo delas, sem ser forçadas a agilizar o processo antes que estejam prontas. E nós dizemos: pior para vocês, pois a hora é agora e já estamos fazendo. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(52) Quando considero que, depois de tão vários sucessos ordenou Nosso Senhor que esta minha causa viesse ter seu último têrmo nas mãos de Vossa Mercê e fôsse tal ministro o derradeiro que sôbre ela desse seu parecer, creio que com particular atenção **quis** o Céu dar bom fim a êste processo; e não só amparar-me da violência de meus inimigos, à sombra da justiça de Vossa Mercê, mas também com sua benignidade consolar-me para qualquer resolução. (Século XVII. D. Francisco Manuel de Melo)

Nessas ocorrências, temos que, em (51), o sujeito de “querer” é “as empresas”, enquanto, em (52), o sujeito é o “o Céu”, ambos, a princípio, inanimados. Porém, podemos inferir que, ao dizer, “as empresas querem ser mais transparentes”,

o falante refere-se, de fato, às pessoas que comandam as empresas. Uma empresa não possui a capacidade de desejar algo, mas seus gerenciadores sim. O mesmo ocorre com o exemplo diacrônico. O céu, entendido como um espaço físico infinito, não almeja dar fim ao processo sobre o qual se refere o falante. No entanto, o Céu (personificado através do uso da inicial maiúscula), compreendido como uma região superior na qual habitam divindades com poder de interferir na vida dos humanos, pode ser interpretado como o sujeito volitivo de “querer”, uma vez que, na ocorrência, refere-se a essas divindades. Conforme pode ser depreendido, os casos exemplificados pelas ocorrências (51) e (52) podem ser pensados por meio do processo de metonimização. A metonímia apresenta uma função referencial que possibilita o uso de uma entidade em relação à outra, apontando mais aspectos do que está sendo referido (GONÇALVES *et al.*, 2007), como a descrição dos exemplos citados evidencia.

Como discutido na seção 2.2., a volição manifesta-se pelo grau de incerteza epistêmica que o sujeito possui para tornar seu desejo real. Retomando as considerações realizadas no Capítulo II, destacamos que a volição está diretamente relacionada ao controle – ou à falta de – que o falante possui para que algo se torne exequível (McCANN, 1974). Nesse sentido, como destacam Brennenstuhl e Wachowicz (1976), os eventos volitivos são associados a sujeitos [+ humanos] e, portanto, [+ animados]. Conforme pontuado por Sousa (2011) – e será observado na seção 4.2. desta pesquisa –, as construções com o verbo “querer” seguidas de complementos formados por V2 apresentam, em sua maioria, um sujeito com [+ controle]. A autora, assim como nós, entende essa categoria como o controle exercido sobre a realização da ação desejada.

Mediante a observação das ocorrências com os verbos volitivos em análise, defendemos, assim, que a crença do sujeito, em relação ao evento, se realiza de maneira escalar. Isso implica, como salientado na introdução deste capítulo, estruturas linguísticas distintas relacionadas ao *princípio universal da iconicidade*, como evidenciado no Capítulo II. A partir dessas considerações, podemos averiguar que o esquema envolvendo construções volitivas com verbos no português relaciona-se à ideia escalar de incerteza epistêmica. Nesse sentido, a volição, como colocado, caracteriza-se por ser uma noção modal, indexando as intenções e os desejos do falante. Essas vontades são projetadas em um tempo futuro e

concebidas no campo da probabilidade/possibilidade, como se pode observar também nas ocorrências diacrônicas abaixo:

(53) O estado do dois menores filhos do falecido Socio e Si ella **queria** entregar Os menores e foice, qual as Condição q vihece dar parte a Sociedade para esta Obra, vortando o vizitador deu parte de todo o Corido e como Se tinha elle havido Com a dicta viu va, a primeira q foi munto mal rece- bido desta Senhora a segunda dizia q por forma alguma não dava seu filhos para pessoa alguma enducar (Século XIX. Atas dos Brasileiros)

(54) Estes perigos estão tanto à vista e clamam de tal sorte pelo remédio, que desde que partiu a frota eu não cessei de importunar a Sua Majestade com a exposição deles, e ainda agora tomo a confiança de os representar novamente, para que em nenhum tempo me possa fazer remorso de haver afrouxado na vigilância que devo ao serviço de El-Rei. A vista de tudo isto, que Vossa Mercê fará presente ao mesmo Senhor, **espero** que a Sua Real providência se digne de aprovar que continue o negócio debaixo das mesmas ordens que já foram, mantendo-se com a maior prontidão possível os aprestos que faltam para complemento do que nas Minas, e mais governos do Brasil, se deve executar, no caso que se aceite novo método; como também as prevenções necessárias, para o caso em que não esteja ainda nem aceito nem desaprovado. (Século XVII. Alexandre Gusmão)

(55) Que bom exemplo nos deixara disso nosso Padre São Domingos que, sendo quem era, no primeiro capítulo gèral que celebrou em Bolonha, pediu aos padres que fizessem eleição e o aliviassem do governo de uma Ordem que havia pouco ele mesmo acabara de fundar e estava cheia de santos e do seu espírito. Que, se um tão grande Santo, e tão favorecido de Deus, **procurara** descarregar-se em parte da administração de tal Ordem, como se atreveria um homem pecador e ignorante a pastorear tantos milhares de almas livres nas vontades, diferentes nos estados e, alguns, estragados na vida e porventura esquecidos da salvação. (Século XVI. A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires)

(56) Quem de ssi meesmo **busca** paz em out(r)a part(e) ou pobreza ou desp(re)ço, nom a achará. Que quem mu(r)mura ou he trist(e) de ssua pobreza, e q(ue)m há door no coração e he discontent(e) e a despreza nom há paz consigo. E po(r) que homem possa vi~ir a esta paz, deve rroguar a D(eu)s conthinuadament(e), e amehu´de peensar em sua grande pobreza e humildade e maravilhossa sofrença. (Século XV. Castelo Perigoso)

(57) "Quando o rei Carlos **tentou** reinar, confiando o poder à energia e inteligência de João Franco, os republicanos assassinaram-no". Esta é hoje no estrangeiro a respeito de João Franco a opinião de toda a gente que conhece a história da nossa política. (Século XIX. Ramalho Ortigão: cartas a Emilia)

Ao analisarmos as ocorrências, é possível identificarmos que os sujeitos dos eventos volitivos expressos em (53), (54), (55), (56), (57) são [+ animados]. Além disso, em (54), diferentemente do que ocorre com os demais exemplos, o sujeito fonte da volição ("eu") não é o mesmo que será responsável por tornar o desejo real (no caso, o rei é quem deve (ou não) aprovar aquilo que deseja o falante). Dessa forma, o falante não possui o controle sobre a execução do ato volitivo, projetando o evento como mais incerto.

Compreendendo a volição como uma modalidade, verificamos que as construções acima com os verbos volitivos "querer", "esperar", "procurar", "buscar" e "tentar" projetam a realização do desejo/da intenção para um tempo futuro, posterior ao momento inicial da manifestação da vontade. De acordo com Travaglia (2006, p. 250), "a modalidade restringe a noção de aspecto". Assim, o autor entende que os volitivos – por si só – não atualizam essa noção. Ainda conforme o autor:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação". (TRAVAGLIA, 2006, p. 40)

Travaglia (2006) defende que a primeira noção semântica aspectual – a qual se relaciona à noção de duração da situação ou à sua fase – é a duratividade. Essa está diretamente relacionada à progressividade, que não se caracteriza por ser uma noção aspectual, mas se encontra ligada ao valor durativo, visto que "é a indicação de que a situação tem um desenvolvimento gradual" (TRAVAGLIA, 2006, p. 52). A não-atualização de aspecto decorre da própria semântica do verbo, o qual não indica a duração de uma situação ou mesmo a de uma de suas fases, mas sim a noção de futuridade; mais especificamente, o futuro, que situa determinado evento após o momento da fala. Nesse sentido, os verbos volitivos marcam uma projeção futura da (não) realização de uma dada situação, tendo em vista a expressão do

desejo/da intenção do falante – o que está diretamente relacionado à noção de modalidade.

Dessa forma, temos que, em (53), o falante projeta, no campo da possibilidade, o ato de uma mãe desejar e entregar os filhos para outra pessoa educá-los. Por sua vez, em (54), o locutor manifesta o desejo de que o rei aprove o negócio sob as mesmas ordens já postas. Ou seja, o evento volitivo encontra-se suspenso, projetado no campo da possibilidade. Já em (55), o falante frisa a intenção do padre em diminuir a participação em atividades religiosas. No exemplo (56), o enunciador destaca que aquele que intencionar a paz em outra parte não a encontrará. Por fim, na ocorrência (57), o verbo “tentar” no passado demonstra que, no momento em que se sucedeu a questão histórica discutida, o rei Carlos teve a intenção, isto é, projetou, no futuro, a vontade de governar sob o apoio de João Franco.

Como se verifica, todas as ocorrências volitivas descritas possuem um sujeito [+ animado] – ou inferido como tal – que pode possuir diferentes graus de incerteza epistêmica do falante sobre a execução de um evento volitivo. A análise das ocorrências também revela que os eventos volitivos são projetados, pelo falante, em um tempo futuro. Logo, o esquema volitivo também envolve a manifestação da categoria *irrealis*.

Como mencionado no Capítulo II deste trabalho, mais especificamente na subseção 2.2.2., o *status* da realidade realiza-se, semanticamente, a partir das noções de *realis* e *irrealis*. Enquanto a primeira refere-se a eventos reais/atuais, a categoria *irrealis* marca eventos ou estados percebidos em um mundo hipotético ou imagético, ou seja, não-real/ não-atual (ELLIOT, 2009), como pudemos observar nos exemplos anteriores. É nesse sentido que Givón (1994) defende a futuridade como um traço definidor dessa categoria, isto é, o futuro que situa o evento descrito na proposição após o momento da fala. Observemos os exemplos seguintes:

(58) "Na visão de Geraldo Campetti, diretor da federação Espírita Brasileira, mesmo as indagações tão complexas não dão conta de saciar a nossa sede de entendimento: "As pessoas **querem** explicações mais racionais para a vida e isso instiga questionamentos existenciais muito mais amplos e profundos". (*Corpus Escrito*. Nível de formalidade 2)

(59) **Espero** que todos tenham tido um ótimo Natal, e que tenhamos um 2010 fenomenal, especialmente para os corinthianos! (*Corpus Escrito*. Nível de formalidade 3)

(60) Aqui eu sinto que, no Rio, quase todo mundo, você vai a outras casas, a gente vê que os hábitos são mais ou menos os mesmos, pelo menos dentro das minhas relações, eu não sei também se é porque o tipo de pessoas que você fre... você **procura** frequentar casas de pessoas que têm mais ou menos as mesmas afinidades que você, então você vai, acaba vendo que esses hábitos também são os mesmos, né isso? (“NURC/RJ”)

(61) Mesmo que seja necessário acordar um pouco mais cedo para isto, faça! (Eu irei acordar as 6:00). Não apenas deseje, **busque** entender os pensamentos de Deus e a Sua vontade. (*Corpus Escrito*. Nível de formalidade 1)

(62) Mas, [no]... [na]... agora, no momento... eh... [não]... não tá muito legal, porque... (hes)... [eu acho até]... eu até procuro compreendê, por ele mesmo, entendeu? (inint) ele também (inint) problema junto com a gente [se]... se a empresa vai acabá, ele também vai sê colocado na rua, porque ele também num foi aproveitado, entendeu? até agora, né? A gente **tenta** entendê, mas realmente afastô [num]... num é mais aquela relação legal, de confiança, entendeu? (“PEUL/RJ”)

Na ocorrência (58), o entrevistado pontua que as pessoas desejam explicações mais racionais no que se refere à vida. Já em (59), o falante manifesta o desejo de que seus interlocutores, principalmente os torcedores do time Corinthians, tenham um excelente fim de ano. Por sua vez, em (60), o locutor destaca a vontade que possui em frequentar casas de pessoas com quem têm maior afinidade. Em (61), o falante aconselha seu interlocutor a buscar, ou seja, a ter a intenção de entender os pensamentos e a vontade de Deus. Assim como em (62), em que o entrevistado intenciona compreender as razões que acarretaram o distanciamento na relação com um colega. É possível verificarmos que os eventos tidos como alvo da intenção do falante são projetados por ele em um tempo futuro, de maneira que, no momento da enunciação, eles se configurem como eventos não-reais/não-atuais, imagéticos e potenciais.

Sobre a clara projeção dos eventos volitivos em um tempo futuro, lembramos – conforme apontado no Capítulo II, mais especificamente na subseção

2.2.2. – que tal projeção refere-se à noção de futuridade e não à de tempo verbal. Logo, mesmo os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” estando conjugados em diferentes modos e tempos verbais – até mesmo no pretérito perfeito do indicativo, como ocorre em (57) –, aquilo que é almejado é sempre interpretado, pelo usuário da língua, como não-atualizado/hipotético/potencial. As ocorrências anteriores demonstram que há, na expressão da intenção/do desejo, uma asseveração da realidade por parte do falante, que, diante do contexto argumentativo de sua fala, expressa a sua vontade. Todavia, como pontuado, o evento – alvo de sua volição – é que será projetado em termos de futuridade e, portanto, conceptualizado como não-real.

A manifestação da categoria *irrealis* também pode ser observada nas ocorrências diacrônicas dos verbos em análise:

(63) E otras ajudas multas que fez. E plus li a custado ((L041)) uosa ajuda q(u)ali ind(e) ca(e) derdad(e). E subre becio e sup(er) ((L042)) fi'ím(en)to, se ar **q(u)iserdes** ouir as deso~ras qve ante ihc fur(u~), ((L043)) ar ouideas: Vener(u~) a uila e fila[ru~]li o porco ante seus filios e comeru~silo ((L044)). (Século XIII. Notícia do Torto)

(64) O menu da rainha aos pobres e as tarjetas de convite do capítulo de Santiago (lindíssimas) mando-te amanhã porque tenho medo que por levar esses cartões se extravie esta carta, que já não são horas hoje de mandar segurar. **Espero** que não terás extraviado as outras cartas que te tenho escrito daqui e que igualmente guardarás esta. (Século XIX. Ortigão Ramalho)

(65) Após este livro lançou logo outro de uns sermões breves sobre as festas principais de Cristo e de Nossa Senhora, pera se larem pola roda do ano, nos tais dias onde faltassem pregadores. O intento que levava era declarar o mistério de cada festa com termos suaves e muito inteligíveis, **procurando** levantar os ânimos de todos ao desprezo do mundo e amor dos bens eternos. (Século XVI. A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires)

(66) que como se havia de atrever a dar conta a Deus de tantas mil almas como havia naquela Igreja um pecador miserável que da sua se não atrevia a dá-la boa? Um pobre fradinho sem experiência, criado desde minino no deserto da Religião, como se havia de **buscar** pera governo de tanto peso? Que tinha por grande cargo de consciência cuidar em tal, quanto mais aceitá-lo! (Século XVI. A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires)

(67) Por absoluta falta de saúde na exacerbação de antigos padecimentos que há mais de oito mezes me impossibilitam de todo o trabalho, e mais que de nenhum dos litteratos tenho deixado de cumprir o artigo vinte e seis da nossa Academia. Junto a certidão do facultativo que me tem assistido. Tenho porém **tentado** cumprir com aquelle preceito que julgo essencial para o crédito da Academia e espero verme em pouco hábil para lhe dar inteira satisfação. (Século XVIII. Cartas de Garret)

Na ocorrência (63), o verbo “querer” indexa o questionamento relacionado à intenção de se ouvirem as desonras anteriormente proferidas. Essa é uma vontade que está sendo levantada como uma possibilidade pelo locutor; logo o evento é projetado no futuro. Por sua vez, “esperar”, em (64), codifica o desejo do falante de que as cartas não tenham sido extraviadas. Ou seja, ele não possui a certeza sobre o extravio da correspondência, caracterizando, assim, o seu desejo como um evento potencial. Já em (65), o verbo “procurar” refere-se à vontade de animar as pessoas a partir da declaração, com termos suaves, dos mistérios de cada festa. Nessa ocorrência, há uma clara intenção do sujeito em alcançar (e, portanto, é algo em potencial) aquilo que quer através de suas ações. O exemplo (66) traz o verbo “buscar” sendo empregado para questionar aquilo que se almejava com um representante de tão pouca expressividade. Assim, ao cogitar, tal representante projetou, no futuro, as intenções por trás desse ato. Por fim, “tentar”, no exemplo (67), expressa a intenção do locutor em cumprir tudo aquilo que julga essencial para o crédito da Academia. Desse modo, a intenção é algo que abre uma possibilidade, e esta pode estar sendo alcançada ou não. Como se pode depreender, as ocorrências descritas revelam que as construções volitivas com os verbos em análise indexam eventos concebidos no campo do *irrealis*.

Tomando como base a discussão empreendida no Capítulo II – e diante das ocorrências identificadas nos *corpora* analisados –, defendemos a possibilidade de pensarmos a categoria *irrealis* como um *continuum*, no qual o falante projeta seu grau de comprometimento em relação à intenção ou ao desejo expresso na proposição. Desse modo, dentro do universo de eventos não-reais/não-atualizados, algumas vontades seriam tidas como mais exequíveis do que outras. Tal fato sugere que o falante codificaria os eventos volitivos distintamente, a depender do grau de incerteza epistêmica que possui sobre determinado evento. Assim sendo, a volição, como anteriormente mencionado, é concebida em diferentes escalas que vão desde

uma intenção – caracterizada pelo traço [- *irrealis*], apresentando, portanto, maior grau de controle e comprometimento do falante, bem como menor incerteza epistêmica – até um desejo do falante – caracterizado pelo traço [+ *irrealis*] e, nesse sentido, possuindo menor grau de controle e comprometimento, bem como maior incerteza epistêmica.

Sousa (2011), como já mencionado na subseção 2.2.2., também propõe um *continuum* de escalaridade em relação à manifestação da categoria *irrealis* nas construções com “querer” e V2. A autora observa o comportamento desse *continuum* a partir de um alinhamento entre as formas gramaticais do volitivo e de V2 – critério não utilizado por nós nesta pesquisa, uma vez que não operamos exclusivamente com encaixamento de orações. Adotando as terminologias “maior certeza”, “menor certeza”, “certeza mais baixa” e “não se aplica”, Sousa (2011) propõe que, quanto maior o grau de certeza do falante em relação à execução do evento volitivo, mais próximo do *realis* esse evento é concebido pelo falante – o que caracteriza, para nós, a volição como intenção. Já no outro extremo desse *continuum*, encontram-se as ocorrências em que, segundo a análise da autora, não se pode verificar o grau de incerteza que o falante possui em relação à ação expressa. Assim, quanto mais próximo do *irrealis* o evento é concebido, menor será a certeza que o falante possui sobre a realização do evento – o que caracteriza, para nós, a volição como desejo.

Neste trabalho, defendemos que, por trás do desenvolvimento de construções volitivas envolvendo verbos em português, seria possível determinarmos um esquema construcional, dinâmico, que representaria o nível mais abstrato da rede. Nesse sentido, com base na análise das ocorrências identificadas nos nossos dados, verificamos similaridades/regularidades entre as diferentes microconstruções e os diferentes subesquemas analisados e determinamos, como temos demonstrado nesta seção, que as construções volitivas em análise apresentam, prototipicamente, um sujeito [+ animado] e indexam eventos no campo do *irrealis*, projetados no futuro.

O trabalho de Sousa (2011) aponta, como pudemos confirmar em nossos dados, que a expressão de *irrealis* não se dá de maneira dicotômica (*realis* X *irrealis*), mas sim de maneira escalar. Desse modo, no que diz respeito ao esquema envolvendo as construções aqui analisadas, temos que a expressão da categoria

irrealis constitui uma das faces desse nível de esquematicidade. Baseando-nos na contribuição da autora, defendemos que essa categoria é concebida através de um *continuum*, no qual o grau de incerteza epistêmica do falante em relação à proposição é focalizado, como podemos visualizar no Quadro 17. Esse *continuum* relaciona-se à concepção dos eventos, pelo falante, como [+ *irrealis*] ou [- *irrealis*], de forma que a volição seja pensada a partir das noções de intenção e desejo:

Quadro 17 - Proposta de *continuum* referente à manifestação volição

intenção	desejo
[- <i>irrealis</i>]	[+ <i>irrealis</i>]
[- <i>incerteza epistêmica</i>]	[+ <i>incerteza epistêmica</i>]

Abaixo, as ocorrências sincrônicas de “querer” e “esperar” – verbos que demarcam bem os extremos desses contínuos – ilustram essas características:

(68) É, cê falou de dom, né? Eu por exemplo, num tenho dom nenhum pra essa <áre...>, essa parte da medicina, até porque eu num posso nem vê um “sanguinho” (falando rindo) que eu já tô desmaiando, né? É: então você acha que tem esse dom, assim mais pra engenharia? Porque que... Qual é a razão, né que decidi realmente, não , não **quero** medicina, vou segui mesmo a engenharia. (“PEUL/RJ”)

(69) Nao tem problema, cada um tem um ponto de vista diferente, podem perguntar no formspring, mandar recado no orkut e ate no twitter, mas entendam, tem muita coisa mais importante pra se preocupar e acontecendo. ./ Nao **quis** ser grossa nem nada, serio, desculpa. (*Corpus* escrito. Nível de Formalidade 1)

(70) **Quería** que você me falasse um pouco sobre seus filhos.

F: Ah, [são]... são ótimos. Muito bons. [É]... é:... como é que se diz? Carinhoso, entendeu? (“PEUL/RJ”)

(71) O presidente do clube, Andrés Sanchez, só disse que o anúncio oficial sobre a sede da abertura poderia sair a qualquer hora, ou qualquer dia. O otimismo não contagiou apenas os corintianos. No Twitter, o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, demonstrou confiança no desfecho positivo para a cidade na briga pela abertura do Mundial. Em pelo menos três mensagens, Kassab tratou do tema, deixando informações nas entrelinhas. "Quero mais uma vez registrar a importância que tem para São Paulo a realização do jogo de abertura da Copa", postou o prefeito, para logo em seguida completar. "**Esperamos** a confirmação com a certeza de termos cumprido com o nosso dever". (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(72) Além de craque na armação das jogadas, Juninho pega na bola como poucos. Cobra cada falta com precisão que dá gosto de ver. Eu que fui especialista neste quesito posso dizer que ele é um dos melhores do tempo contemporâneo na bola parada. **Espero** sinceramente voltar a ver o bom e velho meio-campista que aprendi a admirar. Aquele mesmo que fez do inconstante time do Lyon uma das maiores potências futebolísticas da Europa. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(73) Essa questão do ser completo, muito pela individualidade de cada um, assim, eu e Deise, nós nos casamos. Existe ela, a pessoa dela, a individualidade dela, as coisas dela, as amigas dela, eu nunca vou me metê no que ela vai fazer, eu não me meto, de maneira nenhuma, da mesma forma que **espero** que ela não se meta nas minhas coisas, no meu... Sabe? Se falo: “olha, quero ficá sozinho”, ela tem que respeitá, agora existe, fora nós dois, cada um ser uma pessoa, nós, por nós casarmos, existe um outro terceiro ser, que é justamente o nosso casamento, ele não é... ele não... Ela tem corpo, eu tenho corpo, essa coisa é: mais <abs...> esse terceiro ser é um “abstato”, é abstrato. É ele, é onde a gente vai conseguir somá as nossas virtudes, de força e de delicadeza, de: ação e de sensibilidade, né? (“PEUL/RJ”)

Em todas as ocorrências, os falantes projetam, no futuro, suas vontades. Em se tratando do verbo “querer”, na ocorrência (68), o falante, ao falar sobre dons e escolhas profissionais, destaca o fato de não desejar cursar medicina. Desse modo, ele marca um alto grau de certeza em relação à execução do evento volitivo, uma vez que julga ser o único responsável pelas decisões referentes à graduação que irá cursar. Logo, a intenção em realizar aquilo que deseja fica evidenciada. Já em (69), a entrevistada argumenta que não teve a intenção de ser grossa. Logo, no que

concerne ao controle que possui sobre o evento, a falante demarca seu comprometimento para que ele, no caso, não seja atualizado. Entretanto, por estarmos lidando com a noção de escalaridade, o controle – diferentemente do que ocorre com a ocorrência anterior – não está sob total responsabilidade do falante. Por sua vez em (70), a entrevistadora manifesta o desejo de que seu interlocutor fale sobre os filhos. Assim sendo, podemos perceber que o falante concebe o evento volitivo como menos exequível em relação aos outros, uma vez que a realização (ou não) desse depende, primordialmente, de seu interlocutor. A atualização do desejo da entrevistadora só acontecerá se o entrevistado atender ao pedido⁵⁵. Nesse sentido, as ocorrências atualizam a categoria *irrealis*, porém sob perspectivas distintas. Isso porque é possível verificarmos diferentes graus de incerteza epistêmica, acerca da atualização do evento volitivo, diretamente relacionados a subesquemas e microconstruções específicos. Isso é o que também se atesta nas ocorrências do verbo “esperar”.

Em (71), o complemento do verbo é o sintagma nominal “a confirmação”. Nesse sentido, o locutor (o prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab) manifesta sua vontade de que, no futuro, seja confirmada a abertura da Copa do Mundo na cidade de São Paulo. O menor grau de incerteza do falante se traduz devido ao fato de possuir a certeza de ter feito tudo o que era necessário para que o seu desejo se confirme. Em (72), verifica-se a presença da oração com o verbo no infinitivo (“voltar”) complementando “esperar”. Assim, o locutor deseja voltar a assistir ao bom futebol do jogador Juninho, baseando-se no conhecimento do talento do atleta. No exemplo (73), “esperar” apresenta como complemento “que ela não se meta nas minhas coisas”. Esse complemento evidencia o desejo do falante de que sua individualidade seja respeitada pela esposa. Todavia, cabe à esposa tomar a iniciativa para que o desejo do entrevistado se concretize. Nesse sentido, verificamos que, em comparação às demais, essa ocorrência apresenta o maior grau de incerteza do falante acerca da realização do evento, o qual está relacionado ao menor grau de controle e comprometimento que possui sobre o evento. Ainda salientamos que o maior/menor grau de incerteza do falante vincula-se a padrões

⁵⁵ Contudo, chamamos atenção para o fato de, em muitos casos, esse tipo de construção revelar uma relação assimétrica entre os participantes, de modo que aquilo que se apresenta como um desejo para que o outro realize constitui, na verdade, uma ordem atenuada (MARTINS *et al.*, 2014).

construcionais específicos que serão mais bem explicitados nas seções subsequentes.

Como os exemplos demonstram, a volição pode ser concebida como [+ ou - *irrealis*] e, conseqüentemente, como um desejo ou como uma intenção. Em relação aos verbos “procurar”, “buscar” e “tentar”, nossos dados demonstram que, majoritariamente, eles codificam, na língua portuguesa, uma intenção, isto é, o falante concebe o evento volitivo como [- *irrealis*] e, dessa forma, possui um maior controle e comprometimento sobre aquilo que almeja. Logo, o grau de incerteza epistêmica em relação ao evento é menor. Abaixo, seguem exemplos desses verbos:

(74) Não preciso provar nada pra ninguém, apenas sirvo de exemplo para minhas filhas e **procuro**, dentro do que aprendi por respeito ao próximo, ensinar-lhes que ninguém é melhor que ninguém, e que nosso maior desafio é provar pra nós mesmos que podemos sempre melhorar como seres humanos, e respeitando o próximo, sem fazer distinção, já estamos no caminho certo. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(75) Na história do escritor britânico Harold Pinter (1930-2008), ela interpreta Sarah, que vive às turras com o seu marido, Richard, vivido por Alvim. "Faço o possível para ser a mulher e a amante do meu marido. Mas nem por isso **busco** implicar com ele para 'esquentar' a nossa relação (risos). A harmonia é importante", revelou Flávia, casada há um ano com o empresário Avner Saragossy (44). (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(76) Sei que este post vai ser copiado. Acho engraçado pensar. Alguém copia o que outra pessoa escreve, **tenta** se apropriar de nuances que não são suas. Uma pena. As coisas que só essa pessoa poderia ser e dizer nunca vão aparecer. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Em (74), o falante, uma mãe, observa que procura ensinar as suas filhas que ninguém é melhor que ninguém. Como se pode verificar, ela, enquanto mãe, possui a responsabilidade de educar as filhas e, por isso, sua vontade se manifesta como uma intenção, visto que detém as condições necessárias para executar o que almeja. Essa característica da volição também é observada em (75). Nesse exemplo, o falante expõe que não possui a intenção de implicar com seu marido,

com a desculpa de querer “esquentar” a relação. Ele possui o controle e, com isso, uma maior certeza acerca da atualização dessa vontade. Por fim, em (76), o evento também é concebido como [- *irrealis*] pelo falante, que julga que aquele que intenciona se apropriar daquilo que não escreveu está no controle dessa ação.

Mediante as considerações realizadas nesta seção, podemos verificar que, quanto maior é o grau de controle/comprometimento do sujeito em relação à atualização do evento volitivo, mais próximo do *realis*, dentro de uma escala de *irrealis*, esse evento será conceptualizado. Logo, averiguamos que as características animacidade e *irrealis* das construções modais volitivas com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” se cruzam com a noção de incerteza epistêmica, tendo em vista o julgamento que o falante realiza acerca da possibilidade de tornar uma vontade real.

Também verificamos que o esquema envolvendo verbos volitivos do português diz respeito a construções modais que, do ponto de vista formal, apresentam um sujeito e um verbo. Destacamos que, a partir do momento em que concebemos os eventos volitivos projetados no futuro, entendemo-los como eventos não-concretos/não-reais. Nesse sentido, os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” passam a ser considerados sob a perspectiva da modalidade volitiva e, portanto, deixam de atualizar aspecto.

Dessa maneira, temos que o esquema volitivo com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” possui um sujeito [+ animado], fonte do evento volitivo, e um outro argumento – que será explorado na seção seguinte –, alvo dessa volição, caracterizando o evento volitivo como [+ ou - *irrealis*] e, assim, a volição como uma intenção ou como um desejo.

4.2. Os subesquemas e as microconstruções

Conforme discutido no Capítulo I, os subesquemas – ou mesoconstruções, nos termos de Traugott (2008a, 2008b) – constituem um conjunto de similaridades entre as microconstruções nos níveis sintático, semântico e, até mesmo, pragmático. Para Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade de uma construção pode ser aferida em graus distintos relacionados a níveis de generalidade ou especificidade.

Logo, seguindo a proposta dos autores, esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, no nível mais baixo, por microconstruções.

Traugott (2008a) entende que as mesoconstruções – e não a macroconstrução, visto que esta representaria um esquema altamente abstrato – seriam responsáveis pela atração semântica, bem como pela emergência de novas construções, possibilitando o estabelecimento de redes construcionais. Dessa maneira, no que se refere ao desenvolvimento dos verbos volitivos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” na língua, acreditamos que, do ponto de vista cognitivo, os subesquemas seriam seguidos, inconscientemente, pelos falantes no surgimento de novos construtos (os quais, sendo incorporados à gramática da língua, configuram microconstruções) durante o processo de interação.

Anteriormente, na seção 4.1., defendemos que o esquema envolvendo as construções volitivas com os verbos em análise corresponderia, em seu aspecto formal, à presença de um sujeito [+ animado] seguido por um verbo e seu complemento (oracional/não-oracional) e, no que diz respeito ao seu sentido, à expressão da categoria *irrealis*, de modo a projetar o evento desejado no futuro. Na discussão realizada, verificamos que a atualização de *irrealis* se dá de maneira distinta nessas construções, a depender do grau de incerteza que o falante possui acerca da realização daquilo que almeja. Essa percepção do falante, que revela ser a volição uma noção que transita entre o agir e o pensar – e, portanto, entre o intencionar e o desejar –, também implica, como defendemos, padrões formais distintos. Logo, a partir da análise das ocorrências retiradas dos *corpora* utilizados, identificamos três subesquemas, que se caracterizam por corresponder a conjuntos de microconstruções volitivas específicas, a saber:

Quadro 18 - Subesquemas referentes ao desenvolvimento de construções volitivas envolvendo verbos na língua portuguesa

Subesquema 1	Forma: sujeito [+ animado] + verbo volitivo + complemento não-oracional
	Sentido: [- <i>irrealis</i>]
Subesquema 2	Forma: sujeito [+ animado] + verbo volitivo + oração encaixada infinita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] em relação à <i>subesquema 1</i>
Subesquema 3	Forma: sujeito [+ animado] + verbo volitivo + oração encaixada finita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] em relação à <i>subesquema 2</i>

Como se visualiza no quadro acima, defendemos que os três subesquemas encontrados se estabelecem a partir de diferentes graus de *irrealis* que se manifestam linguisticamente através de complementos distintos. Os graus de *irrealis*, como apontado na seção 4.1., são compreendidos a partir de uma noção escalar de volição, a qual pressupõe que a vontade é concebida, pelo sujeito volitivo, como um *continuum* entre o agir e o pensar, entre o intencionar e o desejar. Esses graus estão diretamente relacionados aos complementos encontrados, identificados, neste trabalho, como “complementos não-oracionais” (nomes, pronomes, preposições e advérbios), “oração encaixada infinita” e “oração encaixada finita”. Enquanto, em um nível [+ abstrato], o esquema volitivo corresponderia à categoria *irrealis* (com projeção de futuridade) codificada por meio de um sujeito [+ animado], um verbo modal e um complemento, os subesquemas desse esquema compreenderiam aos graus de [+/- *irrealis*] e à especificação do complemento localizado à direita do verbo volitivo.

Comungando com o que propõe Goldeberg (1995) acerca do *Princípio da Não-sinonímia* entre duas ou mais construções, os subesquemas defendidos nesta tese elucidam que construções sintaticamente distintas são semântica ou pragmaticamente diferentes entre si – como demonstraremos nesta seção. Para compreendermos a identificação dos subesquemas apontados no Quadro 18, é ainda preciso termos em mente o *Princípio Universal da Iconicidade* – conforme

discutido na seção 2.2. – e, mais especificamente, os subprincípios a ele relacionados. Wilson e Martelotta (2013 [2008]) discorrem sobre quatro subprincípios que estariam relacionados à motivação. São eles: *subprincípio icônico da relação entre ordem sequencial e topicalidade* (referente ao grau de informatividade), *subprincípio da ordenação linear* (referente à ordem dos elementos), *subprincípio da quantidade* (referente à quantidade de informação em relação ao tamanho da estrutura linguística) e *subprincípio da proximidade* (referente à proximidade dos termos na forma em relação à proximidade conceptual dos eventos). Os dois últimos nos interessam para a descrição dos subesquemas encontrados.

O *subprincípio da quantidade* estabelece que, quanto maior a quantidade de informação, maior será a quantidade de forma. Isso acarreta, segundo Wilson e Martelotta (2013 [2008]), uma estrutura de construção gramatical relacionada à estrutura do conceito que ela expressa. Em se tratando dos subesquemas volitivos envolvendo verbos “querer”, “esperar”, “procurar” e “buscar”, acreditamos que o fato de o evento volitivo ser percebido como mais próximo do *realis* – e, com isso, mais próximo do falante – teria como consequência a presença de uma quantidade informacional menor na estrutura linguística.

Já o *subprincípio da proximidade* pontua que aquilo que se encontra mais próximo no campo do sentido se mantém mais próximo na forma. Logo, como pontuado na seção 2.2., à medida que as entidades se encontram mais próximas cognitivamente, os falantes disporiam os termos designativos mais próximos no nível da forma (WILSON & MARTELOTTA, 2013 [2008]).

É justamente isso que acreditamos ocorrer nos subesquemas envolvendo verbos volitivos do português, principalmente no que diz respeito ao encaixamento oracional. Assim, a partir do julgamento realizado pelo falante, quanto mais próximo, cognitivamente, o evento volitivo estiver do falante, mais próximo do verbo ele se localizará.

Baseando-nos, portanto, nos subprincípios da quantidade e da proximidade, temos o *subesquema 1*, em que o complemento – nomes, pronomes, adjetivos, advérbios ou pronomes –, com menor quantidade informacional, localiza-se logo após o verbo (*subprincípio da quantidade*). Por sua vez, os subesquemas restantes apresentam, observando-se um em relação ao outro, cada vez mais material linguístico interveniente entre o verbo e o evento volitivo, demonstrando – como se

verificará nas subseções seguintes a esta seção – que o falante passa a conceptualizar aquilo que almeja como mais hipotético e, com isso, [+ *irrealis*] (*subprincípio da proximidade*).

Rosário (2015) defende que o aporte construcional da mudança linguística, mais especificamente a gramaticalização de construções – focalizada pelo autor –, pode ser um relevante arcabouço teórico para a análise de integração entre cláusulas. Isso porque a gramaticalização concebida sob uma perspectiva mais abrangente – isto é, como um fenômeno sintático, semântico e discursivo-pragmático – abarca os processos de combinação de orações, uma vez que a mudança passa a envolver todas as relações sintagmáticas estabelecidas do elemento em análise – no caso deste trabalho, o verbo volitivo. Assim, acerca dos *subesquemas* 2 e 3, podemos notar que eles se caracterizam pela presença de uma oração matriz (ou predicadora) seguida por uma oração encaixada, podendo ser essa uma oração infinita ou finita, respectivamente. Logo, quanto maior a integração semântica ou pragmática, maior será a integração sintática entre orações. Dessa forma, propomos que as orações encaixadas infinitas estão mais integradas à oração matriz do que as orações encaixadas finitas.

Mediante essas considerações iniciais, podemos observar, na tabela a seguir, a distribuição dos subesquemas identificados nos *corpora* sincrônicos analisados:

Tabela 7 - Distribuição sincrônica dos subesquemas identificados

	Corpora	Subesquema 1		Subesquema 2		Subesquema 3		Total
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Modalidade oral	Mineirês	164	27,7%	385	65%	43	7,3%	592
	PEUL/RJ	266	28,4%	619	66,1%	51	5,5%	936
	NURC/RJ	162	26,7%	398	65,6%	47	7,7%	607
Modalidade escrita	Nível de formalidade 1	241	22,7%	730	68,6%	92	8,7%	1063
	Nível de formalidade 2	196	24,9%	539	68,5%	52	6,6%	787
	Nível de formalidade 3	135	22,2%	427	70,1%	47	7,7 %	609
Total		1164	25,3%	3098	67,5%	332	7,2%	4594

A tabela acima demonstra que os subesquemas referentes à indexação de uma intenção do sujeito – *subesquemas 1 e 2* – são bem mais produtivos na língua, com ampla vantagem em relação ao último. Assim, temos que o *subesquema 1* corresponde a 25,3% dos dados (1.164 ocorrências), e o *subesquema 2* a 67,5% (3.098 ocorrências). Isso indica que, prototipicamente, os falantes manifestam a sua vontade tendo em vista um grau maior de controle acerca daquilo que almeja. Logo, na língua portuguesa, há uma predileção – pelo menos é o que se observa a partir dos dados analisados – em codificar vontades que julgamos serem mais exequíveis, atingíveis. Acerca do *subesquema 2*, os dados revelam que a utilização de oração encaixada infinita junto ao verbo modal constitui, sincronicamente, o uso mais difundido da língua, comungando com trabalhos como o de Sousa (2011), que aponta essa ligação entre volição e encaixamento de orações, mais especificamente a oração encaixada infinita. O terceiro subesquema refere-se à codificação de um evento projetado ainda mais no campo do *irrealis* através de um padrão formal envolvendo uma oração encaixada finita. Ele totaliza 332 ocorrências sincrônicas, ou seja, 7,2% dos dados identificados.

No que se refere à diacronia, os subesquemas se distribuem da seguinte maneira:

Tabela 8 - Distribuição diacrônica dos subesquemas identificados

	Subesquema 1		Subesquema 2		Subesquema 3		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Século XIII	156	35%	255	57,2%	35	7,8%	446
Século XIV	73	20,8%	254	72,4%	24	6,8%	351
Século XV	49	21,1%	176	75,9%	07	3%	232
Século XVI	62	30,8%	121	60,2%	18	9%	201
Século XVII	85	22%	212	54,9%	89	23,1%	386
Século XVIII	76	21,6%	233	66,2%	43	12,2%	352
Século XIX	58	23,2%	146	58,4%	46	18,4%	250
Total	559	25,2%	1397	63%	262	11,8%	2218

Assim como na sincronia, a tabela diacrônica demonstra que o *subesquema 2* é o mais frequente nos *corpora* analisados. Esse subesquema totaliza 1.397 ocorrências ou 63% dos dados diacrônicos encontrados. Na sequência, aparece o *subesquema 1*, que soma 559 ocorrências, correspondendo, portanto, a 25,2% do total de ocorrências volitivas diacrônicas. O *subesquema 3 com verbos volitivos* é, também na diacronia, a construção menos frequente nos dados analisados, já que foram identificadas somente 262 ocorrências (11,8%) vinculadas a tal padrão.

A partir do exposto, esta seção se organiza de modo a tratar, pontualmente, dos três subesquemas (ou mesoconstruções) identificados e defendidos nesta pesquisa. Logo, na subseção 4.2.1., focalizaremos o *subesquema 1*; na subseção

4.2.2., explicitaremos o *subesquema 2*; e, na subseção 4.2.3., nos dedicaremos ao *subesquema 3*.

Além de observarmos o par forma-sentido dos três subesquemas propostos neste trabalho, investigaremos, nesta seção, as diferentes microconstruções associadas a eles. Nesse sentido, entendemos que os diferentes padrões construcionais individuais com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” podem ser pensados em termos mais esquemáticos, sendo possível, dessa forma, agrupá-los em subesquemas distintos. Desse modo, passaremos à análise de cada microconstrução a partir de seu respectivo subesquema. Como será averiguado nas subseções seguintes, as microconstruções envolvendo o verbo “querer” – entendido, a partir do levantamento realizado nesta pesquisa, como o verbo volitivo mais antigo e produtivo da língua – se distribuem, com ampla representatividade, nos três subesquemas identificados – o que nem sempre ocorre, como se verificará, com “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”. Assim, sendo o volitivo mais prototípico da língua, “querer” será utilizado para exemplificarmos o padrão dos *subesquemas 1, 2 e 3*. Após a explicitação das características gerais de cada subesquema, realizaremos, então, a descrição pontual da cada microconstrução vinculada ao subesquema em destaque, possibilitando, portanto, observarmos o comportamento dos demais verbos.

4.2.1. Subesquema 1 com verbos volitivos

Como apontado na introdução desta seção, defendemos que o *subesquema 1 com verbos volitivos* apresenta, como característica formal, o padrão sujeito [+animado] + verbo volitivo + complementos não-oracionais e, no que tange ao sentido, a indexação de um evento conceptualizado como [-*irrealis*]. Também, conforme anteriormente mencionado, entendemos que esse subesquema diz respeito à codificação de uma vontade do falante, concebida, por ele, como mais possível de se tornar real. Assim, a proximidade cognitiva estabelecida entre o sujeito volitivo e o evento alvo de sua vontade se manifesta, sintaticamente, através da proximidade dos respectivos termos designativos dessas entidades.

Na seção 4.2., verificamos que a presença de um sujeito [+ animado] – argumento externo –, um verbo e um argumento interno diz respeito ao aspecto formal mais esquemático (e [+ abstrato]) da rede construcional. Por sua vez, na seção 4.1., adiantamos que o preenchimento da categoria “verbo modal” – bem como a de seu argumento interno – configura as microconstruções identificadas nesta pesquisa. Logo, podemos depreender que, na forma, os subesquemas volitivos são marcados apenas pela especificação do complemento localizado, tradicionalmente, à direita do verbo. De acordo com a análise qualitativa dos dados referentes ao *subesquema 1*, esse complemento caracteriza-se por apresentar uma estrutura linguística menor, podendo ser um nome, um pronome ou um advérbio⁵⁶. Abaixo, fornecemos exemplos sincrônicos do *subesquema 1 com verbos volitivos*:

(77) Vivendo com o companheiro há 19 anos, o advogado Carlos Alexandre Lima, 48, **quer** um herdeiro. Há cinco anos, o casal tentou a fertilização artificial com uma amiga homossexual, mas, por um problema de saúde dela, o método não foi adiante. O sonho da paternidade, porém, permanece. Carlos considera a nova norma um avanço, mas questiona a necessidade de envolver um parente. Ele defende que há casais que não têm parente mulher ou sofrem preconceito em casa. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(78) “Parceiro, mas também amante. Todo homem **quer** isso, faz parte da nossa porção mais primitiva, a gente gosta de saber que satisfaz a parceira”. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(79) Depende muito do aluno, não adianta nada você estudou...
F: Eu também acho. Não adianta o colégio ser bom e você não estudar.
E: Ele pode estudar num lugar bom e não **querer** nada com o colégio.
F: Né? Eu sei que o ensino antigamente era melhor era mais forte. Não tinha greve. No tempo dos meus filhos, não tinha greve como tem hoje em dia, né? (“PEUL/RJ”)

Nas ocorrências acima, temos que o verbo “querer” indexa as vontades do sujeito volitivo. Como defendido nesta subseção, o *subesquema 1* possui como argumento interno do verbo complementos que expressam, formalmente, uma maior

⁵⁶ Destacamos que, nesta pesquisa, não temos por objetivo realizar uma diferenciação entre os diferentes tipos de complemento que englobam a categoria denominada, neste trabalho, de “complementos não-oracionais”. Acreditamos que nomes, pronomes e advérbios possuem, em termos de padrão construcional, a mesma função na instanciação de construções envolvendo verbos volitivos da língua portuguesa.

proximidade conceitual entre o evento volitivo e seus designativos. Logo, compreendemos que esses complementos possuem uma quantidade informacional menor em relação aos demais complementos identificados. Assim, como verificamos nas ocorrências acima, “querer” apresenta como argumento interno nomes – como “um herdeiro”, no exemplo (77) –, pronomes – como em “isso”, no exemplo (78) – e advérbios – como na locução adverbial “nada em troca”, no exemplo (79).

Podemos verificar, nessas ocorrências, que o sujeito [+ animado] é a fonte da intenção em (não) se obter algo. Os complementos identificados estão localizados próximos ao verbo volitivo e, devido a pouca quantidade de material linguístico, atuam na manutenção da proximidade cognitiva e formal desse evento. Isso porque, no que se refere ao sentido, o *subesquema 1* destaca-se por ser um subesquema que, dentro do *continuum* de manifestação da categoria *irrealis* proposto neste trabalho, identifica o evento volitivo como mais próximo de ser atualizado. É o que se pode averiguar nas ocorrências diacrônicas a seguir:

(80) em virnizado Com filzo dorado obra esta munto bem a Cabada, para o retrato de S M o Inperado a valuado em 40\$000 mais O mesmo Socio sendo o Artista q feis nada **quis** pella mão de obra só pedio a Socie dade q paga se as madeiras e o vidro, assim Como O Sr Socio Pantaleao Villas boas tin- ha o ferecido o retrato tanbem gratis. (Século XIX. Atas dos brasileiros)

(81) **Queres** estas duas delícias- a bênção e o bago? (Século XIX. Cartas de Eça de Queirós e Oliveira Martins)

(82) E mancebo ou manceba de soldada se ouuer d(e)manda cont(ra) seu segn(or) ((L027)) metera Au´u´gado se **q(u)iser** may no~ podera Aduzer segn(or) A iuram(en)to da cruz (Século XIII. Foros de Garvão)

No exemplo (80), temos que o falante menciona que o artista – sujeito volitivo do evento – não exigiu retornou financeiro pelo serviço prestado, mas somente o pagamento dos materiais utilizados. Nessa ocorrência, o sujeito demonstra a sua intenção em não receber pelo trabalho, indexando – através da proximidade e do pouco material linguístico empregado – um menor grau de incerteza epistêmica em relação à atualização do evento volitivo. Em (81), o falante questiona ao seu interlocutor se ele deseja “estas duas delícias” (que são a bênção e o bago). Ao realizar a pergunta, podemos verificar que o sujeito volitivo, isto é, o

interlocutor, é quem detém o controle sobre sua vontade. Esse controle irá determinar se ele se comprometerá a aceitar ou não as “delícias” oferecidas. Na ocorrência (82), por sua vez, o verbo é utilizado acompanhado por um advérbio (“mais”), indexando uma possível intenção do sujeito. Assim como nas ocorrências anteriores, a vontade é concebida, diante do grau de incerteza epistêmica, como mais próxima do sujeito volitivo, sendo, portanto, [- *irrealis*] e projetando, ainda, os eventos volitivos no campo da futuridade.

Defende-se, portanto, que o *subesquema 1 com verbos volitivos* caracteriza-se por ser o subesquema [+ icônico] da rede construcional envolvendo verbos volitivos na língua portuguesa. Dessa maneira, temos que os complementos que se seguem após o verbo modal volitivo (nomes, pronomes ou advérbios) indexam, diante de seu caráter formal, uma ligação de maior proximidade – e, assim, de maior possibilidade de atualização – com o evento volitivo. Nesse sentido, mediante os julgamentos que realiza acerca dos graus de incerteza epistêmica, o falante concebe sua vontade como uma intenção e, desse modo, como [- *irrealis*] e, nos termos que temos defendido neste trabalho, mais exequível.

Feitas as considerações gerais sobre o *subesquema 1*, analisaremos, pontualmente, as microconstruções vinculadas a esse subesquema.

4.2.1.1. Microconstruções do subesquema 1 com verbos volitivos

A análise qualitativa das ocorrências identificadas e o levantamento da frequência de uso dos padrões construcionais individuais possibilitaram o estabelecimento de cinco microconstruções vinculadas ao *subesquema 1*. Assim, devemos considerar que, pelo fato de constituírem unidades individuais de forma-sentido, as *microconstruções do subesquema 1 com verbos volitivos* possuem diferenças entre si. Com o intuito de organizar a distinção estabelecida entre elas, elaboramos o quadro abaixo:

Quadro 19 - Microconstruções do subesquema 1

Microconstruções do subesquema 1	Características
<i>Microconstrução 1 do subesquema 1</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo querer</u> + complementos não-oracionais
	Sentido: [- <i>irrealis</i>]
<i>Microconstrução 2 do subesquema 1</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo esperar</u> + complementos não-oracionais
	Sentido: [- <i>irrealis</i>] e vinculado, ainda, à acepção de “ter esperança/ aguardar no tempo” do verbo “esperar”
<i>Microconstrução 3 do subesquema 1</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo procurar</u> + complementos não-oracionais
	Sentido: [- <i>irrealis</i>] e vinculado, ainda, à acepção de “administrar”/“localizar” do verbo “procurar”
<i>Microconstrução 4 do subesquema 1</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo buscar</u> + complementos não-oracionais
	Sentido: [- <i>irrealis</i>] e vinculado, ainda, à acepção de “pegar”/“localizar” do verbo “buscar”
<i>Microconstrução 5 do subesquema 1</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo tentar</u> + complementos não-oracionais
	Sentido: [- <i>irrealis</i>] e vinculado, ainda, à acepção de “tentativa” do verbo “tentar”

Vimos, no Capítulo I, que, enquanto as microconstruções correspondem a tipos individuais de construções, os subesquemas são representados por conjuntos de microconstruções que se associam sob uma função mais abrangente. No quadro

19, podemos verificar que os cinco padrões individuais descritos associam-se, tanto sob o ponto de vista formal quanto em relação ao sentido, ao *subesquema 1*. No entanto, também percebemos que as microconstruções desse subesquema se individualizam, já que, formalmente, cada uma se caracteriza por apresentar um verbo distinto (“querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”), que, como veremos nesta subseção, irá selecionar, preferencialmente, um complemento [+/- abstrato]. Tendo como base o verbo “querer” – que, figurando em seu padrão microconstrucional, possui o maior número de ocorrências desse subesquema e um sentido mais desassociado de sua acepção latina inicial –, entendemos que as *microconstruções 1, 2, 3, 4 e 5 do subesquema 1* se estabelecem de maneira escalar, uma em relação a outra, instanciando graus de intenção distintos dentro desse subesquema. Essa escalaridade, como acreditamos, estaria relacionada a outros sentidos do verbo, que, dessa maneira, seriam responsáveis pela atribuição do sentido volitivo vinculado por cada verbo e, conseqüentemente, por cada microconstrução identificada.

Antes de exemplificarmos e, assim, explicitarmos as particularidades das microconstruções em foco, devemos observar sua distribuição nos dados identificados. Nesse sentido, temos que, sincronicamente, as *microconstruções do subesquema 1 com verbos volitivos* apresentam a seguinte frequência:

Tabela 9 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 1 na sincronia

	n.º	%
Micro 1 do subesquema 1	935	80,4%
Micro 2 do subesquema 1	20	1,7%
Micro 3 do subesquema 1	65	5,6%
Micro 4 do subesquema 1	125	10,8%
Micro 5 do subesquema 1	19	1,5%
Total	1164	

A Tabela 9 evidencia que foram encontradas 1.164 microconstruções associadas ao primeiro subesquema defendido nesta pesquisa. Desse total, 935 ocorrências (80,4%) correspondem à *microconstrução 1*, 20 à *microconstrução 2* (1,7%), 65 à *microconstrução 3* (5,6%), 125 à *microconstrução 4* (10,8%) e 19 à *microconstrução 5* (1,5%). Notamos que as microconstruções referentes aos verbos “querer” e “buscar” são, respectivamente, as mais frequentes nos *corpora* sincrônicos analisados.

Na tabela a seguir, por sua vez, apresentamos a distribuição das *microconstruções 1, 2, 3, 4 e 5 do subesquema 1* na diacronia:

Tabela 10 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 1 na diacronia

	n.º	%
Micro 1 do subesquema 1	473	84,6%
Micro 2 do subesquema 1	09	1,6%
Micro 3 do subesquema 1	27	4,8%
Micro 4 do subesquema 1	50	9%
Micro 5 do subesquema 1	0	0%
Total	559	

Em primeiro lugar, destacamos que não foram identificadas, nos dados diacrônicos analisados, ocorrências da *microconstrução 5 do subesquema 1*. Esse fato pode reforçar nossa hipótese sobre o caráter recente desse padrão. Além disso, na Tabela 10, percebemos que, das 559 ocorrências encontradas na diacronia, 84,6% dizem respeito à *microconstrução 1* (473 ocorrências), 1,6% à *microconstrução 2* (09 ocorrências), 4,8% à *microconstrução 3* (27 ocorrências) e 9% à *microconstrução 4* (50 ocorrências).

A partir da análise pancrônica das microconstruções evidenciadas nas tabelas 9 e 10, podemos concluir que o primeiro padrão individual mencionado se estabelece como mais ritualizado na língua. Isso reforça a ideia de que o verbo

“querer”, correspondendo – dentre os verbos analisados – ao volitivo mais antigo da língua portuguesa, marcaria mais prototipicamente a volição e serviria como “modelo”, na rede construcional, para o desenvolvimento de nós.

Feitas as considerações referentes à frequência das *microconstruções 1, 2, 3, 4 e 5 do subesquema 1*, transcrevemos, abaixo, exemplos, em que evidenciamos as características formais individuais desses padrões:

(83) Para 2012, já tem planos definidos: vai se desligar do mundo pelo menos durante as manhãs para se dedicar à literatura. “Senão minha obra futura vai ser constituída basicamente de e-mails. E eu não **quero** isso não.” (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(84) Não **espere** por uma presença austera e decidida. Sua força está na diplomacia e no senso de justiça – com isso, habilitará os filhotes ao convívio social. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(85) Uma das coisas que mais concordo quando vejo pregações é a máxima de que devemos **procurar** “menos religião, e mais Deus”. Concordo plenamente, ainda que a maior parte dos cristãos utilize isso de forma sofisticada para fazer crer que eles não têm preocupações com a religião em si, quando têm, e muito. Independente disso, é uma das frases que deveriam estar na mente de todo cristão. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(86) Percebi que já estava acostumada a comer menos e me sentia ótima e feliz da vida, como se tivessem dado uma injeção de felicidade na minha vida, felicidade que eu **buscava** dia após dia começou fluir... Já não comia alimentos gordurosos, optava sempre pelo mais saudável e sempre pesquisava na internet o que aquele determinado alimento faria no meu organismo... (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(87) E: E por que que ele veio aqui pro Brasil?

F: Foi com vinte e quatro anos, ele tá com oitenta e dois... **tentá** a sorte. Já tinha a irmã: aqui então ele quis vir. (“PEUL/RJ”)

Nas cinco ocorrências acima, temos que os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” indexam uma intenção do sujeito volitivo, uma vez que esse projeta no futuro a vontade de que algo se realize. Assim, temos que, em (83), a vontade do entrevistado é de que sua obra não seja constituída, basicamente, por

e-mails. Por sua vez, em (84), o falante aconselha o seu interlocutor a não almejar que haja uma presença austera e decidida. No exemplo (85), o falante aponta que crê na premissa de que devemos nos conectar mais com Deus e menos com a religião (e, portanto, termos sempre a intenção de estabelecer uma conexão direta com Ele). Já, em (86), o sujeito comenta que a felicidade almejada, com o início de uma vida mais saudável, começou a fluir. Por fim, em (87), o entrevistado afirma que seu pai veio para o Brasil almejando sorte.

Como se verifica nessas ocorrências, no que se refere ao padrão formal do *subesquema 1*, temos a presença de um sujeito [+ animado], um verbo e um complemento não-oracional, como nomes – exemplos (84), (85), (86) e (87) – e pronomes – exemplo (83). No entanto, podemos averiguar que as ocorrências especificam o verbo modal utilizado, marcando padrões construcionais individuais distintos, como defendemos. Logo, temos, em (83), (84), (85), (86) e (87), exemplos de ocorrências para cada verbo – “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” –, referentes ao *subesquema 1*. Ainda é válido de ressalva que os complementos desses verbos podem selecionar, preferencialmente, elementos [+/- concretos]/[+/- abstratos]. Assim, para os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, a volição é codificada junto aos complementos “por uma presença austera e decidida”, “menos religião e mais Deus”, “felicidade” e “a sorte”, respectivamente. Tais complementos caracterizam-se por serem [- concretos]/[+ abstratos], o que pode ser observado em outras ocorrências dos verbos. Já “querer” faculta a presença de complementos [+ concretos]/[- abstratos], como no exemplo dado, em que “querer” possui como complemento o pronome “isso”, que se refere à obra futura do entrevistado.

Diante dessas colocações, devemos ressaltar o sentido de cada padrão construcional individual. Segundo a proposta adotada nesta pesquisa, as microconstruções estabeleceriam, entre si, uma relação escalar, havendo, dessa maneira, microconstruções que marcariam, mais prototipicamente, o sentido vinculado pela *subesquema 1*. É o que se observa nas ocorrências seguintes:

(88) É difícil generalizar a reação dos alunos, tem alunos que prestam muita atenção ou participam, contam exemplos da vida deles pra ajudar o trabalho, mas ao mesmo tempo tem aqueles alunos que não tem, não querem nada com, com a escola, brigam o tempo todo, correm pela sala é...não respeitam ninguém, então acaba sendo difícil generalizar assim mais a reação deles, da maioria é muito boa (“Projeto Mineirês”)

(89) Vanderlei Macris diz que o ministro precisa esclarecer o episódio envolvendo a compra de um dossiê contra tucanos, em 2006. Reportagem de VEJA desta semana demonstra que Mercadante foi o mentor e principal beneficiário da farsa. "A situação exige que ele venha e dê as explicações necessárias. A população espera isso", diz o parlamentar. Ele acredita que Mercadante, diferentemente do ex-ministro Antonio Palocci, não irá recorrer à blindagem da base aliada. "Eu espero que não haja isso, até porque ele mesmo se manifestou com vontade de explicar", diz Macris. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(90) A pessoa que procura segurança no Deus Altíssimo e se abriga na sombra protetora do Todo-Poderoso pode dizer a Ele: 'Ó, Senhor Deus, tu és o meu defensor e o meu protetor. Confio em ti.' (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(91) Eliminei 46 kilos em 8 meses, em alguns momentos sofridos sim, por que não, falaria mentiras se dissesse que foi mt facil, teve momentos dificeis, mas quando realmente queremos, fazemos tudo se tornar mais facil, e foi isso que eu fiz, a minha alegria era sempre a mesma, não importava se eu eliminava 500g ou 2k, estava sempre feliz, e buscava apoio em mim mesma, pois eu fui a minha melhor amiga, mas eu podia ser a minha pior inimiga, tudo dependia de mim, então aprendi a me amar e me valorizar, hoje tenho uma vida repleta e feliz, amizades virtuais incrivelmente importantes para mim, que foram grandes aliados nos meus momentos no decorrer desses meses. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(92) Ele me pediu em namoro no dia 21 de junho. Não resisti. Aceitei. E nem havíamos nos beijado ainda. Rogério - Fiquei interessado na Dani, comecei a cativá-la, mas ela tinha um pé atrás. Disse que estava disposto a tentar um relacionamento e banqueei o adolescente a pedindo em namoro. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

Os exemplos acima se assemelham por apresentarem as construções com os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” como intenções concebidas pelos falantes como mais exequíveis. Podemos verificar que, devido a pouca quantidade de material linguístico e à proximidade dos elementos, a vontade é tida como mais próxima do sujeito, como já salientado na subseção 4.2.1.. Logo,

os eventos volitivos “nada com a escola”, “isso” (explicações à população), “segurança”, “apoio” e “um relacionamento” – em (88), (89), (90), (91) e (92), respectivamente – são percebidos como [- *irrealis*] pelo sujeito volitivo.

Contudo, precisamos focalizar as diferenças de sentido das microconstruções em (88), (89), (90), (91) e (92). Como demonstra a análise pancrônica da frequência de uso, os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” seriam posteriores a “querer”, no que tange ao desenvolvimento da acepção volitiva. Assim, podemos pensar que, em relação a “querer”, esses verbos estariam em um estágio menos avançado no processo de mudança e, por isso, seriam utilizados, primordialmente, junto a complementos de cunho [- concreto]/[+abstrato] para indexarem o sentido volitivo. Esse tipo de complemento pode indicar que os verbos passariam por um processo de metaforização, de maneira que os sentidos de “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” tenham sido neonalisados, deixando de atualizar usos vinculados a noções aspectuais e passando a projetar a noção de volição.

Logo, acreditamos que “querer”, diante de sua anterioridade e de sua grande difusão na língua – caracterizando-se, dessa forma, como o volitivo prototípico – indexaria, mais assertivamente, esse caráter exequível do *subesquema 1*. É o que se verifica em (88), quando o falante afirma que os alunos não querem nada com o estudo.

Ao observarmos os exemplos (89), (90), (91) e (92), podemos perceber que o sentido vinculado por “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” encontra-se fortemente relacionado a outras acepções dos verbos – “ter esperança/ aguardar no tempo”, “administrar/localizar no espaço”, “pegar/localizar no espaço” e “manifestar a ideia de tentativa”, respectivamente. Na introdução deste capítulo, defendemos que esses verbos teriam se expandido pragmaticamente, desenvolvendo o uso volitivo, mas mantendo resquícios de seus sentidos anteriores. Dessa forma, percebemos que, no exemplo (89), a vontade da população reside na esperança de que as explicações necessárias sejam fornecidas pelo parlamentar. Em seguida, (90) permite que interpretemos a volição como algo que precise de certa organização para se localizar. Assim, é possível “procurar” segurança em Deus. Na ocorrência (91), a volição associa-se ao fato de o sujeito intencionar localizar apoio nele

mesmo. Já (92) reforça a ideia de que a intenção – no caso, de construir um relacionamento – está ligada à tentativa.

Desse modo, os apontamentos referentes aos sentidos das *microconstruções do subesquema 1 com verbos volitivos* sugerem que as trajetórias de desenvolvimento dos verbos em estudo exerceriam grande influência na expressão da volição do sujeito. A fim de comprovar a análise empreendida acerca dos aspectos formal e de sentido dessas microconstruções, utilizamos, abaixo, exemplos diacrônicos retirados dos *corpora* analisados⁵⁷:

(93) os que vendem sempre a apregoar ao redor dos camarotes, gritando desesperados: quem **quer** vinho, frutas, doces. Eis aqui pelo grosso, o que se vai buscar a uma ópera. Vossa Mercê lá suprirá com a sua imaginação o que eu não posso dizer para não o enfafar mais. (Século XVIII. Antonio da Costa)

(94) esperança ua~a~ de bemaue~turança, assy como fazem algu~u~s que, obrando mal e no~ fazendo eme~da do mal feyto, **spera~** saluaçom, asy como aconteceo a hu~u~ caualeyro, segundo se co~tem em este falamento. (Século XV. Orto do Esposo.)

(95) Possuindo alguma fortuna, sendo muito moça e não podendo fazer no seu país um casamento de conveniência, veio a Portugal **procurar** fortuna. (Século XIX. Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna)

(96) Primeirament[e] o coração, e diz(er) todos os penssam(en)tos que encaminhom homem a pecad(os), ou carnaaes ou esp(ri)tuaaes; assi como contra a fe', ou de va~a glló'ria, ou de enveja ou de maa voontade, ou de muitas outras maneiras, como ja' he dicto; ou de penssament(os) de brasffe^meas de D(eu)s ou de se(us) sant(os) ou dos sacrament(os), que o diaboo traz ao coração por torvar a pessoa e a meter em desasperaçom. Por isto he compridoiro que homem hi aja despraz(er) e temperança e pacie^ncia, que assi sse **busca** me'rito, mais que quando se queixa desordenadam(en)t(e) ao pecado. (Século XV. Castelo Perigoso)

Ao encontro da proposta desta pesquisa, as ocorrências acima exemplificam, na diacronia, os padrões formais das microconstruções analisadas nesta subseção. Assim sendo, temos, em (93), a configuração “sujeito [+ animado] + querer + nome”; em (94), “sujeito [+ animado] + esperar + nome”; em (95), “sujeito [+

⁵⁷ Lembramos que não foram encontradas ocorrências diacrônicas referentes à *microconstrução 5 do subesquema 1*.

animado] + procurar + nome”; e, em (96), “sujeito [+ animado] + buscar + nome”. Também averiguamos que, como integrantes do *subesquema 1*, essas microconstruções caracterizam-se por indexar uma vontade que o falante acredita estar mais próxima de ser atualizada. Porém, essa codificação se dá de maneira distinta a depender do verbo utilizado, o qual vincula um sentido específico para o padrão. Logo, o exemplo (93) marca, com mais ênfase, a vontade do sujeito – querer vinho, frutas e doces –, uma vez que “querer”, por ser o volitivo mais antigo da língua, possui um sentido mais desassociado de seus usos anteriores, sendo, amplamente, interpretado como um modal volitivo. As ocorrências posteriores, no entanto, revelam que a volição em “esperar”, “procurar” e “buscar” está intimamente relacionada a usos anteriores – mas que, ainda, se manifestam na sincronia – dos verbos. Dessa maneira, temos que a volição do sujeito relaciona-se: em (94), à esperança que ele possui de que seja encontrada uma solução para a situação; em (95), à localização da sorte; e, em (96), à obtenção do mérito.

Como se verifica, esta subseção procurou descrever as diferentes microconstruções associadas ao primeiro subesquema defendido nesta pesquisa. Dessa maneira, demonstramos que as cinco microconstruções identificadas – apesar de serem todas [+ icônicas] – apresentam diferentes graus de indexação da intenção, o que está diretamente relacionado ao verbo (“querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”) que, junto ao sujeito [+ animado] e ao complemento não-oracional, vincula o sentido volitivo. O verbo “querer”, diante de sua trajetória de desenvolvimento, possui um sentido volitivo mais desassociado de suas acepções latinas anteriores, de maneira que, sincronicamente, não percebemos, nos dados analisados, usos do verbo que não manifestem, em algum grau, uma vontade. O mesmo não acontece com “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, em que podemos verificar a volição sendo associada a outros usos dos verbos. Esse aspecto indica que esses verbos seriam posteriores a “querer” na instanciação do uso volitivo e apresentariam trajetórias distintas de desenvolvimento na língua portuguesa.

4.2.2. Subesquema 2 com verbos volitivos

O *subesquema 2 com verbos volitivos* caracteriza-se por referir-se a um uso que, em relação ao *subesquema 1 com verbos volitivos*, apresenta-se como [+ *irrealis*]. Todavia, ele ainda está mais próxima à manifestação de uma intenção do falante, já que a volição continua sendo concebida pelo ele como mais exequível mediante o controle exercido pelo sujeito. Isso está intimamente relacionado à expressão formal desse subesquema, que se apresenta através de um sujeito [+ animado], um verbo modal e uma oração encaixada infinita.

Sobre o encaixamento de orações, evidenciamos que, de acordo com Gonçalves *et al.* (2007), a integração sintática, como ocorre em casos de encaixamentos oracionais, é explicada – como destacado na introdução desta seção – pelo *subprincípio da proximidade*. No que diz respeito à encaixada infinita, ela tende a indicar uma maior integração entre a matriz e V2, uma vez que – diferentemente do que ocorre com o encaixamento por meio de orações finitas – não há, a princípio, nenhum material interveniente entre ela e o verbo da cláusula principal. Logo, temos que, no *subesquema 2*, a oração matriz (ou predadora) é composta pelo modal volitivo, enquanto a oração encaixada é formada por um verbo no infinitivo. Esse fato acarreta, conforme Travaglia (2007), o funcionamento do verbo da cláusula principal como uma espécie de quase-auxiliar do verbo da encaixada infinita, o que demonstra o alto grau de integração entre essas orações.

Sob o aspecto formal, o *subesquema 2* tem como característica definidora, como visto, a presença de uma oração encaixada infinita após o verbo volitivo, que se situa na oração matriz. O exemplo abaixo, retirado do *corpus* sincrônico, evidencia esse padrão:

(97) Eu **queria** entrevistar o Sr. NP. também.

O NP esteve in Itália, ele pode te falar. Agora o meu sogro, o que eu sei é que ele veio da Itália, se não me engano o pai dele veio com um senhor que morava, que veio morar em Arceburgo que também era italiano que chamavam-no de NP, não sei, é devia ser NP, mas eu não me lembro o sobrenome. (“Projeto Mineirês”)

A ocorrência (97) evidencia o padrão formal do *subesquema 2 com verbos volitivos*. Como já colocado, o subesquema apresenta um sujeito [+ animado] + um verbo (localizado em uma oração matriz) + oração encaixada infinita. Assim sendo,

em (97), o sujeito “eu” é seguido pelo verbo “queria”, que vem acompanhado da encaixada “entrevistar o Sr. NP. também”. Podemos destacar que, assim como ocorre em todas as ocorrências do *subesquema 2*, o sujeito da oração matriz é o mesmo da oração encaixada, o que favorece o grau de integração entre as cláusulas.

Dessa forma, o menor grau de incerteza epistêmica também deve ser notado na análise do *subesquema 2*. Nesse padrão, o sujeito volitivo manifesta a sua intenção em realizar algo, evidenciando seu julgamento acerca das condições necessárias para a atualização da sua vontade. Contudo, como temos reiterado neste trabalho, nossa análise se baseia em contínuos de escalaridade, o que pressupõe que um padrão será sempre analisado em relação a outro. Logo, enquanto, em comparação ao *subesquema 1*, o *subesquema 2 com verbos volitivos* é compreendido como [+ *irrealis*], em comparação ao *subesquema 3*, ele é concebido como [- *irrealis*]. Vejamos o exemplo diacrônico:

(98) E [se] as partes ambas ueere~ sub(re) isto d(e)ante e se lhy mandar faz(er) outra carta, diga enelha q(ua) lha mandaro~ faz(er) por que p(er)dera a out(ra) p(ri)meyra q(ue) fezera. E se o escriua~ no~ **quis(er)** aguardar a nota das cartas ou as p(er)der p(er) sa culpa e dano ueer a algu~a das partes per el, peyteo todo muy be~. (Século XIII. Afonso X)

No exemplo diacrônico acima, o verbo “querer” codifica uma intenção do sujeito, já que é apontada a possibilidade de o escrivão não intencional aguardar a liberação da nota das cartas. Logo, o escrivão é o sujeito volitivo e, conseqüentemente, detém o controle para a atualização do evento. Nesse sentido, o evento é conceptualizado como uma intenção, pois o *subesquema 2 com verbos volitivos* indexa uma maior certeza de realização do evento pelo sujeito.

Desse modo, o segundo subesquema, a partir do padrão formal “sujeito [+ animado] + verbo + oração encaixada infinita”, refere-se ao uso volitivo em que o falante ainda consegue observar um menor grau de incerteza epistêmica por parte do sujeito volitivo diante da realização daquilo que almeja. No entanto, como sugere a forma desse subesquema, esse controle é conceptualizado como [+ *irrealis*] em relação ao *subesquema 1 com verbos volitivos*.

A partir dessas considerações, procederemos à análise das microconstruções vinculadas ao *subesquema 2*.

4.2.2.1. Microconstruções do subesquema 2 com verbos volitivos

A análise qualitativa das ocorrências encontradas nos *corpora* sincrônicos utilizados nesta pesquisa permitiu que identificássemos cinco padrões microconstrucionais que estariam relacionados ao segundo subesquema. Este se caracteriza por apresentar eventos projetados no futuro e concebidos, pelo usuário da língua, como [+ *irrealis*] em relação ao *subesquema 1* e [- *irrealis*] em relação ao *subesquema 3*.

As microconstruções podem ser comprovadas diacronicamente e são definidos, por nós, da seguinte maneira:

Quadro 20 - Microconstruções do subesquema 2

Microconstruções do subesquema 2	Características
<i>Microconstrução 1 do subesquema 2</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo querer</u> + oração encaixada infinita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 1 do subesquema 1
<i>Microconstrução 2 do subesquema 2</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo esperar</u> + oração encaixada infinita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 2 do subesquema 1 e vinculado, ainda, à acepção de “ter esperança/aguardar no tempo” do verbo “esperar”
<i>Microconstrução 3 do subesquema 2</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo procurar</u> + oração encaixada infinita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 3 do subesquema 1 e vinculado, ainda, à acepção de “administrar”/“localizar” do verbo “procurar”
<i>Microconstrução 4 do subesquema 2</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo buscar</u> + oração encaixada infinita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 4 do subesquema 1 e vinculado, ainda, à acepção de “pegar”/“localizar” do verbo “buscar”
<i>Microconstrução 5 do subesquema 2</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo tentar</u> + oração encaixada infinita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 5 do subesquema 1 e vinculado, ainda, à acepção de “tentativa” do verbo “tentar”

Como o Quadro 20 aponta, as microconstruções descritas distinguem-se, formalmente, a depender do verbo – “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” – que ocupa a posição “verbo modal” desse subesquema. No que tange ao sentido, essas microconstruções – como explicitaremos no decorrer desta subseção – são pensadas a partir da relação que estabelecem com as microconstruções observadas na subseção 4.2.1.1. Assim, podemos averiguar que também há uma escalaridade entre elas, que é estabelecida pelo subesquema ao qual se associam e pelo próprio verbo utilizado. Desse modo, como foram identificados padrões microconstrucionais referentes ao *subesquema 2* com todos os verbos em análise, temos, portanto, cinco microconstruções para o *subesquema 2 com verbos volitivos*.

Devemos, neste momento, considerar a distribuição dessas microconstruções nos *corpora* pancrônicos analisados. Inicialmente, disponibilizamos o levantamento sincrônico realizado:

Tabela 11 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 2 na sincronia

	n.º	%
Micro 1 do subesquema 2	2149	69,4%
Micro 2 do subesquema 2	43	1,4%
Micro 3 do subesquema 2	220	7,1%
Micro 4 do subesquema 2	29	0,9%
Micro 5 do subesquema 2	657	21,2%
Total	3098	

A partir da análise da frequência de uso das microconstruções vinculadas ao *subesquema 2*, averiguamos que esse subesquema, nos dados sincrônicos analisados, apresenta uma maior representatividade, apresentando 3.098 ocorrências dos dados. A *microconstrução 1* soma 2.149 ocorrências, isto é 69,4% do total identificado. As outras microconstruções possuem uma frequência menor, se comparadas à primeira, de modo que: a *microconstrução 2* corresponde a 1,4% dos

dados verificados, a *microconstrução 3* refere-se a 7,1%, a *microconstrução 4* compreende 0,9%, e a *microconstrução 5* diz respeito a 21,2% desse total.

Por sua vez, na diacronia, o levantamento das microconstruções associadas ao *subesquema 2* obteve a seguinte frequência:

Tabela 12 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 2 na diacronia

	nº.	%
Micro 1 do subesquema 2	1274	91,2%
Micro 2 do subesquema 2	20	1,4%
Micro 3 do subesquema 2	95	6,8%
Micro 4 do subesquema 2	05	0,4%
Micro 5 do subesquema 2	03	0,2%
Total	1397	

O padrão microconstrucional referente a “querer” é, como temos reiterado neste trabalho, o mais frequente também na diacronia. Ele contabiliza 1.274 ocorrências, correspondendo, dessa maneira, a 91,2% dos dados. Porém, a distribuição diacrônica das microconstruções referentes ao *subesquema 2* apresenta algumas divergências em relação ao levantamento sincrônico. Na diacronia, temos que a *microconstrução 3* é a segunda mais frequente, somando 95 ocorrências das 1.397 identificadas (6,8%). As *microconstruções 2* e *4* aparecem, respectivamente, 20 (1,4%) e 05 vezes (0,4%) nos dados analisados. Por fim, a *microconstrução 5 do subesquema 2* é utilizada apenas 03 vezes nos *corpora* analisados, apresentando o percentual de 0,2%

As tabelas demonstram que o complemento oracional, no caso o infinitivo, possui uma maior produtividade – em comparação ao complemento não-oracional –, como sugerem e evidenciam estudos como os de Cezário (2001), Sousa (2011) e Oliveira (2012). Haveria, portanto, uma predileção em se conceber a volição a partir dessa complementação e da intenção do falante, projetando o evento volitivo no

campo do não-atualizado/do hipotético/da possibilidade, de maneira mais prototipicamente marcada.

As ocorrências (99), (100), (101), (102) e (103) demonstram, respectivamente, como as *microconstruções 1, 2, 3, 4 e 5 do subesquema 2* diferenciam-se entre si, na forma, pelo verbo utilizado:

(99) DOC. - e as pessoas andam nas ruas assim ?

LOC. - não ... não ... nas lojas ... muitas lojas ... mas ... há uma coisa que eu **quero** ressaltar nessa parte de produção industrial que é a produção do VINHO ... hoje em dia o vinho africano é considerado ... o africano do sul ... é considerado um dos melhores vinhos do mundo e a produção é das maiores do mundo ... então na África se bebe o copo de vinho em qualquer lugar ... um vinho excelente am... que está conquistando mercados e:: belíssimas instalações ... muito interessante de notar que a região vinícola não tem casebres ... tem casas pequenas e casas maiores ... todas elas boas casas ... (“NURC/RJ”)

(100) Durante os experimentos, a equipe ainda constatou que a ativação de dois genes também pode produzir um tipo de célula do cérebro capaz de substituir as que morrem em pacientes com Parkinson. "Esta é uma grande ideia a longo prazo", afirma Parmar. "**Esperamos** ser capazes de fazer uma biópsia no paciente, produzir células de dopamina, por exemplo, e depois enxertá-las como tratamento para o Parkinson." Até que isso ocorra, no entanto, mais pesquisas são necessárias. O próximo passo agora é determinar qual é o tempo de vida da célula reprogramada. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(101) Não, a última vez que eu fui a Teresópolis foi a semana santa, né? Semana santa eu aluguei lá uma, uma casa porque nós tentamos mudar pra variar um pouquinho, todo mundo pra Teresópolis, pra essa região aqui perto de Araruama, mas ali as casas eram um preço proibitivo, né? Então nós ficamos em Teresópolis a semana santa e sempre que eu posso, há um, assim uma oportunidade, né, de ficar algum tempo assim, tem assim um feriado perto de um sábado ou domingo, né, posso emendar assim uns dias, né, eu **procuro** ir pra lá, né, gosto muito de lá. Agora a cidade já está perdendo um pouco aquelas suas características de sossego, né, e de paz, porque antigamente Teresópolis tinha duas conduções: (“NURC/RJ”)

(102) Não vejo mais aquela paciência para manter e cuidar de uma relação. As pessoas estão individualistas e não se colocam mais no lugar do outro”, avalia o psicólogo Bernardo Jablonski, autor de *Até Que a Vida nos Separe: A Crise do Casamento Contemporâneo* (Agir). “O lado positivo é que hoje existe uma mobilidade afetiva maior. Se a relação está ruim, a mulher vai **buscar** ser feliz com outro parceiro”, pondera. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(103) Olha quanta evolução a gente está falando aqui, só nesse parágrafo você já mudou o dia de um mês de gente! Tem gente que viaja para longe para **tentar** mudar a sua vida toda, sem ter mudado nada por dentro. Tem gente que vai no cinema ver o tal filme da Julia Roberts, fica "super espiritualizado" e é incapaz de dar um sorriso para o pipoqueiro. As pessoas pensam que "se encontrar" é ficar sozinho. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

No exemplo (99), o entrevistado, sujeito [+ animado] da sentença, manifesta a sua vontade em destacar algumas considerações acerca da produção de vinho. Nesse sentido, temos que o verbo “querer” é seguido pela oração encaixada infinita “ressaltar nessa parte de produção industrial que é a produção do vinho”. Na ocorrência (100), por sua vez, o padrão “sujeito [+ animado] + verbo *esperar* + oração encaixada infinita” pode ser observado. Assim, temos que o sujeito é representado pela desinência de primeira pessoa do plural do presente do indicativo (“esperamos”). Posteriores ao verbo encontram-se as orações encaixadas infinitas “ser capazes de fazer uma biópsia no paciente, produzir células de dopamina, por exemplo, e depois enxertá-las como tratamento para o Parkinson”. Já em (101), o verbo “procurar” tem como sujeito [+ animado] “eu” e a encaixada infinita “ir pra lá”. Em (102), o verbo “buscar” apresenta-se em perífrase verbal (junto ao verbo “ir”, na forma “vai”). Nessa ocorrência, o sujeito [+ animado] é “a mulher”, e a oração encaixada infinita é “ser feliz com outro parceiro”. Por fim, no último exemplo, o sujeito de “tentar” encontra-se oculto e refere-se a “gente” – caracterizando-se, portanto, por apresentar um traço positivo em relação à animacidade –, e a oração encaixada infinita é “mudar a sua vida toda”.

Como se verifica, a volição, nos exemplos anteriores, é expressa por verbos distintos – “querer”, em (99); “esperar”, em (100); “procurar”, em (101); “buscar”, em (102); e “tentar”, em (103). Logo, devemos entender como esses verbos atuam na expressão de diferentes sentidos, estabelecendo, com isso, cinco padrões microconstrucionais distintos.

Conforme defendido nesta pesquisa, compreendemos que a noção de volição vinculada às microconstruções identificadas para cada subesquema se dá de maneira escalar, uma em relação a outra. Essa escalaridade é decorrente do próprio verbo utilizado, que indexa – junto aos outros aspectos formais da construção –

como o usuário da língua estabelece uma ligação entre aquilo que intenciona/deseja e as condições necessárias que ele detém para alcançá-lo.

O levantamento da frequência de uso revelou que o *subesquema 2* é a mais recorrente nos *corpora* analisados. No Capítulo II, vimos que, usualmente, o estudo linguístico acerca da manifestação da volição considera o encaixamento de oração, principalmente a oração encaixada infinita, como uma forma prototípica de codificar a vontade do falante. Nesta subseção, temos assumido que esse tipo de configuração estrutural (“verbo volitivo + oração encaixada infinita”) – tendo em vista o *subprincípio da proximidade* – demonstra que o sujeito volitivo (sujeito tanto da oração matriz – em que figura o verbo volitivo –, quanto da oração encaixada) concebe o evento – mediante o julgamento que realiza sobre o controle que possui – como próximo de ser realizado. Logo, a volição é entendida como uma intenção, visto que o sujeito se compromete a alcançar aquilo que almeja. Porém, como se averigua nas ocorrências (104), (105), (106), (107) e (108), essa característica mais assertiva do *subesquema 2* fica mais evidente a depender do verbo utilizado, constituindo, assim, microconstruções distintas:

(104) Por alguns anos eu aguentei o rádio - *falar que eu o escutei é forçar muito a barra* -, mas hoje, para a felicidade dele, e principalmente para a minha, ele atualmente encontra-se guardado em cima do meu armário. E é dando meu exemplo pessoal que **quero** chegar às eleições: ambos os candidatos recorrem às benesses feitas por seus amigos de quadrilha, digo, partidários durante os anos de governo dos dois partidos. É a economia de moeda forte, é a classe média maior, o papel do Brasil nas relações internacionais e outras tantas coisas que ele falam que por um momento eu penso que eles estão falando da Holanda, e não do Brasil. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(105) Continúa vivendo bastante, aprendendo bastante, uma das minhas... minha filosofia de vida também, a hora que eu senti que eu tenho que pará de aprendê, cara, acabou, aí acabou, tenho que entregá essa carne e deu, e vou pra outra, sou eterno aprendiz, **espero** sê assim, essas minha vontade de aprendê, de conhecê, conhecê pessoas, conhecê coisas, queria, assim, acho que o homem vive muito pouco, né?

E: Cê acha que o homem vive muito pouco? (“PEUL/RJ”)

(106) Ele tem uma grande amiguinha e uma tia que são japonesas perfeitas (embora sejam já de uma segunda ou terceira geração de mestiçagem), mas essa diferença ainda não lhe chamou a atenção. Mas, ao perceber a diferença, seja da cor dos olhos, da cor da pele ou da deficiência física, ele expressou seu estranhamento, e eu **procurei** não reprimir, ou condenar. Deixei-o expressar essa estranheza, e tentei ajudá-lo a entender, apreender a novidade de percepção. E aí aquela descoberta passou a fazer parte do seu universo lúdico, e não causa mais estranhamento. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(107) O marxismo, desenvolveu-se a partir de uma crítica à tradição filosófica racionalista, levando o conceito de dialética do plano da consciência humana para a base material da sociedade, com sua estrutura econômica e as relações de produção. O impacto sobre a educação se faz sentir ainda hoje com a obra de Lev S. Vygotsky e Alexei N. Leontiev. A teoria crítica **buscou** resgatar a concepção materialista da história, ou seja, transformar a realidade e as mentalidades utilizando, para tanto, a dimensão cultural. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(108) Geraldo ... Geraldo nós o conhecemos em um colégio em que eu e o Manuel trabalhávamos ... um colégio horrível ... me ensinou muito em como/como não deve ser um colégio ... no que diz respeito a pagamento ... dinheiro ... respeito a professor ... nada disso ... e:: o Geraldo carregava o colégio nas costas ... () ... tudo era o Geraldo que fazia ... pois bem o Geraldo:: ficou seis meses sem receber um tostão ... então procurou-nos para **tentar** ajudá-lo ... procurou o Manuel ... nós tínhamos um rapaz aqui que é advogado ... então ele agiu pelo Geraldo ... foi a Ajuda do Trabalho ... apresentou então assim contra o empregador que não pagou o Geraldo ... tendo ainda despedido o Geraldo sem indenização ... sem nada ... ele então ... na hora em que o Manuel ia depor ... (“NURC/RJ”)

Os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, nos exemplos acima, evidenciam que a volição é percebida, pelo falante, como mais exequível, ainda que em menor grau quando comparada às microconstruções referentes ao *subesquema 1*. Apesar dessa similaridade, as ocorrências (104), (105), (106), (107) e (108) demonstram haver uma gradação nessa percepção, decorrente da própria semântica do verbo utilizado, já que, como visto, essa parece relacionar-se ao percurso de desenvolvimento e à construção de sentido volitivo em cada verbo. Dessa maneira, em (104), o entrevistado expressa a sua intenção em chegar às próximas eleições a partir do exemplo pessoal que julga construir. O verbo “querer” codifica, assim, a vontade do sujeito. Após apresentar várias atitudes que, diante de sua percepção, julga serem ideais para viver da melhor maneira possível, o

entrevistado, em (105), pontua que é desse modo que espera ser. Ou seja, “esperar”, que reflete, ainda, a noção de esperança, é empregado para marcar uma intenção do sujeito. O verbo “procurar”, no exemplo (106), também marca uma intenção do falante (no caso, a de não reprimir ou condenar a percepção do filho). Nesse padrão microconstrucional, a volição é concebida no campo das intenções e, através de “procurar”, expressa como o sujeito administra a situação ao buscar a forma mais adequada para se lidar com ela. Em seguida, a ocorrência (107) traz o verbo “buscar” indexando a vontade de resgatar a concepção materialista na história. Nota-se que o sujeito desse enunciado é “a teoria crítica”, que se caracteriza por ser [- animado]; no entanto, como defendemos, nesse tipo de ocorrência, é possível inferirmos o sujeito [+ animado] no contexto. Logo, temos que os estudiosos intencionaram mover-se a fim de localizar e, com isso, implementar tal concepção. No último exemplo apresentado, “tentar” manifesta a intenção do sujeito em obter ajuda jurídica através do auxílio dos amigos. Assim, o verbo, em (108), é empregado para expressar essa vontade, indicando haver uma tentativa, por parte do sujeito volitivo, para se alcançar o que almeja.

Nesse sentido, compreendemos que as *microconstruções do subesquema 2 com verbos volitivos* comportam-se de maneira escalar, indicando graus distintos de intenção. As particularidades dessas microconstruções podem, ainda, ser observadas na diacronia, como se constata nos exemplos a seguir⁵⁸:

(109) Com esse mesmo exemplo - respondeu o Provincial - **quero** convencer a Vossa Reverência e mostrar-lhe que favorece a minha rezão e condena a sua. (Século XVI. A Vida de Frei Bertolomeu)

(110) Meu Amigo e Senhor:

Há tempos que recebi uma carta de Vossa Mercê a que não respondi então por **esperar** fazê-lo pelo expresso que agora vai, cuja partida há meses está pendente. Ultimamente recebi um novo sinal da sua lembrança por via do amigo Pedro António, que me entregou um bom de rapé e dous castiçais; e assim por estas, como por outras precedentes remessas, beijo a Vossa Mercê a mão e lhe dou mil agradecimentos. (Século XVII. Alexandre de Gusmão)

⁵⁸ Lembramos que não foram encontradas, na diacronia, ocorrências do verbo “buscar” junto a orações encaixadas infinitas. Acerca de “tentar”, destacamos que, como já apontado, foram identificadas apenas três ocorrências diacrônicas referentes ao padrão microconstrucional relacionado ao *subesquema 2*. Esses dados foram apresentados ao longo deste trabalho e correspondem aos exemplos (37), (57) e (67) desta pesquisa.

(111) E quem traz o hábito de tal Santo em semelhantes obras o há-de imitar, sojeitando o entendimento ao parecer alheo e o corpo a todo trabalho, por serviço de Deus e bem do próximo. E se Vossa Reverência a isto se nega por não perder uma hora do seu repouso, inda que seja repouso santo e religioso, mal pode dizer que o imita. **Procurava** o prudente prelado escusar termos pesados com Frei Bertolameu, e ia-lhe dando tempo pera se determinar, que sabia que era sisudo e amigo de sua Ordem. (Século XVI. A Vida de Frei Bertolomeu)

Em (109), o provincial intenciona convencer a Vossa Reverência a ficar a favor da razão que defende. O enunciador marca, desse modo, sua vontade, a qual é conceptualizada como mais próxima de ser atualizada. Somado a isso, observamos, nesse exemplo, o padrão “sujeito [+ animado] + verbo querer + oração encaixada infinita”, configurando, assim, a *microconstrução 1 do subesquema 2*. Por sua vez, em (110), o falante se justifica dizendo que ainda não havia respondido a carta de seu interlocutor, pois tinha a intenção de fazê-lo quando o expresso saísse. Nota-se que a intenção em realizar no momento mais oportuno é do próprio falante. Nesse sentido, temos a intenção, na *microconstrução 2 do subesquema 2*, sendo codificada por meio do padrão “sujeito [+ animado] + verbo esperar + oração encaixada infinita”. Por fim, em (111), o falante evidencia que o prudente intencionava tolerar uma linguagem mais pesada em se tratando de Frei Bertolameu. Essa intenção se dá a partir da análise que o sujeito realiza acerca da situação e é expressa através do padrão “sujeito [+ animado] + verbo procurar + oração encaixada infinita”.

Mediante as considerações feitas, esta subseção defende uma proposta acerca das ocorrências das *microconstruções do subesquema 2 com verbos volitivos*. Para tanto, alega que os cinco padrões individuais identificados distinguem-se, formalmente, pelo verbo utilizado. No que diz respeito ao sentido dessas microconstruções, este trabalho assume que elas se associam ao *subesquema 2* por se referirem a eventos concebidos como [- *irrealis*], se comparados ao *subesquema 1*, mas ainda conceptualizados como mais próximos da execução do sujeito. Todavia, as microconstruções descritas nesta subseção diferenciam-se entre si pelo fato de o usuário da língua entender sua intenção em realizar algo sob ópticas distintas, o que acarreta a escolha de verbos diferentes.

4.2.3. Subesquema 3 com verbos volitivos

O *subesquema 3 com verbos volitivos* configura-se, como apontado no início desta seção, a partir do padrão formal “sujeito [+ animado] + verbo + oração encaixada finita”. Por oração encaixada finita, entendemos a relação estabelecida entre a oração encaixada e a oração matriz de maneira indireta, com um grupo intermediando essa relação – o qual se caracteriza, prototipicamente, pela conjunção integrante “que”. Tal grupo marca o processo pelo qual uma oração independente passa a funcionar como membro de outra oração (HALLYDAY, 1994). Logo, esse tipo de encaixamento diferencia-se do abordado na subseção anterior, que funciona em máxima integração entre as orações, uma vez que não há elemento interveniente entre os verbos das orações. A configuração do *subesquema 3* resulta padrões em que se evidencia ainda mais a projeção da futuridade e a incerteza epistêmica do falante. Dessa maneira, temos que o *subesquema 3 com verbos volitivos* caracteriza-se por ser [+ *irrealis*] em relação aos subesquemas anteriores.

Enquanto par forma-sentido, o *subesquema 3*, em seu aspecto formal, se particulariza pela presença da oração encaixada finita. Nesse sentido, há uma integração entre as orações matriz – em que figura o verbo volitivo – e encaixada, de maneira prototípica, por meio da conjunção “que”. Logo, como demonstram os casos abaixo, as orações encaixadas finitas apresentam-se subordinadas e integradas à oração predicadora:

(112-113-114) [Eu] **Queria** que o homem nascesse já sabendo o motivo. E **queria** que ele não envelhecesse após um certo período. Não **queria** que ninguém ficasse doente ou morresse. A condição humana é trágica demais para o meu gosto. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

Acima, verificamos exemplos que ilustram a configuração formal do *subesquema 3*. Assim sendo, as ocorrências com “querer” apresentam um sujeito (que é sempre “eu”) e uma oração encaixada – primeiramente, “que o homem nascesse já sabendo o motivo”; em um segundo momento, “que ele não envelhecesse após um certo período”; e, em um terceiro momento, “que ninguém ficasse doente ou morresse”. Como se observa, todas apresentam o conjunção

integrante “que” e possuem o sujeito da oração matriz (oração em que se localiza o verbo modal volitivo e, portanto, oração em que se localiza o sujeito volitivo) distinto do sujeito da oração encaixada (oração em que se localiza o alvo da volição do falante). Como se depreende nesse subesquema, a integração entre as cláusulas não se dá de maneira tão próxima – havendo mais material linguístico entre elas (conjunção integrante “que”) e sujeitos distintos para as orações –, o que nos permite postular que o evento volitivo é concebido como mais hipotético pelo falante e, assim, conceptualizado como [+ *irrealis*].

A partir da identificação de sujeitos distintos em se tratando de encaixamento com orações finitas, Cezário (2001) ressalta que, quando o complemento de um verbo volitivo é um evento desempenhado ou a ser desempenhado por alguém, o sujeito desse verbo pode expressar manipulação. Essa característica pode revelar, de acordo com a autora, além de um desejo, um pedido ou uma ordem. Assim, o sujeito da cláusula matriz ou predicadora tenta manipular o sujeito da cláusula encaixada.

Ainda sobre a configuração do par forma-sentido do *subesquema 3 com verbos volitivos*, defendemos que esta, tendo em vista seu sentido, indexaria, dentro do *continuum* de *irrealis* estabelecido neste trabalho, eventos concebidos pelo falante como menos exequíveis. Ou seja, diante do julgamento que realiza, a partir dos graus de controle e comprometimento que possui, o sujeito projeta seu desejo ainda mais no campo do *irrealis* – fato que se reflete na forma menos integrada e com a presença de um sujeito fonte da volição distinto do sujeito alvo dessa vontade. A ocorrência diacrônica que se segue demonstra essa característica:

(115) mays paadij~o e a uista d(e) todos e qualquer q(ue) (contra) estas cousas sobredictas ueer e algu~a re~ fez(er), peyte o dyzimo dublado a meyadad(e) p(er)a el rey e a out(ra) meadad(e) p(er)a o bispo, saluas as sentenças q(ue) dere~ os bispos e os p(re)lados (contra) aquellos q(ue) no~ dere~ a dezyma dereytamente ou fore~ enalgu~a cousa (contra) este nosso ma~dado e **querem(os)** q(ue) as sentenças dos clerygos seya~ guardadas p(er) nos e p(er) eles d(e) guysa que o temporal e o spirital que uen todo d(e) Deus q(ue) se acorde~ todos en huu. (Século XIII. Afonso X)

O exemplo apresentado ratifica o que temos defendido em relação ao *subesquema 3*. Devido ao fato de o evento volitivo não depender, exclusivamente,

do sujeito volitivo para ser atualizado, o falante o concebe como [+ *irrealis*]. Isso é codificado – como também demonstrado através do exemplo sincrônico – pelo encaixamento com oração finita, havendo, dessa forma, uma conjunção integrante e sujeitos distintos nas cláusulas, o que implica uma menor integração entre as orações. Assim sendo, temos que, em (115), o falante projeta, no futuro, seu desejo de que as sentenças dos clérigos sejam guardadas. Como se verifica, o distanciamento cognitivo entre o desejo e sua atualização – já que a fonte do desejo não é a mesma responsável pela sua execução – é refletida no distanciamento estrutural estabelecido entre os elementos.

Nesse sentido, defendemos, nesta subseção, que o *subesquema 3* expressa, por meio de uma oração predicadora em que figura o verbo volitivo e uma oração encaixada finita, os desejos do falante. Portanto, os eventos volitivos são concebidos como [+ *irrealis*] em relação aos *subesquemas 1* e *2*. A seguir, abordaremos as microconstruções associadas ao *subesquema 3*, reforçando as características desse subesquema e, principalmente, marcando as particularidades de cada construção individual.

4.2.3.1. Microconstruções do subesquema 3 com verbos volitivos

Na subseção 4.2.3., explicitamos o par forma-sentido referente ao *subesquema 3 com verbos volitivos*. Agora, passamos à descrição das microconstruções que, como defendemos, estão vinculadas a esse subesquema. Dessa maneira, entendemos que os verbos “querer”, “esperar”, “procurar” e “tentar”⁵⁹, atuando junto a um sujeito volitivo [+ animado] e possuindo como complemento uma oração encaixada finita, codificam a volição como um desejo projetado no campo do [+ *irrealis*], tendo em vista os outros padrões microconstrucionais, referentes aos subesquemas *1* e *2*, já apresentados. Isso significa que, diante das características do subesquema ao qual se associam, as microconstruções do terceiro subesquema se particularizam por indexarem eventos

⁵⁹ Não foram identificadas ocorrências com o verbo “buscar” atuando junto a uma oração encaixada finita. Esse fato será salientado no Quadro 21, em que apresentamos as microconstruções referentes ao *subesquema 3*.

concebidos como mais distantes do sujeito volitivo em relação as suas correspondentes nos subesquemas anteriores.

O Quadro 21, abaixo, sintetiza, as características do par forma-sentido das microconstruções relacionadas ao *subesquema 3*:

Quadro 21 - Microconstruções do subesquema 3

Microconstruções do subesquema 3	Características
<i>Microconstrução 1 do subesquema 3</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo querer</u> + oração encaixada finita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 1 do subesquema 2
<i>Microconstrução 2 do subesquema 3</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo esperar</u> + oração encaixada finita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 2 do subesquema 2 e vinculado, ainda, à acepção de “ter esperança/ aguardar no tempo” do verbo “esperar”
<i>Microconstrução 3 do subesquema 3</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo procurar</u> + oração encaixada finita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 3 do subesquema 2 e vinculado, ainda, à acepção de “localizar/administrar” do verbo “procurar”
<i>Microconstrução 5 do subesquema 3</i>	Forma: sujeito [+ animado] + <u>verbo tentar</u> + oração encaixada finita
	Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a micro 5 do subesquema 2 e vinculado, ainda, à acepção de “tentativa” do verbo “tentar”

É possível observar que não foram encontrados padrões microconstrucionais com o verbo “buscar” referentes ao *subesquema 3*. Esse fato reforça a premissa de que esse verbo seria recente, em relação aos demais, no processo de indexação da volição. As idiossincrasias dessas construções são percebidas através do uso de diferentes verbos, que codificam a volição a partir de graus de desejo distintos, como acreditamos.

As quatro microconstruções identificadas distribuem-se, sincronicamente, da seguinte maneira:

Tabela 13 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 3 na sincronia

	n.º	%
Micro 1 do subesquema 3	195	58,7%
Micro 2 do subesquema 3	132	39,8%
Micro 3 do subesquema 3	02	0,6%
Micro 5 do subesquema 3	03	0,9%
Total	332	

O subesquema referente ao terceiro padrão identificado é, tanto na sincronia quanto na diacronia, o menos frequente nos *corpora* analisados. Julgamos que esse subesquema codificaria enunciados no campo do [+ *irrealis*]. Das quatro microconstruções relacionadas ao *subesquema 3*, a *microconstrução 1* é a mais produtiva – totalizando 195 ocorrências, ou seja, 58,7% dos dados –, seguida pelas *microconstruções 2* (132 ocorrências), *5* (03 ocorrências) e *3* (02 ocorrências), respectivamente.

Na diacronia, a frequência de cada um desses padrões apresenta-se conforme a Tabela 14:

Tabela 14 - Frequência das microconstruções referentes ao subesquema 3 na diacronia

	nº.	%
Micro 1 do subesquema 3	201	76,7%
Micro 2 do subesquema 3	44	16,8%
Micro 3 do subesquema 3	17	6,5%
Micro 5 do subesquema 3	0	0%
Total	262	

Como se visualiza na tabela acima, foram encontradas 262 ocorrências diacrônicas referentes às *microconstruções do subesquema 3*. Dessas, não foram averiguados dados correspondentes à *microconstrução 5*. A *microconstrução 1* apresenta-se 201 vezes nos *corpora*, ou seja, 76,7%. Já a *microconstrução 2* contabiliza 44 ocorrências, isto é, 16,8%. Finalmente, a *microconstrução 3* é empregada em 6,5% dos dados, referindo-se, assim, a 17 ocorrências.

A nula e baixa produtividade, respectivamente, dos verbos “buscar” e “tentar” indicam, nos dados analisados, uma menor rotinização desses padrões. O verbo “esperar”, por sua vez, possui uma maior frequência na indexação do desejo em comparação às *microconstruções 2 dos subesquemas 1 e 2*. Logo, podemos inferir que esse verbo, diferente dos demais, atua, mais prototipicamente, em construções volitivas [- icônicas] e [+ *irrealis*].

Após o levantamento da frequência de uso, passamos à análise pontual de ocorrências das *microconstruções do subesquema 3 com verbos volitivos*. Nos exemplos abaixo, averiguamos os padrões formais: “sujeito [+ animado] + verbo querer + oração encaixada finita”, “sujeito [+ animado] + verbo esperar + oração encaixada finita”, “sujeito [+ animado] + verbo procurar + oração encaixada finita” e “sujeito [+ animado] + verbo tentar + oração encaixada finita”:

(116) Até gerente de banco. Tem um gerente de banco que eu falo:: “Ah, seu Jorge”. Ele:: “Que seu Jorge?”. Muita gente não gosta, então <te> eu já falo:: “Ah, o Jorge”. Pô, eu não tenho intimidade com ele Jorge, Jorge. Mas aí ele **quer** que eu chame, tem que ser assim, você tem que ver, [tem que adequar, né?] (“PEUL/RJ”)

(117) Foi imperdoável não ter saído daqui com o Kia", disse, rindo, a atriz paraibana que, no momento, está solteira. "Já faz um tempinho que estou sozinha, mas não tenho pressa para encontrar um novo amor. Quando este aparecer, espero que seja alguém que me complemente. Sou romântica, idealizo um relacionamento de troca sem perder a minha individualidade", comentou ela, que sonha com casamento e filhos. O ator Raphael Viana (27), o Frederico de Araguaia, também se confessa sonhador. "Acredito até em amor à primeira vista, pois já aconteceu de ficar completamente encantado com uma mulher no dia em que a conheci e saber que ela seria minha namorada, o que realmente ocorreu", contou. "Agora, estou solteiro. Mas como venho em um ritmo de trabalho muito puxado, isso não dói tanto", completou, logo após brindar com os companheiros à vitória de Vanessa. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(118) De que modo o ocaso dos personagens do romance se relaciona com a situação atual de Portugal? Os personagens principais procuro que sejam verídicos. Hoje, sinto que as pessoas são muito mescladas. No coração, todos são comunistas, mas no estômago todos são capitalistas. Meus personagens não sabem se têm saudades da ditadura, não sabe se vive-se melhor num regime autoritário ou num regime democrático. Eu cresci na década de 1980, vi o muro de Berlim cair. É frustrante ver como está Portugal agora, percebe-se que tudo regrediu. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(119) Tipo assim, aquela, no que eu acredito que tenha consciência geral, ela é a única que sabe tudo. E quanto mais eu aprendê aqui, mais eu tô tomando o caminho... Aprendendo aqui, mesmo que conhecê o bem e o mal, mas seguindo o caminho do bem, é: eu tô chegando cada vez mais perto dele, quando eu posso transmitir parte da minha experiência com uma pessoa menor, pro meu filho ou pro uma outra pessoa mais nova, tentá que ele carregue essa linha do bem. ("PEUL/RJ")

Nota-se, com os exemplos dados, que os sujeitos de "querer", "esperar", "procurar" e "tentar" designam a fonte do desejo e diferem-se dos sujeitos das orações encaixadas finitas, não havendo, portanto, correferencialidade entre os sujeitos das duas orações nos dados analisados. Em (116), temos que o sujeito "ele", seguido pelo verbo "querer" (conjugado na terceira pessoa do presente do indicativo), deseja que o falante o chame pelo primeiro nome. Verifica-se, portanto, que o sujeito fonte da volição, "ele" – que, textualmente, inferimos que se refere ao chefe do entrevistado, Jorge –, é diferente do sujeito alvo da volição, "eu" – ou seja, o próprio falante. Isso também ocorre nos exemplos (117), (118) e (119). No primeiro, "espero" é seguido pela oração encaixada finita "que seja alguém que me complemente". Ou seja, o sujeito volitivo "eu" – que se manifesta desinencialmente –

deseja que outra pessoa o complemente. Já o seguinte possui o verbo “procurar”, que integra a oração matriz (“eu procuro”), relacionado à oração “que sejam verídicos”. Há, dessa forma, um desejo, por parte do falante, de que seus personagens – sujeito da oração encaixada – sejam sempre verdadeiros. Por fim, na ocorrência (119), o sujeito volitivo (o falante) pontua o seu desejo de que outrem (sujeito da oração encaixada finita “que ele carregue essa linha do bem” e alvo de seu desejo) “execute” aquilo que almeja.

Os exemplos (116), (118) e (119) demonstram uma peculiaridade desse padrão construcional no que se refere à noção de controle. Cezário (2001), Sousa (2011) e Oliveira (2012) pontuam que, nesse tipo de encaixamento, podemos observar que o controle (ou a manipulação) do sujeito volitivo advém do controle que ele exerce sobre o sujeito da oração encaixada diante da relação hierárquica que os participantes estabelecem. Notemos que, em (116), o sujeito fonte do desejo é o chefe do entrevistado; em (118), é o criador das personagens; e, em (119), é um pai aconselhando o filho.

Todavia, julgamos que nem sempre essas microconstruções envolvem manipulação. Na ocorrência (117), por exemplo, o falante projeta no futuro a possibilidade de encontrar um companheiro. E, nesse caso, a encaixada finita pode revelar um menor comprometimento da entrevistada frente à realização do evento: apesar de desejar encontrar alguém, não pode assegurar que tal fato ocorra, uma vez que essa é uma situação que não depende, exclusivamente, de sua vontade.

Embora as *microconstruções do subesquema 3* possam indicar manipulação, ponderamos que elas têm por característica referirem-se a eventos mais distantes de serem realizados, como a própria forma das construções revela. Nesse caso, o padrão formal, mediante o verbo empregado, também revela um grau de controle distinto do sujeito volitivo, como se verifica abaixo⁶⁰:

(120) "A maternidade faz a gente ficar mais poderosa; é a forma mais plena e pura de Deus em nossa vida", frisa a cantora, que também já parou de tomar anticoncepcionais. A chegada de outro herdeiro, entretanto, é desejo de toda a família. "**Quero** que esses boatos se concretizem o quanto antes [...]". (*Corpus escrito. Nível de formalidade 2*)

⁶⁰ Frisamos que só foram encontradas duas ocorrências sincrônicas em que o verbo “procurar” possui como complemento uma oração encaixada finita. Essas ocorrências foram utilizadas nos exemplos (48) e (118) deste trabalho.

(121) A top Petra Nemcova (31) e as atrizes Jamie Lee Curtis (52), Emmy Rossum (24), Perrey Reeves (40), Amber Heard (25) e Katie Holmes (32), que disfarçou com look solto a barriguinha que tem gerado especulações sobre gravidez, elogiaram as 175 imagens e o documentário que compõem o projeto. "Espero que, após verem a exposição, as pessoas entendam a diferença entre fantasia e realidade. Algo me diz que amor é o que mais ajuda na beleza", defendeu Jamie. (Corpus escrito. Nível de formalidade 2)

(122) O que eu preciso é buscá recursos justamente pra isso porque logo vai entrá... ele gasta bastante hoje, mas eu pretendo colocá ele nos melhores, nas melhores escolas, sabe? E tentá que justamente pelo lado natural de educá que ele veja o gosto em estudar ("PEUL/RJ")

As microconstruções acima indexam o evento volitivo como [+ *irrealis*], seja por meio da manipulação, seja através do menor comprometimento. Com isso, as orações encaixadas finitas, introduzidas por elemento subordinador, tendem a indicar uma menor proximidade entre o evento volitivo e sua realização, o que é refletido na menor integridade entre a oração predicadora e sua encaixada. No exemplo (120), a entrevistada comenta que possui o desejo de que os comentários acerca de uma possível gravidez sejam confirmados o mais breve possível. Observamos que o verbo "querer", por ser – em comparação aos demais verbos em análise – o volitivo mais antigo e prototípico da língua, indexa, com maior expressividade, a volição. No entanto, esse caráter do verbo, como pontuado na análise da frequência de uso, não fomenta o emprego preferencial dessa microconstrução. Por outro lado, o verbo "esperar", atualizando a noção de volição, figura, majoritariamente, na expressão de um desejo (isto é, uma vontade concebida como [+ *irrealis*]). Isso se deve, como julgamos, ao próprio significado do verbo, que expressa a ideia de "ter esperança/ aguardar no tempo" e, com isso, favorece a interpretação de um evento concebido como mais distante de ser atualizado. Logo, em (121), a entrevistada manifesta o desejo de que as pessoas entendam a diferença entre fantasia e realidade. Assim como acontece com "querer", "tentar" (além de "procurar") também é pouco produtivo no que se refere ao padrão construcional presente em (122). O verbo, que traz em sua raiz a ideia de tentativa, pouco é utilizado – como demonstram os dados analisados – para apontar um desejo. No exemplo fornecido, o sujeito deseja estimular o gosto pelos estudos em seu filho.

As ocorrências sincrônicas utilizadas tiveram como função caracterizar o par forma-sentido das *microconstruções do subesquema 3*. Os aspectos descritos nesta subseção também podem ser averiguados nas ocorrências diacrônicas identificadas, como frisam os exemplos transcritos abaixo⁶¹:

(123) - Padre Mestre, dou a Vossa Reverência por exemplo a Cristo, nosso Salvador, o qual, só por obediência do Padre Eterno, aceitou, enquanto homem, o pontificado. A Rainha nossa senhora **quer** que Vossa Reverência aceite o arcebispado de Braga, no que faz mercê não somente a Vossa Reverência, mas a esta Província e a toda a nossa Ordem, e me ordenou que obrigasse a Vossa Reverência com preceito. (Século XVI. A Vida de Frei Bertolomeu)

(124) **Espero** que Vossa Senhoria , agora que começa a sair ao mundo, prove, como o filho da águia, sua generosa ascendência, afirmando os olhos no sol da virtude, cujo mais certo sinal será amparar e fazer bem aos que de Vossa Senhoria se valerem (Século XVII. Dom Francisco Manuel de Melo)

(125) Que, assi como os prelados são verdadeiros pais de seus súbditos, e como tais estão obrigados a lhes ter amor e **procurar** com todas suas forças que se inclinem ao bem, nem mais nem menos os desembargadores, os juizes, os visitadores, por serem ministros e estarem em lugar do prelado, ficavam com a mesma obrigação e deviam ter seu coração cheio do mesmo amor, pois o officio que exercitam não é outro nem tem outro fim senão o mesmo prelado, que é encaminhar os súbditos pera Deus. (Século XVI. A Vida de Frei Bertolomeu)

Na ocorrência (123), diz-se que a rainha – sujeito da oração matriz e fonte da volição – deseja que o Padre Mestre – sujeito da oração encaixada finita – aceite ser bispo em Braga. Logo, o padrão formal da *microconstrução 1 do subesquema 3*, “sujeito [+ animado] + verbo querer + oração encaixada finita”, codifica um desejo percebido como mais distante do sujeito volitivo, em termos de realização. Já, na ocorrência (124), o sujeito volitivo do verbo “esperar”, marcado pelo traço [+ animado], deseja que o interlocutor prove sua “generosa ascendência”. Desse modo, temos que a atualização daquilo que se almeja é de responsabilidade do sujeito da oração encaixada finita. Finalmente, a ocorrência (125) evidencia como o padrão “sujeito [+ animado] + verbo procurar + oração encaixada finita” indexa um evento

⁶¹ O verbo “tentar”, como anteriormente salientado, não apresentou ocorrências diacrônicas referentes ao uso da *microconstrução 4 do subesquema 3*.

com alto grau de incerteza epistêmica por parte do sujeito volitivo. O desejo desse sujeito é que os súditos se inclinem para o bem.

Como proposto, nesta subseção, nos ocupamos da descrição das microconstruções relacionadas ao *subesquema 3*. Assim sendo, procuramos apontar as características que as identificam, bem como suas idiosincrasias. Como verificado, foram identificadas quatro microconstruções em que o verbo volitivo possui como complemento uma oração encaixada finita, de modo a codificar eventos no campo do [+ *irrealis*], ou seja, eventos mais distantes, cognitivamente (e, com isso, estruturalmente) do sujeito volitivo. A partir desse esclarecimento, defendemos que “querer”, “esperar”, “procurar” e “tentar” – não foram encontradas, para o *subesquema 3*, ocorrências com “buscar” – expressam, em comparação as outras microconstruções em que atuam, um maior grau de incerteza epistêmica do enunciador ao projetar, no futuro, a realização do evento volitivo. Além disso, observamos que essas microconstruções podem indicar um menor comprometimento do falante à medida que não há uma correferencialidade entre os sujeitos das orações matriz (ou predicadora) e encaixada.

4.3. Outros padrões construcionais com verbos volitivos

Nesta tese, temos defendido que, constantemente, adaptamos as estruturas linguísticas, tornando-as cada vez mais expressivas nos contextos em que as utilizamos (WILSON & MARTELOTTA, 2013 [2008]). Nos dados analisados, averiguamos padrões construcionais volitivos que, apesar da baixa produtividade, parecem marcar ainda mais o posicionamento do falante acerca do que diz. E, como demonstraremos nesta seção, é possível verificarmos uma relação entre esses padrões e os subesquemas defendidos neste trabalho.

Há de ressaltar que, dentre os padrões identificados, o que apresentou uma maior representatividade diz respeito ao uso dos verbos em estudo (com exceção de “esperar”) seguidos por uma oração clivada, com a função de focalizar o evento volitivo expresso. Por sua vez, o verbo “esperar” aparece sem nenhum vínculo sintático nos enunciados em que figura, configurando um caso de deslocamento e marcando um posicionamento do falante acerca do que foi dito. Esse tipo de

construção possui, em relação à anterior, uma menor produtividade nos *corpora* analisados.

Assim sendo, esta seção se organiza de modo a tratar, na subseção 4.3.1., das ocorrências em que se observa o uso da clivagem como recurso focalizador e, na subseção 4.3.2., dos dados em que se verifica o deslocamento do verbo para expressar a avaliação do falante.

4.3.1. (Pseudo)clivagem e focalização

Nesta subseção, abordamos os padrões identificados em que verificamos a ocorrência dos verbos “querer”, “procurar”, “buscar” e “tentar” seguidos por orações pseudoclivadas de “foco ser”, de modo a focalizar o evento volitivo expresso pelo falante.

Jespersen (1949) defende que, para compreender a noção de clivagem, três fatores devem ser destacados, a saber: presença de verbo copular, função focalizadora (ou de contraste) e caráter bioracional. Assim sendo, conforme Pavey (2003), a construção clivada marca, geralmente, uma opção sintática bioracional que expressa uma proposição semântica simples. Desse modo, em termos de estrutura de informação, a construção coloca, ainda de acordo com a autora, um elemento em posição de foco, ou seja, acentua, ressalta, evidencia determinado item do texto.

Todavia, segundo Braga e Barbosa (2009), as construções usualmente inseridas sob o rótulo de clivadas compreendem um número grande de estruturas que compartilham algumas propriedades formais e funcionais – como visto no parágrafo anterior –, mas que divergem quanto a outras, sugerindo, dessa maneira, a inadequação de uma caracterização única capaz de abrigar todas as configurações existentes. A fim de comprovar essa tese, as autoras utilizam dados do português do Brasil que ilustram a existência de duas famílias de construções clivadas, cujos membros centrais seriam, conforme já postulado em Braga (1989), as “clivadas” e as “pseudoclivadas”. A primeira família corresponde às chamadas “construções é que” e às “construções que”. Por sua vez, a segunda família refere-se às “pseudoclivadas invertidas”, às “pseudoclivadas extrapostas” e às “construções foco ser”. Apesar de não termos por objetivo aprofundar a discussão acerca da noção de clivagem, entendemos que essa categorização, mais

especificamente o rótulo referente às “construções foco ser”, atende à descrição das ocorrências identificadas nos *corpora* analisados nesta pesquisa.

De modo geral, Braga e Barbosa (2009) entendem que as construções denominadas de pseudoclivadas servem para introduzir referentes novos ou inferíveis no discurso e, através desse recurso, passam a funcionar como tópico na sequência textual subsequente. No que tange às construções do tipo “foco ser”, as autoras observam que essa pseudoclivada é empregada para focalizar um constituinte que se localiza à direita do predicado verbal ou do auxiliar/modalizador. Vejamos, a seguir, os exemplos retirados dos nossos dados:

(126) O minha profissão é professora, e na época eu realmente fui induzida a escolhe-la por total falta de opção. Num tinha como pagar universidade, nem usa turnos diferente porque realmente o que eu **queria** era fazer outra coisa e embora eu goste muito do que eu fiz, que é geografia, realmente hoje ela não + não me trás nada de bom, nem de útil, nem de agradável, ela não me preenche em nada hoje. (“Projeto Mineirês”)

(127) Eu acho que o brasileiro tá por fora do que é Brasil, sinceramente, tanta coisa acontece e ninguém, quer dizê, todo mundo se dá conta, mas ninguém **procura** é... se interessá, sabe? Eu acho que, ah, num sei... o pior é que todo grupo, todo brasileiro fala a mesma coisa, o que eu falo e a gente num toma vergonha na cara (est). Sabe? Acho que se todo brasileiro fosse consciente, né? colocasse aquilo que tem necessidade, que fosse à luta, isso que acontece em outros países, num estaria assim. (“PEUL/RJ”)

(128) Mas como a parte de educação, infelizmente, educação e saúde, hoje em dia está totalmente relegada, não vou dizer nem em terceiro plano, à décimo terceiro plano, que eu acarreto isso à uma questão de “lob” das escolas particulares e dos planos de saúde que não interessam a essas pessoas hav- um apoio estadual [das]... da medicina e da educação. Que faz com que obrigue à população a procurar atendimento nas escolas particulares e nos planos de saúde. Então, se eu fosse prefeito, o que eu **buscaria**, realmente, era dar total, em vez de ficar fazendo obras de apresentação, eu daria total apoio à educação e à saúde. (“PEUL/RJ”)

(129) É muito triste tê um primo que é, é tá usano drogas. Intão, é ele falô assim; " ô minha, ô NP eu vô tentá larga a drogas. Aí eu falei assim: " tenta mesmo, **tenta** é larga as drogas mesmo porque vai cê muito difícil, mas tenta. (“Projeto Mineirês”, entrevista Piranga)

Nessas ocorrências, os verbos “querer”, “procurar”, “buscar” e “tentar” possuem um sujeito [+ animado] e são seguidos por orações clivadas, ou melhor, pseudoclivadas. Como se verifica, essas orações são introduzidas pelo verbo “ser” – “era”, em (127) e (129); e “é”, em (126) e (128) – que aponta o constituinte que se segue, o qual se caracteriza por ser aquilo que o sujeito almeja. Portanto, temos que esse tipo de construção tem por função focalizar o evento volitivo. Assim, em (126), o sujeito destaca que gostaria de “fazer outra coisa”. Já em (127), o falante, emitindo sua opinião, evidencia que “ninguém” – sujeito da sentença – intenciona se informar sobre a situação do país. No exemplo (128), o sujeito “eu” almeja dar seu total apoio à saúde e à educação. Por fim, na ocorrência (129), o entrevistado repete o incentivo transmitido ao primo para que este tenha a intenção de largar as drogas. Logo, os exemplos (126), (127), (128) e (129) possuem como padrão formal a presença de um sujeito [+ animado], um verbo modal e uma oração de “foco ser”, que introduz e realça o evento volitivo.

Tendo em vista o total de ocorrências volitivas encontradas para cada verbo em análise, a distribuição sincrônica apresenta somente 45 ocorrências em que os verbos “querer”, “procurar”, “buscar” e “tentar” atuam junto a orações de “foco ser” no estabelecimento de sentidos volitivos. Todavia, devemos considerar que os *corpora* analisados constituem um recorte parcial da língua e que, por isso, a pouca quantidade de ocorrências pode estar relacionada à limitação de cada *corpus* utilizado. No que se refere ao verbo “esperar”, tal padrão não foi encontrado. Assim, temos que, com “querer”, foram identificadas 41 ocorrências; com “procurar”, 01 ocorrência; com “buscar”, 02 ocorrências; e, com “tentar”, 01 ocorrência. Se observarmos essa distribuição em comparação ao total de dados volitivos encontrados para cada verbo, essa baixa produtividade das pseudoclivadas se torna ainda mais evidente:

Tabela 15 - Frequência das pseudoclivadas em relação às ocorrências volitivas sincrônicas

	Volição		
	Total geral de ocorrências volitivas	Total de ocorrências pseudoclivadas	% das pseudoclivadas
Querer	3320	41	1,2%
Esperar	202	0	0%
Procurar	288	01	0,3%
Buscar	156	02	1,3%
Tentar	680	01	0,1%
Total	4.646	45	1%

Acima, percebemos que, do total de 4.646 ocorrências volitivas dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, somente 45 ocorrências (isto é, 1% dos dados) dizem respeito às pseudoclivadas. Na tabela, ainda é possível averiguarmos esse percentual em relação ao número de ocorrências por verbo.

Quando se averiguam os dados diacrônicos, se atesta que a baixa produtividade dessas construções é ainda maior, demonstrando seu caráter recente na língua. Assim sendo, diacronicamente, foram identificadas somente ocorrências referentes ao verbo “querer” seguido pela oração de “foco ser”. Temos, então, um total de 06 ocorrências, sendo a primeira encontrada no século XVII e a maioria, 05 ocorrências, no século XIX. Isso reforça a posterioridade da construção e comprova a anterioridade de “querer”, que, por ser o volitivo mais antigo e prototípico da língua, é o único verbo em análise a figurar em tal padrão na diacronia. A seguir, observamos o levantamento dessa construção em relação ao total de ocorrências volitivas diacrônicas encontradas:

Tabela 16 - Frequência das pseudoclivadas em relação às ocorrências volitivas diacrônicas

	Volição		
	Total geral de ocorrências volitivas	Total de ocorrências pseudoclivadas	% das pseudoclivadas
Querer	1957	06	0,3%
Esperar	76	0	0%
Procurar	139	0	0%
Buscar	52	0	0%
Tentar	03	0	0%
Total	2.227	06	0,3%

Como mencionado, somente o verbo “querer”, na diacronia, apresentou ocorrências com pseudoclivadas. Foram 06 ocorrências identificadas, que – tendo em vista o total de dados encontrados para “querer” (1.957 ocorrências) e para todos os verbos (2.227 ocorrências) – correspondem apenas a 0,3% dos casos.

A análise quantitativa dos dados – demonstrada nas tabelas acima – aponta a baixa produtividade das construções com os verbos “querer”, “procurar”, “buscar” e “tentar” acompanhados por orações de “foco ser” nos *corpora* analisados. No entanto, podemos assinalar características no que tange ao par forma-sentido correspondentes a esses padrões. Assim, como acreditamos, as construções com “foco ser” acentuam uma determinada informação, que, no caso, diz respeito ao evento volitivo, como se observa no exemplo diacrônico abaixo⁶²:

(130) O que eu **quero** e desejo é continuar a viver trabalhando e por isso te renovo o | pedido de falares ao Prado. (Século XIX. Eça de Queiroz)

⁶² Lembramos que só foram identificadas ocorrências diacrônicas com o verbo “querer” nessa configuração.

A ocorrência (130) evidencia que o verbo “querer” – assim como “desejar” – tem como argumento interno “é continuar a viver trabalhando”. Logo, o falante realça, através da focalização com verbo “ser”, aquilo que almeja, que é manter-se no trabalho.

Como visto na introdução desta subseção, a clivagem, de maneira geral, é entendida como uma estrutura bioracional que representa uma proposição simples. Porém, como pontuam Braga e Barbosa (2009, p. 178):

Na literatura linguística, não há consenso quanto ao estatuto sintático das construções clivadas. Assim, ao lado dos estudiosos que defendem que as mesmas representam uma oração complexa, formada por oração com o verbo copular ser e uma oração relativa/tipo relativa, existem os que sustentam que elas são uma oração simples, não obstante a presença de dois verbos. (BRAGA & BARBOSA, 2009, p. 178)

Embora o intuito central desta pesquisa não seja discutir se a clivagem (e a pseudoclivagem) constitui (ou não) uma oração complexa, tal questionamento nos fez pensar sobre a possibilidade de paráfrase das construções em que figura o verbo “ser” focalizando o evento volitivo e, dessa maneira, identificar que tais construções, em sua forma simples, relacionam-se às microconstruções anteriormente analisadas, as quais, por sua vez, referem-se aos três subesquemas identificados e defendidos neste trabalho. Em outras palavras, podemos dizer que, ao omitirmos o verbo “ser” – que caracteriza a clivagem –, temos enunciados em que o complemento do verbo volitivo – seja ele “querer”, “procurar”, “buscar” ou “tentar” – é, diretamente, um “outro complemento”, uma “oração encaixada infinita” ou “oração encaixada finita”. A ocorrência diacrônica (130) pode ser facilmente interpretada como “eu quero continuar a viver trabalhando”, de maneira que o verbo “querer” seja complementado por uma oração infinita, configurando o padrão formal microconstrucional “sujeito [+ animado] + verbo *querer* + oração encaixada infinita”. Essa possibilidade também pode ser atestada nos exemplos abaixo:

(131) Aí ele pegava um papel e media o tamanho do pão pa ninguém num mexê.
Aí, eu, a outra irmã, era pequena tamém, nós **queria** era daquele pão que ele mediu. Né? Então minha mãe pegava e falava assim:
– Então eu vô arrumá: ceis fiquem quetinhas. (“Projeto Mineirês”)

(132) tem que sempre fazê certinho, tem gente que: “Ah, não! vamo fazê assim mermo, fazê uma maracutaiazinha, num sei que, uma marreta, num sei que...”, mas eu não, eu faço sempre tudo certinho mesmo, que vai [me]... [me]... me demandá mais tempo, mais trabalho. Eu num tenho problema quanto a isso não. Eu **quero** é fazê um negócio bem feito e tê a minha consciência tranquila, entendeu? (“Projeto Mineirês”)

(133) Hoje em dia num qué sabê... num qué sabê de mulhé cum filho, vai se prendê? Tem uns até que, né, dá pra levá, agora tem otros que é (inint). Ah, num sei qué”. Eu falei: “Agora, **quero** é que ela se...” Ela pediu pra botá o Graciliano... Ele é um galinha, sabe? Garoto daqui. Você conhece o Graciliano? (“PEUL/RJ”)

Como se verifica, as ocorrências (131), (132) e (133) mostram que o verbo “querer” – que apresenta o maior número de ocorrências junto a orações de “foco ser” – aparece em uma oração matriz seguida por uma oração pseudoclivada. Nesta, que se caracteriza pela presença do verbo “ser” – em (131), “era”; em (132) e (133), “é” –, os elementos realçados são o sintagma nominal “daquele pão”, no exemplo (131), a oração encaixada infinita “fazê um negócio bem feito e tê a minha consciência tranquila”, no exemplo (132) e a oração encaixada finita “que ela se...”, no exemplo (133). Para nós, comungando com Lambrecht (2001), em termos de valor de verdade, os enunciados acima possuem um comportamento semelhante ao de uma sentença simples. Desse modo, utilizando o critério da paráfrase, é possível inferirmos, nos exemplos, os seguintes enunciados:

(131’) Aí ele pegava um papel e media o tamanho do pão pa ninguém num mexê. Aí, eu, a outra irmã, era pequena tamém, nós **queria** aquele pão que ele mediu. Né? Então minha mãe pegava e falava assim:
– Então eu vô arrumá: ceis fiquem quetinhas.

(132’) tem que sempre fazê certinho, tem gente que: “Ah, não! vamo fazê assim mermo, fazê uma maracutaiazinha, num sei que, uma marreta, num sei que...”, mas eu não, eu faço sempre tudo certinho mesmo, que vai [me]... [me]... me demandá mais tempo, mais trabalho. Eu num tenho problema quanto a isso não. Eu **quero** é fazê um negócio bem feito e tê a minha consciência tranquila, entendeu?

(133') Hoje em dia num qué sabê... num qué sabê de mulhé cum filho, vai se prendê? Tem uns até que, né, dá pra levá, agora tem otros que é (inint).Ah, num sei qué”. Eu falei: “Agora, quero que ela se...” Ela pediu pra botá o Graciliano... Ele é um galinha, sabe? Garoto daqui. Você conhece o Graciliano?

Esse aspecto nos leva a pensar que o desenvolvimento de encaixamentos com orações clivadas poderia estar alinhado a outros padrões já existentes, mas, nesse desenvolvimento, se evidenciaria ainda mais a intersubjetividade do falante, que focaliza/aponta para seu interlocutor aquilo que deseja. Logo, temos, no plano do sentido, a acentuação de uma dada informação nova ou inferível na sentença, isto é, o evento volitivo.

A partir dessas considerações, defendemos que os padrões construcionais nesta subseção evidenciam, ainda mais, aquilo que o sujeito almeja. Utilizando-se do procedimento da pseudoclivagem – mais especificamente da focalização através do verbo “ser” –, o falante coloca o evento volitivo como foco da sentença. Alinhado a isso, apontamos o fato de a clivagem possuir o mesmo valor de verdade que uma sentença simples, conforme Lambrecht (2001). Tendo isso em mente, averiguamos, através de paráfrases, que essas construções podem apresentar o mesmo valor de verdade de microconstruções associadas aos subesquemas 1, 2 e 3 *envolvendo verbos volitivos*.

4.3.2. Deslocamento e avaliação

Nesta subseção, observamos a ocorrência de deslocamentos do verbo volitivo “esperar”, que deixa de figurar em seu “lugar de origem”, passando a se desvincular sintaticamente da oração encaixada e funcionando como uma espécie de comentário avaliativo acerca do que se fala, sem deixar de indexar o desejo do sujeito volitivo. Dessa maneira, o verbo atua, na maioria das vezes, em posição final, após a oração encaixada, evidenciando, ainda mais, a manifestação da subjetividade do falante. É o que se verifica na ocorrência abaixo:

(134) Agora, no início de fevereiro, já estamos na oitava versão da montagem. Como todos os ruídos já estão sendo enviados de Curitiba pelo Alessandro Larocca, nosso sound-designer, provavelmente teremos que remontar algumas músicas, mas aí será um trabalho mais simples, apenas de adaptação do que já está pronto. Estamos na reta final (**espero**). Em breve notícias do sofrido processo de montagem e da artilharia verbal dos amigos. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Na ocorrência (134), verifica-se o deslocamento de “esperar”, introduzindo ao enunciado, desse modo, um tom mais avaliativo e, conseqüentemente, [+ subjetivo] e diferenciando-o em relação aos apresentados na ordem direta – na qual figura a oração matriz ou predicadora seguida pela oração encaixada. Assim, o locutor deseja já estar na reta final dos preparativos da montagem que realiza.

Acerca do deslocamento identificado nessa construção, compreendemos⁶³ que esse corresponde a uma fórmula avulsa, não apresentando nenhum vínculo sintático nos enunciados em que ocorre e expressando uma vontade do falante. Conforme Gonçalves (2014), os modelos funcionalistas tendem a analisar as formas que ganham maior liberdade de posicionamento como satélites atitudinais. Esses são definidos por Dik *et al.* (1990) como aqueles que caracterizam a atitude do falante acerca do (de parte do) conteúdo proposicional. Assim, julgamos que, na construção acima, o verbo “esperar” constitui um satélite atitudinal.

No que tange à noção de avaliação vinculada na construção identificada, Vieira (2007) destaca que essa pode ser percebida através da relação que estabelece com a argumentação. Para a autora, a avaliação demonstra os valores e as crenças dos participantes de uma dada interação e tem como uma de suas funções projetar valores da sociedade que estão sendo avaliados pelo locutor – no caso específico deste estudo, esses valores e essas crenças referem-se à volição do falante. Já Labov (1972) entende que a avaliação está presente em qualquer elemento que reflita, subjetivamente, a interpretação/o julgamento do narrador, isto é, sua perspectiva sobre aquilo que foi narrado.

Acerca da relação estabelecida entre avaliação e modalidade, podemos citar os trabalhos de Biber e Finegan (1989) e Fairclough (2003). Os primeiros ocupam-se

⁶³ Gonçalves (2014) realiza um estudo acerca do comportamento da construção “pode ser” na língua portuguesa e averigua que ela constitui uma forma de expressão de modalidade, que pode marcar um posicionamento epistêmico ou deôntico do enunciador.

das expressões gramaticais e lexicais que marcam as atitudes, os sentimentos, os julgamentos ou os compromissos do falante sobre determinados conteúdos proposicionais. Tais expressões são reconhecidas como marcadores de posição e revelam o posicionamento avaliativo por parte do falante frente ao que diz (BIBER & FINEGAN, 1989). Fairclough (2003), por sua vez, aponta quatro sinais de avaliação – declarações avaliativas, declarações com modalidade, declarações com processos mentais e afetivos e assunções avaliativas –, sendo o segundo deles, como se verifica, relacionado ao nível modal do discurso. Nesse sentido, a volição estaria diretamente relacionada à avaliação.

Todavia, cabe-nos analisar a frequência em que se distribui o padrão referente ao deslocamento verbal – atuando, dessa forma, como satélite atitudinal – com função avaliativa. Como já apontado, foram encontradas ocorrências somente com o verbo “esperar”, totalizando 07 ocorrências sincrônicas. A seguir, observamos o comportamento dessa construção em relação ao total de ocorrências volitivas encontradas por verbo na sincronia:

Tabela 17 - Frequência das ocorrências de deslocamento em relação aos dados volitivos sincrônicos

	Volição		
	Total geral de ocorrências volitivas	Total de ocorrências de deslocamento	% de deslocamento
Querer	3320	0	0%
Esperar	202	07	3,5%
Procurar	288	0	0%
Buscar	156	0	0%
Tentar	680	0	0%
Total	4.646	07	0,2%

Mesmo atuando somente junto a “esperar”, os enunciados que envolvem o deslocamento do verbo correspondem, somente, a 3,5% das 202 ocorrências sincrônicas do vocábulo. Em relação ao total de ocorrências volitivas para todos os verbos em estudo neste trabalho, o padrão refere-se a 0,2% dos dados.

Na diacronia, a produtividade das ocorrências com “esperar” deslocado é ainda menor se comparada aos dados sincrônicos encontrados. Temos apenas três ocorrências – que se distribuem entre os séculos XVII, XVIII e XIX – em que o verbo “esperar” encontra-se deslocado de sua sentença de origem e passa a funcionar como satélite atitudinal, demarcando uma avaliação do falante. Nesse sentido, a análise diacrônica da frequência de uso desse padrão aponta seu caráter recente e a baixa rotinização nos dados analisados. A tabela subsequente também evidencia isso:

Tabela 18 - Frequência das ocorrências de deslocamento em relação aos dados volitivos diacrônicos

	Volição		
	Total geral de ocorrências volitivas	Total de ocorrências de deslocamento	% de deslocamento
Querer	1957	0	0%
Esperar	76	03	3,9%
Procurar	139	0	0%
Buscar	52	0	0%
Tentar	03	0	0%
Total	2.227	03	0,1%

A Tabela 18 demonstra que a construção envolvendo deslocamento e avaliação corresponde a 3,9% dos dados de “esperar”, salientando a baixa produtividade desse padrão. Essa é reforçada quando observada em comparação ao total de ocorrências volitivas, uma vez que se refere a 0,1% dos dados diacrônicos.

A partir dessas considerações, podemos depreender que, de maneira geral, esse uso codifica a expressão de uma avaliação, já que reflete um sentimento do falante sobre algo. Assim, como observado e defendido nesta pesquisa, os falantes procuram expressar seu ponto de vista, seu julgamento, seus sentimentos e suas atitudes frente àquilo que é exposto, marcando, dessa forma, sua avaliação sobre a situação. Logo, está na oração em que figura “esperar” o posicionamento do falante. Essa oração, por sua vez, encontra-se deslocada do restante do enunciado, não estabelecendo vínculo sintático algum. Tais características podem ser observadas em (135) e (136):

(135) O medo do abuso e do SPAM justifica a paranóia (e a sacanagem)? Claro que o twitter não está colocando nofollow nos links de maldade (**espero**). A justificativa é que se você deixa solto, nego abusa, ou seja, qualquer lugar que tenha links sem nofollow tem também uma grande quantidade de spammers loucos por um pouquinho mais de link juice para seus sites. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(136) Saíamos destas coisas pouco agradáveis para o meu natural. Tenho grande gosto que a Senhora Quitéria, a Senhora Antónia e a Senhora Margarida, **espero** eu, por Vossa Mercê não me exceptuar como o irmão, passem bem, e lhe peço que lhe dê saudades minhas. Quem diria algum dia que havia de haver estas licenças de estar fora do convento tantos anos? (Século XVIII, Cavaleiro de Oliveira)

Como defendido, as ocorrências (135) e (136) demonstram que, ao desvincular “esperar” da oração encaixada, o falante encontra um meio de marcar, ainda mais, a subjetividade no enunciado. Em (135), o locutor, ao comentar sobre a política adotada no *microblog Twitter*, emite claramente sua opinião crítica, que é a de acreditar que o *Twitter* não estaria “colocando *nofollow* nos *links* de maldade”. Assim, o comentário avaliativo deslocado recai, mais pontualmente, sobre toda a situação expressa na oração encaixada, frisando o julgamento do locutor. Na ocorrência (136), o locutor, por sua vez, expressa seu desejo de que as senhoras por ele mencionadas encontrem-se bem. Nesse caso, especificamente, o deslocamento atribui uma maior subjetividade ao enunciado, mas não torna tão evidente a avaliação do locutor frente ao que diz. Por se tratar de uma ocorrência diacrônica, (136) pode demonstrar – em comparação com as ocorrências sincrônicas – uma possível tendência de “esperar” deslocado se aperfeiçoar como avaliativo.

A noção de encaixamento intrínseca a essas ocorrências pode se tornar mais clara com a realização de paráfrases dos enunciados analisados anteriormente. Nelas, podemos verificar o complemento oracional finito que acompanha o verbo:

(135') O medo do abuso e do SPAM justifica a paranóia (e a sacanagem)?
Espero que o twitter não esteja colocando nofollow nos links de maldade. A justificativa é que se você deixa solto, nego abusa, ou seja, qualquer lugar que tenha links sem nofollow tem também uma grande quantidade de spammers loucos por um pouquinho mais de link juice para seus sites.

(136') Saíamos destas coisas pouco agradáveis para o meu natural. Eu **espero** que a Senhora Quitéria, a Senhora Antónia e a Senhora Margarida, por Vossa Mercê não me exceptuar como o irmão, passem bem, e lhe peço que lhe dê saudades minhas. Quem diria algum dia que havia de haver estas licenças de estar fora do convento tantos anos?

Como se evidenciou nesta subseção, foram identificadas ocorrências em que o verbo “esperar” passa a atuar como satélite atitudinal, marcando uma avaliação do enunciador. O verbo encontra-se desassociado, sintaticamente, do restante do enunciado, deixando, assim, sua “posição de origem” em uma oração encaixada.

4.4. Conclusões

A presente pesquisa defendeu que as construções em que figuram os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” se estabelecem a partir de um *continuum* de escalaridade, em que diferentes graus de *irrealis* determinam o posicionamento do falante acerca do evento volitivo. Com isso, evidenciamos que as microconstruções identificadas para cada verbo se caracterizam por indexarem, cada vez mais, um maior controle/comprometimento do sujeito volitivo.

Em relação ao verbo “querer”, verificamos que ele atua em três padrões microconstrucionais distintos⁶⁴. Tais padrões configuram-se, formalmente, da seguinte maneira: “sujeito [+ animado] + verbo querer + outros complementos”, “sujeito [+ animado] + verbo querer + oração encaixada infinita” e “sujeito [+ animado] + verbo querer + oração encaixada finita”. Como defendido, esse verbo possui um sentido mais desassociado de sua acepção latina anterior, marcando, mais prototipicamente, a vontade do falante. Todavia, é possível averiguar, nas microconstruções com “querer”, graus distintos de manifestação da categoria *irrealis*. Assim sendo, teríamos, inicialmente, a seguinte proposta para os padrões microconstrucionais com “querer”:

Quadro 22 - Proposta acerca do desenvolvimento das microconstruções com o verbo “querer”

<i>Micro 1 com querer volitivo</i>	<i>Micro 2 com querer volitivo</i>	<i>Micro 3 com querer volitivo</i>
Forma: sujeito [+ animado] + verbo querer + complementos não- oracionais Sentido: [- <i>irrealis</i>]	Forma: sujeito [+ animado] + verbo querer + oração encaixada infinita Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 1</i>	Forma: sujeito [+ animado] + verbo querer + oração encaixada finita Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 2</i>

O quadro acima demonstra que as três microconstruções em que figura o verbo “querer” se estabelecem uma relação a outra. Dessa maneira, a *microconstrução 1* codifica, em um ponto do *continuum*, um maior controle do falante em relação à atualização do evento volitivo através do padrão formal “sujeito [+ animado] + verbo querer + outros complementos”. Esse controle seria atenuado na *microconstrução 2*, e, por fim, na *microconstrução 3*, o falante revelaria um menor controle (ou ausência de controle) sobre a execução do evento volitivo. Essa atenuação se indexaria a partir de diferentes padrões formais, conforme pontuado.

Esse comportamento também se observaria nas microconstruções com “esperar”, como sugerimos no Quadro 23. Na seção 4.2., destacamos que, nas três

⁶⁴ Frisamos, ainda, a identificação de ocorrências em que o verbo “querer” figura junto a orações clivadas, acentuando o evento volitivo.

microconstruções em que figura o verbo⁶⁵, há uma gradação da conceptualização do evento, em termos de proximidade cognitiva, por parte do sujeito volitivo. Contudo, foi ainda defendido que “esperar”, em seu uso volitivo, estaria relacionado ao seu significado anterior de “ter esperança/aguardar no tempo”, qualificando, em termos de sentido, as microconstruções identificadas para o verbo. Vejamos a disposição das microconstruções de “esperar” no quadro a seguir:

Quadro 23 - Proposta acerca do desenvolvimento das microconstruções com o verbo “esperar”

<i>Micro 1 com esperar volitivo</i>	<i>Micro 2 com esperar volitivo</i>	<i>Micro 3 com esperar volitivo</i>
<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo esperar + complementos não- oracionais</p> <p>Sentido: [- <i>irrealis</i>]</p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo esperar + oração encaixada infinita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 1</i></p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo esperar + oração encaixada finita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 2</i></p>

Como se atesta no quadro acima, “esperar” figura em diferentes padrões construcionais volitivos, expressando a vontade do usuário da língua, de acordo com um *continuum* formado a partir das noções de intenção e desejo. Por sua vez, os verbos “procurar”, “buscar” e “tentar” também manifestam posicionamentos distintos do falante acerca da atualização do evento volitivo. Os quadros abaixo demonstram a configuração dos pares de forma-sentido das microconstruções encontradas para cada um desses verbos⁶⁶. Como discutido no decorrer deste capítulo, ressaltamos que, assim como ocorre com “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” caracterizam-se, em termos de sentido, por possuírem o uso volitivo associado, respectivamente, às ideias de “administrar/localizar algo”, “mover-se para localizar algo” e “tentativa”. A seguir, apresentamos os quadros referentes aos padrões construcionais identificados para esses verbos:

⁶⁵ O verbo “esperar” também se apresenta em outras construções de natureza volitiva – como mencionado na seção 4.3. –, nas quais funciona como satélite atitudinal e marca uma avaliação do falante.

⁶⁶ Os verbos “procurar”, “buscar” e “tentar” também figuram em outros padrões construcionais volitivos, como demonstrado na seção 4.3.

Quadro 24 - Proposta acerca do desenvolvimento das microconstruções com o verbo “procurar”

<i>Micro 1 com procurar volitivo</i>	<i>Micro 2 com procurar volitivo</i>	<i>Micro 3 com procurar volitivo</i>
<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo procurar + complementos não- oracionais</p> <p>Sentido: [- <i>irrealis</i>]</p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo procurar + oração encaixada infinita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 1</i></p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo procurar + oração encaixada finita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 2</i></p>

Quadro 25 - Proposta acerca do desenvolvimento das microconstruções com o verbo “buscar”

<i>Micro 1 com buscar volitivo</i>	<i>Micro 2 com buscar volitivo</i>
<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo buscar + complementos não- oracionais</p> <p>Sentido: [- <i>irrealis</i>]</p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo buscar + oração encaixada infinita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 1</i></p>

Quadro 26 - Proposta acerca do desenvolvimento das microconstruções com o verbo “tentar”

<i>Micro 1 com tentar volitivo</i>	<i>Micro 2 com tentar volitivo</i>	<i>Micro 3 com tentar volitivo</i>
<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo tentar + complementos não- oracionais</p> <p>Sentido: [- <i>irrealis</i>]</p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo tentar + oração encaixada infinita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 1</i></p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo tentar + oração encaixada finita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que a <i>micro 2</i></p>

Como se depreende, as microconstruções se diferenciam por apresentarem verbos e complementos distintos. No que tange à diferenciação através do verbo,

verificamos que essa acarreta sentidos volitivos, em que se pode perceber, nos casos de “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, significados anteriores dos verbos e, no caso de “querer”, um significado volitivo mais prototípico. Além disso, a distinção das microconstruções está associada ao fato de cada padrão microconstrucional identificado revelar um grau de incerteza epistêmica do falante, sendo, portanto, vinculado a subesquemas diferentes, como defendemos nesta pesquisa. No quadro que se segue, resumimos os aspectos formais e de sentido dos três subesquemas explicitados neste capítulo:

Quadro 27 - Proposta acerca do desenvolvimento dos subesquemas com verbos volitivos

<i>Subesquema 1</i>	<i>Subesquema 2</i>	<i>Subesquema 3</i>
<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo + complementos não-oracionais</p> <p>Sentido: [- <i>irrealis</i>]</p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo + oração encaixada infinita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que o subesquema 1</p>	<p>Forma: sujeito [+ animado] + verbo + oração encaixada finita</p> <p>Sentido: [+ <i>irrealis</i>] do que o subesquema 2</p>

Acima, verificamos que os *subesquemas 1, 2 e 3* possuem um sujeito [+ animado] e um verbo volitivo seguido por um determinado complemento, bem como codificam vontades projetadas no campo da categoria *irrealis*. Essas similaridades dos subesquemas identificados revelam, em termos mais esquemáticos, aspectos gerais [+ abstratos], que estariam na base do desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa. Entretanto, por indexarem graus distintos da categoria *irrealis*, os subesquemas apresentam complementos diferentes (complementos não-oracionais – nomes, pronomes e advérbios –, oração encaixada infinita e oração encaixada finita), que refletem o posicionamento do falante acerca da atualização do evento volitivo.

Mediante essas considerações, temos que a mudança linguística envolve – como pontuado no Capítulo I – um processo mais local que diz respeito à nova interpretação realizada pelos interlocutores na construção do novo significado durante a interação (ou seja, neoanálise do material linguístico). Nesse sentido, a observação

das particularidades das construções identificadas nesta pesquisa nos levou a tratá-las como construções volitivas individuais. No entanto, considerando uma possível convergência entre o desenvolvimento de construções com verbos volitivos, podemos pensar no estabelecimento de uma rede construcional. Tendo em vista essa possibilidade, averiguamos que as construções volitivas do português possuem um (sub)esquema abstrato específico que permite o desenvolvimento de outros verbos como volitivos. Ainda no que tange à incorporação de novos usos à gramática da língua, temos que destacar a relevância da frequência de uso, uma vez que a mudança seria implementada a partir da repetição, conforme demonstrado a partir da análise da distribuição das ocorrências identificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar o desenvolvimento do uso volitivo dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” na língua portuguesa, buscando estabelecer os diferentes níveis de esquematicidade que estariam na base desse processo. Para tanto, como salientado no Capítulo I, baseou-se, de modo geral, na abordagem construcional da mudança linguística (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TROUSDALE, 2014), sendo possível atestar, com base no aporte teórico assumido, que a instanciação da acepção volitiva dos verbos pesquisados consiste um caso de construcionalização, pois verifica a emergência de pares de forma-sentido que indexam a vontade do falante e que podem ser organizados em uma rede.

A partir do equacionamento do método qualitativo e do cálculo da frequência de uso, analisamos as ocorrências identificadas nos *corpora* sincrônicos e diacrônicos selecionados, conforme pontuado no Capítulo III desta pesquisa. A descrição das ocorrências revelou que os verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” figurariam em construções volitivas que indexariam a vontade humana a partir da categoria *irrealis*.

Diante dessas considerações gerais, destacamos que os seguintes objetivos foram cumpridos – como julgamos – com a realização deste trabalho: i) propor a compreensão da volição a partir das noções de intenção e desejo e da categoria *irrealis*; ii) apontar a emergência de construções volitivas referentes aos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”; iii) determinar os níveis de esquematicidade associados a tais verbos; e iv) oferecer uma proposta de rede construcional para os verbos volitivos.

Nesta pesquisa, defendemos que a volição caracteriza-se por ser uma noção complexa, associada a outros valores semânticos, compreendendo atitudes acionais e mentais. Nesse sentido, entendemos que a vontade pode ser concebida a partir de diferentes graus estabelecidos entre o intencionar (mais próximo do agir) e o desejar (mais próximo do pensar). Observando também que a volição projeta no futuro o evento almejado, acreditamos que ela está diretamente relacionada às noções de *irrealis* e modalidade, constituindo um tipo específico dessa categoria. Sobre o conceito de *irrealis*, destacamos que ele envolve a ideia de incerteza

epistêmica do falante, ou seja, o posicionamento do sujeito em relação à probabilidade de atualização do evento volitivo. Dessa maneira, a volição foi concebida, nesta pesquisa, sob uma perspectiva escalar da ideia de *irrealis*, de modo que, quanto maior a probabilidade de realização daquilo que se pretende, menor será a incerteza do falante em relação a essa execução. O evento é, portanto, conceptualizado como [- *irrealis*], nesse caso. Por outro lado, quanto menor é a probabilidade de alcançar o evento, maior será a incerteza do sujeito volitivo e, assim, maior será o grau de *irrealis*. O quadro, a seguir, sistematiza as principais características da volição defendidas no presente trabalho:

Quadro 28 - Características da noção de volição

Volição	
Intenção	Desejo
mais próximo do agir	mais próximo do pensar
[- <i>irrealis</i>]	[+ <i>irrealis</i>]
[- incerteza epistêmica]	[+ incerteza epistêmica]
[+ controle]	[- controle]
[+ icônica]	[- icônica]

Acerca da segunda meta estabelecida nesta pesquisa, a análise dos dados revelou uma multifuncionalidade dos verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” – que, entre diferentes usos, também expressam a volição do falante –, bem como o uso majoritário de “querer” em construções volitivas. As microconstruções volitivas identificadas demonstraram que os verbos indexam a volição de maneira distinta, possibilitando, em alguns casos, a interpretação das construções volitivas encontradas a partir dos sentidos anteriores vinculados a cada verbo.

Assim sendo, averiguamos, através do levantamento da frequência de uso, que “querer” é o verbo volitivo mais produtivo na língua portuguesa, encontrando-se mais desassociado do uso de seu antecessor latino, *quaero*, (equivalente a “procurar/buscar”). Esse verbo é, dessa forma, empregado, prototipicamente, em construções em que o falante se posiciona positivamente acerca do controle que possui para atualizar o evento volitivo. Por sua vez, o verbo volitivo “esperar”, como visto, ainda vincula-se à ideia de “ter esperança/aguardar no tempo”, revelando que

sua expansão para o uso volitivo não implicou desbotamento de seu significado anterior. Isso também foi verificado em “procurar”, “buscar” e “tentar”, em que pudemos observar, respectivamente, as ideias de “administrar/localizar algo”, “mover-se para localizar algo” e “tentativa” relacionadas à volição.

Diante de sua distribuição nos *corpora* analisados, defendemos que “querer” encontra-se em um processo mais avançado no desenvolvimento do uso volitivo. Na trajetória de desenvolvimento da acepção volitiva para os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, demonstramos que esses verbos – que nos seus sentidos anteriores previam a ideia de “movimento” – deixaram de atualizar aspecto e passaram a funcionar como modais.

Além das microconstruções identificadas, foram verificados outros padrões referentes aos verbos analisados neste trabalho. Conforme salientado na seção 4.3., “querer”, “procurar”, “buscar” e “tentar” aparecem junto a orações de “foco ser”, evidenciando o evento volitivo. Já o verbo “esperar” aparece deslocado sintaticamente da oração de origem – ou seja, funciona como satélite atitudinal –, atribuindo um caráter mais avaliativo ao enunciado.

Mediante a identificação e a caracterização das microconstruções envolvendo os verbos volitivos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, foi possível estabelecermos níveis [+ abstratos] que estariam na base do desenvolvimento desse uso. No que se refere aos subesquemas, três padrões foram estabelecidos. Esses padrões estão, como acreditamos, relacionados aos *subprincípios da quantidade e da proximidade*. Desse modo, entendemos que, quanto mais próximo cognitivamente o evento volitivo é conceptualizado pelo sujeito, mais próximo estruturalmente os constituintes da sentença estarão. Assim sendo, o complemento localizado, tradicionalmente, à direita do verbo refletirá essa relação, uma vez que ele corresponde ao *designatum* do evento volitivo. Linguisticamente, esses complementos podem ser expressos por meio de nomes/pronomes/advérbios, orações encaixadas infinitas e orações encaixadas finitas, que demonstram graus distintos de integração entre verbo e seu complemento. Conforme demonstrado no Capítulo IV deste trabalho, isso vai ao encontro da nossa proposta referente à escalaridade da categoria *irrealis*. Logo, graus distintos de integração entre constituintes relacionam-se a graus distintos de *irrealis*.

No nível mais esquemático, defendemos que, para codificar a ideia de volição, o usuário da língua a projeta no futuro (tendo em vista o momento da conceptualização do evento volitivo), revelando a sua incerteza em relação à atualização do que almeja. Logo, para atualizar a categoria *irrealis*, o sujeito se utiliza de enunciados em que figuram um sujeito [+ animado] e um verbo com seu complemento.

De modo geral, a análise das construções evidenciou que, em se tratando da rede construcional das construções volitivas com os verbos analisados, não podemos pensá-las sem as relacionarmos entre si. Dessa maneira, no decorrer desta pesquisa, foi defendida sempre a ideia de escalaridade entre as construções identificadas. A análise, sob essa perspectiva, demonstrou que as construções volitivas envolvendo “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” se mostram tão complexas quanto a própria noção de volição.

A partir do cumprimento dos objetivos propostos, esta tese procurou, portanto, atestar que o desenvolvimento do uso volitivo dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” implica tanto a emergência de novas construções individuais quanto a instanciação e a organização de uma rede construcional. Sob a perspectiva relativamente recente da construcionalização e visando, assim, contribuir para o avanço dessa linha de pesquisa, o presente trabalho pontua a regularidade da mudança linguística – em se tratando de construções envolvendo verbos volitivos no português – a partir de questões referentes à esquematicidade e produtividade das construções identificadas.

Apoiando-se nessa abordagem e, conseqüentemente, pensando a língua em termos de rede, é possível projetarmos, para pesquisas futuras, uma investigação de esquema(s) ainda [+ abstrato(s)] e [+ esquemático(s)] que estaria(m) na base do desenvolvimento de outros tipos de construções verbais do português, além da volitiva. Por sua vez, tendo em vista um estudo mais pontual acerca da trajetória de mudança da cada verbo investigado neste trabalho, podemos apontar, com mais precisão – destacando a gradualidade da mudança e, desse modo, os contextos de transição entre os diferentes usos de cada vocábulo analisado –, a multifuncionalidade de “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”, bem como a emergência de padrões construcionais mais fixos em que atua, por exemplo, “querer”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARTS, B. *Syntactic gradience: the nature of grammatical indeterminacy*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ABBAGNANO, N. *História da filosofia*. v. 5, 4 ed. Trad. Nuno Valadas e Antonio Ramos Rosa. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

ALEXANDRESCU, S. Sur les modalités croire et savoir. *Langages*, v. 43, 1976, p. 19-27.

ARMENDANE, G. A teoria de Aristóteles e a noção gramatical de vontade no segundo Wittgenstein. *Cadernos UFSC Filosofia*, fasc. XVIII, v, 8, 2010, p. 75-83.

BARROSO, P. H. O verbo buscar em processo de gramaticalização: sua recategorização. *Estudos Linguísticos XXXVI* (2), 2007, p. 248-257.

_____. *Vias de abstratização do verbo buscar no português brasileiro culto: interface entre gramaticalização e gêneros do discurso*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

BIBER, D.; FINEGAN, E. *Styles of stance in English: lexical and grammatical marking of evidentiality and affect*. *Text*, 9, 1989, p. 93-124.

BIGNOTTO, N. O conflito das liberdades: Santo Agostinho. *Síntese Nova Fase*, v. 9, n. 58, 1992, p. 327-359.

BOAS, H. & SAG, I. A. *Sign-based construction grammar*. Standford, CA: CSLI Publications, 2012.

BORBA, F. S. *Dicionário gramatical de verbos*. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

BRAGA, M. L. *As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro*. Relatório apresentado ao CNPq, 1989.

_____. & BARBOSA, E. M. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*. v. 16, n. 24. Rio de Janeiro: 2009, p. 173-196.

BRENNENSTUHL, W. *Handlungstheorie und handlungslogik*. Kroneberg: Scriptor Verlag, 1975.

_____. & WACHOWICZ, K. On the pragmatics of control. *Proceedings of the 2nd Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1976, p. 396-405.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T. & WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.

BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1976.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D. & JANDA, J. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

_____.; PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. *The Evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2007.

CASTAÑEDA, H. N. *Thinking and doing: the philosophical foundations of institutions*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1975.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino de português*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

CERVONI, J. *A Enunciação*. Trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.

CEZARIO, M. M. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

CLEMENTS, J.C. Semantics of control, tense, sequencing, and disjoint reference. In: HIRSCHBÜHLER, P. & KOENER, E. F. *Romance language and modern linguistic theory*. John PB Compnay, 1992.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.

CORNO, L. Self-regulated learning: a volitional analysis. In: ZIMMERMAN, B. & SCHUNK, D. H. *Self-regulated learning and academic achievement: theory, research, and practice*. New York: Academic Press, 1989, p. 111-141.

_____. Volitional aspects of self-regulated learning. In: ZIMMERMAN, B. & SCHUNK, D. H. *Self-regulated learning and academic achievement*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001, p. 191-225.

COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSTA, S. Entre o deôntico e o epistêmico: o caráter camaleônico do verbo modal 'poder'. *Revista Letra Magna: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, n.11, v. 2, 2009.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. & CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA LACERDA, P. F. A. A (inter)subjetivização no domínio da modalidade: o processo de gramaticalização das construções modais *ter que + V2* e *dever + V2*. *Guavira Letras: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras da UFMS, Mato Grosso do Sul*, v.1, n.1, 2011, p. 151-164.

CUTER, J. V. Intencionalidade em Wittgenstein. *Mente, Cérebro & Filosofia* (Jogos de Linguagem e Psicologia Filosófica – Wittgenstein, Russell, Sellars). São Paulo: Segmento-Duetto Editorial Ltda, 2008, p. 16-23.

DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. Introduction. In:_____ (orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

DIK, S. *et al.* The hierarquical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J. *et al.* (eds.). *Layers and levels of representation in language theory*. Philadelphia: John Benjamins, 1990, p. 25-70.

DUCROT, O. A quoi sert le concept de modalité? In: DITTMAR, N. & REICH, A. (eds.). *Modality in language acquisition*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 111-130.

ELLIOT, J. Realis and irrealis: forms and concepts of the grammaticalization of reality. *Linguistic Typology*, v. 4, n. 1, 2009, p. 55-90.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine: historie des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

_____. *Dicionário escolar latino-português*. 4 ed. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

FAUSTINO, S. Schopenhauer, Wittgenstein e a recusa da razão prática. *Revista Filos*, v. 19, n. 25, 2007, p. 255-272.

FERNANDES, M. B. S. *Breve abordagem da categoria discursiva modalidade*. CIFEFIL: 2011, p. 157-169. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/157.pdf>. Acesso em: julho de 2013.

FILLMORE, C. J. The mechanisms of construction grammar. In: AXMAKER *et al.* (eds.). *Berkeley Linguistic Society 14: general session and parasession on grammaticalization*. Berkeley, CA: Berkeley Linguistics Society, p. 35-55.

_____. The case for case. In: BACH & HARMS (eds.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: holt, Rinehart and Wilson, 1988.

FINEGAN, E. Subjectivity and subjectification. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA* [online]. vol.15, n.1, 1999.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 de ago. de 2014.

GARCIA, T. *et al.* Modeling the mediating role of volition in the learning process. *Contemporary Educational Psychology*, 23, 1998, p. 392-418.

GARCIA, A. S. Verbos incompatíveis com o progressive estudo comparativo do inglês e do português. *Soletras*, ano X, n. 20. São Gonçalo: UERJ, 2010, p. 146-164.

GISBORNE, N. & PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

_____. Irrealis and the subjunctive. *Studies in Language*, v. 18, n. 2, 1994, p. 265-337.

_____. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: Benjamins, 1995.

GLOCK, H. J. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GOFFMAN, E. *The nature of deference and demeanor*. *American Anthropologist*, n.º 3, v. 58, 1956.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOMES, W. B. *Relações entre psicologia e filosofia: a psicologia filosófica*. *MuseuPsi*. 2007

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. Gramaticalização de construções com o verbo “parecer” no português brasileiro: de verbo pleno a satélite atitudinal. In: *Veredas: revista de estudos linguísticos*, n. 1, v. 8. Juiz de Fora: 2014, p. 195-214.

_____. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

_____. *et al. (orgs.) Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

HAGGARD, P. Human volition: towards a neuroscience of will. *Nature reviews/neuroscience*, v. 9, 2008, p. 934-946.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HEINE, B. *et al. Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEGEVELD, K. & MACKENZIE, J. L. Gramática discursiva-funcional. In: SOUZA, E. R. de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

HIMMELMANN, N. *Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?* In: BISANG; HIMMELMANN; WIEMER. 2004.

HÖFFE, O. *Aristóteles: introdução*. Trad. Roberto H. Pich. Porto Alegre: Artemed, 2008.

HOPPER, P. J.; & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1993].

HOPPER, P. J.; & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. de.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HUDSON, M. The old bailey proceedings, 1674-1834: evaluating and annotating a corpus of 18th and 19th century spoken English. In: MEURMAN-SOLIN, A. & NURMI, A. (eds.). *Studies of variation, contact and change in English*. Disponível em:

<http://www.helsinki.fi/varieng/journal/volumes/01/huber>. Acesso em: 22 de Agosto de 2013.

JESPERSEN, O. *Modern English grammar on historical principles*. London: G Allen and Unwin, 1949.

KATNY, A. Lexical and gramatical exponentes of modality in Polish and German. In: DITTMAR, N. & REICH, A. (eds.). *Modality in language acquisition*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 41-58.

KIEFER, F. On defining modality. *Folia Linguística*, v. 21, 1987, p. 67-93.

KLINGE, A. The impact of context on modal meaning in English and Danish. *Nordic Journal of Linguistics*, v. 19, 1996, p. 35-54.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984

_____. Dificuldades na leitura/produção de textos : os conectores interfrásticos. In : KIRST, M. & CLEMENTE, E. *Linguística aplicada ao ensino do português*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1987.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAMB, S. *Pathways of the brain: the neurocognitive basis of language*. Amsterdam: Benjamins, 1998.

LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics*. 39.3, 2001, p. 463-516.

LANG, E. *Syntax und Semantik der Adversativkonnektive*. Berlim: Humboldt Universität (Linguistique Studien, Reihe B), 1988.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Cognitive grammar : a basic introduction*. New York : Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. Munchen, Newcastle: Lincon Europa, 1995 [1982].

_____. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. e THOMPSON, S. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1988.

_____. Das Sprachmuseum. *Linguistische Berichte*. 142, 1992. p. 477-494.

LOZANO, A. G. The Spanish imperative and deontic utterances in literacy passages. *Hispania*, 73 (4), 1990, p. 1118-1123.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MCCANN, H. Volition and basic action. *Philosophical Review*, 1974, p. 451-73.

MASON, J. Mixing methods in a qualitatively driven way. *Qualitative Research*. v. 6 (1) 2006, p. 9-25.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

MARTELOTTA, M. E. T. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. C. do. (orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009, p. 1-20.

_____. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. p 51-64.

_____.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, L. F. et al. A multifuncionalidade do verbo modal “poder”: usos identificados e evidências sobre sua atuação em contextos de pedido e permissão. *Travessias Interativas*, v. 8, n. 3, 2014, p 1-18.

MAURI, C. & SANSÒ, A. Subjunctive and irrealis. In: nuyts, j. & AUWERA, J. (eds.). *The Oxford Handbook of Mood and Modality*. Oxford: Oxford University Press [no prelo].

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948 [1912].

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2 ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1989.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e Gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of Language*. John Benjamins, 14:2, 2007. p. 177-202.

OLIVEIRA, N. F. de. *Gramaticalização do verbo “esperar”*: uma abordagem funcionalista. Dissertação de mestrado em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

_____. *Modality and the English modals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PAVEY, E. *An analysis of it-clefts within a role and reference grammar framework*. International Conference on Role and Reference Grammar, UNESPCampus São José do Rio Preto, 2003.

PERKINS, M. R. *Modal expressions in English*. Norwood, NJ: Ablex, 1983.

PIMPÃO, T. S. Modo subjuntivo: complexidade à idealização da tradição gramatical. In: XVI Jornada de Estudos Linguísticos, 1999, Fortaleza. *Anais da XVI Jornada de Estudos Linguísticos*, v. II, 1999, p. 578-582,

RASERA, F. E.; GUANAES, C. & JAPUR, M. Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, v.17, n. 2. p. 157-165.

REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. v. 5. Trad. Henrique C. Lima Vaz & Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.

RESCHER, N. *Topics in philosophical logic*. Dordrecht: Reidel, 1968.

ROSÁRIO, I. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R. & ROSÁRIO, I. (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Riode Janeiro: Lamparina, 2015.

SANTOS, E. C. S. *Gramaticalização de verbos: o verbo ‘esperar’ no português culto de São Paulo*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2009.

SARAIVA, F. R. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10 ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1987.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.

SIQUEIRA, E.G. Os dois sentidos da Vontade no segundo Wittgenstein. *Intuito*, v.2, nº 1, Porto Alegre: 2009, p. 3-22.

SOUSA, F. C. *Volição, futuridade, irrealis*: gramaticalização nas construções com verbo “querer”. Tese de doutorado em Linguística. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TEO, C.T., & QUAH, M.L. (1999). The knowledge, volition and action programme in Singapore: the effects of an experimental intervention programme on high ability achievement. *High Ability Studies*, 10(1), 23-35.

TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (Orgs.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1982, p. 245-271.

_____. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b, p.1-31.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). *História do Português Paulista*. vol.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010a, p. 13-26.

_____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. *et al.* (eds.). *Variation and change in English grammar and lexicon* Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b, p. 11-27.

_____. *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011a.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011b, p. 19-30.

_____. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (eds.). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011c, p. 549-565.

_____.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013 (forthcoming).

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português*. Tese de doutorado. Campinas: IEL / UNICAMP, 1991.

_____. *Gramaticalização de verbos: relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Relatório de Pós-doutorado em Linguística, 2002, 131ps.

_____. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4 ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

_____. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. O. B.; MARQUESI, S. C. (org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino*. v. 2. São Paulo: EDUC, 2007.

TROUSDALE, G. A constructional approach to lexicalization processes in the history of English: evidence from possessive constructions. *Word Structure*, 2008. p. 156-177.

TROUSDALE, G. On the relationship between grammaticalization and constructionalization. *Folia Linguistica*. Mouton de Gruyter: Societas Linguistica Europaea, 2014, p. 557-577.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Cornell University press, 1967.

VIEIRA, A. T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006. p. 149-177.

WALTEREIT, R. Grammaticalization and discourse. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

WILSON, V. & MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA et al. (orgs). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013 [2008].

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Trad. Marco G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1994.

WRIGHT, G. V. von. Deontic Logic. *Mind*, 1951, p. 1-15.

ZHU, J. Understanding volition. *Philosophical Psychology*, 17(2), 2004, p 247-273

ANEXO 1

Entrevistas utilizadas do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”	
Belo Horizonte	Entrevista BH 01
	Entrevista BH 02
	Entrevista BH 03
	Entrevista BH 04
	Entrevista BH 05
	Entrevista BH 06
	Entrevista BH 07
	Entrevista BH 08
	Entrevista BH 09
	Entrevista BH 10
	Entrevista BH 11
	Entrevista BH 12
	Entrevista BH 01
	Entrevista BH 13
	Entrevista BH 14
	Entrevista BH 15
	Entrevista BH 16
Entrevista BH 17	
Ouro Preto	Entrevista OP 02
	Entrevista OP 03
	Entrevista OP 04
	Entrevista OP 05

	Entrevista OP 07
Arceburgo	Entrevista ARC 01
	Entrevista ARC 02
	Entrevista ARC 03
	Entrevista ARC 04
	Entrevista ARC 05
	Entrevista ARC 06
	Entrevista ARC 07
	Entrevista ARC 08
	Entrevista ARC 09
	Entrevista ARC 10
	Entrevista ARC 11
	Entrevista ARC 12
	Entrevista ARC 13
	Entrevista ARC 14
São João da Ponte	Entrevista SJP 01
	Entrevista SJP 03
	Entrevista SJP 04
	Entrevista SJP 06
	Entrevista SJP 07
	Entrevista SJP 08
	Entrevista SJP 09
	Entrevista SJP 10
	Entrevista SJP 11
	Entrevista SJP 12
Entrevista SJP 13	

	Entrevista SJP 14
	Entrevista SJP 15
	Entrevista SJP 16
	Entrevista SJP 17
	Entrevista SJP 18
	Entrevista SJP 19
	Entrevista SJP 20
	Entrevista SJP 21
	Entrevista SJP 23
	Entrevista SJP 24
Mariana	Entrevista MAR 43
	Entrevista MAR 44
	Entrevista MAR 45
	Entrevista MAR 46
	Entrevista MAR 47
	Entrevista MAR 48
	Entrevista MAR 49
	Entrevista MAR 50
	Entrevista MAR 52
	Entrevista MAR 53
	Entrevista MAR 54
	Entrevista MAR 55
	Entrevista MAR 56
	Entrevista MAR 57
	Entrevista MAR 58
	Entrevista MAR 59

	Entrevista MAR 60
	Entrevista MAR 61
	Entrevista MAR 62
	Entrevista MAR 63
	Entrevista MAR 64
	Entrevista MAR 65
	Entrevista MAR 66
Piranga	Entrevista PIR 01
	Entrevista PIR 02
	Entrevista PIR 03
	Entrevista PIR 04
	Entrevista PIR 05
	Entrevista PIR 06
	Entrevista PIR 12
	Entrevista PIR 16
	Entrevista PIR 25
	Entrevista PIR 26

ANEXO 2

Entrevistas utilizadas do “Projeto PEUL”	
“Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000)	R01 Eri-1
	R03 AdrR- 1
	R04 Fat- 1
	R05 SanR
	R06 Jup
	R07 Leo-1
	R08 Lei
	R09 Dav
	R10 Vas
	R11 Eve
	R12 Mgl
	R13 Jan
	R14 Nad
	R15 Ago
	R16 Jos
	T01 Raq

"Censo" (2000)	T02 Raf
	T03 Rom
	T04 Rob
	T05 And
	T06 Ale
	T07 Adr
	T08 Cri
	T09 Fil
	T10 Isa
	T11 Mir
	T12 And
	T13 Gla
	T14 Gil
	T15 Pat
	T16 Car

ANEXO 3

Entrevistas utilizadas do “Projeto NURC/RJ”	
Entrevistas da década de 1970	Inquérito 02
	Inquérito 09
	Inquérito 011
	Inquérito 039
	Inquérito 042
	Inquérito 045
	Inquérito 048
	Inquérito 052
	Inquérito 071
	Inquérito 078
	Inquérito 084
	Inquérito 096
	Inquérito 099
	Inquérito 0101
	Inquérito 0104
	Inquérito 0114
	Inquérito 133
	Inquérito 0140
	Inquérito 0144
	Inquérito 0153
Inquérito 164	
Inquérito 0233	
Inquérito 0253	

		Inquérito 0255
		Inquérito 0258
		Inquérito 0272
		Inquérito 0328
		Inquérito 0347
		Inquérito 0373
Entrevistas da década 1990	Recontatos	Inquérito 2r
		Inquérito 11r
		Inquérito 24
		Inquérito 26
		Inquérito 52r
		Inquérito 71r
		Inquérito 96r
		Inquérito 133r
		Inquérito 140r
		Inquérito 164r
		Inquérito 233r
		Inquérito 347r
		Inquérito 373r
		Inquérito 1
		Inquérito 2
		Inquérito 3
		Inquérito 12
		Inquérito 13

		Inquérito 14
		Inquérito 15
		Inquérito 17
		Inquérito 18
	Amostra complementar	Inquérito 19
		Inquérito 20
		Inquérito 23
		Inquérito 25
		Inquérito 27
		Inquérito 28

ANEXO 4

Textos utilizados nos <i>corpora</i> diacrônicos	
Século XIII	Notícia do Torto – 1214 (CINTRA, 1990)
	Foro Real - 1280 (FERREIRA, 1987)
	Foros de Garvão – 1267a1280 (GARVÃO, 1992)
	Dos Costumes de Santarém – 1294 (RODRIGUES, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1243 e 1274 (MARTINS, 2000)
Século XIV	Crónica de Afonso X in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i> (CINTRA, 1951)
	Dos Costumes de Santarém - 1340-1360 (RODRIGUES, 1992)
	Foros de Garvão - sem data (GARVÃO, 1992)
	Textos Notariais - sem data ou datados entre 1304 e 1397 (MARTINS, 1994)
Século XV	Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela – sd (PIEL, 1944)
	Castelo Perigoso – sd (NETO, 1997)
	Orto do Esposo – sd (MALER, 1956)
Século XVI	Monarchia Lusitana (BRANDÃO, 1548)
	Da Monarquia Lusitana (BRITO, 1569)
	Manuel de Galhegos (GAZETA, 1597)
	A vida de Frei Bertolameu dos Mártires (SOUSA, 1556)
Século XVII	Nova Floresta (BERNADES, 1644)
	Cartas de Alexandre de Gusmão (GUSMÃO, 1695)
	Cartas Familiares (MELO, 1608)
Século XVIII	Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier) (OLIVEIRA, 1702)
	Cartas de Antonio da Costa (COSTA, 1714)
	Obras Completas (GARÇÃO, 1724)
	Atas dos brasileiros (1860-1869)

Século XIX	Cartas (QUEIROZ e MARTINS, 1894)
	Cartas à Maria Moisés (BRANCO, 1875)
	Cartas à Emília (ORTIGÃO, 1836)